

VIRGENS RADICAIS



EGITO DOS FARAÓS

Airton Ortiz

AUTOR DE TRAVESSIA DA AMAZÔNIA E EXPRESSO PARA A ÍNDIA

DA ANTIGA MÊNFIS À MODERNA

CAIRO: 5.000 ANOS DE AVENTURAS





Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](http://LeLivros.com) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.

A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](http://LeLivros.com)

<http://LeLivros.com>



OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO VIAGENS RADICAIS:

O navio de ouro, de Gary Kinder
De Londres a Kathmandu, de Marcelo Abreu
Loucos por ti, América, de Margi Moss e Gérard Moss
Aventura no topo da África – Trekking no Kilimanjaro, de Airton Ortiz
A volta por cima, de Margi Moss e Gérard Moss
Na estrada do Everest, de Airton Ortiz
Narcosis, de Carlos Secchin
Em busca da utopia kitsch, de Marcelo Abreu
Pelos caminhos do Tibete, de Airton Ortiz
Congelados no tempo, de Owen Beattie e John Geiger
O último mergulho, de Bernie Chowdhury
Nas fronteiras do Islã, de Sergio Tulio Caldas
O mar esquecido por Deus, de Derek Lundy
Tragédia no pólo, de Wilbur Cross
Everest: o diário de uma vitória, de Waldemar Niclevich
Cruzando a última fronteira: uma aventura pelo fascinante Alasca, de Airton Ortiz
Asas do vento, de Margi Moss e Gérard Moss
Expresso para a Índia, de Airton Ortiz
Travessia da Amazônia, de Airton Ortiz

AIRTON ORTIZ

COLEÇÃO VIRGENS RADICAIS > SÉRIE
AVENTURA EXTREMA



EGITO DOS FARAÓS



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2005

Cip-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O89e Ortiz, Airton, 1954-

Egito dos faraós [recurso eletrônico] : da antiga Mênfis à moderna Cairo : 5.000 anos de aventuras / Airton Ortiz. – Rio de Janeiro : Record, 2011.

Recurso Digital : il. (Viagens radicais)

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Contém caderno de fotos

ISBN 978-85-01-09777-4 [recurso eletrônico]

1. Ortiz, Airton, 1954- – Viagens – Egito. 2. Egito – Descrições e viagens. 3. Egito – História. 4. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

11- CDD: 916.21
6275 CDU: 913(62)

Copyright © 2005 by Airton Ortiz

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01--09777-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



Meus agradecimentos à Cia. Zaffari,
cujo apoio me possibilitou percorrer o país das múmias.

Airton Ortiz

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: Cairo

Dança do ventre

Chegada

Os árabes

Saladino

Cidadela

Cidade medieval

O mercado de camelos

Coptas

Museu Egípcio do Cairo

SEGUNDA PARTE: O mundo dos faraós

Mênfis

A última maravilha do mundo

TERCEIRA PARTE: Alexandria

Na cidade de Cleópatra

QUARTA PARTE: A travessia do Saara

Siuah

O Grande Mar de Areia do Egito

Bahariya

Farafra

Dakhla

Al-Kharga

QUINTA PARTE: O Vale do Nilo

Asyut

Assuã

Abu Simbel

SEXTA PARTE: Descendo o Nilo

Faluca

Edfu

SÉTIMA PARTE: Tebas

Luxor

Vale dos Reis

Tutancâmon

Howard Carter

A maldição da múmia

Bibliografia

Primeira Parte

—

Cairo

DANÇA DO VENTRE

Quando as luzes sobre o palco do Palmyra, um cabaré de segunda categoria encravado no final de um beco escuro no centro do Cairo, se acenderam, cegando um pouco cada um de nós, pude ver a dançarina estática sobre o tablado.

“Finalmente!”, suspiramos, especialmente eu, único forasteiro no recinto, freqüentado exclusivamente por clientes da cidade. Já ia larga a madrugada, único horário em que, pelas novas leis locais, fortemente influenciadas pela retomada do islamismo mais ortodoxo, os caiotas podiam apreciar uma das suas mais tradicionais formas de lazer. Embora a dança do ventre estivesse se restringindo cada vez mais aos shows para turistas nos hotéis cinco estrelas às margens do Nilo, em alguns lugares ainda se podia apreciá-la do modo como vinha sendo praticada desde os tempos dos faraós. A um estrangeiro era preciso um pouco de desprendimento e ousadia para

freqüentar esses lugares, mas isso, e também uma grande curiosidade, eu tinha de sobra.

Mesmo assim, era bom não esquecer: eu estava num país onde uma Lei de Exceção, promulgada em 1981 com o pretexto de combater o terrorismo, ainda vigorava, e os Direitos Humanos, pelo menos como os conhecemos no Brasil, passavam ao largo. Em 2001, todos os 52 clientes que estavam na Queen Boat, também no centro do Cairo, foram presos. Acusados de homossexualismo, devassidão e ofensa ao Islã, viram-se diante da Alta Corte de Segurança do Estado depois de terem passado três meses na prisão, onde sofreram todo tipo imaginável — e não imaginável! — de tortura física e psicológica. Esperava que minha condição de jornalista brasileiro me pusesse a salvo de tais excessos, embora gente da minha laia também não fosse muito benquista por ali. Pouco antes das prisões na boate Queen, um escritor local foi condenado a três anos de prisão, acusado de ter escrito um romance que induzia ao “desprezo pelo Islã”. Mas eu estava no país para conhecer o modo como os egípcios viviam, e essas agruras faziam parte do dia-a-dia deles. Portanto, era cruzar os dedos e deixar a vida seguir o seu ritmo natural.

Os longos e sedosos cabelos da curvilínea morena pendiam até quase a cintura. Ela estava de frente, mas seu belo rosto, pesadamente maquiado, carregado de *khôl*, uma tintura negra utilizada para realçar seus grandes olhos, olhava por sobre o ombro, lembrando as pinturas encontradas nas tumbas do antigo Egito. Seu olhar passava por cima das nossas mesas, ignorando a platéia exclusivamente masculina, as garrafas de cerveja, os pratos com sementes de girassol e o crepitar das brasas queimando tabaco nas *chichas* fumegantes.

Sua altivez parecia fixar um ponto imaginário no outro lado da boate, de onde vinham as luzes que faziam brilhar o *strass* e as lantejoulas do seu traje justo e quase transparente, que deixava apenas os ombros e o ventre desnudos. Seus pés estavam firmemente apoiados no chão, os braços estendidos ao longo do corpo. Sua silhueta esbelta reinava impávida em meio aos sussurros dos poucos espectadores, alguns alcoolizados além do

recomendável, uma heresia num país cuja religião proíbe o consumo de bebidas alcoólicas.

De repente irrompeu uma canção tradicional, fortemente marcada pelos quartos de tom, característica da música popular árabe, tocada pela pequena orquestra que estava atrás da moça. O órgão elétrico e o acordeão seguiram o rufar das três tablas, o tambor mais agudo debaixo do braço do percussionista, tocado com a mão direita, e os outros dois entre as coxas dos músicos, percutidos com as duas mãos, enchendo o ambiente com um som ensurdecedor.

Uma faísca de energia rasgou o ar enfumaçado, empapado com o forte cheiro de fumo adocicado, e despertou a dançarina do seu transe hipnótico momentâneo. Subitamente sua cabeça, os braços, os peitos, o abdômen, os quadris e as pernas se puseram a tremer separadamente, e de forma sucessiva, como se não pertencessem à mesma pessoa. As ondulações do seu corpo, requebrando abruptamente em diversos pontos diferentes, davam-lhe uma forma difusa, entorpecendo os olhares dos presentes.

A cabeça se movia horizontal e automaticamente de um lado para outro, como a cabeça de uma serpente. Os seios vibravam num outro compasso, suas ancas se agitavam e os braços se contorciam, evoluindo a partir dos ombros, cheios de trejeitos, se esticando e se encolhendo, estendendo as mãos, desenrolando os dedos em direção aos homens mais próximos do palco.

Seu rebolado descompassado esticava e fazia ondular cada centímetro de seu exíguo traje. Suas diversas partes se moviam desconjuntadas, como se fossem independentes umas das outras, uma completa variedade de trepidações e movimentos concêntricos, enquanto seus pés rodopiavam pelo tablado circular, interpretando com o corpo elástico cada nota emitida pela diminuta orquestra.

Em meio ao delírio geral, um homem de meia-idade, vestindo uma ondulante *gallabeya*, subiu ao palco. Enfiou a mão no bolso interno da compridíssima túnica marrom sem gola, bordada em torno do pescoço e sobre o peito, e retirou um maço de dinheiro, cerca de cem notas novinhas,

esticadas e presas numa das extremidades por um fino atilho. Com um salto ágil, postou-se em frente à odalisca e começou a atirar sobre os cabelos dela uma infinidade de libras egípcias, desfolhadas uma a uma. Por fim, quando restavam apenas umas poucas notas na mão esquerda, pegou-as com a direita e jogou-as para o alto, fazendo a riqueza literalmente chover sobre o corpo da moça. O chão ficou coberto de dinheiro.

Quando ele voltou à sua mesa sem tê-la tocado — a não ser com seu olhar libidinoso —, um rapaz subiu ao palco e recolheu as notas, levando-as para uma cesta junto à orquestra. Os músicos diminuíram o volume e o ritmo da melodia e o acordeonista fez um longo discurso elogiando o rico patrão, enquanto a moça bailava diante dele, fazendo-lhe medidas especiais em agradecimento à sua generosidade.

Ao final de cada música surgia uma nova dançarina, sempre mais bonita que a anterior, adiando o clímax da apresentação para o final da madrugada, quando as mesas estivessem totalmente cobertas com garrafas e mais garrafas de Stella e os fumadores de *chicha* já tivessem consumido grande parte do seu dinheiro em tabaco. Cada uma das dançarinas despertava a atenção de um patrão especial, que subia ao palco e a cobria de dinheiro. Faziam isso muito mais para se pavonearem diante dos outros homens presentes do que para retribuir os dotes especiais da artista. Dotes esses que, dependendo do ponto de vista de alguns observadores — e esse era o meu caso —, não pareciam atraentes. Elas eram até um pouco... amadoras para a tarefa que tentavam desempenhar.

As pinturas encontradas nos mausoléus dos faraós já mostravam a *raqs charki*, a dança oriental, como os egípcios sempre a conheceram. Na Antigüidade, grupos de dançarinos e dançarinas, acompanhados por músicos, cantores e poetas, viajavam pelo Egito fazendo apresentações públicas. As mulheres dançavam para outras mulheres, os homens, para outros homens, pois o bailado masculino sempre foi tão tradicional quanto o feminino no Vale do Nilo. Quando as dançarinas precisavam se apresentar diante de platéias masculinas, cobriam os rostos com véus.

Cobrir-se com um véu era uma tradição antiga entre as mulheres do deserto sempre que se viam na presença de homens estranhos. Quando Rebeca, que viajava da Mesopotâmia para a Palestina para se casar com Isaac, o encontrou pela primeira vez, a futura nora de Abraão “puxou o véu e se cobriu”. (Gn 24,65)

A expressão dança do ventre foi popularizada no Ocidente durante o século XIX pelos viajantes europeus, empolgados com a visão do ventre nu das dançarinas árabes, tidas e havidas como mestras na boa arte da sedução, com técnicas irresistíveis para levarem os homens ao máximo prazer. O fato de se cobrirem com um véu serviu apenas para atizar a malícia dos ocidentais, reprimidos em seus próprios países pela rígida moral da época. Não tardou para que as autoridades religiosas pressionassem o governo para acabar com a dança, que “estava expondo mulheres muçulmanas a homens infiéis”.

Infiéis às suas esposas, mas, sobretudo, a Alá.

Os políticos, não querendo desagradar aos ulemás, os influentes teólogos do islamismo, baniram a dança do Cairo. Grande parte das artistas, não tendo mais trabalho, migrou para o interior do país ou caiu na prostituição para sobreviver.

Para os intrépidos viajantes, isso serviu apenas para atizar ainda mais suas fantasias eróticas, a ponto de subirem o Nilo no rastro das bailarinas remanescentes. Uma das histórias mais curiosas foi protagonizada pelo escritor francês Gustave Flaubert. Ele seguiu uma famosa dançarina/prostituta até Esna, no Alto Egito, em busca dos seus prazeres. Contada num dos seus livros, a epopéia serviu para lançar as sementes da péssima reputação que a dança do ventre teria nos anos seguintes.

No entanto, com o advento do cinema, influenciada pelo liberalismo de Hollywood, a *raqs sharqi* recuperou o charme e voltou a brilhar, com algumas das suas bailarinas elevadas à categoria de *superstar* internacional. A antiga arte surgida no Vale do Nilo tornou-se a mais conhecida manifestação cultural egípcia no exterior. Imagens de belas morenas árabes rebolando com o rosto escondido atrás de um véu e o ventre exposto

povoaram os desejos masculinos nos quatro cantos do mundo. As odaliscas, antigamente restritas aos haréns dos sultões, passaram a freqüentar o imaginário do homem comum no Ocidente.

O nome dado pelos antigos viajantes foi, sem dúvida, um pouco apressado. Além do ventre, elas requebravam todo o corpo. Naquela época, elas realmente deviam ser maravilhosas, mas atualmente perderam muito da arte original, tanto no bailado como nos encantos físicos.

Após a Revolução Iraniana, em 1979, os 46 países muçulmanos começaram a seguir com mais rigor as normas impostas pelo Alcorão, especialmente nas questões relacionadas aos hábitos e costumes das pessoas comuns. Nem mesmo o Cairo, a mais cosmopolita das cidades islâmicas, escapou às novas regras. O artigo II da Constituição do Egito, atualizada em 1980, definiu o Islã como religião oficial do Estado e determinou que os princípios da *charia*, o severo código de leis e condutas muçulmanas, devem ser a fonte mais importante da sua legislação. Qualquer reforma parlamentar deverá sempre levá-los em conta.

Na televisão, as religiosas, transformadas em vedetes nacionais, pronunciavam-se sobre os menores detalhes da vida em sociedade, do modo de vestir-se à maneira de falar com o marido. Perturbados com os modismos até então livremente importados do Ocidente, os cidadãos comuns passaram a esperar com ansiedade as novas diretrizes estabelecidas pelos religiosos islâmicos. E elas não demoraram: a cada mês são emitidas novas *fatwas*, sentenças religiosas baseadas no Alcorão, determinando a maneira como os seguidores do Profeta devem se comportar. Fiquei desorientado com a exagerada volta da religiosidade ao Cairo, sobretudo no mundo feminino. Comportamentos que eu imaginava restritos aos países tradicionalmente conservadores, desfilavam nas avenidas da mais moderna capital islâmica do mundo.

O lenço egípcio, tradicionalmente usado apenas para cobrir a cabeça das mulheres, foi substituído pelo véu iraniano, cobrindo também os ombros e os braços, “para não excitar o desejo masculino”. Com a volta do fervor

religioso, nada na roupa das garotas podia despertar a lascívia dos rapazes, induzindo-os ao pecado.

Como essa nova indumentária tornou-se regra geral, seguida por mulheres de todas as classes sociais e idades, inclusive as cristãs — para não serem discriminadas pelos homens nas ruas —, as mais conservadoras voltaram a usar o *niqab*, a antiga versão egípcia do xador iraniano, um traje que cobre todo o corpo, à exceção dos olhos.

Fiquei impressionado com a grande quantidade de mulheres cobertas de negro nas ruas da movimentada capital. Com mais rigor ainda, a pressão islâmica caiu mais uma vez sobre as manifestações culturais, atingindo especialmente as dançarinas do ventre. As mais famosas, algumas por dinheiro, outras por causa de ameaças, repudiaram a antiga profissão, restrita aos hotéis de luxo e aos cassinos freqüentados exclusivamente por estrangeiros. Para complicar ainda mais a situação, em 2004 o governo baixou uma lei proibindo as “fogosas” estrangeiras de praticarem a dança do ventre no Egito, para que essas infiéis não “tentassem os fiéis homens muçulmanos”. Com isso, os cabarés locais passaram a empregar qualquer egípcia, independentemente dos seus atributos físicos e artísticos, desde que estivessem dispostas a enfrentar o estigma da profissão.

Graças a Khomeini e seus aiatolás, aqui estava eu, assistindo a uma dança de rara beleza executada por mulheres de beleza rara. Mas, pelo menos para os homens presentes ao Palmyra, esse fato era secundário. Muitas vezes eles subiam ao palco e dançavam, esquecendo-se completamente da presença da dançartriz, coitada, que se punha, constrangida, num canto, enquanto os mancebos se divertiam com seus sapateados, desenvolvendo coreografias que às vezes me pareciam até mais interessantes do que a apresentação das moças seminuas.

Um deles, um senhor alto, elegante e de ar distinto, vestindo calças de algodão cinza e um belo suéter azul-marinho, pegou o turbante de outro cliente e subiu ao palco quando a orquestra entoou um ritmo folclórico bem animado. Enquanto a bailarina ficava parada diante dos músicos, apreciando a cena, ele se concentrou, cerrou os olhos e por longos minutos dançou

graciosamente, contorcendo-se e fazendo malabarismos com o turbante estendido em suas mãos. Como dizem os árabes, ele havia entrado em *tarab*, um prazer próximo do êxtase. Seus amigos subiram ao palco e lhe jogaram dinheiro, imediatamente recolhido pelo jovem encarregado dessa tarefa. Quando terminou a apresentação, admirado, não me contive: aproximei-me dele e apertei-lhe a mão. Disse chamar-se Salama, convidou-me para sua mesa e me ofereceu uma cerveja, cordial como todos os caiotas.

As mulheres, agora bem mais bonitas do que as primeiras, algumas até desenvolvendo uma certa confiança profissional, sucediam-se, contracenando com um cantor de voz potente e pouca inflexão. Dois cantores intercalavam suas apresentações, quase sempre atrapalhando o deslizar da donzela pelo palco circular. Às vezes, um cliente mais desinibido pegava o microfone e soltava a voz; outras, um grupo de rapazes subia ao tablado e dançava em conjunto. Nesses momentos, a bailarina ficava aguardando, num canto menos iluminado, enquanto os homens se divertiam. Aliás, era exatamente essa sua função: ajudar os homens a se divertirem, como manda a tradicional cultura do Vale do Nilo.

Eu ficava me perguntando se elas também haviam sido excisadas. Provavelmente sim; as amputações são feitas na adolescência, quando, supõe-se, ainda não haviam se decidido pela profissão. Considerada um crime no Brasil, a clitoridectomia é julgada não só normal como necessária pelos egípcios. Segundo uma pesquisa oficial feita com quinze mil mulheres casadas entre quinze e cinquenta anos, 97 por cento haviam se submetido à ablação do clitóris ou dos pequenos lábios — ou ambos! Em alguns casos, realizara-se a excisão conhecida como faraônica, incluindo uma parte dos grandes lábios.

Os religiosos islâmicos invocam a necessidade de reduzir, ou até eliminar, o prazer sexual feminino, única medida capaz de preservar a castidade das solteiras e garantir a fidelidade das mulheres casadas. Esse ritual, originado nos costumes tribais do Vale do Nilo, antigamente chamado *batr* (ablação), passou a ser denominado *tahara* (purificação) no Egito muçulmano. Para os ulemás, embora seja uma tradição secular, ela tem

“efeitos benéficos sobre a estabilidade da família”. Mesmo assim, por ocasião do casamento, a sogra exige um certificado de virgindade da noiva, assinado por um ginecologista de confiança.

Quando uma mulher solteira rica engravida, o procedimento padrão é o aborto e depois uma operação para reconstituir o hímen, seguido de um casamento apressado com o primeiro noivo disponível encontrado pela família. No caso das famílias pobres, sem dinheiro para cirurgias caras e ainda menos tolerantes com os deslizes sexuais de suas filhas, normalmente o pai ou o irmão mata a moça grávida para que a honra do clã não seja maculada com tamanha desfaçatez diante de Alá.

Pelas leis islâmicas, continua proibido o casamento de uma muçulmana com um cristão. A intransigência do fundamentalismo islâmico está provocando reações do outro lado do mundo, acirrando a intolerância do conservadorismo cristão.

Em um documento sobre migrantes publicado em maio de 2004, o Vaticano alertou as mulheres católicas para que pensassem muito antes de se casarem com um muçulmano. *A caridade de Cristo para com os migrantes*, divulgado pelo cardeal japonês Stephen Fumio Hamao, presidente do Pontifício Conselho da Pastoral para Migrantes e Itinerantes, lembra “experiências amargas” que católicas ocidentais tiveram com esposos muçulmanos, principalmente ao se casarem fora do mundo islâmico e depois se mudarem para o país de origem do marido.

Por isso, a Igreja desestimula casamentos de fiéis de países tradicionalmente católicos com migrantes não-cristãos. E aconselha: se o casamento for registrado no consulado de um país muçulmano, a católica não deve assinar um documento ou fazer uma promessa incluindo a *shahada* — profissão de fé islâmica —, considerada uma conversão. Em outro trecho, a polêmica recomendação sugere às igrejas que proíbam a utilização dos seus locais de oração por não-cristãos, medida comumente adotada pelas outras religiões, motivo de desconforto quando estou viajando pelo Oriente.

Eu não sabia se as bailarinas do Palmyra eram casadas. Provavelmente não, embora o casamento seja quase uma obrigação entre os caiotas, porque

o celibato é visto com certa desconfiança, coisa de gente anormal. Existe uma prática muito comum chamada *urfi*, um contrato de casamento temporário utilizado pelos políticos e empresários ricos para terem amantes sem ferir os princípios islâmicos. Há prostitutas no Cairo que já firmaram centenas de *urfis* com príncipes vindos da Arábia Saudita e do Kuwait. Solteiros sem dinheiro para cumprir o ritual mínimo do dispendioso casamento árabe também acabam recorrendo ao faz-de-conta do *urfi*.

A justificativa para esse tipo de prática é a idéia, arraigada na cultura tradicional, de que a mulher não é dona do próprio corpo. Isso explica costumes como os casamentos forçados, o direito do homem à poligamia e a obrigatoriedade de se esconder o corpo feminino com véus e roupas disformes. Uma em cada três egípcias com idade entre 15 e 49 anos já apanhou pelo menos uma vez do marido, ato considerado normal por dois terços delas. Motivos principais: terem respondido num tom desagradável ou se recusado a cumprir o dever conjugal na hora desejada pelo esposo.

Se as bailarinas eram solteiras e, portanto, não se enquadravam nessa pesquisa realizada em 1997, nada garantia que não apanhassem dos patrões, os mesmos que as cobriam com dinheiro em público. Uma lei promulgada em 2000 melhorou um pouco a situação das mulheres, pelo menos na teoria. Agora elas até podem pedir o divórcio sem o consentimento do cônjuge se renunciarem à pensão alimentícia. A obtenção do passaporte, no entanto, ainda depende da autorização do esposo, independentemente da classe social ou da profissão da mulher. Em 1970, a ministra dos Assuntos Sociais precisou descer do avião, no aeroporto do Cairo, porque, na última hora, seu marido mudou de idéia, não permitindo que ela viajasse em missão ao exterior.

Esgueirei-me do cabaré perto das cinco da manhã, alguns minutos antes de a casa fechar. Cruzei o beco, deslizei sorrateiramente por algumas vielas escuras, desviando-me aqui e ali das ratazanas que chafurdavam no lixo, e finalmente saí na grande avenida 26 de Julho. Estávamos no inverno, e um frio desconfortável acompanhava os primeiros trabalhadores fluindo pelas ruas da cidade sonolenta. Um vendedor ambulante me ofereceu um copo

fumegante de *karkadi*, um chá feito com a flor do hibisco, servido juntamente com *aich*, o pão integral local — uma rodela achatada e esponjosa de vinte centímetros de diâmetro, formada por duas camadas sem miolo cobertas com farelo, que o deixava agradavelmente áspero ao toque. Desjejuei na calçada, envolvido pela brisa do amanhecer, sob um poste de luz amarelada e protegido do sereno pela marquise de uma loja de calçados masculinos.

A caminho do hotel pude ouvir o chamado da mesquita para a primeira das cinco preces diárias, obrigação de todo bom muçulmano. Era hora de voltar-se para Meca, estender um pequeno tapete no chão — saído não sei de onde —, retirar os calçados, prostrar-se, tocando os joelhos, as mãos e a fronte no solo, e rezar; os mais fiéis eram capazes de recitar os 99 nomes de Alá, uma ladainha extraordinária. A grande metrópole despertava ruidosa, trepidante e frenética, mas os homens se concentravam nas suas preces e conseguiam permanecer alheios à vida que se agigantava ao seu redor.

Nos primórdios do Islã, anunciava-se ao vivo a hora das orações. O muezim, escolhido entre os cegos para não surpreender as mulheres nos terraços das casas com um olhar masculino, subia até o alto do minarete — que, dizem, foi inspirado no farol de Alexandria, pois as primeiras mesquitas não o possuíam — e, após recobrar o fôlego, lançava seu chamado ao céu, convocando os seguidores do Profeta para as preces do dia. Belas vozes assim se exercitavam, mediam sua potência, para deleite dos fiéis. A melodia casava bem com a paisagem provinciana, chegando às vezes a encantar os moradores de um bairro vizinho.

“Alá é o maior. Atesto que não há deus a não ser Alá. Atesto que Maomé é seu profeta. Venham orar. Venham salvar-se. Alá é o maior. Não há outro deus senão Alá.”

Atualmente as vozes são gravadas e transmitidas por alto-falantes. Havia muitas mesquitas no centro do Cairo e seus relógios não estavam sincronizados. Assim, a ladainha se misturava, vozes fanhosas se confundiam, criando uma penosa cacofonia, freqüentemente descambando para uma gritaria grotesca e ensurdecadora, extremamente desagradável a ouvidos forasteiros.

Como estava passando em frente à El-Abd, considerada a melhor padaria da cidade, entrei e comprei alguns *saniyit 'ar 'asali*, bolinhos de abóbora caramelados. Cruzei pelo meio do mercado de frutas na rua Tawfiqiya, onde as bancas ficavam abertas 24 horas, comprei algumas laranjas e segui em frente. Quando cheguei ao hotel, o Beto estava acordado, rolando na cama, despertado pela reverberação dos potentes alto-falantes do muezim eletrônico instalados no alto minarete da mesquita ao lado do nosso prédio, quase em frente à nossa janela.

— Como foi a noitada? — ele perguntou, virando-se para o canto antes mesmo de ouvir a resposta.

— As mulheres eram muito feias — respondi, sentando-me na cama e tirando as botas. — Você não perdeu nada.

Deitado de costas, estendido sobre o colchão macio, braços cruzados sob a cabeça para relaxar da estressante experiência, olhei para o rapaz de 24 anos que estava na cama ao lado, ferrado no sono. Para acordá-lo, algumas horas mais tarde, precisei chamá-lo duas ou três vezes, e, no café da manhã, ele preferiu tomar um refrigerante *light* com pão e manteiga em vez de chá preto com *shammy* e *full*, o tradicional desjejum egípcio, uma espécie de sanduíche recheado com pasta de favas de feijão bem temperado. Até então o garoto vinha se comportando bem, mas isso era tudo que eu sabia sobre ele.

Pela primeira vez eu saíra do Brasil acompanhado por um parceiro fixo, alguém que viera especificamente para trabalhar comigo durante toda a expedição. Até três meses antes de iniciarmos a viagem eu não o conhecia pessoalmente, embora fosse amigo do pai dele havia muito tempo. O rapaz me foi apresentado pelo roteirista de cinema Ricardo Zimmer e vinha recomendado pelo New York Institute of Photography, onde se formara.

Minha experiência com outros companheiros de viagem se resumia a parcerias ocasionais, algum estrangeiro encontrado pelo caminho com quem eu dividia alguns dias de estrada até nos separarmos, cada um seguindo o seu próprio roteiro. Com Beto seria diferente. Havíamos saído juntos,

viajaríamos juntos e voltaríamos para casa juntos. Pelo menos essa era a nossa intenção. Se isso seria possível, eu ainda não tinha a mínima idéia.

As dificuldades provocadas pelas reviravoltas surgidas ao longo da aventura e as peripécias praticadas para superá-las tornam este tipo de viagem muito tensa e estressante. As relações pessoais acabam se desgastando, difíceis de serem conciliadas diante do emaranhado de opções, alternativas e decisões abruptas que precisam ser tomadas a cada momento, principalmente para corrigir os rumos dos acontecimentos que, nesses casos, freqüentemente tendem a querer escapar ao nosso controle.

O que nos ligava era o fato de eu tê-lo convidado a me acompanhar. Ele, por seu lado, estava decidido a cumprir sua tarefa da melhor forma possível. Não era pouco, mas não era tudo. Precisaríamos de muitas outras afinidades para que, já ao final do primeiro mês, cada um de nós não viajasse com ganas de jogar o outro do alto da primeira pirâmide que surgisse à nossa frente. Se o nosso relacionamento daria certo ou não, era mais uma das inúmeras incógnitas que se desenhava no começo desta jornada.

CHEGADA

Nossa chegada ao Cairo havia sido exatamente como eu esperava: caótica.

Quando se viaja por conta própria, os momentos mais desagradáveis são os dos desembarques nas grandes capitais. E se estamos chegando a uma grande metrópole do Oriente, a situação piora. Cansados, inseguros e desconhecendo as armadilhas que nos aguardam já na saída do aeroporto, levamos algum tempo para nos refazer do choque cultural; custamos um pouco a nos ambientar. Nesse momento ficamos fragilizados, sujeitos a toda espécie de golpe dos vigaristas de plantão. Por isso, nosso primeiro contato com os nativos é sempre defensivo.

Somente com o passar do tempo vamos descobrindo os hábitos e os costumes locais, as tradições da sua gente, os maneirismos que poderão nos integrar à comunidade. Para isso acontecer da forma mais rápida possível, precisamos, desde a chegada, agir como eles agem: utilizar seus meios de transporte, nos hospedar nos mesmos hotéis, comer em seus restaurantes,

freqüentar seus cafés e nos abastecer nos mercados de rua. Enfim, sobreviver com o mesmo dinheiro com que eles vivem. Só assim descobriremos a alma da cidade. Embora tentados por algum conforto extra permitido por nossa melhor condição financeira, nunca devemos fazer autoconcessões. Esse tratamento de choque é a maneira mais rápida e eficaz de nos integrarmos a uma nova comunidade.

Se quiser conhecer o Cairo, viva como os caiotas, também se pode dizer.

Beto Scliar saiu de Porto Alegre; eu, do Rio de Janeiro. Nos encontramos no aeroporto em São Paulo, onde embarcamos para Frankfurt. Eu despachara minha mochila cargueira, ficando apenas com a pequena mochila de mão, leve e fácil de ser colocada em qualquer canto do bagageiro interno do avião. Beto, com receio de extraviar ou danificar o seu caríssimo equipamento fotográfico, nada despachou. Embarcou com sua grande e pesada mochila, precisando negociar arduamente com o funcionário da companhia aérea na hora do *check in*.

Havíamos saído do Brasil em pleno verão. Quando chegamos na Alemanha, a temperatura estava abaixo de zero e a neve caía em grandes flocos do lado de fora do aeroporto. Embora tivéssemos um bom tempo de espera, nossos planos de dar uma pernada pela cidade precisaram ser suspensos. Ficamos por ali, caminhando para lá e para cá, olhando pelas grandes vidraças o frio branco horripilante caindo do lado de fora do prédio.

Embarcamos no meio da tarde num vôo para Adis-Abeba com escala no Cairo, e em poucas horas estávamos no calor do deserto.

Ao passarmos pelo serviço de imigração, os policiais egípcios caíram na gargalhada. A foto no passaporte do Beto era de quando ele tinha catorze anos. Além da cara imberbe, seus longos cabelos, caídos sobre os ombros, logo provocaram a curiosidade dos guardas. Formou-se um bolinho, e eles queriam saber se a foto não era da irmã dele...

Beto tem duas nacionalidades, brasileira e alemã, e para complicar ainda mais, resolveu mostrar o passaporte germânico, com uma foto mais recente,

embora não atualizada. O que deveria ajudar na identificação acabou aumentando o transtorno, pois nada mais estranho para um guarda egípcio do que alguém ser ao mesmo tempo brasileiro e alemão. O estereótipo de um brasileiro no exterior é de um homem negro, baixo e de olhos escuros, enquanto o de um alemão é de um homem louro, alto e de olhos claros. Ele não era nem uma coisa nem outra.

O passaporte alemão não serviu; o visto estava apenas no passaporte brasileiro. Um aduaneiro saiu pelos escritórios do aeroporto mostrando a foto, apontando para o Beto e caindo na risada, chamando a atenção dos outros funcionários. Se fosse nos Estados Unidos ou na Europa, certamente nos teriam mandado de volta no próximo voo. Mas a alegre displicência dos oficiais do aeroporto acabou liberando nossa entrada no país.

E agora, para onde ir? Estávamos cansados, com sono e padecendo da enorme diferença do fuso horário. Eram quase cinco da tarde, mas para nós passava pouco do meio-dia.

No saguão de desembarque fomos envoltos por uma turba de agressivos taxistas, hoteleiros, cambistas, guias, vendedores ambulantes, biscateiros, desempregados, curiosos... Enfim, os tradicionais achacadores que pululam nos terminais de aeroportos, estações ferroviárias e rodoviárias dos países pobres. Quando chega algum americano (estávamos num canto do mundo onde todo sujeito com uma mochila nas costas é logo identificado como americano), eles imediatamente o cercam. Não vêem nele um brasileiro, um italiano, nem mesmo alguém dos Estados Unidos. Não vêem um cidadão, uma pessoa, mas uma nota de cem dólares ambulante. Em um primeiro momento eles a vêem com perninhas cambaleantes, indo na sua direção. Mas, se não forem ágeis, logo a verão pelas costas, com asinhas, afastando-se, voando para longe dos seus bolsos vazios. Por isso precisam agir com rapidez. Eles nos cercam com seus olhares gananciosos, nos tocam, nos apalham, querem carregar nossas mochilas, quase as arrancam das nossas costas. Aproximam-se sorridentes, cheios de mesuras e cortesias. Se nos identificarmos como brasileiros, imediatamente começarão a recitar a escalação da seleção pentacampeã mundial. Se nos identificarmos como

alemães, imediatamente se declararão fãs ardorosos de Schumacher. Se dissermos que estamos vindo de Nova York, logo perguntarão como vai o Tio Sam. São os modernos saqueadores, gente que trocou o ataque aos mercadores das caravanas pelo achaque aos viajantes independentes.

Diante de nossa resistência a nos entregarmos em suas mãos, começam a ficar impacientes, agressivos, e seus olhares não conseguem mais disfarçar a avidez com que se aproximaram. Não entendem por que não queremos dividir com eles nossas riquezas, a prosperidade que estão acostumados a ver no cinema, na televisão e nas capas das revistas norte-americanas que chegam ao Terceiro Mundo. Não andamos em carrões conversíveis na América? Não nos refestelamos nas piscinas de chiquérrimos hotéis bebendo champanhe acompanhados de belas — e por certo caras — mulheres? Não usamos roupas de grife em nosso glamoroso dia-a-dia? Então, por que não queremos pagar uma corrida de táxi até a cidade?

Mesmo pedindo três vezes o valor real, ainda acham que para nós o preço é insignificante, pois estamos com os bolsos abarrotados de dólares, uma moeda que vale muito mais do que a desvalorizada libra egípcia. Esquecem que o dinheiro é nosso, foi ganho com sacrifício e estamos dispostos a pagar pelos produtos e serviços o preço que realmente valem. Além do mais, nem americanos éramos...

Perguntei pelo ônibus e os biscateiros afirmaram, em uníssono, não existir ônibus para a cidade. Obviamente, não acreditei. Livramo-nos deles com algumas cotoveladas constrangedoras e partimos em busca de um ônibus. Tão logo nos afastamos da saída do prédio, constatamos que teríamos dificuldades com o inglês. Costumo estudar um pouco a língua dos lugares para onde viajo e pretendia fazer o mesmo com o árabe. Mas quando descobri que os caiotas falam um dialeto que pouco tem a ver com a sua língua franca, desisti do esforço.

Quase ninguém falava inglês, e os poucos que falavam não nos entendiam, ou não os entendíamos. Normalmente preciso de algum tempo para pegar o sotaque local, mas precisávamos sair dali o quanto antes. Começava a escurecer e estávamos bem longe do centro. Além do mais,

pegando um ônibus urbano, como pretendíamos, demoraríamos algumas horas até o nosso destino final.

Tentávamos nos explicar e as pessoas, apesar da boa vontade, acabavam nos indicando locais que em nada se pareciam com uma parada de ônibus. Ficamos um bom tempo assim, como baratas tontas, vagando de um lugar para outro. Tampouco víamos ônibus cruzando pelas imediações do terminal. Mas deveria haver um. Como os funcionários do aeroporto iam para o trabalho? E como voltavam para casa após o expediente? De táxi? Obviamente não.

Depois de batermos pernas por um bom tempo carregando nossas pesadas mochilas, acabamos num pequeno quiosque, o mais parecido com uma parada que pudemos encontrar. Perguntei ao funcionário sobre ônibus, algum ônibus... qualquer ônibus!

— *Al-otobis* — arrisquei em árabe.

— Acho que ele entendeu — Beto comentou.

Diante da reação positiva do sujeito, atrevi-me a perguntar pela parada de ônibus.

— *Maw'if al-otobis* — falei.

Para minha alegria, eu ia perguntando e ele ia sorrindo e movendo a cabeça positivamente. No final, estendeu-me um pequeno bilhete escrito em inglês.

— Deve ser alguma informação sobre os horários dos ônibus — disse para o Beto enquanto desenrolava o papel para ler a mensagem. — Eles estão acostumados a receber muitos turistas, já os esperam preparados — concluí, otimista.

— O que estava escrito? — perguntou-me Beto quando devolvi o papel ao homem.

— Ele está com a mulher e os filhos doentes; não tem dinheiro para comprar remédios. Por isso, nos pede uma ajuda.

Tão logo o sacripanta viu que não ganharia nada, ficou sério, recolheu-se à cabine e deu o assunto por encerrado. Eu ia passar-lhe uma carraspana quando um ônibus apareceu na esquina. Estava caindo aos pedaços, era

praticamente impossível descobrir sua cor original devido à corrosão da carroceria. Mas, afinal de contas, era um ônibus... Colocamos as mochilas nas costas e disparamos em sua direção.

— Vai para o Cairo? — perguntei ao motorista.

— ?

— *Masr!*

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e imediatamente pulamos para dentro. Um passageiro que falava inglês veio em nosso auxílio e explicou que deveríamos desembarcar num determinado ponto e pegar outro ônibus, esse não nos servia. Ele logo desceu, mas, pelo que pude entender, deixou outra pessoa encarregada de nos avisar quando fosse a hora. Quando avistamos um pequeno terminal, o passageiro fez sinal para descermos e nos apontou o local onde deveríamos embarcar. A lata velha encardida parou com um solavanco, soluçando e transpirando óleo por todos os lados, e saltamos, carregando desajeitadamente nossas mochilas. Éramos duas pessoas tão estranhas ao mundo girando dentro do velho ônibus que ninguém se lembrou de nos cobrar a passagem.

Antes de embarcar no coletivo indicado, fui até uma guarita confirmar com alguns guardas se a informação estava correta.

— Não, não está — um deles me disse. — Você deve embarcar naquele outro, o número 356.

— Aquele parado lá? — perguntei.

— Não — respondeu o guarda. — Na frente dele.

— Na frente dele não tem ônibus nenhum!

— Não tem agora — ele disse —, mas já vai chegar.

Em seguida vi estacionar um veículo branco com ar-condicionado e um aspecto bem melhor que o da sucata em que havíamos embarcado antes. Fui conferir o número, mas, para minha surpresa, nada tinham a ver com os números arábicos que eu aprendera na escola. Mesmo utilizando um dicionário, levei algum tempo para identificá-los. O 3 parecia um 7 espelhado, o 5 parecia um zero ovalado na parte superior e o 6 parecia um 7. E, ao contrário do alfabeto árabe, eram escritos da esquerda para a direita.

Saímos sacolejando no ônibus abarrotado. Às cinco da tarde, hora das preces, tanto o motorista como o cobrador e os passageiros estavam impossibilitados de se ajoelhar, de se voltarem para Meca e rezar. O problema litúrgico foi resolvido com o auxílio de uma prosaica tecnologia ocidental: o motorista colocou no toca-fitas uma fita cassete e as orações por Alá foram coletivas, em altos brados, alguns chegando a se emocionar. As manifestações religiosas excessivamente ritualizadas não me convencem, mas o fervor dessa gente era tanto, e as preces ditas com tanta convicção que bem se podia sentir a presença de Alá nos acompanhando dentro do ônibus.

Algum tempo depois, desembarcamos no meio do nada. Queríamos saber como ir para o centro; eu havia selecionado alguns endereços de hotel no meu guia de viagem. O motorista e o cobrador, únicos ainda no veículo, não entendiam inglês. Havíamos voltado à estaca zero. Para se livrarem de nós, deixaram de cobrar a passagem e nos mandaram seguir em frente. Beto estava um pouco assustado, e para levantar-lhe o ânimo comentei que pelo menos continuávamos dentro do nosso orçamento.

Noite alta, passamos no meio de uma feira recém-desmontada, os feirantes com caras pouco amistosas encaixotando as sobras e dispersando as verduras estragadas pelo chão. Um pouco mais adiante, encontramos um rapaz com um livro debaixo do braço. Vi na capa grandes letras de um idioma que imaginei ser alemão. Abordei-o. Ele estava fazendo um curso para trabalhar em Berlim. Gentilmente, pediu que o seguissemos, e logo adiante saímos numa avenida. Ele parou um táxi e iniciou uma demorada negociação. Concordei com o valor e tocamos para o centro da cidade em busca do nosso hotel.

Ao acertarmos o preço, o taxista afirmou conhecer o endereço, mas vagamos um bom tempo pelas ruas do Cairo. O motorista não falava inglês e o clima dentro do carro estava ficando tenso. Ele parou em quase todos os hotéis espalhados ao longo do caminho. Descia, e lá vinha um sujeito tentar nos convencer a ficar nesses hotéis, obviamente para o taxista ganhar uma comissão. Ante a nossa resistência, seguíamos em frente, a contrariedade do

chofer cada vez mais visível. Ainda rodamos um pouco pelo centro até ele localizar o endereço que eu lhe fornecera.

Quando chegamos ao hotel Carlton, felizmente havia quartos vagos. Na hora de pagar a corrida, o velhaco puxou a velha conversa de que havia rodado muito mais do que pensara, queria mais dinheiro. Coloquei-o para fora do saguão com uns empurrões e uma grande vontade de dar-lhe uns tabefes, tamanha era minha indignação com sua safadeza.

Beto desabou na cama e dormiu imediatamente. Eu tomei um banho; estava muito tenso, precisava desacelerar um pouco para ter um sono tranqüilo.

Ao acordar pela manhã e abrir as cortinas da janela do quarto para o primeiro contato diurno com a cidade, pude ver a cobertura dos outros edifícios, quase todos mais baixos do que o hotel, cobertos de calíça e escombros, como se o Cairo tivesse sofrido recentemente um grande bombardeio aéreo.

Beto ficou espantado com o cenário de destruição; eu apenas confirmei as observações dos meus périclos anteriores pela África. No Cairo, como na maioria das cidades africanas, quando algo é destruído, seus destroços não são removidos; permanecem no mesmo lugar até serem reaproveitados em outras obras. Os caiotas têm uma grande dificuldade em intervir na realidade. Ao longo dos dias fui notando, especialmente nos becos mais afastados, que se uma árvore caía no meio do caminho, não era retirada, continuava ali. Eles simplesmente passavam a contorná-la, abrindo uma nova trilha. Até que um dia alguém que precisasse de lenha fosse lá e a cortasse, fazendo o caminho voltar ao seu traçado original.

Fizemos pequenas caminhadas nos arredores do Carlton, mais para nos adaptarmos ao fuso horário. Beto foi se distrair na Internet do hotel enquanto fui ler um pouco, estudar os mapas da grande cidade, marcando os pontos que nos interessariam visitar nas semanas seguintes, descobrindo os nomes das comidas e os endereços mais baratos — e por isso mais típicos — onde comer. Aproveitei a tarde para dar uma olhada nas minhas anotações prévias sobre o Cairo.

OS ÁRABES

Além das imprecisas fronteiras do Império Romano do Oriente, tribos nômades de árabes pagãos viviam de acordo com seus próprios códigos e costumes: bravura, virilidade e solidariedade tribal. Em 570, na tribo que controlava Meca, nasceu Maomé. Certa noite, enquanto meditava numa caverna, ele entrou em transe e teve a visão de um ser etéreo que mais tarde identificou como sendo o anjo Gabriel. Maomé ouviu uma voz: “Tu és o mensageiro de Deus.” Seguiu-se uma série de revelações. Memorizadas por ele e anotadas por seus seguidores, elas deram origem ao Alcorão.

Em 622, Maomé transferiu-se para Medina, marcando o ano zero do islamismo, a nova religião. Poucos anos mais tarde, ele tornou-se senhor absoluto da cidade em consequência dos ataques que organizou contra as caravanas de mercadores vindos da Síria. Ao mesmo tempo, estabeleceu poderosos vínculos com as tribos autóctones ao se casar com várias mulheres da nobreza local. Em 630, à frente de dez mil seguidores, invadiu

Meca, foi admitido no templo sagrado, a Caaba, e a veneração da pedra negra foi a única concessão que fez às antigas crenças dos árabes.

Para ele, o Islã era a religião de Abraão ressuscitada impoluta e que fora abandonada pelos judeus. Alá era o único e verdadeiro deus, sendo Jesus Cristo um dos seus apóstolos. Embora Cristo pregasse o amor e a não-violência, Maomé convertia pela espada e exaltava os guerreiros vitoriosos, a quem oferecia o resultado das pilhagens, concubinas e escravos. Enfim, uma recompensa bem mais palpável do que o vago céu cristão.

Segundo Piers Paul Read em seu livro *Os Templários*, “as tribos da Arábia estavam agora unidas sob Maomé e sujeitas à disciplina do islamismo; mas, uma vez que isso implicava que eles não poderiam mais lucrar com a pilhagem uns dos outros, foram forçados a procurar saques e conversos em outros lugares”.

Após a morte do Profeta, um dos seus sucessores (califas), Omar, comandou os exércitos muçulmanos numa grande campanha de conquista. A Síria e o Iraque capitularam em 636. Jerusalém, conquistada em 638, só voltou ao domínio cristão ao ser libertada pela Segunda Cruzada, em 1099. O Egito caiu em 641 e a Pérsia em 642, quando o islamismo acabava de entrar em seu ano 20. Alexandria, a metrópole de língua grega do Mediterrâneo, foi convertida em 646. Em 714, os árabes chegaram à Ásia Central e à Índia.

No Ocidente, avançaram pelo norte da África, cruzaram Gibraltar e invadiram o Velho Mundo. No vácuo deixado pela queda do Império Romano, enquanto os lordes europeus chafurdavam nas intrigas palacianas, os bravos guerreiros de Alá marchavam unidos em torno das suas espadas postas a serviço do Islã, a nova força capaz de mover montanhas.

Na terra dos faraós, Mênfis, Tebas e Alexandria foram abandonadas, seus templos servindo de pedreiras para fornecer o material utilizado nas construções de muralhas, palácios, caravançarás, fontes e mesquitas de Fustat, a nova capital muçulmana, erguida um pouco ao norte da fortaleza romana de Babilônia, de onde os romanos haviam administrado o Egito desde o ano 30. Os egípcios passaram a ser governados pelo califa de

Damasco e mais tarde pelo califa de Bagdá, ambos sunitas, facção islâmica do califa Omar.

No dia seguinte, iniciamos nossa expedição urbana na maior metrópole do mundo árabe pelas ruelas do que restara da antiga Fustat. Dirigimo-nos à estação Nasser, perto do nosso hotel, e, tão logo o metrô parou, embarcamos no carro à nossa frente. Notei as pessoas nos olhando meio amedrontadas, algumas mal conseguindo disfarçar risinhos histéricos.

— Curioso — disse Beto após alguns segundos. — Neste vagão só tem mulheres!

— É, meu caro — respondi-lhe, um pouco confuso —, acho que entramos num vagão exclusivamente feminino.

Distribuímos alguns sorrisos constrangidos e caímos fora na estação seguinte, tão sem jeito que a mochila do Beto, com seu equipamento fotográfico, ficou presa na porta e a muito custo conseguimos soltá-la antes de o trem partir novamente. Ficamos por ali, confusos, sem saber o que fazer.

Como o trem vinha sempre superlotado e suas paradas eram rápidas, não dava tempo de ficar escolhendo em qual vagão subir, distinguir entre carros femininos e masculinos. Mas logo notamos que os cairotas tinham essa informação, embora não soubéssemos como. A solução era ficarmos sempre junto dos rapazes e embarcar com eles.

Independentemente da hora, havia vagões específicos para mulheres, normalmente jovens. As casadas acompanhavam os maridos nos carros mistos. Nos outros vagões havia somente homens. Fizemos muitas viagens por todo o Cairo, mas não conseguimos decifrar como eles identificavam previamente qual vagão se destinava a quem. Por fim desistimos, limitando-nos a seguir os homens na hora do embarque, embora eles teimassem em subir nos vagões mais lotados.

Descemos na estação Sayyida Zeinab, onde iniciamos uma longa caminhada pelo que restara da primeira capital islâmica do Egito. Uma das

tiras da minha sandália rebentou e precisamos parar num sapateiro para costurá-la. Aproveitei para tomar um suco de cana-de-açúcar e comer *taameya*, um breve descanso antes de seguirmos em frente. Os bolinhos achatados, feitos com massa de favas descascadas, temperados com cebola, alho, salsa, pimenta vermelha, aneto, coentro, cominho e sal, e polvilhados com gergelim, recentemente fritos, estavam uma delícia. Pena o Beto não querer prová-los. Mas eu ainda nutria esperanças de introduzi-lo na culinária egípcia.

Ele não estava acostumado a passar o dia caminhando e no começo sofreu um pouco para acompanhar meus passos apressados. Andava sempre com seu pesado equipamento fotográfico, deixando ainda mais penosas as suas andanças pelas ruelas e becos empoeirados do antigo bairro e atraía os olhares pouco amistosos dos muçulmanos mais radicais, que não gostavam de ver estranhos bisbilhotando numa área tão sagrada para eles.

Passamos pela movimentada mesquita de Sayyida Zeinab, em frente à escola corânica do sultão Mustafá, cruzamos pela madrassa (escola islâmica) de Salar & Sangar, pela mesquita de Sarghatmish, e finalmente chegamos à mesquita de Ibn Tulun, nosso principal objetivo nesse dia. Concluída em 879, feita de tijolos e madeira, além de permanecer intacta, era o mais antigo monumento islâmico em funcionamento no Cairo. Seu estilo arquitetônico era único: ao padrão iraquiano o sultão Ibn Tulun, que governava o Egito em nome do califa de Bagdá, mandou acrescentar arcos internos pontiagudos, antecipando em duzentos anos os arcos ogivais utilizados nas catedrais góticas européias.

Sua área, cobrindo 2,6 hectares, era suficientemente grande para acolher toda a população de Fustat por ocasião das preces das sextas-feiras. No lado externo das muralhas da mesquita havia um pequeno museu formado pela junção de duas casas do século XVI. Apesar de ser todo decorado com finíssimos móveis da época, seu maior atrativo para os turistas era o fato de ter sido utilizado como cenário do filme *O espião que me amava*, uma aventura de James Bond.

Almoçamos *kushari*, o prato mais popular da cidade, encontrado em todas as esquinas e preferido pela maioria dos caiotas, uma mistura de macarrão com lentilha preta, arroz, cebola frita e muito molho de tomate. Servido num único pote, era grande e nutritivo o suficiente para alimentar várias pessoas. Embora sempre pedíssemos a porção pequena, nunca conseguimos comê-la por inteiro. Infelizmente, esses pequenos restaurantes de rua não serviam bebidas alcoólicas, como mandava a tradição islâmica. Era uma pena porque o calor e o tempero pediam uma Stella como complemento.

Em 969, os fatímidas, uma poderosa dinastia xiita — facção islâmica que defendia o direito não do sunita Omar, mas de Ali, marido de Fátima, a filha de Maomé, ser o sucessor do Profeta —, assumiram o poder no Egito. Como era tradição na época, o novo califa tratou de construir sua própria capital, erguida um pouco ao norte de Fustat.

A xiita Al-Qahira, um nome mais tarde corrompido pelos mercadores europeus para Cairo, foi criada para enfrentar o poderio do califado sunita de Bagdá. A partir desse momento, a história do Egito passou a ser a história do Cairo.

Mas em 1168, quando os cruzados, liderados pelo rei Amauri, de Jerusalém, invadiram o delta, os fatímidas pediram auxílio ao califa sunita de Damasco. Ele não só os ajudou como tomou o poder, instalando no país uma nova dinastia, fundada por Salad ed-Din Yusuf.

O sunita Saladino, como ficou conhecido no Ocidente devido às suas constantes escaramuças com os cruzados, crucificou alguns oponentes muçulmanos xiitas e se estabeleceu de vez no Cairo. Em 1176, ele iniciou a construção de uma cidadela. Amplamente fortificada, para defender a corte das freqüentes investidas dos cristãos, que desde 1099, por ocasião da Segunda Cruzada, haviam recuperado Jerusalém, ela ainda hoje é um marco na paisagem arquitetônica da capital.

SALADINO

Para continuar nossas andanças no dia seguinte, tomamos um táxi até a mesquita de Ibn Tulun. Já conhecíamos a região, assim eu livrava Beto de mais uma extenuante caminhada. O Cairo antigo é um emaranhado de minaretes, alguns chegando a 82 metros de altura, cada qual indicando uma mesquita mais interessante. Passamos por várias delas, e também por muitas madrassas, entre as quais a impressionante mesquita-madrassa do sultão Hassan, concluída em 1363, uma obra-prima da arquitetura medieval.

O sultão chegou ao poder aos treze anos e teve um reinado conturbado, deposto e reconduzido ao cargo três vezes. Como mandava a boa tradição mameluca, sua sucessão definitiva deu-se por meio do seu assassinato, ocorrido pouco antes da conclusão da mesquita, também ela marcada por uma grande tragédia: um dos minaretes desmoronou, matando trezentos operários.

Finalmente chegamos à Cidadela.

Cobrindo uma enorme área no topo de uma montanha calcária, no lado oriental da capital, a Cidadela foi residência dos governantes egípcios por mais de setecentos anos. Atualmente, além do seu significado histórico, da sua imponência e da maravilhosa vista da cidade, suas principais atrações são três mesquitas construídas em épocas diferentes, com estilos próprios: an-Nasir Mohamed (1318 — mameluca), Suleiman Paxá (1528 — otomana), e a maior de todas, no ponto mais alto da fortaleza, dedicada a Mohamed Ali, construída entre 1830 e 1848, estilo turco, onde o corpo do paxá está enterrado.

Como a maioria dos membros da elite muçulmana, Saladino era instruído, refinado e hábil com a lança e a espada, visto como um modelo de bravura e magnanimidade não só pelos maometanos; mas também pelos cristãos. As histórias de sua urbanidade e benevolência tiveram enorme impacto entre os europeus, pois até então eles haviam tentado transformar em demônios grosseiros seus inimigos infiéis. Em 1183, por exemplo, quando estava sitiando o castelo de Kerak, na Palestina, durante as festividades de casamento de Humphrey de Toron com a princesa Isabel, o sultão ordenou aos seus soldados que não disparassem as catapultas contra a torre onde as bodas estavam sendo celebradas. De outra feita, durante um enfrentamento perto de Jerusalém, quando o cavalo de Ricardo Coração de Leão caiu morto numa batalha, Saladino recuou seu exército e enviou ao rei da Inglaterra outros dois vigorosos corcéis de presente. Só então ordenou que se reiniciassem os combates.

Cavalheirismos à parte, Saladino era, acima de tudo, um soldado. Caso lhe parecesse necessário ser cruel, agia com maestria. Quando derrotou o exército do rei Guido, de Jerusalém, às margens do rio Jordão, ele próprio degolou alguns prisioneiros nobres que haviam sido levados à sua tenda, entre eles Reinaldo de Châtillon, um cavaleiro mercenário arrivista que vinha atacando constantemente os sarracenos nos quatro cantos da Palestina.

O sultão deu ao nobre europeu a possibilidade de se converter ao Islã, escapando assim da morte. Reinaldo riu na cara dele, dizendo que era ele quem deveria se voltar para Cristo. Ao ouvir tal insolência, Saladino sacou

da cintura sua enorme cimitarra e com um único e rapidíssimo golpe decepou a cabeça de Reinaldo diante do rei Guido, fazendo o sangue do franco escorrer entre os pés dos outros prisioneiros.

Saladino poupou somente a vida do rei e de alguns poucos barões mais ricos, entre eles o recém-casado Humphrey de Toron.

— Um rei não mata outro rei — decretou Saladino na época.

A verdade, no entanto, era outra: as vidas dos prisioneiros de alta estirpe eram preservadas para serem trocadas por polpudos resgates.

Em seguida, o sultão mandou seus soldados decapitarem os 230 cavaleiros templários feitos prisioneiros, pelos quais nutria um ódio histórico.

— Vou purificar a terra desta raça impura — teria afirmado.

No dia 2 de outubro de 1187, aniversário da visita de Maomé ao céu a partir do Monte do Templo, Saladino fez sua entrada triunfal em Jerusalém. Embora a igreja do Santo Sepulcro fosse deixada a cargo dos cristãos ortodoxos, sua cruz foi retirada do alto da Cúpula da Rocha e arrastada ao redor da cidade por dois dias, sob os golpes dos porretes dos muçulmanos exultantes.

As notícias da tragédia ocorrida na Terra Santa deixaram os europeus atordoados. Para financiar a Cruzada seguinte, o papa instituiu o “dízimo Saladino”, um novo imposto. Em 1191, os cristãos, liderados por Ricardo Coração de Leão, tomaram a fortaleza de São João de Acre. Saladino fora incapaz de levantar o cerco e a guarnição muçulmana se rendeu. Impaciente com a demora do líder árabe em pagar o resgate pelos prisioneiros, atrasando assim a marcha da Cruzada em direção a Jerusalém, o arrogante rei da Inglaterra supervisionou pessoalmente a execução dos 2.700 sarracenos, entre eles mulheres e crianças, todos decapitados pelos soldados ingleses.

Nos meses seguintes, as forças do sultão e do rei se enfrentaram diversas vezes, mas nenhum dos exércitos era suficientemente forte para derrotar o outro. Ricardo precisava voltar à Inglaterra, onde lhe ameaçavam o trono, e Saladino não tinha condições de manter um exército tão grande por muito

tempo, pois as pilhagens, motivo do engajamento dos seus soldados, não eram feitas quando não havia um vencedor.

Quando os cristãos acamparam a vinte quilômetros de Jerusalém, os estrategistas militares de ambos os lados concluíram que a guerra estava empatada: os cruzados até poderiam conquistar a cidade, mas não conseguiriam mantê-la quando voltassem para a Europa; eles não tinham uma supremacia militar na região. Então os dois líderes fizeram um acordo: o litoral da Palestina ficaria com os cristãos e o interior, com os muçulmanos. Além disso, tanto uns quanto outros poderiam circular livremente pelos dois territórios, visitando seus lugares sagrados. Para selar o tratado, muitos dos seguidores do rei entraram na cidade como peregrinos desarmados. Curiosamente, Ricardo não quis segui-los.

Ele voltou ao Velho Continente e foi preso por seus adversários políticos na Alemanha. Enquanto estava no cativeiro, seu maior inimigo e ao mesmo tempo grande admirador, Saladino, faleceu no Cairo. O irrequieto Ricardo Coração de Leão morreu lutando na Europa poucos anos mais tarde, em 1199, aos 42 anos.

Em 1229, o sultão al-Kamil, sucessor de Saladino, assinou um tratado de paz com o imperador Frederico II, da Alemanha, líder da nova Cruzada. O Egito não seria atacado; em troca, Jerusalém, Belém, Nazaré e partes da Galiléia voltariam ao domínio cristão. Em Jerusalém, o Monte do Templo, com a Cúpula da Rocha e a mesquita al-Aqsa, antiga moradia dos Cavaleiros Templários, deveria permanecer em mãos sarracenas, com livre acesso concedido aos maometanos que desejassem ir para lá orar.

Esse acordo só foi possível porque nem o sultão nem o imperador eram homens religiosos. Estadistas memoráveis, intelectuais refinados, governantes de requintado discernimento, estavam apenas dividindo o mundo entre os dois, de acordo com suas conveniências políticas do momento. O tratado desagradou tanto ao papa, em Roma, quanto ao califa, em Bagdá, e também aos imãs muçulmanos e às ordens militares cristãs, para quem a derrota do inimigo infiel era mais importante do que a sua própria vitória.

Os radicais de ambos os lados, para quem a guerra contínua era a razão das suas existências, ficaram sem causa.

Mas não por muito tempo.

Em 1242, os templários romperam o tratado com os árabes e atacaram cidades muçulmanas na Palestina, queimando mesquitas e matando grande parte das populações. Em seguida, fizeram um acordo com o sultão de Damasco para, juntos, enfrentarem Ayyub, filho de al-Kamil, o novo senhor do Egito. Em resposta às novas forças que se uniam, os egípcios contrataram mercenários nômades que viviam ao norte da Palestina. Eles passaram ao largo de Damasco e saquearam Jerusalém, matando todos os seus moradores. Desenterraram os ossos dos antigos reis, sepultados na igreja do Santo Sepulcro, e atearam fogo ao local mais sagrado da cristandade. Depois juntaram-se aos exércitos egípcios, ao sul de Jerusalém, e atacaram os exércitos aliados. As tropas damascenas se puseram em fuga e os latinos foram massacrados em questão de horas. Pelo menos cinco mil soldados foram mortos e oitocentos prisioneiros levados para o Egito, entre eles o líder dos templários, Armand de Périgord, que morreu numa prisão no Cairo.

O rei da França, Luís IX, mais tarde canonizado como São Luís, liderou uma nova Cruzada com o objetivo de conquistar o Cairo, única maneira de manter Jerusalém fora do alcance muçulmano. Os cruzados foram derrotados no delta e o rei acabou preso, caindo em poder de Turanshad, filho de Ayyub, o novo sultão do Egito. Luís IX foi resgatado a peso de ouro e regressou para Acre, uma das poucas fortalezas no litoral da Palestina ainda em poder dos cristãos. Após algum tempo, ele voltou para a França.

Em 1250, morreu na Europa o grande imperador Frederico II. No Cairo, os mercenários mamelucos, contratados para defender o sultanato, rebelaram-se contra seus próprios senhores. Assassinararam o sultão Turanshad e assumiram o poder, encerrando a dinastia iniciada por Saladino no Egito.

Havia chegado o fim de uma era; iniciava-se outra.

CIDADELA

Ao entrarmos na Cidadela, o primeiro prédio imponente que visitamos foi a mesquita de an-Nasir Mohamed, construída pelos mamelucos no século XIV. Havia pouca coisa interessante em seu interior, saqueado ao longo do tempo, mas sua estrutura estava intacta e as partes finais dos seus dois minaretes continuavam cobertas por tijolos vitrificados verdes, evidenciando esse importante elemento arquitetônico e fazendo dela a única mesquita com esse detalhe em todo o Egito.

Em 1258, os mongóis marcharam para o oeste e capturaram Bagdá, assassinando o califa e massacrando a população islâmica. Como os cristãos foram poupados, coube aos egípcios resistir à expansão dessa nova horda de guerreiros asiáticos rumo ao Ocidente. Os mamelucos pediram ajuda aos latinos na Palestina, mas eles se recusaram a apoiar seus inimigos históricos, apenas permitindo que eles cruzassem seus territórios. Em 1260, o Exército

mameluco, liderado pelo sultão Kutuz, derrotou os mongóis ao sul de Nazaré.

Al-Malik az-Zahir Rukn ad-Din Baibars, nascido na margem norte do Mar Negro, fora vendido como escravo pelos mongóis aos egípcios. Treinado como membro da guarda pessoal do sultão numa ilha do Nilo, foi subindo de posto até se tornar comandante do Exército. Fora ele, juntamente com outros oficiais mamelucos, quem assassinara o último herdeiro de Saladino.

Após a vitória sobre os mongóis, irritado com a recusa do sultão Kutuz em recompensá-lo com a cidade de Alepo, Baibars assassinou seu amo e apoderou-se do trono, prosseguindo com a conquista da Palestina e da Síria.

Enquanto na Europa os nobres guerreavam entre si na defesa das suas ambições pessoais, no ultramar as cidades latinas foram deixadas à sua própria sorte, caindo uma a uma diante da impetuosidade de Baibars. Ele saqueou Nazaré e conquistou a fortaleza dos templários de Safed, decapitando todos os homens e formando com suas cabeças um círculo ao redor do castelo. As mulheres e as crianças foram levadas como escravas para o Cairo.

Ele então marchou para Antioquia, matando todos os cristãos das fortalezas que se renderam pelo caminho. Apesar do seu declínio como centro comercial, Antioquia ainda era a maior cidade cristã na Ásia. Baibars a invadiu, fechou seus portões, massacrou a população e seus soldados saquearam e devastaram todas as casas. Tamanha foi a fúria destrutiva das tropas mamelucas que elas acabaram riscando do mapa-múndi essa outrora grande metrópole do Império Romano. Um pouco mais tarde, com a conquista de Monfort, caiu a última fortaleza mantida pelos cruzados no interior da Palestina.

Temendo um novo ataque dos mongóis, os mamelucos assinaram um acordo de paz com os cruzados, deixando-os nas fortalezas ao longo da costa mediterrânea. Com a morte de Baibars, subiu ao poder o comandante do Exército mameluco, Qalawun. Ele invadiu Trípoli e matou todos os prisioneiros homens, levando as mulheres e as crianças como escravas.

Após ter a cidade em suas mãos, o sultão ordenou que ela fosse completamente arrasada para evitar qualquer proveito futuro por parte dos europeus.

Quando um indisciplinado grupo de cruzados recém-chegados da Itália, reagindo aos rumores de que uma mulher cristã fora seduzida por um sarraceno, atacou os muçulmanos em Acre, Qalawun teve o pretexto que desejava para romper a trégua e atacar a maior cidade latina na costa do Mediterrâneo palestino.

O sultão morreu a caminho da guerra e foi sucedido pelo filho, al-Ashraf. Após uma batalha sangrenta, os soldados mamelucos invadiram a cidade, avançando pelas ruas e matando indistintamente homens, mulheres e crianças. Trinta frades dominicanos foram massacrados após a rendição; as freiras foram transformadas em concubinas. Quem conseguiu se esconder em casa foi escravizado e a maioria das meninas desapareceu para sempre nos haréns dos emires egípcios. Acre foi arrasada e o portal da igreja de Santo André foi transferido para o Cairo, como lembrança da gloriosa vitória de al-Ashraf.

A seguir conquistaram Tiro e Beirute, onde transformaram a catedral em mesquita. Nos anos seguintes, os árabes arrasaram as cidades e devastaram a terra no litoral do Mediterrâneo, reduzindo a escombros desérticos os marcos da presença dos europeus no continente asiático.

(Os cristãos só voltaram a Jerusalém quando as tropas aliadas venceram os turcos em Gaza durante a I Guerra Mundial, transformando a Palestina num protetorado britânico. Em 1948, foi criado Israel e em 1967 Jerusalém foi anexada ao Estado judeu durante a Guerra dos Seis Dias. O Monte do Templo permanece nas mãos dos muçulmanos; a Igreja do Santo Sepulcro, nas mãos dos cristãos, onde os cavaleiros cruzados foram substituídos por hordas de turistas apressados.)

Descritos pelo cronista árabe Ibn Wasil como “os templários do Islã”, os guerreiros mamelucos expandiram a Cidadela, ampliaram sua área e adicionaram suntuosos palácios e majestosos haréns, além de embelezarem o Cairo com prédios maravilhosos. Em seus 267 anos de reinado, apesar da

sua crueldade, ou talvez por causa dela, transformaram sua capital no centro comercial, econômico, político e cultural do mundo árabe, governando do Egito à Síria.

Em 1516, os mamelucos foram derrotados pelos turcos. O sultão Selim I anexou o país ao Império Otomano e o Egito tornou-se uma província governada pelos beis, os príncipes vassalos do sultão de Constantinopla.

Como era costume naquela época, os maravilhosos prédios construídos pelos mamelucos foram abandonados. A extraordinária mesquita de an-Nasir Mohamed teve seus mármore arrancados pelo sultão e reutilizados em novos palácios, construídos em homenagem ao novo senhor do nordeste da África.

A Cidadela foi mais uma vez ampliada, destacando-se a mesquita de Suleiman Paxá, no lado leste, e um novo portão de acesso, Bab al-Azab, no lado oeste. Suleiman Paxá era um prédio pequeno, mas podíamos notar claramente a influência da arquitetura otomana em seus belíssimos domos.

Mesmo assim, quando Napoleão invadiu o país em 1798, seus estudiosos consideraram as mesquitas mamelucas os mais belos monumentos islâmicos no Cairo. O general francês chegou acompanhado de 167 cientistas, responsáveis por um grande estudo sobre a cultura local, seus monumentos, a flora, a fauna, e o povo. O resultado desse trabalho foi publicado em *Description de l'Égypte*, uma obra com 24 volumes descrevendo em profundidade os mais de cinco mil anos de história da grande civilização africana.

Em 1801, Napoleão foi obrigado a retirar-se e o poder voltou para os turcos. Mohamed Ali, um soldado do contingente albanês do Exército Otomano, usurpou o poder e passou a governar com o título de paxá. Ao contrário dos franceses, o novo mandatário do Egito mandou destruir todos os magníficos prédios mamelucos dentro da Cidadela, preservando apenas a mesquita de an-Nasir Mohamed, transformada em estábulo.

O sultão, em Constantinopla, tinha preocupações demais para dar atenção à rebeldia do seu vassalo no Egito. Assim, a única ameaça ao poder de

Mohamed Ali eram os nobres mamelucos que ainda gozavam de um certo prestígio na política caiota.

Após visitarmos a mesquita de Mohamed Ali, onde ele estava enterrado, e apreciar a beleza do Cairo do alto da Cidadela, dirigimo-nos ao terraço em frente ao Museu da Polícia para ver o estreito labirinto de ruas levando ao portão de Bab al-Azab. A maioria dos visitantes fora atraída por um café ao lado do jardim, mas eu estava especialmente interessado numa tragédia que ocorrera nessas ruelas, logo abaixo de onde estávamos.

Em 1º de março de 1811, Mohamed Ali ofereceu uma grande festa na Cidadela em homenagem à partida do sobrinho em peregrinação a Meca. O paxá convidou todos os príncipes mamelucos, cerca de quinhentos nobres. No fim para o evento das festividades, na hora de ir embora, os mamelucos montaram seus cavalos paramentados e seguiram em procissão pelos estreitos corredores da Cidadela em direção a Bab al-Azab. Quando se aproximavam da saída, o portão se fechou de repente e uma saraivada de balas desabou sobre suas cabeças, disparadas de cima das muralhas da fortaleza, principalmente do lugar onde eu me encontrava agora. Os soldados de Mohamed Ali se arremessaram sobre os desafortunados sobreviventes e acabaram de matá-los a machadadas. Nenhum escapou com vida.

Havia acabado a época dos honrados homens de guerra, a bravura e a valentia dos cavaleiros substituídas pela traição política. Curiosamente, o sanguinário paxá modernizou não só o Cairo como todo o Egito.

Em 1882, o Egito se tornou colônia britânica, conquistando sua independência somente em 1952, por meio de uma revolução liderada pelo tenente-coronel Gamal Abdel Nasser.

CIDADE MEDIEVAL

Saímos da Cidadela, passamos em frente à mesquita de Ar-Rifai, onde estavam enterrados o rei Faruk, último soberano egípcio, e o xá Reza Pahlevi, último soberano do Irã, e nos dirigimos à mesquita de Aqsunqur. Conhecida como Mesquita Azul devido à cor dos mármore que a cobriam, fora construída em 1347 e estava praticamente em ruínas. Mas nosso interesse era exatamente esse: como estava abandonada, podíamos subir por dentro do seu minarete, de onde nos disseram que veríamos as pirâmides no platô de Gizé, do outro lado da capital. Mal nos aproximamos da mesquita, pouco mais do que uma estrutura abandonada, fomos abordados por um desses incontáveis malandros de rua que infestam os arredores dos monumentos turísticos. Eu os conheço de longa data e de todos os lugares, sendo capaz de identificá-los à distância pelos seus trejeitos falsamente obsequiosos. O sujeito, vestido de modo a não assustar os estrangeiros,

estava em frente a um café e atravessou a rua, na nossa direção, tão logo nos viu apontar na esquina.

Quando saímos do hotel, eu havia separado algumas notas de pouco valor exatamente para esse tipo de gente. A experiência já me havia ensinado: a maneira mais fácil — e mais barata! — de livrar-me desses inoportunos era utilizando alguns trocados de valor insignificante para mim, mas de grande valia para eles. Quando esses caras literalmente colam na gente, cair fora sem lhes dar algo significa perder tempo com discussões, bate-bocas, empurra-empurras, despistes e por aí afora, uma fonte contínua de estresse. Eles sabem disso, e descaradamente usam essa chantagem para ganhar a vida.

Chegamos juntos em frente à mesquita. Não havia porta, nem nada, mas no pátio interno via-se uma placa, onde estava escrito *free*, ladeada por dois caras esparramados em confortáveis cadeiras. Eles eram o que os caiotas chamam de *bauab*, o guardião da *bab*, a porta. Mas no Cairo eles não se limitam a ser simples porteiros, não. Um *bauab*, verdadeira instituição nacional, na definição do escritor Robert Solé em seu livro *Egito*, “não se senta de qualquer maneira. Tem um modo bem particular de escorregar a perna por baixo dele ou de se esparramar, com a barriga estufada, quase deitado. É certo vê-lo, contemplativo, desfilar uma *sebha* (rosário) ou mexer com os dedos do pé. Levanta-se regularmente para cumprir diversas tarefas nos andares do prédio. Jovem e despachado, ele acumulará outras atividades: jardineiro, guardador de carros, corretor imobiliário, até mesmo empregador, terceirizando alguns de seus trabalhos”.

O *bauab* da Mesquita Azul havia terceirizado a tarefa de aliciar os visitantes e levá-los para dentro dessa montanha de entulhos. Em nosso caso, nem era preciso: havíamos decidido espontaneamente subir os degraus do minarete. Mas eles não sabiam disso, claro, e se aquadrilharam para botar suas gordurosas mãos em nossos rasos bolsos. Como o prédio era pouco visitado, por essa ruela quase não passavam turistas, a placa com a palavra *free* servia de isca para atrair a atenção dos esparsos forasteiros, especialmente aqueles ávidos por qualquer coisa que seja “de graça”.

O rapaz nos abordou como fazem todos eles, em todos os lugares: perguntando de que país nós éramos, e em seguida despejando uma saraivada interminável de elogios ao Brasil. Obviamente, o assunto sempre começava pelo nosso maaaaaravilhoso futebol, que eles amam doidamente e pelo qual torcem desesperadamente. Na última Copa do Mundo, inclusive, chegaram a ganhar um bom dinheiro apostando no *brazilian team*. Curiosamente, só encontramos espertalhões que haviam apostado no Brasil...

Como sempre, achei mais fácil dar-lhe um trocado do que perder meu precioso tempo num extenuante corpo-a-corpo para livrar-me dele. Além do mais, a gorjeta é uma tradição no Egito e não respeitá-la é motivo de ofensa. O cara ainda tentou, num péssimo inglês, contar-me uma longa história sobre a mesquita, artimanha invariavelmente utilizada para valorizar o seu trabalho, mas cortei de saída.

— Queremos subir no minarete — disse-lhe quase como uma ordem, antecipando-me às suas objeções.

Os degraus estavam lisos, gastos nas bordas, e não enxergávamos nada no interior da estreita torre. Eu segui atrás do irritadiço sujeito, apalpando com o pé cada degrau antes de colocar o peso do corpo sobre ele, enquanto Beto vinha um pouco mais abaixo, carregando suas câmeras fotográficas e a filmadora. Volta e meia passávamos por algum buraco na muralha e uma réstia de luz clareava um pouco o interior lúgubre da escada, apenas para mostrar que ela ia se estreitando à medida que subíamos. Com dificuldade e muito cuidado, ao fim de um bom tempo saímos no topo, onde uma pequena abertura dava acesso ao precário e estreito balcão circular envolvendo a última etapa do minarete. Parecíamos estar suspensos no ar, muitos metros acima das ruínas da mesquita, lá embaixo.

Refeitos da tensão e com o fôlego recuperado, enquanto o rapaz nos esperava do lado de dentro demos a volta na torre e nos deparamos com uma das visões mais estupendas já apreciadas em minhas viagens: do outro lado do Nilo, camuflados em meio à fuligem e à poluição da cidade, estavam os triângulos das três famosas pirâmides, únicas remanescentes das Sete Maravilhas do Mundo.

Eu havia me preparado para esse momento. Conhecer as pirâmides seria dar contornos de realidade a todas as mágicas fantasias que minha criativamente de estudante podia imaginar quando eu folheava os livros escolares e meus dedos acariciavam o papel sobre o qual aquelas formas enigmáticas se estampavam. Quando pensava na idade delas, no tamanho das rochas utilizadas na sua construção e em como elas haviam sido colocadas umas sobre as outras, meu coração vagava num mundo povoado de mistérios e aventuras sem fim.

Mesmo assim, ao vê-las pela primeira vez, embora fossem apenas um borrão na paisagem distante, meu coração palpitou além da conta, muito mais forte do que eu poderia imaginar. Estar vendo as famosas pirâmides do alto de um minarete abandonado e perigando desabar a qualquer momento só aumentava a minha emoção, paralisado pelo estupor da cena diante dos meus olhos.

— Não vai filmar? — perguntei ao Beto quando me refiz do susto.

— Ah, é! — ele se limitou a dizer, como se minha pergunta o tivesse tirado de idêntico devaneio.

— Não pode filmar aqui de cima — disse o falso guia.

— Pode filmar, sim — eu disse para o Beto. — É apenas uma artimanha para nos extorquirem mais dinheiro na saída.

Tão logo resolvemos descer, o sujeito pediu o seu *baquiche*. Enfiei a mão no bolso e lhe passei algumas notas de pouco valor. Ele as separou, guardando a metade em sua carteira e me estendendo as outras.

— Quando chegarmos lá embaixo — explicou-me —, o senhor me dê, na frente do meu chefe, estas notas. Assim, divido com ele apenas a metade do *baquiche*.

— Ladrão que rouba ladrão... — comentei com Beto.

Eu havia decidido não deixar essa questão ofuscar o momento fascinante pelo qual havíamos passado. Era um problema deles, e o malandro e o *bauab* que se danassem.

Descemos ainda com mais cuidado, pois, agora, ao perigo dos degraus irregulares somava-se o nosso atordoamento pela felicidade de ter visto,

mesmo a grande distância, as... pirâmides do Egito! Não havia sido premeditado, mas até me encontrar sob suas sombras, outros momentos como esse ainda se repetiriam.

Quando passamos pelo *bauab*, resolvi dar-lhe diretamente as notas que ainda estavam comigo, pois o seu terceirizado já havia recebido a parte dele.

A palavra egípcia *baquiche* originou-se do persa *bahsis*, mais tarde transformada em *baksis* pelos turcos e disseminada por todo o Oriente. “O *baquiche* começa no Egito e nos segue até a Índia”, escreveu Jean Cocteau. Originalmente ele designava um ato piedoso ou um gesto de boas-vindas, mas logo teve o sentido derivado para gorjeta, esmola ou, bem pior, propina — conforme a circunstância. Muito cedo aprendi que no Cairo nada se conseguia sem um *baquiche*. Porteiros, garçons, barqueiros, guardiões, taxistas e nem mesmo policiais arredavam pé enquanto não fossem recompensados com algumas libras.

Muitas vezes os policiais estavam patrulhando, montados em camelos, e precisávamos fazer um exercício de contorcionismo para o dinheiro trocar de mãos. Isso em todos os lugares. Se havia uma praça, um monumento ou algo capaz de merecer um minuto do nosso olhar, logo aparecia o vigia esperando pelo *baquiche*. Mesmo nas lojas mais requintadas, quando barganhávamos exaustivamente um preço, ao fazer o pagamento era preciso acrescentar a gorjeta. Trata-se de uma questão de dignidade e honra, quase uma oferenda.

Tão importante quanto o valor da nota oferecida é a maneira de fazê-lo. Dar um *baquiche* não é um simples obséquio, uma caridade para nos livrar do inoportuno pedinte, muito menos um complemento de uma transação comercial ou um estímulo para que uma porta mais resistente seja aberta. Não; dar um *baquiche* é uma cerimônia das mais sofisticadas que podem ser realizadas no Vale do Nilo.

Primeiro, eu precisava colocar a nota entre meus dedos da forma mais imperceptível possível. Ao agradecer ao obsequiado, apertava-lhe a mão e o dinheiro deslizava, sorrateiro, para a outra mão, imediatamente recolhido,

num gesto rápido e elegante. Mandava a etiqueta, por todos observada, agradecer efusivamente antes mesmo de ver a importância ganha. Era um ato praticado mais por tradição do que por ganância. E não respeitá-lo era uma grande ofensa para os supersticiosos caiotas, podendo mesmo trazer alguma desgraça, doença e talvez a morte.

Seguimos nossa aventura urbana pelas infindáveis ruelas da cidade medieval de Al-Qahira, passamos pelas mesquitas de al-Maridani, construída em 1339, Qijmas al-Ishaqi, de 1481, e chegamos ao bairro de Darb al-Ahmar, o coração do Cairo nos séculos XIV e XV, a esplêndida capital dos mamelucos. Ao visitarmos o bazar onde, na Antigüidade, os artesãos produziam os belíssimos tecidos usados para enfeitar as grandes caravanas de mercadores, paramos para um lanche: um pedaço de batata-doce assada na rua e um suco de cana-de-açúcar.

Beto Scliar, filho do escritor e médico Moacyr Scliar, havia saído de casa com a recomendação de evitar alimentar-se nas ruas do Cairo, pois a tradicionalmente pouco higiênica comida dos vendedores ambulantes poderia provocar-lhe alguma indisposição estomacal. A recomendação procedia, mas era difícil de ser posta em prática. Nas primeiras semanas ele fez todo o possível para seguir a prescrição do pai médico, mas aos poucos foi relaxando a orientação paterna e se entregando “aos prazeres da rua”, como eu costumava dizer-lhe. Vendo-me comer de tudo, em qualquer lugar, logo que a fome batia, ele passou a me acompanhar nas degustações dos deliciosos quitutes da popular culinária árabe. Quando seu estômago já estava devidamente corrompido, chegou a gostar das exóticas iguarias, e a dor de barriga dos primeiros dias desapareceu por completo.

— A partir de agora — eu lhe disse, lá pelo meio da viagem —, você está vacinado para comer qualquer coisa, em qualquer lugar do mundo.

No bairro medieval, os artesãos continuavam trabalhando no mesmo lugar e quase da mesma forma, fabricando as lindíssimas tendas utilizadas nos funerais islâmicos e nas festas de casamento dos moradores da vizinhança. Cruzamos pelo portão de Bab Zweila, construído no século X,

atravessamos o mercado onde os caiotas se abastecem desde a época dos fatímidas, passamos ao largo de diversas mesquitas e chegamos a al-Azhar.

Fundada em 970, a mesquita-universidade de al-Azhar é uma das mais impressionantes instituições religiosas do mundo islâmico, além de ser a mais antiga universidade em funcionamento no planeta, atraindo estudiosos de todos os continentes. Ela tem como missão principal zelar pelas tradições muçulmanas, cabendo ao seu xeque a última palavra nas questões teológicas do islamismo. Centro do conservadorismo religioso do Egito, muitas vezes o poder dos seus líderes se confunde com o poder secular do Estado nacional.

Tão logo paramos diante do pórtico da mesquita, apreciando a sua bela fachada, fomos abordados pelo *bauab*. Aos poucos íamo-nos familiarizando com essa tradição caiota; eles estavam em todos os lugares por onde precisávamos passar. Às vezes, usavam uniformes e armas, principalmente fuzis e metralhadoras, e pertenciam à polícia ou ao exército. Era incrível, mas nem esses dispensavam a cadeira.

— Este deve ser o único país do mundo onde os policiais montam guarda sentados — comentou Beto.

O *bauab* de al-Azhar prontificou-se a nos mostrar o interior do prédio. Ele foi tão insistente que nem sequer nos deixou apreciar sua beleza externa, alegando que ele fecharia em breve e, caso não o seguissemos logo, não poderíamos mais fazê-lo (mais tarde descobri que a mesquita funcionava 24 horas por dia). Deixamos os calçados e acompanhamos o prestativo homem, que se derramou em elogios ao Brasil quando soube que éramos brasileiros.

— Os brasileiros são iguais aos egípcios, gente muito boa — ele disse.
— Somos povos muito amigos e também adoramos o futebol brasileiro.

— Obrigado — respondeu Beto educadamente.

— Não gostamos dos americanos e franceses — insistiu o egípcio.

Eu apenas pisquei para o Beto e deixei a visita prosseguir. Começamos por uma sala especial, do lado esquerdo, onde pudemos ver o lindo *mihrab*, um nicho na parede indicando a direção de Meca, sob uma bela cúpula ricamente pintada. Nosso amigo tinha uma voz muito bonita e nos recitou o chamado do muezim. Em seguida, mostrou-nos o imenso pátio, com seus três

minaretes construídos nos séculos XIV, XV e XVI. Dentro do *haram*, a nave principal da mesquita, com capacidade para 1.500 fiéis, um imã ensinava lições do Alcorão a um grupo de jovens enquanto preparavam o *minbar*, o púlpito sobre o qual outro imã faria a *khutba*, o sermão do meio-dia.

Ao sairmos da mesquita, o *bauab*, que espontaneamente havia nos acompanhado, pediu um *baquiche*. Irritado, desta vez neguei-me a dar-lhe a tal gorjeta; ele atrapalhara mais do que ajudara. Ansioso para explorar outro visitante, nos fez passar quase correndo por dentro da famosa mesquita, deixando-me indignadíssimo. O trambiqueiro insistiu e eu lhe lasquei um sonoro “não!”. Ele ficou irado, e quando viu que não adiantava reclamar, não ganharia nada, mudou de idéia sobre o Brasil.

— Os brasileiros não prestam, são gente ruim — esbravejou, colérico.
— Não gostamos dos brasileiros. Preferimos os franceses e os americanos. Esses sim, são gente boa.

Ahã!

Atravessamos a rua e nos dirigimos a outra mesquita, a de Sayyidna al-Hussein, um dos mais sagrados lugares islâmicos do Egito. Ela guarda um relicário onde acreditam estar enterrada a cabeça de Ibn al-Hussein, um dos netos do Profeta. Proibida a não-muçulmanos, precisei ir até o mercado Khan al-Khalili, nas redondezas, fundado no século XIV, comprar uma *gallabeya* para entrar sem ser molestado pelos *bauabes* que ficavam na portaria recolhendo os calçados dos fiéis.

Vesti a túnica de algodão sem gola, toda branca, por cima das roupas, deixei minha pequena mochila com o Beto, que ficou fotografando o movimento do lado de fora, e me dirigi ao interior do templo, camuflado atrás do meu cavanhaque. Era meio-dia, sexta-feira, e eu queria ouvir o tradicional sermão. Sentei-me num banco encostado na parede dos fundos, junto com alguns anciãos, posição bem mais confortável do que ficar ajoelhado no chão, e acompanhei atentamente as palavras do imã. Não entendi nada, ele pregava em árabe, mas a paz e a tranquilidade na mesquita valiam o risco de ser descoberto e jogado para fora a pontapés, como já me

havia acontecido na Índia, quando me descobriram num templo proibido aos não-hinduístas.

Para concluir as novidades do dia em alto nível, fui ao El Fichauí, ali perto, a mais tradicional *ahwa* da cidade, uma cafeteria que se gabava de ter ficado aberta 24 horas por dia nos últimos duzentos anos.

— Exceto no Ramadã — contou-me o garçom, todo prosa.

Eu queria fumar uma *chicha*, a versão egípcia do narguilé turco. Quando estou no Brasil, nunca fumo — mas em viagem não me nego a seguir os costumes locais. O café ficava numa das aléias do mercado, com mesinhas de mármore do lado de fora e espelhos refletindo os néons multicoloridos no interior. A atmosfera lembrava o Cairo cosmopolita de antigamente, ponto de encontro dos dândis europeus, que perambulavam pelas mil e uma noites da grande metrópole árabe em busca de diversão.

Pedi a versão *tofah*, a mais popular. O tabaco, picado e macerado no melaço, veio embebido em suco de maçã, liberando um aroma adocicado sem afetar o sabor acre do fumo. Uma piteira descartável encaixada na ponta do tubo garantia a higiene necessária aos clientes do café, outrora freqüentado pelo escritor Naguib Mahfuz, prêmio Nobel de Literatura de 1988. Os egípcios não ingerem bebidas alcoólicas, de modo que os encontros com os amigos ocorrem nos cafés, com a *chicha*, o costume mais arraigado do país e um dos poucos lazeres públicos permitidos às mulheres, especialmente às jovens.

Quando aspirava com força, a água perfumada dentro do vaso de vidro fazia borbulhas ao ser deslocada pela fumaça. Essa subia filtrada, passava pelo longo tubo, cruzava pela mangueira flexível e me saía branda na boca, uma absorção suave — logo expelida. Como a maioria dos clientes estava fumando, uma cortina de névoa amarelecida envolvia o ambiente. Alguns bebiam chá preto ou tomavam café turco, mas o que se ouvia mesmo era o crepitar das brasas no forninho, queimando o tabaco. Quando elas começavam a se apagar, o *raiyyis* vinha e as trocava por outras mais novas,

obrigando-me a dar-lhe um generoso *baquiche*, algo que não me incomodava quando o garçom era mesmo eficiente.

Os caiotas são animados e extremamente alegres. Logo que a noite caía, as grandes avenidas ficavam cheias e as cafeterias e os restaurantes, repletos. Em frente aos cinemas, as pessoas se aglomeravam em tal quantidade que chegavam a interromper o trânsito na rua. Famílias inteiras, normalmente com muitos filhos, passeavam pelas calçadas, divertindo-se com as vitrinas bem-iluminadas das inúmeras lojas abertas até altas horas da noite. Caminhar entre gente tão alegre e descontraída era muito agradável, especialmente quando nos dirigíamos, após um longo dia, a um bom restaurante.

Certa noite decidi jantar no Café Riche, levar o Beto para conhecer o lado glamouroso do Cairo. Além do mais, ele já estava intoxicado com a comida dos mercados públicos; chegara a hora de ele dar uma folga ao estômago, antes que ele se revoltasse de vez.

Fundado em 1908 e recentemente restaurado, mantendo o mobiliário original, o Café Riche é uma das mais tradicionais instituições caiotas e também um dos melhores restaurantes da cidade. Decorado com uma série de fotos dos barões da cultura local, era o lugar onde os conspiradores, liderados por Nasser, se reuniam durante o período em que o Egito esteve sob o domínio colonial britânico, e onde, nos anos 60, Naguib Mahfuz organizava saraus literários, reunindo os principais escritores e intelectuais da capital.

Comi *hamam*, um dos pratos mais tradicionais do país: pombo grelhado recheado com arroz aromático acompanhado de batatas fritas, ervilha, vagem e cenoura. Há quatro mil anos, no Antigo Império, os pombos já faziam parte do cardápio, tradição mantida até os dias atuais, especialmente no interior do país. De sobremesa, uma gostosa *mouhalabia*, arroz-doce salpicado com coco ralado. Por ser um dos locais mais cosmopolitas do Cairo, freqüentado por diplomatas e homens de negócios estrangeiros, pude tomar uma cerveja, algo pouco comum num país muçulmano.

Beto comeu espaguete.

O MERCADO DE CAMELOS

Costumo utilizar o transporte coletivo para me deslocar pelo interior dos países por onde viajo. Levo mais tempo, mas gasto menos e tenho uma boa oportunidade de fazer contato com os moradores, com quem sempre se aprendem coisas interessantes. Mas essa expedição tinha um formato diferente. Estava acompanhado por outro profissional e, principalmente, com uma parafernália de equipamentos fotográficos e de filmagem. Seria insano tentar viajar em alguns dos lotadíssimos ônibus metropolitanos carregando todo esse material. Como Beto Scliar também tinha um generoso patrocinador, podíamos dividir todas as despesas. Assim, contratamos um carro para nos transportar pelos arredores da capital sem extrapolarmos em demasia o nosso orçamento.

Saímos bem cedinho com o taxista Mohamed para visitar o maior mercado de camelos do Egito, em Birqash, distante 45 quilômetros, em direção ao delta. A Rádio Cairo tocou a versão árabe do “Biquíni de bolinha

amarelinha” e depois lascou um legítimo tango argentino. O simpático motorista núbio tinha sobre o painel um pequeno abacaxi de plástico, desses que emitem um assobio quando se aperta. Ele gostava de colocá-lo para fora da janela e acioná-lo sempre que alguém cometia uma barbeiragem, uma maneira bem-humorada de enfrentar a neurose do trânsito caiota, um dos mais enroscados do mundo.

Levamos uma hora cruzando por um emaranhado de canais que irrigavam férteis lavouras, cada palmo de terra negra plantado, onde os felás trabalhavam agachados, com suas *gallabeyas* marrons presas entre as pernas. Dava gosto ver esses obstinados agricultores colhendo enormes repolhos, descomunais pepinos, gigantescos tomates e um sem-fim de hortaliças. Aos poucos, eles iam enchendo grandes bolsas presas nos dois lados dos lombos dos burros, a dádiva do Nilo levada para alimentar os dezessete milhões de habitantes do Cairo.

Quando perguntei ao Mohamed se ele sabia nos levar até Birqash, prontamente respondeu que sim. Depois perdemos um bom tempo na estrada indagando a um e outro onde ficava o grande mercado de camelos. Além desse contratempo, eu sabia que mais um inconveniente nos esperava no final do dia, quando fôssemos pagar a corrida: ele argumentaria que precisara rodar mais do que imaginara, assim deveríamos pagar um extra, além do valor previamente acordado. E, claro, mais o *baquiche*. Estava pensando nessas coisas, imaginando o meu prejuízo adicional, quando chegamos à tal aldeia.

O mercado era, na verdade, uma grande área cercada, formado por dezenas de pequenos currais onde centenas de camelos eram negociados diariamente, a maioria vinda do interior do Sudão, primeiro em enormes tropas e depois em caminhões cameleiros, uma viagem de semanas. Havia também camelos egípcios, de várias partes do país, inclusive da península do Sinai, e alguns, de lugares tão distantes quanto a Somália.

Quando os animais chegavam, muitos estavam magérrimos, enquanto outros serviam apenas para o abate. Mesmo assim, os comerciantes os açoitavam impiedosamente para que permanecessem em linha e pudessem

ser observados pelos compradores, enchendo os currais com os zurreos desesperados dos pobres bichos.

Nem eram camelos, mas dromedários: tinham uma única corcova. Mesmo assim eram chamados de camelos, hoje e desde sempre. Capaz de transportar até duzentos quilos e de alcançar quarenta quilômetros por hora, o camelo egípcio se alimenta com quase nada, contentando-se com os galhos ressequidos dos arbustos encontrados em grande parte do deserto. Pode ficar sem beber por longo tempo, graças à elasticidade dos glóbulos vermelhos do seu sangue, e a regularidade do seu passo compensa sua feiúra, uma cabeça chata na ponta de um pescoço comprido demais transportado por quatro patas largas e pernas desproporcionais.

Eles eram comprados tanto para o abate quanto para trabalhar nas fazendas do delta. A maioria era vendida por dinheiro, alguns eram trocados por ovelhas, cabras e cavalos. Um camelo num estado bem razoável me foi oferecido por quinhentos dólares, um preço alto demais para o Egito. Cheguei a entrar no curral para examinar-lhe os dentes, mas o negócio não saiu, embora o esperto vendedor me promettesse entregar o animal na minha casa, por certo não fazendo a mínima idéia do que isso significava.

— Amanhã — garantiu-me o vendedor, ao ver minha expressão de desaprovação diante do bicho — haverá muitos outros camelos e você poderá comprar um animal melhor por um preço mais razoável.

— Amanhã — respondi-lhe — vou estar bem longe daqui.

Quando voltávamos para o Cairo por uma estrada secundária, ao fazermos uma curva fomos surpreendidos por uma visão fenomenal: as pirâmides de Gizé vistas a partir do delta, por entre palmeiras e campos verdes. Suas três enormes silhuetas triangulares se delineavam contra o horizonte, uma posição que eu jamais imaginara existir. Fissurado pela magia arquitetônica dos faraós, eu achava que já tinha visto as pirâmides de todos os lados e ângulos possíveis. Agora me dava conta de outra realidade: eu só as conhecia, mesmo em filmes ou fotografias, a partir do Cairo ou do deserto. Não imaginava, por isso, que elas pudessem moldar o horizonte de

um vale verde, onde a vida vegetal explodia em abundância e variedade de tons.

— Pare o carro — gritei quase histérico para Mohamed e saltei.

Logo atrás veio Beto, cambaleando com suas câmeras, lentes, filmes e tripés. Às vezes me compadecia do seu esforço e o ajudava com as tralhas, embora nos preparativos da expedição eu tivesse deixado claro que cada um deveria levar somente o que pudesse transportar. Apenas me esqueci de alertá-lo de que essa regra, a do cada um por si e Deus por todos, só valeria quando — e se — nos deparássemos com alguma situação inesperada e precisássemos fazer uma, digamos... retirada estratégica. Mas ele seguiu minha recomendação tão a sério que, para não correr o risco de deixar para trás seu caro equipamento, acabou não levando roupas, calçados e abrigos, precisando comprá-los aos poucos, ao longo da viagem, à medida que foi confiando na minha ajuda. Ele teve um bocado de trabalho por conta desse contratempo, mas em momento algum reclamou.

— Por que será que nunca fotografaram as pirâmides deste ângulo? — perguntei ao Beto, enquanto ele ajustava o equipamento de filmagem.

— Talvez porque essa fosse uma surpresa especial para nós, um prêmio por nos aventurarmos nessa estradinha completamente fora dos roteiros turísticos do Egito.

— Maravilhoso! — exclamei.

Mas essa afirmação nem de longe eximia a magnitude do que eu estava sentindo. Fiquei imaginando então como seria estar sob suas sombras. Ou o que eu realmente sonhava: percorrer seus labirintos e entrar na sala mortuária do faraó!

COPTAS

Dedicamos alguns dias a visitar o pequeno bairro copta, especialmente a sinagoga construída no local onde a filha do faraó encontrou Moisés e a igreja sobre a gruta onde a Sagrada Família esteve abrigada quando fugiu da Palestina para o Egito.

Tomamos a barca pública num ancoradouro um pouco acima do Museu Egípcio do Cairo e subimos lentamente o Nilo, quase uma hora de deslumbramento. Cruzamos o nilômetro na ilha Rhoda e desembarcamos em Masr al-Qadimah, o bairro conhecido como Velho Cairo, a região mais antiga da capital, onde Roma havia construído a Babilônia do Egito. Tanto ela quanto Fustat, Al-Qahira e as próprias pirâmides de Gizé foram abocanhadas pela grande metrópole, ficando dentro do seu perímetro urbano.

Após uma curta caminhada pelas ruelas do antigo bairro, um dos locais mais tradicionais e conservadores da cidade, onde meu guia de viagem

recomendava não usar bermudas para não agredir a sensibilidade religiosa dos seus moradores, chegamos às portas da cidade murada.

Originalmente “copta” significava “egípcio”, e eles são, na atual população, os descendentes diretos do povo do Antigo Egito, com o qual mantêm continuidade racial. A palavra é uma abreviação do grego *aiggyptos*, termo oriundo da expressão *Hut-Ka-Ptah* — o castelo do *ka* (espírito) de *Ptah* (o deus criador, adorado em Mênfis). Atualmente designa apenas uma filiação religiosa: os coptas são os egípcios que não se converteram ao Islã, permanecendo cristãos. E, por conta dessa opção, sofrem constantes discriminações por parte dos compatriotas muçulmanos mais exaltados.

Cristãos monofisistas, eles negam que Jesus Cristo tivesse duas naturezas: humana e divina. Além disso, seu calendário não começa no nascimento de Cristo, mas em 284, data da ascensão ao trono de Diocleciano, o imperador sanguinário. Embora fundada por Marcos, o Evangelista, no século I, o que faz da Igreja Copta a mais antiga da cristandade, seus seguidores, por refutarem a natureza humana de Cristo, foram considerados hereges pela Igreja Católica no concílio de Calcedônia, em 461. Sua língua, camito-semítica, originada do egípcio antigo, escrita a partir do século III com caracteres derivados do grego, atualmente se restringe ao uso litúrgico, pois falam árabe no seu dia-a-dia.

A principal entrada para o bairro ficava entre as ruínas das torres que protegiam o portão ocidental da fortaleza, construída onde havia uma aldeia egípcia do século VI a.C. As torres estavam sendo restauradas, permitindo que víssemos a solidez da construção romana.

Acredita-se que o templo do profeta Jeremias, onde ele abrigou os judeus que fugiram para o Egito quando Nabucodonosor destruiu o Templo de Jerusalém, em 586 a.C., fizesse parte do tal povoado egípcio. Nesse mesmo local, no século IV d.C., fora erguida uma igreja cristã, e no século IX foi construída a atual sinagoga. No século XII, ela foi restaurada pelo rabino de Jerusalém, Abraão Ben Ezra, que lhe cedeu o nome. Após ficarmos um longo tempo admirando o interior da sinagoga, fomos até os

fundos do prédio, para conhecer o poço onde Moisés fora encontrado pela filha do faraó.

Após o Império Romano se tornar cristão e antes do islamismo chegar ao Egito, havia mais de vinte igrejas cristãs dentro da cidade fortificada, além de algumas sinagogas, isso numa área com cerca de um quilômetro quadrado. Elas eram conectadas por estreitas aléias cercadas por altíssimos muros, lembrando a parte antiga de Jerusalém, pois nos anos 70 d.C., quando os romanos destruíram o novo Templo de Jerusalém, mais uma leva de judeus fugiu para o Egito.

Visitamos também a cripta, no subsolo da igreja dedicada a São Sérgio da Babilônia — o mártir morto na Síria durante as perseguições de Diocleciano —, onde a Virgem Maria descansou com Jesus quando, fugindo de Herodes, migrou para o Egito. Estando num país cujas crenças religiosas eram completamente estranhas, a Sagrada Família procurou abrigo entre os judeus morando na Cidadela, mesmo sendo uma fortaleza romana. Segundo alguns historiadores José tinha parentes no local, facilitando assim a permanência da família em solo egípcio.

A gruta subterrânea, com seis metros de comprimento por cinco de largura e 2,5 de altura, ficava submersa durante dois meses por ano, por ocasião das cheias do Nilo. A arqueóloga Fernanda de Camargo-Moro, em seu livro *Nos passos da Sagrada Família*, conta que “o contato da água com o lugar faz com que ela passe a ser considerada sagrada, e porções dela são muito solicitadas pelos fiéis, principalmente pelos peregrinos que ali acorrem por volta do dia 24 do mês copta de Bashens, ou seja, 1º de junho no calendário gregoriano, data em que a Igreja copta festeja a Fuga para o Egito”.

As escadarias que levam ao interior da cripta sagrada ficavam do lado esquerdo da nave central, bem ao fundo, perto do altar, de acesso difícil devido à grande quantidade de peregrinos desejosos de visitá-la. Enquanto Beto fotografava a velha igreja — rica em detalhes para um fotógrafo profissional —, repleta de fiéis e sacerdotes coptas, pude dar uma rápida espiada no local onde o menino Jesus dormira algumas noites. Embora

tivéssemos chegado na hora do ofício e uma ladainha enchesse o lugar de sons litúrgicos, o ambiente era de uma paz extraordinária, totalmente alheio à algazarra em que estávamos mergulhados desde que havíamos chegado ao Cairo.

Na saída da cidade murada, ao passarmos em frente à igreja suspensa, construída no alto do antigo portal meridional da fortaleza, dedicada à Virgem Maria e considerada pelos antigos viajantes europeus a mais importante do Egito, fomos abordados por um grupo de estudantes. Queriam conversar, trocar amabilidades, satisfazer sua curiosidade juvenil. No final, ganhamos diversos santinhos com a estampa da Virgem com o menino Jesus no colo, reproduções dos ícones coptas pintados nas igrejas do bairro.

MUSEU EGÍPCIO DO CAIRO

Se me demorasse apenas um minuto diante de cada obra, precisaria de nove meses para conhecer as 120 mil peças expostas no Museu Egípcio do Cairo. Mesmo assim, o belo prédio neoclássico, construído em 1902, guarda apenas uma pequena parte da herança faraônica; outro tanto jaz nos acervos de diversos museus, principalmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha e na Itália. Obeliscos egípcios milenares enfeitam praças em Paris, Londres e Nova York.

Ao longo dos séculos, o Egito foi saqueado por aventureiros dos quatro cantos do mundo, especialmente pelos que estavam a serviço dos cônsules franceses e britânicos sediados em Alexandria, que depois venderam suas coleções a peso de ouro aos governantes europeus. “Às vezes, para o próprio bem do patrimônio, é preciso que se diga, pois corriam o risco de serem destruídos ou reutilizados como matéria-prima”, afirma o escritor

egípcio Robert Solé. Somente nas últimas décadas o interesse passou dos comerciantes de antigüidades para os estudiosos de arqueologia.

Um dos mais célebres caçadores de tesouros foi o cônsul britânico Henry Salt. Ele contratou o aventureiro italiano Giovanni Belzoni e o enviou Tebas com a missão de transportar para Londres uma cabeça colossal do faraó Ramsés II. Além de cumprir a missão, até então considerada impossível devido ao tamanho descomunal do busto de pedra, hoje no Museu Britânico, Belzoni fez uma colheita considerável na região. Entre 1815 e 1819, descobriu seis túmulos reais, entre os quais o do faraó Sêti I, pai de Ramsés II. Na Europa, organizou exposições, publicou relatos da viagem acrescidos de desenhos e, como todo aventureiro que se preza, morreu nos confins da África, liderando uma grande expedição em busca da nascente do rio Níger. Filho de um humilde barbeiro, Belzoni acabou virando personagem lendário, citado como modelo para os estudantes, que eram presenteados com seus livros quando obtinham boas notas no fim do ano.

Havia muito para ser visto no museu caiota, em outros museus no interior e sobretudo nos sítios arqueológicos espalhados por todo o território, especialmente no Vale do Nílo, onde estavam os templos, as pirâmides e a maioria das tumbas dos faraós. Isso, para falar apenas da herança conhecida. Para Zahi Hawass, o mais importante egiptólogo do país, só trinta por cento das riquezas deixadas pela civilização faraônica são conhecidas; a maior parte permanece sob as areias do Saara, opinião confirmada por contínuas descobertas.

Em 1999, um policial fazia sua patrulha rotineira nos arredores da pequena cidade de Bawiti, no oásis Bahariya, quando a pata do burro em que estava montado caiu num buraco. Ao apear para ajudar o animal a livrar-se da incômoda situação, ele próprio afundou no chão, acabando por descobrir um cemitério repleto de múmias que jaziam intactas havia mais de dois mil anos, uma das mais espetaculares ações do gênero no Egito. Novas descobertas, algumas por acaso, outras nem tanto, continuam a ocorrer e ainda deverão se prolongar por muito tempo, um ímã irresistível que atrai

continuamente bisbilhoteiros de toda espécie, inclusive gente com a falsa desculpa de escrever livros sobre o assunto.

Obviamente, não tínhamos nove meses para visitar o museu, nem era esse o objetivo da expedição. Detivemo-nos um dia em seu interior conhecendo as peças mais importantes, especialmente as provenientes das regiões por onde passaríamos nas semanas seguintes: as pirâmides nas proximidades de Mênfis e do Cairo, Alexandria, os oásis no deserto do Saara, Assuã, Luxor e o Vale dos Reis, onde pretendíamos encerrar a viagem. O museu nos daria uma prévia do que encontraríamos pela frente, sendo uma boa forma de começar a entender tão complexa civilização.

Esse era o projeto, embora nada garantisse que seria possível realizá-lo na íntegra — o Egito tem muitas surpresas, como em breve descobriríamos. De qualquer modo, nossa visita ao museu seguiu esse critério. A idéia era visitá-lo novamente na volta ao Cairo, complementando as informações colhidas ao longo da jornada. No fim, acabou se tornando um belo plano, habilitando-me a colocar nos seus devidos lugares as peças desse enorme quebra-cabeça chamado Egito dos Faraós, um mosaico que até então havia chegado ao Brasil extremamente fragmentado.

Minha primeira descoberta no museu foi que, no início dos tempos, grande parte do atual deserto do Saara era forrada por uma fina savana. À medida que essas terras secavam, suas populações nômades iam sendo empurradas em direção a uma longa, estreita e profunda garganta escavada pelo Nilo no planalto desértico. Ele atravessa o Saara, no sentido sul/norte, desde o lago Vitória, na Tanzânia, até o Mediterrâneo, no nordeste da África. Em grande parte do trajeto, o rio foi depositando uma espessa camada de rico sedimento barrento, formando um vale espantosamente fértil.

Nos seus últimos 1.200 quilômetros, uma região agrícola densamente povoada, moravam diversas tribos independentes. O rio fornecia também água para beber, peixes e aves aquáticas usados na alimentação das populações ribeirinhas. Em seus pântanos cresciam diversas plantas, entre as quais o papiro, mais tarde utilizado na fabricação de uma espécie de papel.

Para esses agricultores primitivos, conhecer o ritmo das enchentes era fundamental. Se elas fossem fortes, provocavam destruições; se fossem fracas, a seca dificultaria o cultivo. Para acompanhar a intensidade dessas inundações, criaram o nilômetro, escavado às margens do rio. Conforme a água subia no poço, eles conseguiam determinar o nível das cheias, podendo planejar suas atividades agrícolas.

Com o passar dos séculos, as aldeias do vale foram se unindo e acabaram formando dois grandes reinos: Shemau, conhecido como Alto Egito, ao sul, governado por um soberano identificado por uma coroa branca, e Ta-mehu, ou Baixo Egito, ao norte, governado por um soberano identificado por uma coroa vermelha. Além do vale, a transição para o deserto era abrupta e chocante: a leste, o planalto desértico se elevava gradualmente até uma linha denticulada de montanhas rochosas que costeavam o Mar Vermelho; a oeste, com exceção de alguns oásis, o deserto se estendia por uma zona nua, silenciosa, varrida pelo vento, coberta de cascalho e areia, cobrindo uma distância de mais de 4.500 quilômetros até o oceano Atlântico.

Os historiadores começam a contar a história desses povos aproximadamente a partir do ano 3500 a.C., um período denominado pré-dinástico, que se estendeu até 3200. O século seguinte, entre 3200 e 3100, foi classificado de protodinástico.

Em 3100 a.C., esses dois reinos foram unificados em termos territoriais e políticos, originando um poderosíssimo império governado por um único soberano, mais tarde denominado faraó, um nome bíblico utilizado para designar o palácio onde ele morava e que acabou se transformando num título de nobreza.

Os faraós governaram entre 3100 e 332 a.C., mais de 170 reis divididos em trinta dinastias. O reino teve três períodos de esplendor, Antigo Império, Médio Império e Novo Império, intercalados por épocas de distúrbios internos. As peças do museu estavam dispostas nessa mesma seqüência cronológica.

Na entrada do átrio central estava a paleta de Narmer, fundador da 1ª dinastia. Datada de 3100 a.C., ela mostra o faraó usando a coroa do Alto Egito em um dos lados e a coroa do Baixo Egito do outro lado, primeiro sinal da unificação do território sob o poder de um único governante, dando início ao primeiro Estado da história humana. Narmer instalou sua capital em Mênfis, e desde então os faraós passaram a usar a coroa dupla, vermelha e branca. Esse período, conhecido como Arcaico, se estendeu até a 3ª dinastia, em 2650 a.C.

Por essa época, o faraó Dsojer, da 3ª dinastia, mandou construir, numa região chamada Saqqara, a primeira pirâmide egípcia. Uma imagem sua, descoberta em 1924, era a estátua importante que se avistava no museu.

Durante o Antigo Império (2650–2150 a.C.) foram construídos grandes diques para controlar as inundações, represando as correntes quando das cheias excessivas, responsáveis por grandes estragos, e distribuindo água para as plantações mesmo nos períodos de estiagem. Essas obras públicas, tanto no campo quanto nas cidades, eram comandadas por funcionários do Estado e executadas por pessoas das comunidades locais, empregadas especialmente durante o período das enchentes, quando a prática da agricultura se tornava impossível, deixando boa parte da população sem trabalho. O controle dos custos e do tamanho das obras, assim como a participação de milhares de trabalhadores, contribuíram para uma grande centralização de comando nas mãos do soberano.

Nessa época, os faraós conquistaram imenso poder, transformando-se na principal figura da sociedade. Eram considerados deuses vivos, filhos de deuses e representantes dos deuses na Terra, servindo de intermediários entre eles e a população, e em cuja honra realizavam-se inúmeros cultos. Tinham autoridade absoluta sobre a sociedade e concentravam os poderes político e espiritual da nação. Os faraós da 4ª dinastia (2575–2465 a.C.) aproveitaram a riqueza e a popularidade e construíram as famosas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, mausoléus gigantescos onde foram enterrados junto com seus pertences.

Na ala esquerda do museu estava o que alguns consideram sua peça mais importante: uma estátua de Quéfren em tamanho natural, finamente talhada num diorito preto polido. Esculpida há mais de 4.500 anos, representava o faraó sentado num trono e tendo a cabeça protegida pelas asas de Hórus, o deus-falcão. Era apenas uma das 23 peças que originalmente ladeavam o corredor entre o templo do faraó, no Vale do Nilo, e sua pirâmide, no planalto de Gizé. Um pouco mais à frente havia uma pequena imagem de Quéops talhada em marfim, com apenas oito centímetros de altura. Ironicamente, ela é a única representação existente do faraó que mandou construir a mais alta pirâmide egípcia.

A enorme concentração de poderes nas mãos do faraó acabou gerando alguns conflitos: os grandes proprietários de terras e os chefes das diversas regiões administrativas em que o reino havia se dividido não aceitaram a situação e procuraram diminuir a influência do monarca, disputas que acabaram por enfraquecer o poder político do Estado.

Após uma longa guerra civil, o Egito foi mais uma vez reunificado sob o poder de um único faraó, Montuhotep II, estabelecendo uma nova capital em Tebas, onde atualmente está a moderna cidade de Luxor, dando início ao período classificado pelos historiadores como Médio Império (2040–1640 a.C.). Conquistas territoriais trouxeram nova prosperidade econômica e a vida voltou ao esplendor no nordeste da África.

A estátua de Montuhotep II, uma das mais importantes do museu, que mostra o faraó com a pele negra, significando renascimento, foi encontrada casualmente pelo arqueólogo britânico Howard Carter em Tebas, em 1900, quando o chão do templo ruiu sob o peso do seu cavalo.

Algumas agitações internas voltaram a enfraquecer o império, o que possibilitou, por volta de 1640 a.C., a invasão dos hicsos, povo nômade de origem asiática. Eles permaneceram no Egito durante um século, até serem expulsos pelos príncipes tebanos.

O Novo Império (1550–1070 a.C.), conhecido como a Idade de Ouro dos faraós, foi marcado por enormes conquistas territoriais, e o deus local de Tebas, Amon, começou então a recolher os frutos do êxito retumbante que

oferecera aos reis tebanos, tornando-se adorado em todo o império. Um grande templo em sua homenagem foi construído em Karnak, nas cercanias da capital. Ampliado e enriquecido por cada um dos faraós que se sucederam nos cinco séculos seguintes, Karnak se tornou o centro espiritual do Egito.

No outro lado do rio, o grande Tutmés I se tornou o primeiro faraó enterrado no Vale dos Reis, próximo ao local onde sua filha Hatshepsut, a primeira mulher faraó, construiu um magnífico templo. Para confundir os saqueadores, o túmulo real deixou de ser coberto por uma pirâmide, passando a ficar escondido num labirinto de salas escavadas na montanha.

Por essa época, a força de Amon era imensa a ponto de dividir o poder com o faraó. Ele não se limitava a gerar os reis e a lhes assegurar as vitórias, pois na prática sancionava também decisões importantes por intermédio dos oráculos do templo. Os sacerdotes de Amon tinham ao seu dispor uma imensa riqueza, e em certos momentos foi-lhes outorgada autoridade sobre todo o clero nacional.

Em 1352 subiu ao trono Amenófis IV, momento em que a nação estava em seu máximo esplendor. Com o objetivo de alterar a relação entre o rei e os deuses, especialmente o desequilíbrio entre o faraó e Amon, ele se baseou numa versão do velho culto solar, que excluía totalmente Amon e elevava o rei a uma quase igualdade com Aton, o deus-sol, adorado sob a forma do disco solar. O faraó mudou de nome, passando a chamar-se Aquenáton. Casado com a bela e poderosa Nefertiti, sua atitude monoteísta chocou o poderoso clero tebano, e ele entrou para a história como “o herege”.

Uma rápida olhada na sala dedicada a Aquenáton, na ala norte do museu, já era suficiente para notar a mudança provocada por sua nova doutrina. As imagens deixaram de seguir o estático padrão do clássico desenho egípcio, voltando-se para um surpreendente naturalismo. O faraó é representado com o rosto alongado, olhos amendoados, pálpebras pesadas, queixo proeminente e lábios carnudos. O mais surpreendente de tudo, no entanto, era uma cabeça de Nefertiti. Embora inacabada, esculpida em quartzito castanho-claro, é incrivelmente delicada e sensível. Mostra uma mulher extraordinariamente

bela, ao contrário das imagens das outras rainhas, normalmente retratadas com feições masculinas.

Com a morte de Akenátton, sua cidade foi destruída e um dos seus sucessores, Tutancâmon, revogou a reforma religiosa.

As galerias dedicadas a Tutancâmon ocupam quase metade do segundo piso do museu. Seu reinado não foi importante, mas ele teve a sorte de ser desenterrado somente em 1922. Preservados dos saqueadores por estarem embaixo da grande tumba de Ramsés VI, os milhares de itens descobertos, especialmente sua extraordinária máscara de ouro, agora expostos no Cairo, tornaram-se um dos mais fascinantes achados arqueológicos de todos os tempos, encantando as multidões que diariamente passam pelo museu.

Na mais impressionante das salas podemos ver onze múmias de alguns dos mais importantes faraós, como os grandes generais Sétí I e seu filho Ramsés II, da 19ª dinastia. Eles foram os responsáveis pela construção do grande átrio hipostilo em Karnak. Além de embelezar Tebas, Ramsés II mandou construir os dois templos em Abu Simbel destinados à adoração de si próprio e à sua rainha preferida, a bela Nefertari, considerados até hoje duas das obras arquitetônicas mais espetaculares do mundo.

Foi meu primeiro contato com uma múmia egípcia, e não seria o último. O aspecto envelhecido e carregado de mistérios desses corpos me chocou bastante, embora a experiência nem de longe se parecesse com o que eu ainda enfrentaria em minhas andanças pelo deserto do Saara, quando as encontrasse em circunstâncias não tão confortáveis.

Na saída do museu, a Pedra de Roseta, utilizada pelo sábio francês Jean-François Champollion para decifrar a escrita egípcia, era a última peça de destaque do grande acervo. Na verdade, uma cópia — a original está no Museu Britânico, em Londres.

Os egípcios consideravam sua escrita hieroglífica uma invenção de Thot, o deus da sabedoria. Estudos modernos comprovaram que ela surgiu um tanto de repente, quase pronta, por volta de 3000 a.C. Ainda não ficou esclarecido por que nenhum indício de uma evolução gradual dos hieróglifos chegou até nós, embora o clima seco fosse favorável à preservação de

antigas experiências escritas. Na Suméria, o clima parecido garantiu provas abundantes da evolução da escrita cuneiforme durante vários séculos antes de 3000 a.C., data que também marca o surgimento da escrita suméria.

Os sinais pictóricos egípcios representavam imagens de pássaros, insetos e objetos. Considerada sagrada, essa técnica de escrever era utilizada apenas pelos sacerdotes. A partir dos hieróglifos, eles desenvolveram outros sistemas de escrita, mais simples, chamados hierático, utilizado pelos escribas, e demótico, usado pelas pessoas comuns. Essa fase posteriormente evoluiu para a escrita ideográfica, o sinal gráfico começando a sugerir uma idéia relacionada ao objeto representado. A seguir veio a escrita fonética, em que cada som tinha seu próprio símbolo. Posteriormente a escrita egípcia chegou à fase alfabética, com vinte e quatro consoantes, suas mais antigas inscrições datando de 2500 a.C. Ainda não conheciam a vogal, incluída muito mais tarde pelos gregos.

O suporte da escrita era o papiro, feito de uma planta abundante nas margens do Nilo. Parecido com uma palmeira e medindo entre 2,5 e três metros de altura, seus longos talos eram cortados em pequenos pedaços com quarenta centímetros de comprimento. Depois de retirada a casca, a polpa era separada em tiras, dispostas em camadas sobre uma superfície de madeira e cruzadas entre si. Em seguida eram umedecidas, cobertas com um pano e maceradas com um pesado martelo, para que soltassem uma goma existente nas fibras, fixando-as firmemente. Depois disso, eram colocadas juntas e esticadas dentro de um lenço dobrado, quando recebiam um tratamento com gordura animal. Finalmente, o produto era retirado do pano e alisado com uma pedra polida, ficando pronta para receber a escrita sem que a tinta borrasse sua superfície.

Posteriormente vinha a preparação do rolo, composto de vinte folhas com formato retangular, medindo vinte centímetros de largura por trinta de altura. Eles escreviam em colunas, perpendiculares ao eixo do rolo, usando apenas a frente da folha, o mesmo lado das suas fibras horizontais, facilitando o trabalho dos escribas. Utilizando tinta preta para o texto e vermelha para as palavras iniciais dos parágrafos, trabalhavam ao ar livre,

sentados e com as pernas cruzadas. Escreviam numa mesa inclinada sobre a qual iam produzindo a tinta. Um jarro de água e dois pincéis, um para cada cor, feitos de bambu, completavam seus rudimentares instrumentos.

Após a morte do último faraó da 20ª dinastia, em 1070 a.C., os dias de glória do Egito faraônico chegaram ao fim. O país foi dividido em duas províncias: a 21ª dinastia governou o Baixo Egito, com sua capital em Tânis, no extremo nordeste do delta; no Alto Egito, o poder ficou nas mãos do sumo sacerdote de Amon. Voltaram as agitações internas, o império se fragmentou, foi invadido por outros povos, e uma sucessão de dinastias estrangeiras governou o fértil Vale do Nilo: líbios, núbios, assírios e persas. Em 404 a.C., duas dinastias nativas, a 29ª e a 30ª, voltaram ao poder, governando o Egito até 343, quando mais uma vez ele foi invadido pelos persas. Pouco depois, em 332, Alexandre, o Grande, da Macedônia, incluiu o Egito no seu império mundial. Um dos seus generais, Ptolomeu, tomou o poder no Egito e fundou sua própria dinastia, governando até o ano 30 a.C., quando o país foi anexado ao Império Romano.

Embora os ptolomeus fossem macedônios gregos, assimilaram a cultura egípcia, adotando as vestimentas dos faraós e reclassificando os deuses locais num novo panteão grego-egípcio, além de darem continuidade ao embelezamento do país com prédios em estilo faraônico, mandando construir novos templos em Filae, Kom Ombo e Edfu, entre outros. Eles transformaram Alexandria na maior e mais cosmopolita cidade do mundo antigo. A última rainha da sua dinastia, Cleópatra VII, uma política brilhante, manteve o Egito independente do poderio romano aliando-se a Júlio César, com quem se casou e teve um filho. Quando Júlio César foi assassinado, Cleópatra se casou com Marco Antônio, dando-lhe três filhos. Ao serem derrotados por Otaviano, o novo imperador romano, Cleópatra e Marco Antônio suicidaram-se para não serem presos e levados para Roma como escravos.

Os novos senhores do Egito governaram de Roma. Construíram a fortaleza Babilônia do Egito, às margens do Nilo, ao norte de Mênfis — a pouco mais de dez quilômetros das pirâmides de Gizé — de onde passaram

a controlar a nova província do Império. Para agradar ao povo, continuaram construindo templos em estilo faraônico, adorando deuses egípcios e mantendo as tradições do país, como a mumificação dos mortos. As perseguições aos pregadores cristãos, a nova religião que surgia, foram tão rigorosas que o cristianismo não floresceu no Vale do Nilo.

Quando o cristianismo finalmente se tornou a religião oficial de Roma, em 323, iniciou-se uma campanha para destruir todos os templos pagãos do Império. No Egito, o estrago arquitetônico foi especialmente cruel, sobrando apenas os prédios mais afastados ou parcialmente cobertos pelas areias do deserto.

No dia 24 de agosto de 394, quando uma última inscrição hieroglífica foi talhada no templo de Filae, a antiga cultura do Egito dos Faraós chegou ao seu final.

Extinguia-se um mundo.

Segunda Parte



O mundo dos faraós

MÊNFIIS

A inexpressiva vila de Mênfis fica ao sul do Cairo, uma viagem rápida no táxi do núbio Mohamed. Havia um pequeno museu, apenas uma sala construída sobre uma gigantesca imagem de pedra de Ramsés II. Ela fora encontrada caída e conservada no próprio local. Nos fundos existia um jardim com outras estátuas menores e uma plataforma de pedra onde Ápis, o animal sagrado dos egípcios, era embalsamado antes de ser enterrado no Serapeum, em Saqqara.

— Não dá para imaginar — comentei com Beto — que este já foi um dos lugares mais importantes do mundo.

— Não existe nada aqui capaz de lembrar uma cidade — ele concordou. Mesmo assim, como vinha fazendo desde nossa chegada ao país, não parou um minuto de tirar fotos.

Mênfis foi a capital política do Egito dos Faraós durante a maior parte do tempo, enquanto Tebas, no sul, permanecia como capital religiosa, onde

eram realizadas as grandes cerimônias. Construída por volta de 3100 a.C. por Narmer, quando da unificação do Alto e do Baixo Egito, ela ficava na fronteira entre os dois antigos reinos, o ponto estratégico onde o Vale do Nilo se transforma no grande delta.

Uma das maiores cidades de sua época, abrigava palácios, jardins e magníficos templos, como o dedicado ao seu deus criador, Ptah. No século V a.C., o viajante e historiador grego Heródoto a descreveu como “uma cidade próspera e um centro cosmopolita”.

A maioria da população morava em casinhas feitas de junco, madeira e barro, construídas nos locais mais elevados para não serem atingidas pelas enchentes. Eram simples, geralmente com uma única divisão e quase sem móveis. Serviam para dar abrigo nas noites frias e proteger do sol inclemente e das terríveis tempestades de areia. Nas épocas de muito calor, as famílias procuravam locais ainda mais elevados para tomar ar fresco e fugir do mormaço dentro das suas desconfortáveis moradias.

As habitações possuíam apenas algumas esteiras, poucos utensílios de cozinha e alguns vasos de argila. Como não havia talheres, os moradores comiam com as mãos. A alimentação incluía pão, cebola, alho, feijão, lentilhas, rabanetes e pepinos. O peixe, seco e conservado, era consumido muitas vezes com pão e cerveja não-fermentada, constituindo parte importante da alimentação. Eles só comiam carnes e frutas nos dias de festa. Utilizavam arados puxados por bois para plantar trigo, algodão, linho, cevada, gergelim, legumes, frutas e oliveiras. Ao redor das casas faziam pomares e hortas, cultivavam uvas e criavam carneiros. As casas dos artesãos eram bem melhores que as dos camponeses.

Os ricos viviam em moradias confortáveis, feitas com tijolo cru, bem decoradas e mobiliadas com camas, mesas e cadeiras, e os bancos tinham assentos de couro ou de palha. Além dos alimentos comuns, consumiam frutas, queijos, carnes de animais domésticos e selvagens e tomavam vinho de tâmara, uma bebida muito popular.

Em suas atividades de caça e pesca no Nilo, navegavam em pequenas e frágeis falucas, embarcações feitas de feixes de papiros atados. Os

pescadores trabalhavam em grupos e utilizavam enormes redes. Os nobres, porém, pescavam apenas por diversão, com o auxílio de lanças. Os mais jovens costumavam sair em bigas: iam ao rio pescar, apanhar aves ou caçar hipopótamos e crocodilos.

Os camponeses e artesãos vestiam-se apenas com um pedaço de tecido, amarrado em forma de tanga em volta da cintura. As mulheres usavam uma túnica longa e os meninos geralmente andavam nus. Os ricos vestiam trajes mais requintados, saiotes pregueados, e suas mulheres, vestidos bordados com contas. Nas cerimônias, tanto os homens quanto as mulheres usavam pesadas perucas negras. Além disso, independentemente da idade e do sexo, os egípcios gostavam de usar imensas jóias: tiaras, brincos, colares, anéis, braceletes e pulseiras de ouro, prata, pedras semipreciosas, contas de vidro, conchas ou pequenas pedras polidas de cores brilhantes.

A religião e as superstições populares desempenhavam papel importante na sociedade egípcia, regulando todos os aspectos da vida e da morte. Havia cerimônias para celebrar os acontecimentos individuais, como nascimento, casamento e morte, e os coletivos, eventos que envolviam toda a comunidade, como as tradicionais festas nas épocas de colheitas. A religião influenciou também as manifestações artísticas, voltadas especialmente para a glorificação dos deuses e dos faraós, seus representantes na Terra. As esculturas e as pinturas retratavam a figura humana sempre com a cabeça e as pernas de perfil, enquanto o tronco e os olhos eram mostrados de frente.

Os antigos egípcios acreditavam numa vida após a morte e no retorno do espírito ao corpo. Conforme a posição social do indivíduo e sua riqueza, o túmulo podia ser um simples buraco na rocha, uma sequência de câmaras escavadas na montanha ou mesmo uma pirâmide, todos construídos na orla do deserto arenoso, para garantir a preservação das múmias. Para o jazigo levavam livros (essenciais para conhecerem os rituais de passagem), alimentos, objetos de uso diário e as riquezas pessoais. Por cruel ironia, esses tesouros, que deveriam servir para auxiliá-los na eternidade, foram os responsáveis pelas violações das sepulturas por ladrões de cemitérios ao longo dos séculos.

As tumbas eram decoradas com pinturas representando cenas cotidianas de suas vidas terrenas, os futuros encontros com os deuses e a próxima vida feliz que esperavam viver, acompanhadas por descrições hieroglíficas. Acreditavam que, agindo assim, garantiam o conforto na vida após a morte, pois os afrescos, relevos e imagens, mais do que meras peças ilustrativas, possuíam o dom de transformar em realidade o que simbolizavam figurativamente: quanto mais perfeitos, maiores as chances de fazerem existir aquilo que representavam. A maior parte do nosso conhecimento sobre essa maravilhosa civilização vem da análise das pinturas, dos textos e objetos encontrados nos sepulcros.

Os egípcios cultuavam numerosos deuses, com funções e aspectos variados, normalmente representados por formas humanas com cabeças de animais. Alguns eram cultuados em todo o território e outros adorados apenas em determinados lugares. Entre os deuses mais populares estavam Osíris e Ísis, e o filho do casal, Hórus.

O faraó era a encarnação de Hórus, o deus vivo que governava a Terra. Esse rei divino era o elemento mais importante da sociedade; seus atos asseguravam a preservação da ordem e recordá-los provava a longa duração da sua eficácia. Quando morria, davam-lhe um templo onde era adorado como qualquer outro deus. Esses monumentos retratavam um mundo ordenado de modo intemporal, no qual o rei confraternizava com os outros deuses, recebia as suas bênçãos e assegurava o seu bem-estar.

Abaixo do faraó estavam diversos grupos sociais: nobres, sacerdotes, escribas, soldados, artesãos, camponeses e escravos. A cor amarelada com que a pele das mulheres de todas as classes era retratada nas pinturas no interior dos túmulos sugeria que elas se expunham ao sol bem menos que os homens, pintados com a pele avermelhada.

Aos nobres, donos de grandes propriedades, eram reservados os principais postos do exército, alijando os soldados profissionais das patentes de comando. Os sacerdotes enriqueciam porque ficavam com parte das oferendas feitas pela população aos deuses, além de serem dispensados do pagamento de impostos. Eram também proprietários de muitas terras e

gozavam de grande prestígio devido às suas funções religiosas, pois nos templos eles representavam o faraó, impossibilitado de estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Os escribas, que dominavam a difícil escrita egípcia, encarregavam-se da cobrança dos impostos, da organização das leis e dos decretos e da fiscalização da atividade econômica em geral. Os artesãos exerciam as mais diversas profissões: pedreiros, carpinteiros, desenhistas, escultores, pintores, tecelões, ourives... Muitas das suas atividades eram realizadas nas grandes obras públicas, como templos, cemitérios e palácios.

Os camponeses formavam a grande maioria da população. Plantavam espontaneamente nas propriedades do faraó, por considerá-lo um deus, e nas terras dos sacerdotes, onde tinham direito a uma pequena parcela dos produtos colhidos. Além disso, trabalhavam na construção dos diques e canais de irrigação. Nos períodos das cheias, eram deslocados para a construção dos palácios, complexos funerários e enormes templos.

Os escravos, na maioria prisioneiros de guerra, eram submetidos a vários tipos de trabalho. Tanto podiam plantar nas terras pertencentes aos templos como executar tarefas domésticas. Camponeses e escravos muitas vezes se confundiam, sobretudo pela condição semelhante de vida.

Embora nada do esplendor de Mênfis tivesse sobrevivido, sua importância podia ser avaliada pela sua necrópole, repleta de pirâmides reais, riquíssimos túmulos de nobres, altos funcionários, generais e animais sagrados. Essa cidade dos mortos, que tinha Saqqara como centro, abrangia uma área de 35 quilômetros entre o vale e o deserto, desde o platô de Gisé, no norte, até Dachur, no sul.

Eu gostaria de ter conhecido Mênfis em sua época de fausto, mas agora nos detivemos pouco mais de uma hora no vilarejo.

Voltamos ao táxi de Mohamed e partimos para Abu Sir, o primeiro complexo de pirâmides que visitaríamos na necrópole de Mênfis, uma pequena amostra do que nos aguardavam os dias seguintes no interior do país. Nosso motorista núbio estacionou seu carro à sombra de uma grande

palmeira, onde ficaria nos esperando, e lá fomos nós em direção à pequena esplanada.

O *bauab* postado na entrada do sítio arqueológico nos pediu sessenta libras como taxa para ingressar no local. Ele tinha um assistente que falava um pouco de inglês e nos serviu de intérprete. Além deles, outros dois caras estavam encostados no portão.

— Pagamos cinco libras cada um — eu disse.

Ele baixou para vinte.

— Dez — ofereci.

Ele explicou que o lugar estava fechado e eu deveria pagar 20 libras para ele fazer de conta que não nos viu entrar.

— Se está fechado — respondi —, vamos embora.

Dei-lhe as costas e o Beto me acompanhou em direção ao táxi. O *bauab* veio gritando, dizendo que poderíamos entrar pelas dez libras oferecidas.

Pagamos.

Logo que iniciamos a subida em direção às pirâmides, apareceu um outro sujeito se intitulando inspetor e dizendo que precisávamos pagar uma taxa extra para filmar. Völtei e pedi meu dinheiro ao *bauab*. Fui tão incisivo que ele me devolveu as libras com cara de choro. Disse que iríamos embora, e fomos caminhando em direção ao portão. Ele veio novamente atrás de nós, gritando que poderíamos filmar à vontade sem pagar nenhuma taxa extra. Dei-lhe novamente as vinte libras e voltamos para visitar o sítio.

Beto acompanhou a negociação um pouco constrangido. Até esse momento eu havia notado que meu companheiro de viagem não era muito econômico. Se continuasse gastando da forma como vinha fazendo, logo estouraria seu orçamento. Viajávamos com patrocinadores pessoais e cada um tinha o seu próprio dinheiro, mas eu havia feito um planejamento inicial e sobreviver dentro dele fazia parte do desafio que decidíamos enfrentar. Eu já o havia alertado sobre esse fato, mas pouco adiantara. Agora, vendo como se davam as negociações na prática, ele entrou no esquema da aventura, e a partir desse momento passou a ser bem mais econômico do que eu, muitas vezes deixando-me encabulado diante da impetuosidade das suas barganhas.

Touché!

Abu Sir não era grande coisa. Valeu apenas por termos subido numa das pirâmides e fotografado o platô de Gizé à distância. Além disso, olhando em volta, podíamos avistar dez das dezenas de pirâmides construídas no Egito.

Quando voltamos ao táxi, Mohamed nos disse que o *bauab* havia reclamado do pequeno *baquiche*.

— Dividido por cinco, disseram, não dá quase nada para cada um — contou o motorista, acrescentando: — Eu lhes dei mais dez libras.

Não sei quem estava enrolando quem, mas eu não iria mais brigar por 1,5 dólar. No final do dia, ao pagar pelos serviços do núbio, acrescentei as dez libras. Mais o seu próprio *baquiche*.

Continuamos para o sul até o sítio arqueológico de Saqqara, ponto central do cemitério que durante mais de 3.500 anos recebeu os mortos de Mênfis. Apesar da sua importância histórica, o local permaneceu anônimo até a metade do século XIX, quando o egiptologista francês Auguste Mariette descobriu a entrada para o Serapeum, uma rede de galerias e túneis subterrâneos construídos como tumbas para as múmias do sagrado boi Ápis, uma das encarnações do deus Ptah.

O próprio complexo funerário do faraó Dsojer, da 3ª dinastia, ao qual pertence a famosa pirâmide escalonada, só foi descoberto em 1924, estando ainda em processo de restauração.

Nos primórdios da civilização egípcia não havia diferença entre os mortos. Tanto os reis como seus súditos eram enterrados em câmaras subterrâneas cobertas com uma grossa laje retangular construída com tijolo cru, cujo acesso dava-se por uma entrada encimada por uma estela funerária, coluna de pedra na qual eram gravados o nome e os títulos do falecido.

O iluminado Dsojer foi o primeiro faraó a assumir-se como uma personificação humana do sagrado e seu túmulo deveria representar essa grandeza. Iniciado por volta de 2650 a.C. pelo arquiteto Imhotep, mais tarde deificado por sua genialidade, esse mausoléu modificou a cultura funerária do Egito, conferindo-lhe os contornos aos quais ainda a associamos.

Imhotep começou a construção do jazigo real dentro da tradição original, embora ele fosse bem mais ambicioso que as sepulturas até então concebidas. A princípio, o inventivo arquiteto pensou em construir uma enorme mastaba no alto de um poço profundo, ligado a uma grande cripta subterrânea. A idéia foi amadurecendo e se tornando mais ambiciosa, até que ele decidiu dar uma grande visibilidade ao seu monumento.

Logo que a mastaba esteve concluída, Imhotep resolveu colocar sobre ela outra camada de pedra, da mesma altura que a primeira, porém com um perímetro menor, formando um grande degrau entre as duas plataformas. À medida que ele foi dominando essa técnica, principalmente a capacidade de colocar gigantescos blocos de pedra sobre outros ainda maiores, a cobertura da tumba foi ganhando camadas adicionais, cada uma menor que a anterior, até formar seis grandes degraus, uma estrutura piramidal com sessenta metros de altura. O resultado final configurou-se glorioso, o primeiro monumento de pedra do Egito.

Caminhamos até o lado norte da pirâmide, onde havia a *serdab*, uma pequena câmara contendo uma estátua em tamanho natural do faraó, com duas aberturas na altura dos seus olhos, necessária para a alma de Dsojer se comunicar com o mundo exterior. A *serdab* ficava ao nível do chão, e me bastou subir numa pedra para conseguir olhar para dentro da câmara, um verdadeiro *tête-à-tête* com a imagem sagrada do faraó. Era uma réplica da original, que eu já tinha visto no Museu Egípcio do Cairo, mas a sensação foi estranha demais — era como espiar o passado milenar.

Ao lado da *serdab* ficava a entrada da pirâmide, seis quilômetros de labirintos escavados na rocha ligando as diversas galerias, entre as quais a câmara mortuária. Infelizmente havia risco de desabamento e, apesar dos meus apelos, a permissão para ingressar no local nos foi negada.

Ironicamente, o túmulo de Imhotep nunca foi localizado. Esse homem fora do comum inventou, ao mesmo tempo, um novo estilo funerário, criando a pirâmide como mausoléu, e a arquitetura de pedra, dando às sepulturas dos faraós a consistência imortal tão desejada. Além disso, com suas obras

indestrutíveis, Imhotep foi um dos grandes responsáveis pela preservação da cultura egípcia, fazendo-a chegar até os dias de hoje.

A necrópole de Saqqara era imensa. O calor do deserto estava insuportável e as distâncias que precisávamos percorrer entre um monumento e outro eram enormes. Mohamed nos levava em seu velho táxi para um lado e outro; mesmo assim ainda nos sobravam grandes caminhadas pela areia fofa com o sol a pino, torrando nossas cabeças. Era desagradável, mas foi graças a esse clima seco e quente que tantos resquícios da cultura faraônica chegaram até nós.

Após bisbilhotar diversas pirâmides, tumbas e outros monumentos, entre os quais as ruínas do mosteiro de São Jeremias, construído no século V e destruído pelos muçulmanos no século X, voltamos ao táxi e continuamos nossa viagem para o sul em direção a Dachur, um riquíssimo sítio arqueológico dentro de uma área militar cujo acesso só foi aberto aos visitantes estrangeiros em 1996.

O faraó Sneferu, fundador da 4ª dinastia — pai de Quéops —, ficou conhecido como o maior construtor de pirâmides do Egito. Seus arquitetos se dedicaram tanto ao assunto que acabaram dando aos túmulos faraônicos a forma que conhecemos atualmente: pirâmides geometricamente perfeitas.

Visitamos primeiro a curiosa pirâmide Curvada. Seus construtores decidiram cobrir os vãos deixados entre os degraus, dando às suas paredes externas uma forma lisa, como deveria ser a figura geométrica da pirâmide. Num determinado momento, no entanto, sentindo que a estrutura não suportaria o peso excessivo do revestimento, eles diminuíram bruscamente sua inclinação, colocando as pedras na horizontal, deixando seu vértice achatado.

A grande inovação foi o seu revestimento com pedra calcária. Apesar da sua silhueta “aleijada” e do fato de os guardas montados em camelos estarem vigiando atentamente nossos passos, pedi ao Beto para disfarçar e fotografá-la com carinho, pois suas paredes continuavam lisas, algo raro na atualidade. Com o passar do tempo, todas as pirâmides tiveram esse revestimento

arrancado para servir de material para a construção de outras obras, deixando-as novamente com um aspecto escalonado.

Mas os arquitetos de Sneferu não desistiram. A obra seguinte, conhecida como pirâmide Vermelha, foi projetada num ângulo menor, o mesmo da parte superior da pirâmide Curvada. Sua estrutura suportou o revestimento sem problemas, tornando-se o primeiro desses monumentos a atingir a elevação de uma pirâmide perfeita, possibilitando, mais tarde, a construção do colosso de Quéops, no platô de Gizé.

A ÚLTIMA MARAVILHA DO MUNDO

As três famosas pirâmides de Gizé, construídas durante a 4ª dinastia, no século XXVI a.C., mereciam uma atenção especial. Por isso, reservamos dois dias para visitá-las, dispensando nosso taxista núbio.

No século II a C., o poeta grego Sidon elegeu as sete maravilhas do mundo então conhecido pelo seu povo, entre elas as três pirâmides em Gizé. E não sem razão. O interior de cada uma delas, com seus corredores, as passagens, os dutos de ventilação, a grande galeria e a câmara do faraó, revelava toda a capacidade inventiva do povo egípcio. Como tudo isso foi construído ainda é um grande mistério. Supõe-se que teriam erguido rampas de cascalho e areia. Depois de talhados e colocados sobre troncos roliços, os blocos de pedra teriam sido arrastados por grupos de homens rampa acima, com o auxílio de cordas. Há ainda alguns que creditam sua construção a seres extraterrestres.

Era difícil saber como essas gigantescas pedras haviam sido colocadas lado a lado e umas sobre as outras. Eram quase da minha altura e só imaginar movê-las já me dava calafrios. Como foram transportadas pelo rio até o planalto? Esse enigma me corroía mais do que a esfinge, um pouco mais abaixo, entre as pirâmides e o Nilo.

Quarenta e seis séculos após sua construção, continuam a ser um espetáculo impressionante. Elas integram um grupo de nove monumentos, distribuídos pela esplanada, em ordem crescente de tamanho: Miquerinos, Quéfren e Quéops, a maior de todas, também chamada de Grande Pirâmide.

Quando a Grande Pirâmide, a mais velha das três e a maior do Egito, foi concluída, ela media na base 250 metros de cada lado, e 146 de altura. Após todo esse tempo, sua altura foi reduzida em apenas nove metros. Em sua construção foram empregados 2,3 milhões de blocos de pedra calcária, a maior parte deles com peso médio de 2,5 toneladas. Alguns blocos, no entanto, chegavam a pesar setenta toneladas, trabalho de cem mil homens durante vinte anos.

A um reduzido número de pessoas era permitido entrar em seu interior, o que nos obrigou a chegar bem cedinho, pois as autorizações, por sinal caríssimas, eram fornecidas apenas aos primeiros da fila. E tão difícil quanto consegui-las era livrar-nos dos vendedores ambulantes, dos charreteiros, cavaleiros e cameleiros oferecendo transporte dentro do parque. Como acontece nos sítios turísticos em todos os países pobres, os achacadores infernizavam a vida dos deslumbrados visitantes, levando os mais nervosos à exasperação.

Primeiro entrei eu, depois o Beto, pois era proibido ingressar com qualquer equipamento fotográfico.

Subi uns cinco metros pelo lado externo da face norte e ingressei na pirâmide por uma abertura do tamanho de uma porta normal. Ela dava para um corredor em declive, onde eu podia permanecer em pé, observando a irregularidade das suas paredes, uma prova de que esse acesso não fazia parte do projeto original. Vinte metros adiante o corredor estava bloqueado. Caso pudesse continuar, seguiria por mais oitenta metros até uma sala

inacabada, trinta metros abaixo do nível do solo, uma armadilha para desviar os indesejados que porventura conseguissem entrar no mausoléu.

No ponto em que esse falso corredor estava obstruído iniciava uma rampa íngreme, forrada com um assoalho de madeira com pequenos frisos, para as pessoas não resvalarem, e corrimãos nos dois lados. Ela tinha quarenta metros de comprimento e um metro de largura. Seu teto, com apenas 1,3 metro, era muito baixo, obrigando-me a subir agachado, uma posição bem desconfortável. Por causa dessa seção, os claustrofobos não se aventuram pelo interior da pirâmide. Essa rampa me levou à Grande Galeria, uma magnífica escadaria com 47 metros de comprimento e 8,5 de altura.

Olhando pelo seu lado interno, protegido das intempéries ao longo dos milênios, via-se que as pedras utilizadas na obra haviam sido talhadas com tal precisão, ficando tão bem ajustadas umas às outras, e com uma superfície feita de pedra calcária tão bem polida e de acabamento tão perfeito, que era quase impossível notar as suas junções.

No final da Grande Galeria precisei agachar-me novamente para cruzar uma passagem com dois metros de comprimento e o teto da altura da minha cintura, exatamente do tamanho de um bloco de pedra. Ela me levou a uma pequena antecâmara, conhecida como Câmara da Rainha. Cruzei outra passagem da mesma altura e finalmente saí na Câmara do Rei, onde fora enterrado o faraó. Infelizmente, havia apenas o cenotáfio onde fora colocado o seu caixão há mais de 4.500 anos. A maioria das pirâmides havia sido saqueada ainda na Antiguidade.

Quem havia entrado junto comigo estava apressado, e logo fiquei sozinho na sala mortuária, uma sensação extraordinária de quietude e isolamento. O salão retangular era pequeno, com pouco mais de cinco metros de largura por dez de comprimento e um alto pé-direito. Olhando para os lados e para cima, apesar da pouca iluminação artificial, podia-se notar o tamanho descomunal das pedras utilizadas.

Diferentemente do resto da construção, a Câmara do Rei fora construída com blocos negros de granito, uma segurança extra. O teto era formado por nove grandes vigas de mais de um metro de largura, sobre as quais se

apoiavam outras quatro, também de granito, separadas por vãos uniformes, para que as quatrocentas toneladas de pedra do vértice da pirâmide fossem distribuídas por igual sobre sua estrutura interna. Embora o local estivesse bem no centro da construção, dutos laterais de ventilação, abertos na ocasião da construção do mausoléu, mantinham o local seco e bem arejado.

Encostei-me numa das paredes e aos poucos fui escorregando, ficando de cócoras com os braços enlaçando as pernas, a cabeça apoiada nos joelhos. Os corredores não haviam me levado apenas para dentro da pirâmide, mas me transportado para um outro mundo cheio de labirintos, incompreensível para mim. Tentei imaginar o significado disso tudo: o isolamento da sala, o sarcófago de pedra vazio na minha frente, o tamanho da pirâmide, a época da sua construção, a razão de ser de tão magnífica edificação.

Pensar que alguns homens foram capazes de idealizar algo tão especial me fazia imaginar a espécie humana dotada de extraordinária capacidade criadora. Mas, ao mesmo tempo, era preciso lembrar que, assim como existiram humanos capazes de tal proeza, existiram também humanos capazes de violar tamanha simbologia para roubar as riquezas materiais em seu interior. Ficou intacto somente o que não pôde ser carregado.

Ou será que só os saqueadores eram humanos?

Saí um pouco desorientado. Com as mãos nos bolsos e chutando as pedrinhas do chão, caminhei a esmo pelo parque em busca do eixo original da minha vida, tão insignificante diante da extraordinária sensação que acabara de experimentar.

Além das outras pirâmides e da esfinge, existia em Gizé algo ainda mais fantástico e cuja existência eu ignorava: o barco solar do faraó. Ele havia sido utilizado para carregar a múmia de Quéops através do Nilo até a Grande Pirâmide. Após a cerimônia fúnebre fora enterrado, para mais tarde transportar a alma do rei até o outro mundo, ao encontro dos deuses. Existiam cinco desses barcos, mas somente um ficou preservado. Descoberto somente em 1954, num grande valo protegido por gigantescas lajes de pedra ao lado da pirâmide, ele foi cuidadosamente restaurado. Sobre esse lugar foi construído um pequeno museu para abrigá-lo, mantendo-o o mais próximo

possível do seu local de origem, apenas alguns metros acima do lugar onde fora desenterrado. Do mesmo ponto podia-se ver o valo vazio e, um pouco mais acima, o magnífico barco.

Se olhar para as pedras das pirâmides e imaginar que elas foram colocadas neste local há quase cinco milênios já me ouriçava os sentidos, ver um barco de madeira com a mesma idade era ainda mais excitante. Feito de cedro, ele tinha o madeirame completo: convés, proa e popa elevados, os remos estavam no lugar e os abrigos para o faraó e seus barqueiros permaneciam intactos. Fiquei com a impressão de que, se fosse colocado no rio, sairia navegando.

Era inacreditável, mas, sem dúvida, eu estava diante do barco mais antigo do mundo, construído treze séculos antes de Deus entregar a Moisés as tábuas com os Dez Mandamentos. Quando a Arca da Aliança foi construída, ao pé do Monte Sinai, o barco de madeira do faraó Quéops já tinha mais de mil anos de idade, uma existência digna de ser reverenciada. Essa sensação de volta no tempo começou a emergir aos poucos, à medida que eu ia me inteirando dos detalhes da curiosa embarcação, imaginando sua história, a forma como foi utilizada e, em especial, como o faraó esperava voltar a usá-la no futuro. Dava o que pensar...

Essas especulações traziam consigo uma pitada de nostalgia, um incômodo sentimento de frustração. Parecia-me ter entrado atrasado em cena, quando a parte mais interessante da peça já havia se desenrolado. A história da humanidade era muito longa e o meu papel se reduzia a uma pontinha num ato intermediário; sequer conhecia todo o roteiro. Limitava-me à consciência de haver integrado o elenco de forma involuntária, num determinado momento, mas não tinha a menor idéia de quando deveria voltar aos bastidores, sair de cena. Para falar a verdade, nem me lembrava de como eram os bastidores.

Sobrava-me apenas a fé de que por certo havia um roteirista e, antes de as cortinas se fecharem por completo, todos os atores regressariam ao palco, reunidos num ato final, independentemente da importância de cada

personagem, para os aplausos, ou as vaias, na hora do julgamento final pelo diretor.

Na saída do pequeno prédio encontrei o maior bafafá, uma volta abrupta ao presente: um policial passou exigindo dinheiro dos ambulantes amontoados no local por onde saíam os turistas. Os camelôs não queriam colaborar e o guarda, enfurecido, puxou o revólver e com a outra mão baixou o cacete em meio mundo. Beto, que estava me esperando do lado de fora, procurou abrigo na portaria do museu, receoso de que acabasse sobrando para ele, pois a toda hora aparecia alguém lhe pedindo as licenças por estar fotografando dentro do parque. Ele tinha as licenças: para a máquina fotográfica, para a filmadora, para o microfone, para o tripé... mas isso não o livraria do *baquiche*.

Ainda tivemos um pouco de sol para admirar a esfinge, esse monstro lendário que pululava em todos os meus livros escolares, parecendo querer saltar das páginas coloridas e ganhar vida própria. Muito sono perdi imaginando que, se algum dia passasse diante dela e não conseguisse decifrar seus enigmas, eu seria cruelmente devorado. Conhecida pelos egípcios como Abu al-Hol, Pai do Terror, foi batizada pelos gregos de esfinge por lembrar o mito do leão com cabeça de mulher que lançava desafios aos viajantes e fulminava aqueles que não conseguiam responder-lhe adequadamente.

Sobre seu encontro com a esfinge, escreveu o fabuloso escritor-viajante Pierre Loti: “De repente, seu rosto apareceu, mais duro e mumificado sob a frieza do luar, um grande rosto misterioso, soberbamente posto lá em cima, contra o céu, a olhar por incontáveis séculos o horizonte vazio. E ela sorria desdenhosa, apesar das mutilações do tempo que lhe deram o nariz chato das caveiras... E, aos poucos, emanava dela um fascínio terrível. Fiquei hipnotizado por aquele olhar fixo, num enlevo de imobilidade, silêncio e nada...”

Esculpida diretamente num monte calcário havia 4.500 anos antes, o colosso de pedra media 72 metros de comprimento por vinte de altura. Fazia parte do complexo funerário do faraó Quéfren, representando sua imagem.

Quando a necrópole do platô de Gizé foi deixada de lado pelos faraós, a esfinge passou por séculos de abandono, sofrendo as conseqüências das intempéries do deserto. Restaurada pelo faraó Tutmés IV, em 1400 a.C., passou a ser adorada como o deus Horemakhet. Em 1798, Napoleão a encontrou praticamente coberta, apenas parte da cabeça emergindo da areia.

Talvez ela fosse mais enigmática parcialmente enterrada no deserto, sua figura sobrenatural aguçando a curiosidade dos que a encontravam pela primeira vez. Para mim, vê-la assim de frente... do lado esquerdo... do lado direito... de baixo... e por trás, longe... perto... e por fim postar-me à sua sombra, foi como se um fascínio tivesse sido desfeito. Não a decifrei, nem ela me destruiu. Saí pensando que a grande esfinge, aquela que realmente a todos atormenta, ainda continua sonolenta dentro de cada um de nós.

Voltamos para a cidade tarde da noite num Passat fabricado no Brasil em 1978. Seu esperto proprietário, também chamado Mohamed, como quase todo mundo no Cairo, ficava postado na saída das pirâmides à espreita dos retardatários, seres embasbacados que se haviam demorado além da conta admirando todos os detalhes das obras e, ao sair, descobriam que não havia mais transporte público para o centro. Mesmo assim, conseguimos barganhar um preço razoável com ele, no que fomos ajudados pelo fato de sermos brasileiros, do país onde seu adorado carro havia sido fabricado. Acrescido de um pequeno *baquiche*, claro.

Como recompensa pelo companheirismo do Beto nesses dias de árduas caminhadas sob o escaldante sol do nordeste da África, convidei-o para jantar no McDonald's, onde comemos McFalafel à base de *taameya*.

Terceira Parte



Alexandria

NA CIDADE DE CLEÓPATRA

Perguntei ao taxista de rua se ele sabia onde ficava a estação ferroviária Ramsés. Uma pergunta óbvia, qualquer taxista deveria conhecê-la, era a maior da cidade. Minha verdadeira intenção era saber se o cara falava inglês, ou pelo menos entendia. Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça e jogamos nossas mochilas no banco de trás. Poucos minutos depois ele parou em frente ao hotel Ramsés Hilton. O maldito havia entendido apenas a palavra Ramsés e, vendo nossas caras de estrangeiros, imaginou que estávamos à procura do tal hotel. Se tivesse reparado na nossa bagagem, teria visto que não tínhamos jeito de quem pagava 230 dólares apenas para tomar um banho e dormir uma noite.

Desci do táxi e ataquei algumas pessoas na calçada até encontrar alguém capaz de entender inglês e explicar ao motorista aonde desejávamos ir.

— *Mahattat* Ramsés — disse o sujeito ao taxista.

Ah, *mahattat*? Ora, essa palavra era uma das poucas que eu conhecia.

Paguei-lhe o valor informado na recepção do nosso hotel e ele ficou furioso, alegando — em perfeito inglês! — ter feito uma volta enorme ao passar no Hilton.

— Dane-se — gritei.

Eu havia pedido que nos levasse à estação de trem e o preço da corrida estava correto. Ninguém o mandou passar em hotel algum. Duvidava do seu prejuízo, a volta nem foi tão grande assim. Mas se teve prejuízo, bem feito; o golpe não deu certo.

— Aqui nesta cidade, quem menos corre anda de táxi — comentei com Beto.

Na estação, pedi duas passagens para Alexandria na primeira classe do Turbini, um moderno trem direto que atravessaria o delta e nos levaria em pouco mais de duas horas até o Mediterrâneo. Depois da minha terrível experiência com os trens populares na Índia dois anos antes, recusava-me a embarcar em qualquer trem sem primeira classe, embora isso muitas vezes pouco significasse. O valor correto da passagem era setenta libras, mas o funcionário da ferrovia me cobrou cem, imaginando que eu não entendia os curiosos números locais.

— O senhor me cobrou um valor errado — reclamei. — Aqui no bilhete está escrito setenta — eu disse, mostrando-lhe o campo onde aparecia o preço da passagem (um V com um ponto em forma de losango, em pé, ao lado), para ele ver que eu conhecia a grafia dos números.

Com a maior má vontade, ele cancelou o bilhete e emitiu outro, cobrando-me as setenta libras. Saí do guichê com o peito estufado de satisfação, feliz com a minha vivacidade.

— Esses pilantras acham que vão me passar a perna assim tão fácil! — disse para Beto quando voltei com as passagens.

Ainda tínhamos tempo, fomos tomar um suco e dar uma olhada nas capas das revistas e nos jornais expostos num quiosque dentro da estação, especialmente do *Al-Ahram*, o principal diário do mundo árabe. Distraímos-nos e quase perdemos o trem olhando as fotos do jornal, cujo texto nada

entendíamos. Mas era divertido ver as fotografias publicadas na seção internacional e tentar imaginar o que estava acontecendo no resto do mundo.

— A sensação de não saber ler é terrível — comentei com Beto, largando o jornal na banca.

Meu amigo estava às voltas com algumas latinhas de Coca-Cola *light*. Ele temia não encontrar mais o seu refrigerante predileto quando saíssemos do Cairo, e tratou logo de fazer um pequeno estoque.

Quando fomos embarcar, não encontramos o nosso vagão. Pergunta daqui, pergunta dali, subimos com o Turbini em movimento e fomos ter com o chefe do trem.

— Os assentos de vocês ficam no vagão três — ele explicou.

— Eu sei que ficam no vagão três — respondi, pois eu conhecia os números estampados no bilhete. — Acontece que não estamos localizando o vagão três.

— Fica lá na frente — ele respondeu. — Na segunda classe.

— Segunda classe?

O bilheteiro me enganara da única maneira que eu não conseguiria descobrir: jamais poderia saber que o vagão três não pertencia à primeira classe do trem. Assim, mesmo reclamando, ele me roubou vinte libras.

Fiquei indignado, para dizer o mínimo.

Não pelo valor, pouco mais de três dólares, tampouco por ter sido passado para trás, isso acontecia às vezes. As vigarices a que nos expomos numa viagem como essa são tantas, e tão complexas, que é impossível evitar todas. Mas minha revolta era pelo fato de o cara ter utilizado um golpe tão baixo para me espolar.

— Puxa! — reclamei com o Beto. — Assim não vale, não tem a menor graça roubar alguém que não tem como saber que está sendo roubado, sem chance de se defender. Esses laráprios precisam ter um pouco mais de ética.

Pensei em rogar-lhe uma praga, jogar-lhe uma grande maldição vingativa, daquelas de enrubescer a própria múmia, mas desisti. Provavelmente não faria efeito sobre ele, servindo apenas para atormentar-

me a consciência nos dias seguintes, quando os momentos agradáveis da viagem me fizessem esquecer os infortúnios deixados para trás.

Relaxamos.

Até que a segunda classe era bem confortável. Nosso vagão era limpo, tinha ar-condicionado e serviço de bordo. Na verdade, um luxo! Percorrendo a composição descobri que diferia da primeira classe apenas no tamanho das poltronas. Nesta havia apenas três fileiras de bancos e o espaço para as pernas era bem maior.

Deslizamos suavemente pelo delta, cortando lavouras e mais lavouras num dos terrenos mais férteis do planeta. Dava gosto observar os felás trabalhando na terra, extraindo do solo enriquecido pelo húmus do Nilo as maiores hortaliças que eu já vira. Logo estávamos costeando o Mediterrâneo.

Em Alexandria, tomamos um táxi meio a contragosto. Sempre preciso de algumas horas para me ambientar, tempo normalmente gasto tomando um café na estação ou no aeroporto, olhando mapas, consultando guias, informando-me com os policiais. Mas já era tarde, chovia, estava frio — um vento soprava furioso pelas ruas estreitas —, e eu tinha o endereço do hotel aonde queria ir. Assim, acabei cedendo aos apelos de um dos taxistas que nos cercaram na saída da estação ferroviária.

— Qual é o preço de uma corrida até o Hotel Ailema? — perguntei-lhe.

— Trinta libras — ele respondeu prontamente.

— Pago oito libras — ofereci, dando-lhe as costas.

— O.k. — ele disse, quase gritando.

Virei-me a tempo de ver seu largo sorriso. Colocamos as mochilas no velho táxi e mandei que nos levasse ao Ailema, no centro. Não ficava na baía, na beira do Mediterrâneo, nem era bem localizado, mas havia servido de inspiração para *Miramar*, o único livro de Naguib Mahfuz que não se passava no Cairo. Por isso, rumamos para lá. Será que eu iria sentir no ar do velho hotel o clima passado no romance? Estava excitado com essa possibilidade.

Para minha total decepção, o Ailema não existia mais. Pior: fora comprado por um outro qualquer, sem o menor *pedigree*, situado no andar de baixo, e agora tanto o sexto quanto o sétimo andar do antigo prédio pertenciam a um novo hotel. O taxista não se surpreendeu com o fechamento do Ailema, levando-me a deduzir que o danado já sabia que estava nos conduzindo para um hotel inexistente.

Que o vivaldino tinha lá os seus planos, eu logo percebi.

Quando voltamos para o táxi, ele aproveitou meu rápido momento de perplexidade e tentou nos levar para um hotel caríssimo, onde certamente ganharia uma polpuda comissão. O preço baixo cobrado pela corrida deveria ser compensado pelo *baquiche* do hotel, que ele receberia enquanto estivéssemos na cidade. E quando fizéssemos algum *tour*, como ele esperava, na comissão do hotel estaria embutida uma parte para ele. Em qualquer serviço extra arranjado pelo hotel ele ganharia um percentual. É assim no mundo todo, não seria diferente no Egito. Então, a solução é cortar o mal pela raiz. Por isso, não gosto de pegar táxi nessas ocasiões; ficamos reféns. Obviamente, todas essas comissões saem do nosso bolso.

Mas o espertalhão não contava com uma surpresa: estávamos procurando uma hospedaria tão barata que seu *baquiche* não passaria de alguns centavos. Por isso, tentou nos induzir a um hotel caro.

Ordenei que nos conduzisse ao hotel Union, pois, segundo o meu guia de viagem, “*the rooms are some of the cleanest in Alex*” e, o que era melhor, alguns quartos tinham sacadas com vista para a enseada, das quais poderíamos ver o mar e o castelo onde na Antiguidade existiu o Farol de Alexandria. Além do mais, o Union ficava pertinho do Cecil, o mais tradicional hotel da cidade. Verdadeira instituição alexandrina, construído em 1930 em estilo *belle époque*, era o preferido de Winston Churchill, num período em que uma espaçosa suíte no térreo abrigava o escritório africano do serviço secreto britânico. Poderíamos tomar o nosso café no Cecil, curtindo um pouco do seu charme.

Beto ficou esperando no táxi enquanto subi ao quinto andar para ver se o Union tinha vagas. O taxista me acompanhou, uma péssima idéia, *tava na*

cara. Logo intuí que ele estava armando alguma falcatrúia para cima de mim.

— Vocês têm quarto disponível? — perguntei na recepção.

— Para quantas pessoas?

— Duas.

Enquanto rolava essa conversa, o taxista começou a falar com o recepcionista em árabe, e o sujeito, que já estava pegando as chaves para mostrar-me o quarto, virou-se e me informou que não havia vagas.

— E para amanhã? — insisti.

— Nem para amanhã — ele disse.

Voltei para o táxi com o motorista nos meus calcanhares, tentando convencer-me a ir para o caro hotel que nos havia indicado. Fiquei tão chateado com a sacanagem deles que pedi ao Beto para descer do carro com nossas mochilas.

— Vamos ficar aqui — eu disse ao taxista.

— Aqui? — ele retrucou, surpreso. — No meio da rua?

— Sim — eu respondi, furioso. — No meio da rua!

Dei-lhe as oito libras e, como eu esperava, ele ficou indignado, alegando que tinha nos mostrado dois hotéis e o preço fora combinado para nos levar apenas ao Ailema. Fiquei tão brabo, despejei-lhe tantos improperios no meu português-ínglês-árabe que ele entrou no carro e saiu cantando pneu.

— Beto — eu disse quando ficamos a sós —, desconfio que esses caras estavam armando para cima da gente. Só para confirmar, vai lá e pergunta se eles têm vagas.

Dito e feito.

Beto logo voltou com a informação: havia vários quartos, podíamos escolher o melhor.

— Esses golpistas não vão botar as mãos no nosso dinheiro — eu disse, pegando as mochilas. — Vamos procurar outro hotel.

— Só não entendi o que o recepcionista do hotel ganhou por dizer que não tinha vagas — Beto comentou.

— Ora — respondi —, por certo o taxista prometeu dividir com ele sua comissão se nos levasse para um hotel de luxo.

Acabamos nos hospedando no Crillon, no quarteirão ao lado, tão razoável quanto o anterior. Tinha uma ampla sala de café com sacadas e vista para a baía. Se o Farol de Alexandria ainda estivesse de pé, poderíamos apreciá-lo na hora do chá, suas luzes alertando os marinheiros para os perigos da terra. Embora nosso quarto ficasse na rua lateral, tínhamos uma sacada com vista para o mar. O único problema era na hora de me deitar. Se não o fizesse com todo o cuidado, o estrado se desprendia da cama e caía no chão, fazendo o maior barulho. Além de acordar os outros hóspedes, me deixava com alguns hematomas nas costas.

— Pelo menos — lembrava-me Beto, sua vez de levantar-me o moral, quando isso acontecia —, este hotel está dentro do nosso orçamento.

— Claro — eu concordava, pondo-me em dúvida se realmente conseguiríamos viajar pelo país com o mesmo poder aquisitivo dos egípcios.

A Alexandria atual, Iskendariya para os egípcios e simplesmente Alex para os turistas, não guardara vestígios do seu extraordinário passado. Fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., para ser a capital africana do seu império, nada havia na cidade que lembrasse o grande conquistador macedônio. Os palácios de Cleópatra VII, da época em que Alexandria rivalizava em magnitude com Roma e Atenas, jaziam perdidos no fundo do mar. Quanto à esplêndida biblioteca, até hoje não se conhece o seu local exato. No lugar do famoso farol — inaugurado em 283 a.C., na ilhota de Faros, hoje ligada ao continente por um aterro —, e com suas pedras, o sultão mameluco Qaitbey mandou erguer uma fortaleza no século XV.

E. M. Foster chegou à cidade em 1916, quando estava escrevendo *Passagem para a Índia*. Durante os três anos em que trabalhou no Egito, escreveu *Alexandria: a history & guide*. Segundo ele, um guia de tudo que Alexandria não tinha mais.

A cidade renasceu quando Napoleão invadiu o Egito, em 1798, devido ao seu porto estratégico, tornando-se novamente uma das mais movimentadas do Mediterrâneo, atraindo comerciantes turcos, gregos, judeus, italianos, sírio-libaneses, franceses, armênios e ingleses. Multicultural, rica e com um

passado envolvente, logo se transformou em musa de grandes poetas, escritores e intelectuais refinados, como o britânico (nascido na Índia) Lawrence Durrell, autor do maravilhoso *O quarteto de Alexandria*. A grande influência francesa ainda podia ser notada nas placas com os nomes das ruas, normalmente bilíngües. Enquanto no Cairo a palavra árabe *sharia* vinha acompanhada da palavra *street*, em Alex ela vinha acompanhada da palavra *rue*.

Porém, uma vez mais, quando Gamal Abdel Nasser subiu ao poder, nacionalizando as grandes empresas e estatizando a economia, a cidade entrou em decadência. Os residentes franceses e britânicos foram expulsos, a maioria dos estrangeiros, quarenta por cento dos seus trezentos mil habitantes, foi embora, pondo fim ao seu cosmopolitismo. Atualmente, não passa de mais uma das tantas megalópoles do mundo pobre, abrigando cinco milhões de habitantes, exclusivamente egípcios.

Recentemente foi inaugurado um edifício pretensioso para abrigar uma grande biblioteca, captar um pouco do seu passado mítico. Denominada Biblioteca Alexandrina, seu teto inclinado em direção ao mar, metade abaixo do nível do chão, metade acima, em forma de disco solar, parecia emergir da água, um segundo sol nascendo do Mediterrâneo. Construída sob uma gigantesca rotunda, sua sala de leitura, em sete níveis — os sete domínios do saber —, é a maior do mundo. Para o egípcio Robert Solé, Alexandrina só terá sentido “se conseguir ser, como sua gloriosa ancestral, um centro de encontro internacional. Terá ainda de afirmar a liberdade da cultura num país que tem o péssimo hábito de censurar livros”.

Nossos dias em Alexandria foram cinzentos. A cidade, desenhada pelo próprio Alexandre, voltada para o mar e com ruas retilíneas para facilitar a livre circulação dos ares mediterrâneos, nos castigou com chuva e ventos ininterruptos. O final do inverno africano fez com que nos limitássemos a passear de bonde elétrico pelos subúrbios e dar pequenas e rápidas caminhadas pela avenida beira-mar sempre que uma nesga de sol conseguia transpor a camada de nuvens repletas de água. Se soubéssemos que seria a

última vez que veríamos chuva no Egito, teríamos sido mais condescendentes com o mau tempo alexandrino.

Almoçávamos freqüentemente no Anfuchi, próximo ao porto, a antiga parte turca da cidade, cenário preferido dos personagens de Durrell, especialmente as prostitutas e os comerciantes desonestos. Embora tivesse caído em profunda decadência — ou talvez por isso mesmo —, o bairro mantinha os restaurantes mais típicos, onde se podia saborear um peixe ao estilo dos velhos tempos.

Chegamos ao Kadoura sob uma chuva torrencial, acompanhada por um vento que fazia a água subir do chão e empapar nossas calças. Aberto 24 horas, é considerado o melhor lugar para se comer um peixe nesta parte do Mediterrâneo, informação que por si só já havia me deixado com água na boca, embora o Beto não estivesse muito entusiasmado com o local escolhido para o nosso almoço.

Em frente ao restaurante havia uma peixaria com uma infinidade de peixes semivivos se arqueando sobre as caixas de gelo. Escolhi dois grandes baltis, o peixe mais comum da região, barganhei rapidamente um pequeno desconto e corri para o Kadoura, onde Beto me esperava. Os peixes tinham uns vinte centímetros de comprimento, eram achatados e de cor cinza, com a barriga mais clara. Em poucos minutos eles nos foram servidos fritos, acompanhados de arroz, batata, saladas e pães, tudo incluído no valor pago na peixaria.

Só então o Beto me disse que não gostava de peixe!

Troquei o balti dele pelo meu arroz e uma Coca-Cola, e à noite, para recompensá-lo, fomos jantar no McDonald's e tomar um *capuccino* no Brazilian Coffee Store, considerado por todos o melhor café do Egito, uma relíquia dos velhos e bons tempos da cidade. Inaugurado em 1929, tinha uma bandeira do Brasil no teto e uma pintura na parede informava que o “Brésil tinha 60 milhões de habitantes e produzia 75 por cento do café consumido no mundo”. Não havia bancos para nos sentarmos, apenas um longo balcão. Uma velha máquina de moer café ficava à vista dos clientes e o preço era caríssimo para os padrões egípcios. O prédio era velho, mal conservado e

todo encascurrado, e mesmo assim estava sempre lotado. O café era realmente muito bom, mas ninguém falava português, o que, para nós, dava um toque de *nonsense*.

Tínhamos um problema burocrático para resolver. Na maioria dos países seria uma simples rotina; no Egito nos tomaria um dia inteiro de aborrecimentos: precisávamos prorrogar nossos vistos. A Embaixada da República Árabe do Egito havia posto em nossos passaportes duas informações contraditórias: uma dizia que nossos vistos expiravam no dia 21 de março de 2004 (noventa dias após a emissão), outra dizia que valia por trinta dias. Pelo sim, pelo não, resolvi procurar o Serviço de Imigração.

Após uma longa espera na fila, a funcionária nos informou que precisávamos, sim, renovar os vistos.

— Tragam uma fotocópia do passaporte e do visto atual — ela pediu.

Por sorte, na calçada ao lado do prédio havia uma fotocopadora e um esperto sujeito tirando cópias para os turistas apressados, ridiculamente caras, mas era pegar ou largar. Voltamos com os documentos, mas faltavam as fotos do Beto. Ele se esquecera de levá-las e foi obrigado a sair em busca de um fotógrafo, enquanto fiquei preenchendo meu formulário. Ele voltou em seguida.

— Que rápido! — falei.

— Havia um fotógrafo na saída do prédio — ele contou, faceiro.

Voltamos para a fila só para descobrir que a funcionária não aceitaria nossos papéis; havíamos preenchido os formulários com caneta vermelha, a única que eu tinha. Por sorte, na saída do prédio havia um cara vendendo canetas azuis. Nem perguntamos o preço, já sabíamos de antemão que seríamos explorados.

Como não tínhamos direito a outro formulário, tivemos que passar a caneta azul por cima do que havíamos escrito em vermelho, cuidando para não borrar as informações. Uma hora depois estávamos novamente diante do

guichê, com tudo refeito. Após examinar detalhadamente a papelada, ela disse que só poderia prorrogar o meu visto por dois meses.

— Está bom — concordei.

— O senhor colocou aqui sessenta dias — ela falou, devolvendo-me o papel.

— Não é a mesma coisa? — tentei argumentar, meio sem jeito.

— Não! — ela respondeu, irritada com a minha ignorância. — O senhor precisa preencher mais um formulário, escrevendo “dois meses” no espaço reservado ao prazo.

Isso significava sair do guichê, preencher outro documento e entrar novamente na fila. Feito isso, um outro problema: a taxa a ser paga era de 11,10 libras egípcias. Eu não tinha a quantia exata e ela não tinha troco.

— A senhora pode ficar com o troco — respondi. — Dê de gorjeta a alguém. Não vou sair da fila por causa de uns poucos centavos.

— Não — ela disse — O senhor precisa trazer o valor exato.

Irritados com a excessiva honestidade da funcionária, saímos pela rua à procura de alguém que pudesse trocar nosso dinheiro. Por sorte, havia um cambista na saída do prédio, o que nos custou um alto *baquiche*.

Entregamos toda a papelada, fizemos o pagamento e fomos mandados para uma sala de espera, onde quaramos não sei por quanto tempo, entretidos com as figuras bizarras dos turistas que perambulavam pelo local. Lá pelas tantas, outro funcionário veio ter conosco, seu chefe queria nos ver. Fomos até outra sala, onde nossas fotos foram atentamente comparadas conosco, sem a menor cerimônia.

Mais uma vez, a foto do Beto provocou o maior rebuliço. Fomos dispensados, o chefe precisava consultar outro chefe, alguém acima dele. Algum tempo depois fui chamado ao guichê e recebi meu passaporte. Beto foi chamado novamente, um outro chefe, talvez superior a todos que já nos haviam atendido, queria vê-lo, conferir se era mesmo ele o cara da foto. Muitas explicações depois, saímos com nossos vistos prorrogados, um dia inteiro dedicado à burocracia egípcia, famosa em todo o mundo desde os tempos dos faraós.

Os escribas, ao contrário do que comumente se apregoa, não eram intelectuais inquietos e criativos, mas burocratas a serviço do poder central. Jamais paravam de fiscalizar, calcular taxas, escrever relatórios, constatar, anotar e editar. Se naquela época já existissem carimbos, provavelmente seriam exímios também na arte de carimbar. As imagens que deles nos chegaram lembram um carreirista, ar entediado, disposto a sacrificar a maior parte da vida em troca de um emprego seguro, embora aborrecido. Como todo burocrata que se preza, manipulava seu poder oprimindo os subalternos e bajulando os chefes. Suas maiores aventuras eram enganar ou roubar seus superiores e praticar o mais deslavado tráfico de influência. Eram imprescindíveis, por isso nunca seriam deixados de lado. Independentemente das crises de fome que volta e meia assolavam o reino, eles continuavam firmes em seus postos.

Os atuais burocratas até nome próprio têm: *muazzafs*. São os herdeiros dessa estirpe aristocrática, gente que trabalha pouco, ganha menos ainda, mas tem a certeza de que nunca será demitida, um grande privilégio nos países de economia instável. Pelo contrário, serão cada vez mais bajulados pelos governos populistas. Quando assumiu o poder, Nasser assegurou a todo cidadão com diploma universitário um cargo no serviço público. Com os atuais 3,5 milhões de assalariados, o funcionalismo consome grande parte do orçamento do Estado egípcio.

Eu já estava no país havia bastante tempo e cada vez sentia mais saudades de uma boa cerveja gelada. Mas o Egito não tinha bares e as únicas possibilidades de comprar uma cerveja eram os restaurantes dos hotéis de luxo — fora do nosso orçamento — e as pouquíssimas *free shops*, lojas de bebidas alcoólicas exploradas pelo governo, destinadas exclusivamente aos turistas. Por isso fiquei todo motivado quando descobri que em Alexandria havia um bar. Não um simples bar, no estilo ocidental. Mais que isso: o Cap d'Or era considerado pelos forasteiros que conheciam o país o melhor do

Egito. Era um dos últimos remanescentes das tabernas gregas existentes antes da revolução comandada por Nasser.

Lá fomos nós, debaixo de chuva.

E para quem ansiava por um bar, o local era de encher os olhos, no melhor estilo *kitsch* ocidental. Em um país onde apenas visitantes — leia-se cristãos! — ingerem bebidas alcoólicas, um bar, para ser bom, basta ter a aparência de bar, e esse tinha: algumas mesas e um balcão com tampo de mármore, com bancos altos na frente; as paredes cobertas de armários com portas de vidro, fundos espelhados e cheios de garrafas; ambiente escuro e alguns egípcios em frente a uma tevê assistindo a um show de uma cantora usando calças jeans e com os ombros de fora, realçando o fato de estar sem sutiã. Aliás, esse “toque egípcio” destoava um pouco do estilo dos bares cristãos tradicionais, onde mesmo mulheres bonitas na tevê fazem menos sucesso que fracas partidas de futebol.

As insinuações da cantora não despertariam a atenção de um colegial brasileiro, mas os poucos homens no Cap d’Or estavam embasbacados, vidrados na tevê. Cochichavam e soltavam gritinhos histéricos quando a moça aparecia em *close*, a blusa deixando imaginar os biquinhos dos seios. A tevê era por satélite e estava sintonizada numa emissora dos Emirados Árabes, a versão sueca dos países islâmicos.

Enquanto saboreava uma Stella encostado no balcão, um dos freqüentadores, de terno e gravata, se aproximou.

— Há pouco estiveram aqui duas mulheres muito bonitas perguntando por uns caras parecidos com vocês — ele disse. — Vocês querem que eu vá chamá-las?

— Não, obrigado — respondeu Beto.

O cafetão não insistiu, mas ficou ao redor, puxando assunto. Disse chamar-se Pablo. Era filho de pai egípcio e mãe grega, casado com uma colombiana. Era um bom pretexto para se aproximar de dois sul-americanos, mas para seu azar estávamos interessados apenas numa bebida gelada.

Amanheceu com o maior temporal, vento e chuva em abundância. Até mesmo as águas da pequena baía estavam agitadas, e fora da barra o

Mediterrâneo rugia furioso. Estava na hora de cair fora, procurar um clima mais seco, mesmo que para isso precisássemos enfrentar o deserto do Saara.



Mesquita de Mohamed Ali, na cidadela, no Cairo.

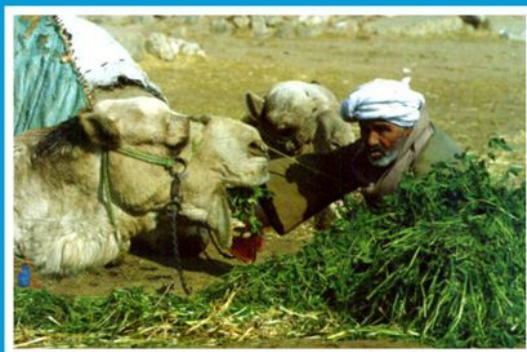




Airton Ortiz no Museu Egípcio do Cairo.



Mercado de camelos em Birqash.

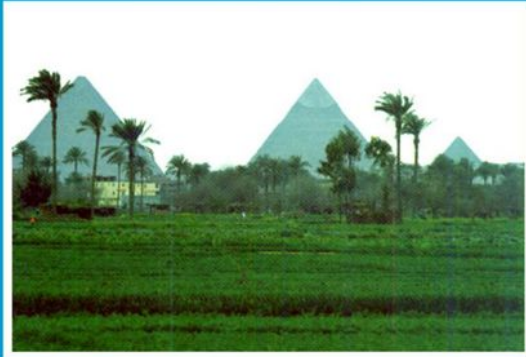




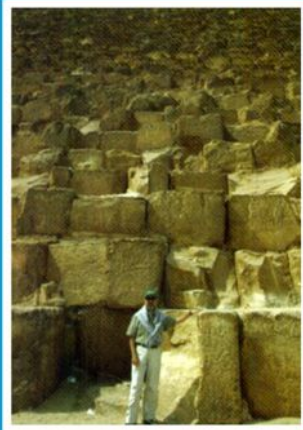
Pirâmide Escalonada, em Saqqara.



Pirâmides de Gizé, vistas do vale do Nilo.



Pirâmide de Quéops.

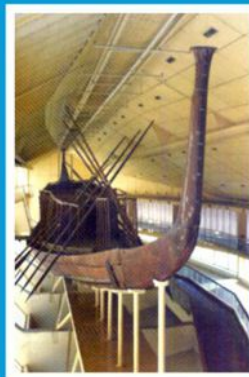


Pirâmides de Gizé com a esfinge na frente.

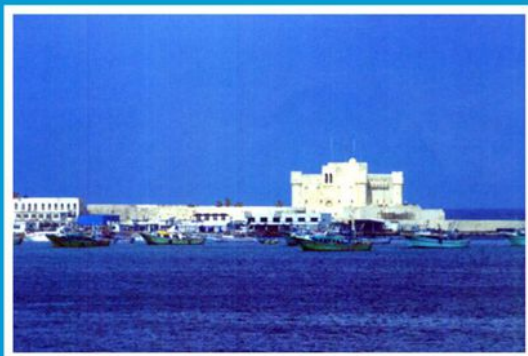




Escultura de Quéops em miniatura.



Barco solar do faraó Quéops.



Forte Qaitbey, construído com as pedras e situado no mesmo local do antigo Farol de Alexandria.



Oásis de Siwah.





Grande Mar de Areia.

Fósseis marinhos no deserto do Saara.

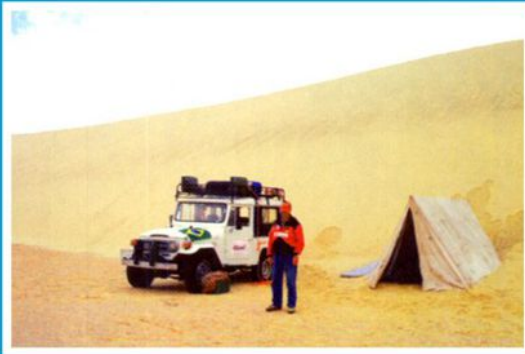


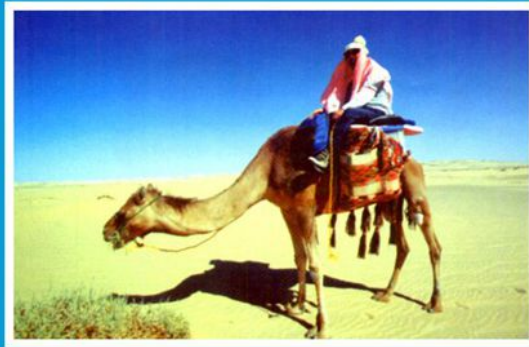


Pequeno oásis no Grande Mar de Areia.

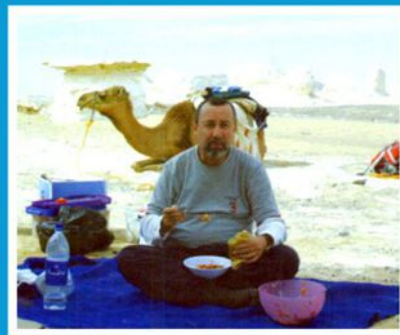


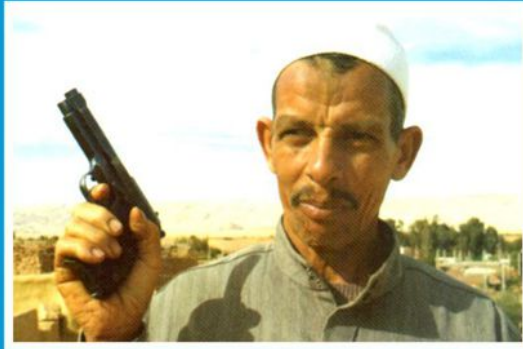
Acampamento na travessia de Siuah
para Bahariya.





Airton Ortiz atravessando o Deserto Branco. Abaixo, parada obrigatória para uma oportuna refeição.



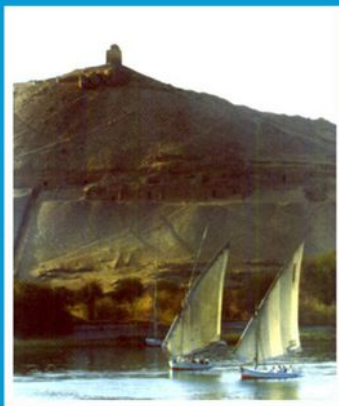


Um dos nossos guias no deserto do Saara.

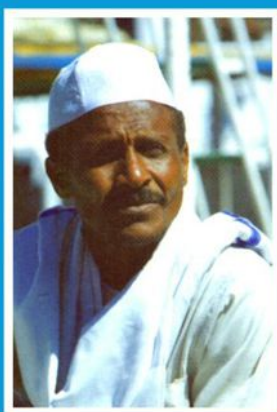


Múmias descobertas durante a travessia do deserto do Saara.





Assuã.



Marinheiro núbio.



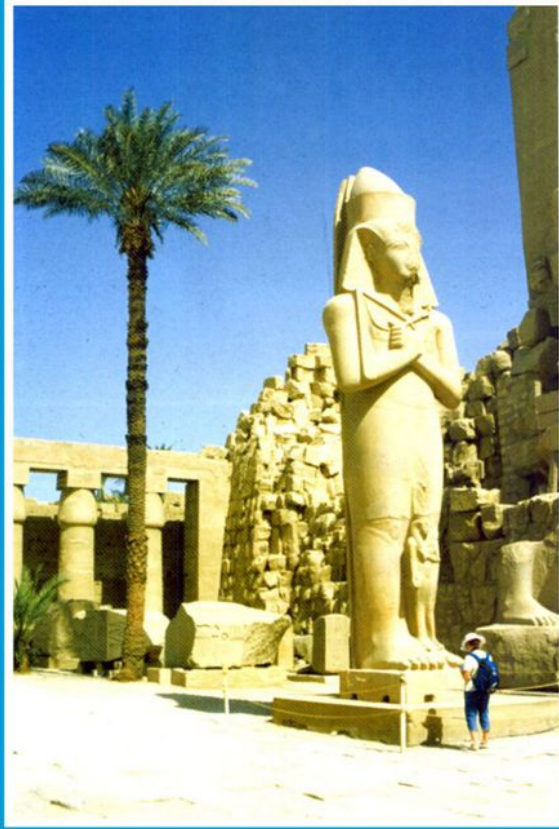


Ramsés II no templo de
Kamak, em Luxor.

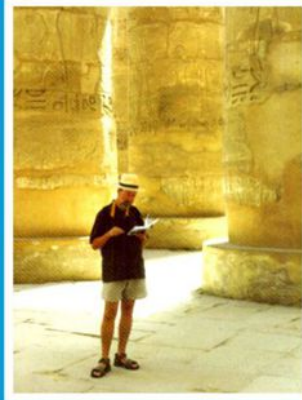
Airton Ortiz almoçando na faluca
que o levou pelo rio Nilo.



Pilono do templo de Hórus,
em Edfu.

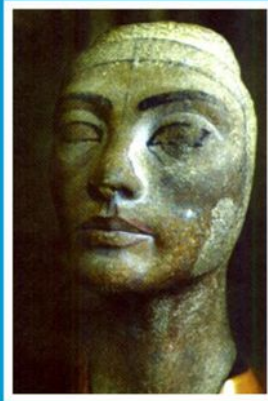
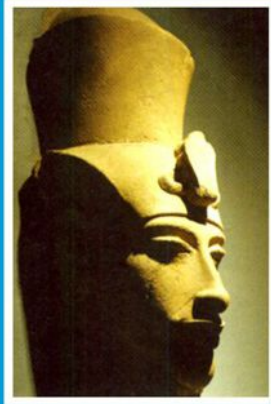


Sala hipostila em Karnak.

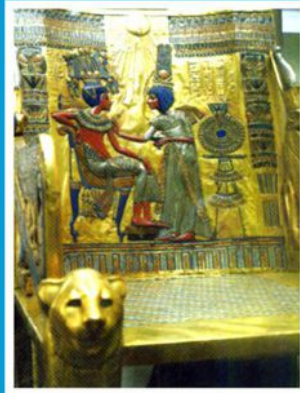
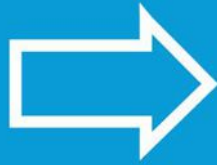


Templo da rainha Hatshepsut na necrópole de Têbas.

Aquenáton, o faraó herege.



Nefertiti.



Trono de Tutancâmon.



Sarcófago com a múmia de Tutancâmon, em seu túmulo original, no Vale dos Reis.

Quarta Parte



A travessia do Saara

SIUAH

Comprar passagens para o interior já nos deu uma idéia das dificuldades que teríamos pela frente nas semanas seguintes. Ninguém falava inglês no terminal rodoviário, não sabíamos como nos fazer entender. Queríamos entrar no deserto, mas todos achavam que desejávamos viajar de volta para o Cairo. Finalmente, encontramos um simpático jovem, Gamal Hassan, dono de uma lanchonete vizinha ao terminal, que nos salvou, pois falava um pouco de inglês. Comprou as passagens e nos colocou dentro do ônibus, diante dos olhares curiosos dos demais passageiros, berberes de turbante e *gallabeya* voltando para as suas aldeias nos pequenos oásis do Saara.

Gamal Hassan tinha 22 anos e era um fanático *zamalkaui*, um dos mais radicais que conheci em todo o Egito. Tão fanático que por baixo da camisa social usava uma camiseta branca, símbolo da sua ferrenha opção. Seu fanatismo só era comparado ao de outros fanáticos, os *ahlaui*, identificados pelas camisetas vermelhas. A rivalidade entre os dois times era tamanha que

as autoridades egípcias chegavam a ponto de precisarem convocar juízes europeus para arbitrar os seus embates, verdadeiras guerras civis, pois nenhum egípcio ficava alheio a um dos lados quando eles entravam em disputa.

O Ahli defende sua imagem proletária com ferocidade. Seu primeiro presidente foi o líder nacionalista Saad Zaghlul, na década de 1910. Já o Zamalek tem fama de ser mais burguês, mas nem por isso menos popular em todo o país. Para se ter uma idéia da força dos dois lados, basta lembrar um incidente ocorrido em 1999, durante um enfrentamento no Cairo: o Zamalek retirou o time de campo aos cinco minutos do primeiro tempo por causa de um cartão vermelho.

Os dois clubes caiotas fornecem dois terços da seleção nacional de futebol, chamada “os faraós”. O Egito queria sediar a Copa do Mundo de 2010 e Gamal Hassan pediu-me para escrever de modo favorável ao país.

— Meu pai estava no México em 1970 e torceu pelo Brasil — ele contou, com sincera felicidade. — No Egito, todos torcemos pelo Brasil.

— E se a Copa for no Egito e a final for entre Egito e Brasil, como fica? — perguntei para me divertir com ele.

— Bem, aí você vai nos desculpar, mas vamos torcer pelo Egito.

Gamal deve ter ficado bem chateado quando a Fifa anunciou a Copa do Mundo de 2010 para a África do Sul, pois eles tinham mesmo esperança de sediar o evento, embora eu não imaginasse como pudessem fazê-lo.

Foram nove horas de Alexandria até Siuah, 605 doloridos quilômetros sacolejando dentro do velho ônibus. Seguimos pela costa mediterrânea até Marsa Matruh, onde nos afastamos do litoral, cruzamos o platô líbio e mergulhamos no deserto por uma estradinha aberta poucos anos antes pelo Exército egípcio, chegando no meio da tarde ao pequeno oásis, considerado pelos seus poucos visitantes como uma das maravilhas do mundo atual.

Na borda do Grande Mar de Areia do Egito, o gigantesco campo de dunas que cobre o oeste do Egito e o leste da Líbia, o oásis está doze metros

abaixo do nível do mar, numa depressão com uma largura variando entre nove e 28 quilômetros, e com oitenta quilômetros de comprimento.

Descemos do ônibus e fomos cercados por diversos carroceiros, os táxis locais. Escolhi uma pequena carroça de um eixo tocada por um garoto; seu burrico me pareceu bem-tratado.

— Leve-nos ao hotel Alexandre — pedi.

O oásis tinha menos de vinte mil habitantes e a vila era realmente pequena, meia dúzia de ruelas ao pé das ruínas de uma fortaleza do século XIII, mas estávamos cansados demais para ir caminhando até a hospedaria. Além disso, iríamos desapontar os inúmeros carroceiros que esperavam a chegada do ônibus vindo da cidade grande, onde éramos os únicos forasteiros. Siuah está no fundão do deserto, na fronteira com a Líbia, a quase mil quilômetros do Cairo, distância que a deixa fora do circuito turístico do Egito.

Infelizmente para a maioria das pessoas que visita o país, felizmente para nós.

As agitadas Cairo e Alexandria haviam ficado para trás, nem parecíamos estar no Egito. Em Siuah, todas as coisas estavam nos seus devidos lugares. Sentíamos uma certa segurança no semblante de cada pessoa, como se o mundo em volta não estivesse girando tão rapidamente quanto nos outros lugares.

Seus moradores, originários de um grupo étnico nômade de origem camita (descendentes de Cam, o segundo filho de Noé), são nativos da Barbária, como os romanos chamavam o norte da África. Os berberes habitam a área que vai do Marrocos até Siuah desde a pré-história, portanto bem antes da chegada dos árabes à região, e falam uma língua camito-semítica.

Tradicionalmente hostis aos não-muçulmanos, tão logo pisamos na vila fomos orientados pelos governantes, um conselho formado pelos xeques das nove tribos locais, a destruir qualquer tipo de bebida alcoólica que porventura tivéssemos trazido, a não “demonstrar afetos em público” e a usar roupas modestas. Se houvesse alguma mulher conosco, ela não deveria

deixar o corpo à mostra, especialmente a parte superior dos braços, os ombros e as pernas. Havia várias fontes públicas no oásis, onde poderíamos banhar-nos. Desde que, é claro, o fizéssemos com roupas, principalmente as mulheres.

— Se esses critérios valem para as estrangeiras, imagine as nativas — comentei com Beto.

Logo descobrimos que as mulheres locais levavam uma vida totalmente reclusa. Geralmente se casam ao completar dezessete anos, e a partir desse momento não podem falar com nenhum homem, a não ser o marido, o pai ou os irmãos. Nas raras ocasiões em que saem em público, mantêm todo o corpo coberto. Mas os homens podem ter mais de uma esposa, como prometera o Profeta, uma maneira eficiente de aliciar novos fiéis.

Como nosso quarto na pousada era muito desconfortável e constantemente ficava inundado — um corre-corre danado para colocar nossas coisas em cima das camas —, passávamos os dias caminhando pela calmissíssima vila, bisbilhotando a vida alheia — Beto tentando tirar fotos camufladas —, e nos dedicando a comer as guloseimas feitas de tâmara. Estávamos num dos lugares mais pitorescos e idílicos do país, verdadeira miragem encravada no coração do Saara, entre os lagos Siuah e Zeitun, à sombra de montanhas rochosas erodidas.

Neste oásis famoso em todo o norte da África por suas tamareiras e oliveiras, as pequenas casas de tijolo cru estavam esparramadas em meio aos jardins luxuriantes formados por trezentas mil palmeiras e setenta mil oliveiras, uma mancha verde-escura contrastando com a aridez amarelada do solo. Os pátios floridos estavam conectados por uma extensa rede de córregos alimentados por mais de trezentas fontes de águas límpidas, que brotavam milagrosamente do chão.

Localizado na origem da antiga rota das caravanas que transportavam tâmaras até Mênfis, o oásis dificilmente recebia forasteiros. Desde a Antiguidade, os poucos que se aventuravam a cruzar o deserto até Siuah eram peregrinos em busca do famoso oráculo do templo dedicado a Amon,

construído na 26ª dinastia, no século VI a.C., sobre os escombros de um templo ainda mais antigo.

Halet, nosso pequeno carroceiro, tinha dezesseis anos e era bem simpático, embora tivéssemos uma certa dificuldade para nos entender. Seu inglês era esforçado, mas normalmente esbarrávamos em seu sotaque berbere. Ele nos apanhou no hotel bem cedinho, como havíamos combinado no dia anterior, e nos levou para conhecer as ruínas do Templo do Oráculo, vítima do tempo e dos otomanos, que utilizaram suas pedras para outras fortificações, e de uma restauração malfeita após a II Guerra Mundial.

Sobrava muito pouco do famoso local, na parte alta de um morro. Em 331 a.C., Alexandre, o Grande, à frente de um exército reduzido, veio de Alexandria perguntar ao oráculo se ele realmente era filho de Zeus e, portanto, de origem divina. O sábio oráculo, precavido, confirmou as esperanças do bravo general macedônio, acrescentando ser ele também filho de Amon, o que lhe dava direito ao título de faraó do Egito. Confirmada sua ascendência divina, o general mandou construir a cidade de Alexandria, às margens do Mediterrâneo, de onde pretendia governar seu vasto império. Apesar da garantia do oráculo de que ele era mesmo um deus, Alexandre morreu dez anos depois.

— Provavelmente foi neste local que o oráculo recebeu Alexandre — disse para Beto, mostrando o coração do santuário.

— Não dá para imaginar — ele se limitou a responder, enquanto fotografava detalhadamente cada uma das pedras.

Além de um viajante grego que visitou Siuah no ano 160 d.C., seus moradores só tiveram contato com outros europeus em 1792, quando alguns intrépidos aventureiros se arriscaram até o oásis, poucos deles escapando com vida para contar o que viram de interessante na aldeia berbere. A região só foi incorporada ao Estado egípcio após a II Guerra Mundial, embora permanecesse isolada até a década de 1980, quando o exército abriu a

pequena estrada que vinha de Marsa Matruh. Mais recente ainda era a permissão para forasteiros entrarem na região.

Graças a esse isolamento, eles conservam seu dialeto berbere e cultivam uma sociedade completamente diferente do resto do Egito, praticando seus hábitos e costumes como vêm fazendo desde a época em que seus antepassados descobriram esta ilha verde em meio ao deserto escaldante.

Após visitarmos o templo do oráculo sagrado, Halet nos levou na sua pequena carroça às ruínas de outro templo dedicado a Amon, construído por Nectanebo — o último faraó do Egito — durante a 30ª dinastia, e a várias fontes naturais de rara beleza, uma delas graciosamente chamada Cleópatra.

O burrico andava devagar, e passávamos os dias sentados na carroça, sacolejando pelo oásis, visitando uma curiosidade aqui, outra acolá. Fizemos um acordo com o garoto para seu táxi ficar à nossa disposição enquanto estivéssemos na vila mediante um pagamento fixo por dia. Era bom para ele, que tinha uma renda garantida, e para nós, pois saía mais em conta do que alugar uma carroça cada vez que desejássemos passear pelo oásis, visitando seus arredores.

Certa manhã escalamos o monte Gebel Dakrur, ali perto, de cujo cume tivemos uma vista maravilhosa de todo o oásis, desde o lago Zeitun até o lago Siuah, passando pelos palmeirais com o casario no meio. Um pouco mais longe, podíamos ver as escarpas rochosas da depressão onde ficava o oásis. Entre julho e setembro, no alto verão, os moradores se dirigem ao local para tratar de seus reumatismos.

— Após vinte minutos mergulhados na areia escaldante, eles tomam uma caneca de chá fervendo — explicou Halet. — O tratamento demora três dias e todos ficam curados.

Num belo fim de tarde fomos até Fatnas, uma fonte de água doce numa pequena ilha dentro do salobro lago Siuah. Mais do que nos banharmos na graciosa piscina natural, queríamos apreciar o pôr-do-sol por trás das pequenas montanhas rochosas do deserto. Na orla do oásis, onde o verde terminava abruptamente, podíamos notar o fundo do lago, cada vez mais

seco. Em alguns lugares o lodo estava tão esturricado que podíamos caminhar sem afundar as botas no que deveria ser uma área coberta de água.

Enquanto Beto preparava seu equipamento fotográfico para registrar o entardecer, encontramos alguns viajantes ocasionais, entre eles Dora Beckett, 28 anos, bombeira em Paris. Ela tirara duas semanas de férias no Egito e se juntou a nós para conhecer os oásis do Deserto Ocidental, o Saara egípcio à esquerda do Nilo. Nosso burrico era tão lento, embora apanhasse constantemente para apressar o passo, nos deixando constrangidos, que o dispensamos e voltamos caminhando para o povoado, onde chegamos no começo da noite.

Os seis quilômetros nos deixaram famintos, e meu apetite foi saciado com a iguaria mais estranha do Egito: sopa de *molokhiyya*, um caldo com aparência de alga verde e consistência mucosa. A folha de *molokhiyya* (um vegetal comum no Oriente Médio), após picada, foi cozida junto com carne de frango desfiada e temperada com louro, cardamomo, cebola, coriandro, suco de limão e muito alho até desmanchar-se, formando uma espessa pasta esverdeada. Não estava ruim, embora não fosse muito agradável aos olhos nem ao tato.

Dora me acompanhou na sopa e no chá egípcio; Beto preferiu espaguete com refrigerante. Mais tarde fiquei sabendo que no século XI o califa Al-Hakim proibiu a sopa no Cairo por considerar seu aspecto repulsivo demais. Pelo visto, a providência do soberano muçulmano ainda não havia chegado a Siuah.

O GRANDE MAR DE AREIA DO EGITO

Quem conhece o Saara (deserto, em árabe) somente pelo cinema imagina que ele seja uma gigantesca e compacta duna de areia. Na verdade, a areia cobre apenas um quarto da sua área de 8,6 milhões de quilômetros quadrados, um Brasil inteiro. A palavra deserto vem do francês *désert*, e significa vazio. Nada mais. O Saara é um imenso vazio forrado de areia, rochas e cascalho — principalmente cascalho.

Em meio a esse grande vazio existem os chamados mares de areia, enormes extensões cobertas por incontáveis dunas justapostas. A Terra possui dezoito mares de areia, quatro deles no norte da África. Um desses, o quarto maior do mundo, o Grande Mar de Areia do Egito, cobre parte do Egito e da Líbia, começando no Mediterrâneo e se estendendo por oitocentos quilômetros em direção ao Sudão, soterrando espantosos 72 mil quilômetros quadrados. Ele possui algumas das maiores dunas do mundo, uma delas chegando a 140 quilômetros de comprimento.

Algumas estão em movimento, outras não. Em 1970, alguns especialistas, depois de observá-las por meio de satélites, classificaram-nas, segundo os seus formatos, em cinco grandes grupos, quatro deles encontrados no Egito:

Linhas Paralelas — também chamadas *seif* ou *sword* — são formadas pelos ventos, geralmente estão em movimento e suas ondulações lembram as lâminas curvas das espadas árabes;

Ondas Paralelas — levadas pelo vento, sua altura vai aumentando até que a areia, depositada em sua crista, comece a deslizar pelo outro lado em quedas abruptas, formando pequenos precipícios. São largas e longas, dispendo-se em ondas paralelas e com pequenos vales entre elas. Costumam deslocar-se a uma velocidade média de dezenove metros por ano;

Crescentes — como uma cordilheira, vão se formando com a colisão de pequenas dunas, conservando um formato montanhoso com seus lados distintos;

Estrelas — criadas quando os ventos sopram em várias direções, geralmente são encontradas isoladas. Embora existam no Egito, elas são raras.

Onduladas e belas, as dunas são traiçoeiras e têm desafiado os viajantes ao longo dos séculos. Mesmo assim, continuam sendo uma das partes menos exploradas do planeta, atraindo todo tipo de gente, inclusive nós. Eu queria mergulhar nesse oceano movediço, e essa era a oportunidade. Estávamos junto ao Grande Mar de Areia, ponto de partida ideal para uma expedição ao seu interior.

Siuah fica numa depressão cascalhenta, está abaixo do nível do mar e forma um ecossistema até certo ponto compreensível, pois se trata de uma área relativamente grande. Como seria um oásis pequeno, apenas uma lagoa cercada por coqueiros e dunas nos cafundós do Saara? Essa imagem, bailando em minha mente desde os tempos juvenis, poderia agora se tornar realidade, bastando um pouco de desprendimento.

Bir Wahed (literalmente, fonte no oásis em árabe) preenchia exatamente essa descrição, além do fato de sua fonte ser de água quente. Encravado no meio do Saara, o oásis não passa de uma pequena lagoa cercada por

coqueiros, onde vive apenas uma família. Fica a poucos quilômetros da vila, e como em Siuah não existem camelos, precisávamos alugar um jipe com tração nas quatro rodas e adaptado para viajar sobre as dunas. Beto gostou da idéia. Convidamos Dora e ela aceitou dividir conosco os custos da pequena expedição.

Tigr, o dono do nosso hotel, indicou-nos Nasser, um jovem e feliz proprietário de um Land Cruiser. Muito gentil, providenciou nossos vistos, pois precisávamos de uma autorização especial da polícia egípcia para entrar no deserto. Combinamos uma incursão de um dia pelas dunas do Grande Mar de Areia. Sairíamos cedo, visitaríamos dois outros oásis pelo caminho e concluiríamos nossa jornada em Bir Wahed no fim do dia, para apreciarmos o pôr-do-sol a partir das areias incandescentes do Saara.

Antes de sairmos do povoado, abastecemos-nos com vários litros de água mineral. Nasser havia ficado responsável pelos mantimentos, mas não confiávamos muito nas suas providências. Acostumado com o clima quente da região, se fosse destinar-nos a mesma quantidade de líquidos de que ele necessitava, provavelmente passaríamos apuros. Sem contar algum problema mecânico, pois seu jipe não me pareceu muito confiável.

— Sou um bom mecânico — ele garantiu quando lhe transmiti minha preocupação com o estado do carro.

Sentei-me no banco da frente juntamente com Hassan, um ajudante de última hora, como sempre acontece nessas ocasiões. Beto e Dora se acomodaram no banco traseiro, juntamente com nossas tralhas. A francesa usava um turbante de seda vermelho, comprado em Paris quando decidiu viajar para o Egito. Mais do que o sol, eram os costumes tribais que a preocupavam. Aconselhados por ela, que havia testado a utilidade da peça nos dias anteriores, compramos dois turbantes, investimento que se mostrou extremamente útil naquele dia e nos seguintes, quando fomos descobrindo a versatilidade da indumentária árabe. Além de evitar a incidência do sol diretamente nas nossas cabeças, servia para nos proteger das rajadas de areia, cobrir o chão na hora do chá e, se preciso fosse, como uma pequena tenda, devido ao seu tamanho considerável.

Tão logo deixamos o terreno cascalhoso da vila e entramos nas dunas, Nasser murchou os pneus do jipe, deixando-os com pouquíssimo ar para melhorar a aderência e impedir que atolássemos no solo fofo. Em poucos minutos, todos os resquícios da presença humana haviam desaparecido e logo mergulhamos numa solidão de dar dó. Exceto pelo barulho do Land Cruiser e o arfar das nossas presenças, parecia que o mundo havia submergido sob o céu mais azul que eu já tinha visto. Lugar mais árido é impossível de haver no mundo, pensei. Ia comentar com os outros, mas desisti; eles já estavam tensos demais e uma observação dessas não iria ajudá-los a relaxar para curtirem melhor o passeio.

“Ver solidões passarem umas após as outras, prestar atenção ao silêncio e nada ouvir, nem um canto de pássaro, nem um zunido de moscas, porque não há nada vivo em lugar nenhum”, escreveu Pierre Loti em seu *Le désert*, de 1895, sobre o Egito.

Passado o impacto inicial, começávamos a nos adaptar ao vazio quando galgamos a crista de uma grande duna e paramos de repente, tendo à nossa frente apenas o céu sem nuvens. Imediatamente abri a porta e saltei do veículo, espantado com a cena: as rodas dianteiras estavam no ar, o chassi, enterrado na areia com o jipe no limite de precipitar-se penhasco abaixo.

— Deve ter uns quarenta metros de profundidade — Nasser se limitou a comentar quando já estávamos todos do lado de fora, estupefatos com a posição inusitada do carro.

Encontrávamo-nos num campo de Ondas Paralelas. Lá embaixo havia um pequeno vale, onde outra grande duna começava a crescer até precipitar-se novamente no vazio.

— Vamos? — disse Nasser, entrando no jipe.

— Vamos aonde? — perguntei, desconfiado da sanidade mental do rapaz.

— Seguir em frente.

— Você vai descer esse perau com o jipe?

— Claro.

— Então vá sozinho.

Ele foi!

Ligou o carro, engatou uma marcha reduzida e se lançou montanha abaixo. O jipe desceu de barriga, deixando um largo sulco na areia escorregadia da duna. Quando chegou lá embaixo, no fundo do vale, andou alguns metros para não atolar e parou, fazendo sinal para descermos caminhando.

Sem alternativa, seguimos em frente, enterrando as botas até as canelas na parede fofa da duna. Foi um grande esforço chegar até lá embaixo, chapinhando na encosta quente e pegajosa.

— Na próxima vez, vou descer contigo dentro do jipe — falei quando embarcamos.

E a próxima vez logo se apresentou, já na duna seguinte, mais depressa do que eu havia imaginado. Muni-me de toda a minha coragem e desci pelo gigantesco tobogã de areia dentro do jipe. Além dos arrepios, senti apenas um frio na barriga. Beto e Dora preferiram descer a pé, seguindo o carro.

— O que você sentiu? — perguntou-me a francesa quando nos reunimos novamente.

— Uma pequena vertigem, nada mais — respondi.

Encorajados pela minha preguiça, na duna seguinte descemos todos dentro do jipe, assim como em todas as outras que se seguiram. Embora não estivéssemos acostumados com esse tipo de estrada, logo descobrimos que era seguro, pois o carro, como se fosse um brinquedo infantil, descia semi-enterrado no chão, incapaz de virar ou provocar qualquer outro tipo de acidente.

Quando a ausência de cor parecia ter engolido tudo à nossa volta, repentinamente nos deparamos com um minúsculo oásis, apenas uma laguna rodeada por juncos numa pequena depressão entre as dunas. Fiquei impressionado com a visão, tentando imaginar de onde havia saído essa água, se estávamos cercados por montanhas de areia por todos os lados.

— Os oásis do Saara são pequenos milagres de Deus — comentei com Dora quando descemos, ela tão boquiaberta quanto eu.

— Só podem ser — ela concordou.

Havia uma choupana coberta com juncos ressequidos e uma velha tenda esfarrapada ao lado da água, abrigo para algum viajante mais audacioso. Paramos para tomar um chá e apreciar a beleza selvagem do lugar. Enquanto Nasser abastecia o radiador do jipe e Hassan colhia alguns arbustos ressequidos para o fogo, resolvi entrar no lago. Dora fez o mesmo; afinal, estávamos bem longe das vistas dos xeques de Siuah. Beto ficou do lado de fora, fazendo fotos. A visão ao redor era impressionante: inacreditavelmente, estávamos nos banhando num aguaçal rodeados pelas infundáveis dunas do abrasador deserto do Saara.

A parada só não foi mais relaxante porque nossos dois bons amigos egípcios não tiravam seus olhos libidinosos da francesa. Não sei o que se passava em suas cabeças, acostumados a ver as mulheres da vila com os corpos completamente cobertos. Talvez estivessem espantados com a atitude imoral e decadente da cristã européia; talvez estivessem encantados com a alegria dela e maldizendo suas próprias concepções religiosas. Não sei como suas mulheres interpretavam o contato deles com as estrangeiras que eventualmente passavam por Siuah. Mais tarde Dora me contou sobre suas tentativas de conversar com algumas mulheres da vila sobre essas questões familiares, mas elas se negaram a falar.

Do ponto de vista biológico, não existem diferenças entre os seres humanos, independentemente do lugar em que vivam. Mas as questões culturais, mais do que aproximar, são as verdadeiras vilãs dos conflitos entre os povos. Incrivelmente, ao contrário do que tudo indica, quanto mais as telecomunicações evoluem, mais se intensificam essas diferenças. Parece que os grupos humanos, a exemplo dos animais selvagens, estão cada vez mais empenhados em demarcar com rigidez os seus territórios.

Atraídos pela água, uma série de diminutos animais perambulava pelas redondezas do oásis. Cascudos desfilavam em várias direções, deixando uma esteira de rastros na areia quente; minúsculos roedores corriam entre os esparsos tufo de grama, enquanto cobras e outros répteis se moviam sob o areal. As dunas fazem reverberar os ruídos da superfície, facilitando a locomoção da fauna subterrânea em busca de alimento. Existem mesmo

alguns animais completamente cegos, a visão substituída por uma aguçada audição, capazes de detectar o movimento de cupins e outros insetos a grande distância, emergindo da areia exatamente embaixo da presa.

Reiniciamos a viagem, subindo e descendo dunas gigantescas. Paramos algumas vezes nos vales entre elas para apreciar pequenos fósseis marinhos, uma prova de que o Saara fora mar em alguma época passada. Seu aspecto atual foi formado há mais de cinco milhões de anos, mas, antes desse período, muitos lugares receberam água suficiente para se cobrir de vegetação, e aí viveram diversas espécies de animais aquáticos e grandes mamíferos.

Eu não tinha a menor noção sobre qual direção estávamos seguindo. Não havia sinais perceptíveis para orientar meu senso de localização, mas Nasser continuava firme no volante, na maioria das vezes acelerando além do recomendável. Quando reclamei da velocidade, explicou-me que era para não corrermos o risco de atolar nas partes mais fofas do deserto.

Como contestar um argumento desses? Só me restava rezar para ele estar sendo sincero e não apenas querendo se exibir para a bonita francesa.

Lá pelas tantas chegamos em outro oásis, menor e mais bonito que o anterior. A lagoa devia ter uns cinqüenta metros de comprimento por uns dez de largura, afunilando-se numa das pontas. Também estava cercada de juncos e havia muitos pássaros sobrevoando o local, disputando avidamente os poucos alimentos disponíveis. Alguns eram nativos, outros, migratórios.

— Se você fosse um pássaro destes, qual gostaria de ser? — perguntei a Dora.

— Qualquer um — ela disse —, desde que fosse um migratório.

Gostei da resposta, mas fiquei pensando nos pássaros endêmicos do Saara, cujo maior trabalho é encontrar comida. No ano anterior eu havia percorrido a Amazônia e ficara deslumbrado com a fartura de alimentos na região, tanto para os humanos quanto para os animais.

— Se esses passarinhos soubessem que existe um lugar tão abundante em comida como a Amazônia — comentei com Dora —, por certo também se tornariam migratórios.

— Iriam voando para lá — ela disse, rindo.

— E este lugar ficaria ainda mais deserto — comentei.

No fim da tarde, ao subirmos uma duna alta, avistamos lá embaixo Bir Wahed, uma mancha verde-escura em meio ao monocromático deserto. Quando nos aproximamos, encontramos outro jipe: duas japonesas haviam chegado antes de nós.

— Nem aqui nos livramos dos turistas japoneses — disse Dora, indicando com a cabeça as duas asiáticas.

Surpreendentemente, elas estavam indo embora antes do grande espetáculo, o pôr-do-sol, para alegria da francesa.

— Devem estar com medo de voltar para Siuah de noite — comentei com Beto.

Fomos recebidos por um garoto que nos conduziu até os fundos de um abrigo, uma estrutura de madeira coberta com junco e fechada com lonas, onde funcionava uma pequena cozinha utilizada para fazer chá e *chicha*.

No pátio interno havia um tanque escavado no chão onde jorrava água sulfurosa a uma temperatura de trinta graus. Dora mergulhou na piscina natural; eu preferi ficar apenas com as pernas dentro da água, sentado na borda de pedra, uma sensação extremamente agradável. O garoto serviu chá para todos e ainda pedi uma *chicha*. Embora não seja dado a fumar, o ambiente pedia um comportamento adequado. Beto, como sempre, preferiu caminhar pelos arredores tirando as suas fotos.

O oásis devia ter uns quinhentos metros por cem. No meio ficava a casa da única família que morava no local. O pátio ao redor estava cultivado, e quase todo o terreno era coberto por palmeiras verde-escuras. A água que saía da fonte onde estávamos escorria pelo solo, irrigando e tornando fértil aquele pedaço de mundo. Havia muitos pássaros e fartura de comida para os moradores.

Perguntei a Nasser por que essa família tinha o privilégio de viver no paraíso, e ele se surpreendeu com minha curiosidade. Eles moravam ali porque moravam ali, e pronto. Seus pais moraram ali, seus avós também. Em alguma época distante, algum caravaneiro resolveu ficar no oásis, e desde

então seus descendentes habitam o lugar sem que passe pela cabeça de alguém pedir algum documento de posse da terra.

Descansados, resolvemos caminhar até o topo de uma pequena elevação rochosa perto do oásis para apreciar o entardecer de um lugar onde tivéssemos uma ampla visão do deserto. O espetáculo foi maravilhoso. As curiosas formações das dunas começaram a formar sombras fantasmagóricas com uma rapidez impressionante. O céu, pouco antes completamente azul, foi escurecendo e logo fomos envolvidos por um dourado ofuscante, como se fôssemos bonecos em miniatura dentro de um gigantesco baú cheio de ouro. Tão bonito quanto olhar para o sol desaparecendo era olhar para os lados, ver as sombras se encompridarem em desenhos descomunais.

Sem a presença ofuscante do sol, o deserto foi recuperando sua variedade de tons, desde os mais escuros até os mais brilhantes, à medida que a superfície ia variando de tonalidade. Areia, rochas e fósseis emitiam sua própria luminosidade e em poucos minutos, como deve ser o crepúsculo de um grande ato, tudo desapareceu, envolvido pela maior escuridão que já presenciei.

Mal conseguimos achar o caminho de volta para o oásis.

BAHARIYA

Dora pretendia voltar para Alexandria, tomar um ônibus até o Cairo e de lá seguir para o oásis Bahariya antes de regressar a Paris. Bahariya era também o nosso destino, mas...

— Mas o quê? — perguntou-me Beto.

— Eu não gostaria de voltar ao Cairo.

— Por quê?

— Quando viajo, não gosto de voltar. Prefiro sempre seguir em frente.

— Seguir de Siuah direto para Bahariya? — perguntou-me ele, um pouco espantado.

— Sim.

— Bem — ele disse, — se tu achas que podemos fazer isso, podes contar comigo.

Cada vez me afeiçoava mais ao meu parceiro. Ele vinha conquistando a minha confiança aos poucos, sempre bem disposto e sem reclamar de nada,

uma grande virtude. A expedição não tinha um guia, apenas um líder. Eu me limitava a indicar os caminhos, segui-los ou não dependia de cada um. Algumas vezes ele não seguia as minhas orientações e acabava enfrentando dificuldades além do necessário. Mas sempre encarava as situações adversas com coragem, arcando sozinho com as conseqüências das suas próprias decisões, a melhor forma de aprender os malabarismos de uma viagem deste tipo, uma pequena metáfora da própria vida. E agora, quando estava prestes a levar a nossa experiência no deserto a um nível bem mais arriscado, ele se manteve firme.

— Tu estás quase pronto para ingressar no clube — eu lhe disse.

— Que clube?

— Dos Viajantes Sem Destino, popularmente conhecido pelos seus adversários sedentários como Clube dos Malucos Sem Causa...

Fui falar com Dora.

— Seguir pelo deserto até Bahariya? — ela me perguntou, incrédula, na hora do almoço.

— Por que não? — devolvi-lhe a pergunta. — Já temos experiência com o deserto.

Ela riu de uma forma debochada, como só os franceses conseguem rir quando estão diante de algum nativo sul-americano.

— Até Bir Wahed foram apenas cinqüenta quilômetros e já foi aquele sufoco! De Siuah até Bahariya são 420 quilômetros pelo deserto desolado, calor abrasador durante o dia e frio cortante à noite — ela argumentou quando parou de rir, vendo-me tão sério quanto no começo do almoço.

— Veja o mapa — eu disse, mostrando-lhe o Saara. — Antigamente existia uma trilha de caravanas que fazia esse trajeto. Durante a II Guerra Mundial, os exércitos aliados percorriam essa trilha para enfrentar os tanques de Rommel no norte da África. Ela ainda está traçada no mapa, e creio que um bom jipe pode trafegar por ela.

Sentindo que a bombeira especializada em resgate de pessoas em pânico havia gostado do desafio, continuei.

— Vamos seguir praticamente pela borda do Grande Mar de Areia, isto é, não será um trajeto tão difícil quanto o de Bir Wahed. Em alguns lugares vamos cruzar as dunas, mas será a menor parte da viagem.

— Quanto vamos gastar?

— Não acho que seja muito caro. Dividindo por três, vai equivaler à volta de quase dois mil quilômetros que precisaríamos fazer retornando pelo Cairo.

— Acho uma loucura — ela disse.

— Por isso mesmo é que devemos tentar — arrisquei, procurando mexer com seus brios.

— Aquele carro não dá, quase se desmanchou ontem — disse Beto.

— Procuramos outro, mais novo. Existem vários jipes em Siuah, podemos escolher um melhor.

— O jipe do Ali me pareceu bom — disse Dora, se referindo a outro morador da vila, com quem ela havia conversado antes de nos conhecer.

— Você fala com ele? — perguntei.

— Falo.

Não tocamos mais no assunto durante o resto do almoço. Na manhã seguinte, quando nos encontramos no Abdu's para o café, o restaurante onde fazíamos as nossas refeições, no centro da vila, Dora já havia pesquisado todas as informações necessárias para a travessia. Ali tinha um bom jipe e nos cobraria um preço razoável.

— Ele se encarrega dos nossos vistos, da tenda e dos forros, compra os mantimentos e leva um mecânico por precaução. Prometeu que, se tudo correr bem, em dois dias estaremos em Bahariya.

Logo que descobriram nosso plano, as japonesas resolveram nos acompanhar. Alugaram seu próprio jipe e montamos parte da expedição em conjunto. Como elas eram apenas duas, e bem baixinhas, todos os alimentos foram levados com elas. Os dois carros eram picapes Toyota, bem desconfortáveis. Mas a própria aparência rude dos veículos nos passava a impressão de que tinham sido feitos para o deserto.

Saímos de Siuah numa bela manhã, um pouco depois das japonesas, e sem o tal mecânico. Ou melhor: apenas com o mecânico. Ali, o proprietário do jipe, não iria junto, conforme o combinado anteriormente com Dora. Em vez disso, seu mecânico, Senussi, um rapaz bastante jovem, pertencente a uma tribo local de origem líbia, faria as vezes de motorista.

— Ele desempenha bem as duas coisas — disse Ali, quando nos apresentou o rapaz.

O inusitado da viagem atraiu muitos curiosos. Quando saímos do centro da vila, em frente à mesquita, uma pequena multidão estava em volta do carro, apontando para nossas mochilas no bagageiro externo e dando palpites entre sonoras gargalhadas.

— Espero que estejam comentando como seria bom nos acompanhar — falei para Dora.

— Não tenho tanta certeza — ela se limitou a dizer, mal conseguindo disfarçar a tensão.

— Amanhã à tarde vocês estarão em Bahariya — gritou Ali na hora da despedida.

— *Incha allah* — respondeu o chofer.

— Se Deus quiser — repeti.

Senussi acelerou e seguimos para o oriente, em direção ao Vale do Nilo, deixando a fronteira com a Líbia para trás. Iríamos cruzar metade do território egípcio no sentido oeste/leste, nas pegadas das antigas caravanas que levavam tâmaras para Mênfis.

Passamos ao lado do Gebel Dakrur e seguimos por um aterro dividindo o lago Zeitun ao meio. Na sua bacia ocidental avistei alguns flamingos se alimentando nas águas salobras. Perto de nós, a terra ressequida indicava o avanço do deserto sobre o oásis, um sinal nada promissor.

Andamos menos de cinco quilômetros e o carro começou a falhar. Senussi desceu, mexeu em alguma coisa sob o capô e continuamos, embora o motor volta e meia desse uma rateada. Perguntei se não era melhor voltarmos, e ele prometeu parar em seguida e fazer uma revisão geral.

Paramos em Abu Shuruf, uma bonita fonte ladeada por palmeiras a 34 quilômetros de Siuah. Numa pequena tenda, um rapaz nos ofereceu chá e biscoitos. Imaginei ser o lugar onde Senussi pretendia fazer a tal revisão, mas ele se limitou a ficar estendido sobre os grossos tapetes, conversando animadamente com o vendedor de chá. A fonte havia sido represada num grande tanque, com três metros de profundidade e as águas mais límpidas que vi no Egito. Estava coalhada de pequenos peixes, outra novidade, e desaguava diretamente no lago Zeitun.

Reiniciamos a viagem, e cinco quilômetros depois, em frente à aldeia abandonada de Az-Zeitun, o jipe enguiçou novamente. Senussi desceu sem dizer nada, abriu o capô e começou a fuçar o motor. Desaparafusou, abriu, fechou, tornou a abrir, mudou fios, trocou peças, e nada de o jipe pegar. Às vezes alguma ferramenta caía no chão, uma chave mais pesada, obrigando-o a se arrastar para baixo da picape, sujando ainda mais a sua *gallabeya* branca amarelecida.

O sol começou a esquentar e Dora foi se abrigar dentro da picape, abrindo as toldas laterais para o vento circular melhor. Beto se afastou para fazer fotos e eu fiquei olhando para o lado da isolada aldeia, algumas casas de tijolo cru danificadas pelo vento e pela areia do planalto cascalhoso. Alguns anos antes arqueólogos encontraram nas redondezas uma série de túmulos da era romana, alguns ainda em escavação, mas pouco reveladores.

Uma pessoa saiu não sei de onde e ficou conversando com Senussi, dando palpites sobre os reparos a serem feitos. Enfiei a cabeça sob o capô e vi que estavam mexendo na bobina. Problema elétrico, imaginei. Cheguei a pensar em dar algumas sugestões, mas desisti. Nossos vocabulários comuns, tanto em inglês como em árabe, não eram suficientes para conversarmos sobre assuntos tão técnicos. Fiquei esperando pela proteção de Alá. Afinal, estávamos em seu território.

Quase duas horas depois, finalmente o defeito foi consertado. O jipe pegou, saltamos para dentro e reiniciamos a viagem. Mais três quilômetros e paramos em Ain Safi, num posto de controle do exército, onde fomos abordados por soldados armados com fuzis e metralhadoras e caras pouco

amistosas. Apresentamos nossos documentos, principalmente os vistos especiais para trafegarmos nesta parte do país, respondi a algumas perguntas e fomos autorizados a prosseguir, mergulhando de vez na imensidão inóspita do maior deserto do planeta, um mundo hostil formatado pela solidão da natureza e o silêncio humano. A próxima aldeia, Bawiti, estava a 378 quilômetros de distância, no oásis Bahariya.

Senussi continuava mudo. Dora, Beto e eu nos olhamos em silêncio. Ninguém falou, mas todos sentíamos a mesma coisa: insegurança. Por maiores que fossem as habilidades mecânicas do nosso motorista, não estávamos no veículo mais adequado para a longa travessia. Além do mais, o que nos pareceu divertido no começo — colocar nossas sacolas de mantimentos no jipe das japonesas —, eu agora considerava um grande absurdo. Por sorte havíamos levado, por iniciativa nossa, alguns litros extras de água. Mas não tínhamos parâmetros, não sabíamos se seria suficiente caso não encontrássemos o outro carro.

De qualquer modo, nossa caravana motorizada seguiu em frente, em direção ao Levante.

Volta e meia o arremedo de estrada desaparecia por completo, a trilha de cascalho submergindo, coberta pela areia levada pelo vento. Curiosamente, nesses momentos nosso motorista afundava o pé no acelerador, aumentando a velocidade do jipe. Sem os solavancos dos buracos, planávamos sorrateiramente pelas areias escaldantes, deixando para trás dois sulcos paralelos marcando as dunas imaculadas, sinais que logo seriam também apagados pelo movediço solo do deserto.

No lusco-fusco do entardecer, notei a expressão tensa de Senussi e seu olhar assustado, um misto de medo e encabulamento, embora desejasse aparentar o contrário. Ocasionalmente tentava afastar uma mosca imaginária da testa, gesto que o obrigava a soltar uma das mãos do encardido volante. Nada falava, não emitia o menor sinal verbal, limitava-se a seguir em frente, querendo nos passar a impressão de que sabia perfeitamente o que estava fazendo, aonde ia. Eu esperava que fosse verdade, embora nada confiante.

Silêncios profundos são sintomas de tensão, de incertezas, nunca de convicção.

Meu guia de viagem *Lonely Planet* sobre o Egito recomendava aos estrangeiros que porventura decidissem penetrar no deserto que levassem um guia com muitos anos de experiência, de preferência um morador local. Não só para mostrar as belezas naturais desse ecossistema tão interessante, mas especialmente para nos conduzir com segurança por um dos lugares mais traiçoeiros do mundo. Olhando para o rapaz ao meu lado, fiquei com sérias dúvidas se ele preenchia tais requisitos.

Como ele não falava, eu, sentado ao seu lado, tentava interpretar nossa situação pelos seus gestos. E esses eram claros: transmitiam desconforto e insegurança. Podia notar, na sua face morena, que também ele não confiava no que estávamos fazendo, especialmente no carro. Por que não voltamos para pegar outro veículo, fiquei pensando. Mas a resposta era simples: se fizéssemos isso, ele perderia seu trabalho. Eu já conhecia de longa data essa situação. Nas regiões muito pobres do planeta, as pessoas se dispõem a executar qualquer trabalho por um punhado de moedas, mesmo que não se sintam qualificadas para a empreitada. Sempre é melhor do que nada, do que ficar sentado à sombra de alguma árvore cavucando entre os dedos do pé enquanto a barriga ronca de fome.

Embora na maioria dos trechos pudéssemos divisar os sinais da trilha, Senussi insistia em fazer alguns atalhos, entrando nas dunas e correndo o risco de atolarmos. Logo percebi que estávamos procurando o acampamento onde o jipe das japonesas deveria estar nos esperando. Ele havia combinado alguma coisa com o outro motorista, e como nos atrasamos, não tinha certeza de onde nos encontrávamos. Era muito difícil calcular a distância percorrida, não havia sinais geográficos indicando nossa localização. E como o dia estava se esvaindo e nada do acampamento, estávamos desorientados.

— Estamos perdidos? — perguntou-me Dora, tocando levemente no meu ombro.

— Não! — respondi sem me virar para trás, e no tom mais convicto que me foi possível.

Eu temia ouvir dela a terrível expressão “eu não disse?”. Mas não. Embora ela tivesse relutado bastante em concordar com a travessia pelo deserto, em momento algum reclamou ou deixou transparecer que nos havíamos arriscado além do recomendável. Ela era treinada para essas situações e mostrou-se à altura do desafio. Beto tinha menos experiência, mas também se manteve firme. Tanto ele como Dora confiavam em mim, o que só aumentava a minha responsabilidade pelos meus bons caravaneiros. A única desconfiança no grupo era a minha em relação ao nosso chofer. E ela logo se agravou.

Ao tentar vencer uma duna mais alta, começamos a atolar. A velocidade foi diminuindo à medida que os pneus iam se enterrando na areia. Senussi engatou a marcha reduzida, dando uma breve sobrevida ao movimento do jipe, utilizado para ele virar à esquerda na tentativa de começar a descer, mas logo paramos por completo. Ele engatou a marcha a ré e tentou voltar descendo a duna, mas o carro não se moveu. Os pneus patinavam, atirando a areia longe e se cravando cada vez mais no chão rarefeito.

Descemos, angustiados; o sol já havia desaparecido e a noite começava a abocanhar-nos. Ele esvaziou os pneus e tentamos novamente, agora ajudados pela força dos nossos braços. Não foi suficiente. Dora, a bombeira parisiense, se ajoelhou e começou a retirar a areia atrás das rodas, gesto seguido por todos nós.

— Temos uma pá? — perguntei ao Senussi.

— Não — ele respondeu, sem levantar a cabeça.

Fiquei pensando por que diabos não tínhamos uma pá no carro. Deveria ser a primeira ferramenta a embarcar. Em vez disso, só tínhamos as mãos. Retiramos a areia e o jipe avançou alguns centímetros, menos do que o necessário para embalar e saltar fora do atoleiro. Senussi, encolhido em seu silêncio acabrunhado, subiu no bagageiro e jogou para baixo os sacos com os tapetes e cobertores que utilizaríamos para dormir. Sem nada falar, como se não estivéssemos presentes, retirou a areia da frente do pneu e estendeu

um cobertor sob a roda, formando um trilho. Logo entendemos o que ele estava fazendo, fizemos o mesmo com as outras rodas.

Ele ligou o motor, acelerou forte e soltou a embreagem. Mesmo vazios, os pneus patinaram, puxaram os cobertores para baixo das rodas e os lançaram longe, para trás do veículo, sem, no entanto, o carro sair do lugar. Repetimos a operação, mas de nada adiantou. Continuávamos tão atolados quanto antes.

— Precisamos segurar os cobertores — eu disse. — É o jipe, não os cobertores.

Todos concordaram. Repetimos a operação, agora com Beto, Dora e eu segurando os cobertores para eles não serem sugados pelos pneus. Avançamos um metro, mas logo nossas forças foram insuficientes para impedir que os cobertores novamente fossem jogados para trás pelos pneus patinando.

— Vai ter que ser assim — eu disse, já que nosso motorista nada falava. Ao seu inglês deficiente se juntara o encabulamento cultural, sentindo-se responsável pela confusão em que estávamos nos metendo.

— Vamos de metro em metro — Dora concordou.

Repetimos a operação várias vezes, até que conseguimos levar a picape para a parte baixa da duna, retirando-a do atoleiro e seguindo em frente, já noite alta. Continuamos andando em círculos, feito baratas correndo na areia quente, subindo e descendo dunas colossais, correndo o risco de atolarmos novamente, em busca da trilha abandonada. Quando a terrível palavra “perdidos” começou a tomar forma na minha mente, para alívio de todos nós, especialmente o tenso Senussi, subitamente nos encontramos rodando sobre a faixa de cascalho marcando a direção correta a seguir.

Ufa!

Iluminada pelos faróis do velho jipe, a areia brilhava em várias tonalidades, transpassada por bancos de cascalhos e fragmentos de rochas. Além da saltitante nesga de chão focada à nossa frente, nada mais podíamos ver. Cada vez nos aprofundávamos mais na escuridão. Acostumado a manter

todas as variáveis da minha vida sob controle, chocava-me constatar que estávamos à mercê do acaso.

Pareceu-me que Senussi havia desistido de encontrar o outro jipe. Embora lutasse contra os pensamentos ruins, tentando afastar as energias negativas, uma história bem desagradável me veio à mente.

Em 524 a.C., o rei persa Cambyses, que havia conquistado o Egito no ano anterior, enviou de Tebas um exército de cinqüenta mil soldados para matar o oráculo de Siuah e destruir seu templo. O poder do porta-voz de Amon era tamanho que estava ameaçando a autoridade dos novos senhores do país. Apesar de toda a logística que acompanhou tão grande força militar, os poderosos persas jamais chegaram ao seu destino. Perderam-se pouco antes de chegar a Siuah e nenhum deles sobreviveu ao deserto.

Está bem, não andávamos a cavalo. Éramos viajantes modernos, tínhamos um jipe. Mas essa era uma esperança que logo se esvaía no ar. De nada adiantaria termos um jipe se ele atolasse definitivamente nas dunas e não conseguíssemos avançar. Eu estava assim, nesse devaneio sombrio, quando subitamente algo piscou no breu do deserto. Foi às nossas costas, mas a piscadela iluminou os montículos de cascalho esparramados à nossa frente. Aliás, mais do que a luminosidade refletida sobre as pedras, o que chamou minha atenção foram as pequenas sombras projetadas por eles. Pareceu-me algo sobrenatural, tão inusitado quanto surpreendente, impossível de ser analisado pelas súbitas descargas elétricas que me percorreram os neurônios já meio entorpecidos.

Embora estivesse esperando ansiosamente um sinal de vida exterior, a faísca de luz foi tão rápida, algo tão deslocado em meio ao torpor em que me encontrava, que não consegui reagir. Nem eu nem os outros. Apenas registramos em nossas mentes desoladas que algo havia acontecido. Antes que pudéssemos manifestar qualquer reação física, o menor movimento que fosse, a luz piscou novamente. Agora, sim, num lampejo hipersônico, percebemos: eram os faróis do outro jipe nos sinalizando o acampamento.

A palavra alívio é insuficiente para o que sentimos nesse momento.

Senussi deu meia-volta e estacionamos ao lado da picape azul das japonesas. Abdullah, o simpático motorista, veio nos ajudar a armar nossa tenda, dizendo-se muito preocupado conosco.

— Faz umas quatro horas que estou aqui esperando vocês — ele disse, gesticulando muito.

Senussi entabulou uma conversa no dialeto local e fomos jogados para fora do assunto. Eu não sabia o que diziam, mas podia intuir: falavam da nossa experiência recente, claro, quando ficamos perambulando em busca do acampamento. Pelo menos a alegria voltou ao rosto do nosso amedrontado motorista.

O acampamento fora montado ao pé da parede abrupta de uma grande duna, dando-nos a proteção necessária para enfrentar a noite. Como essa formação avança apenas 19 metros por ano, não coríamos o risco de ser soterrados enquanto dormíssemos, a não ser que uma violenta tempestade de areia nos pegasse durante o sono, o que ninguém acreditava que pudesse acontecer.

A janta estava pronta, cozida numa fogueira em frente à grande tenda das japonesas. Abdullah havia trazido uns poucos galhos ressequidos de palmeira e o fogo serviu também para nos aquecer. Sentamos em círculo sobre um largo tapete vermelho e comemos *full* com pão árabe e tomamos leite de cabra. De sobremesa, tâmaras adocicadas. Abdullah nos ofereceu uma bebida alcoólica caseira, mas eu não quis provar, estava com dor de cabeça. Serviu-me apenas para descobrir que a proibição do álcool não passava de conversa para enganar os líderes religiosos de Siuah. Como o frio caía intenso, aquecemo-nos com algumas canecas de chá de menta.

Yuki Nakayama, uma estudante de jornalismo de 22 anos, e Moemi Nagase, funcionária da Volkswagen em Tóquio, estavam aproveitando as férias no Egito. Moemi comemoraria o seu 22º aniversário em breve e estava encantada por fazê-lo no deserto. Abdullah começou a contar das suas várias mulheres. Além das três egípcias, tinha uma esposa polonesa que uma vez por ano vinha visitá-lo em Siuah, um assunto que interessava a Dora. Tagarelavam pelos cotovelos e logo os deixei conversando. Estava exausto,

queria dormir o mais cedo possível para acordar antes do nascer do sol na manhã seguinte.

O céu estrelado iluminava o deserto. A claridade era tanta que os carros e as tendas projetavam sombras curtas, esmaecidas pela penumbra produzida pela alta parede da duna às nossas costas. Para fixarmos bem a barraca, havíamos removido um pouco de areia, e agora nosso abrigo estava parcialmente encravado na encosta arenosa, um pouco soterrado pela areia que escorria da crista.

Uma lona estendida sobre uma estrutura móvel, em formato canadense, cobria somente as duas laterais e o fundo da improvisada tenda. Forrei o chão com alguns tapetes e me enfiei no saco de dormir. Alguns minutos depois Dora apareceu, fora buscar sua mochila. Para a francesa, Abdullah estava se insinuando demais, tentando criar muita intimidade com as meninas, então ela resolveu dormir com as duas, deixando nosso pequeno abrigo apenas para Beto e para mim, uma ótima solução para todos.

Era minha primeira noite no Saara e eu não imaginava a intensidade do frio pela madrugada. Consegui permanecer bem aquecido, mas Beto, sem um saco de dormir, apenas com os cobertores trazidos por Senussi, sentiu muito frio. Melhorou um pouco quando lhe sugeri colocar mais cobertores embaixo do que em cima do corpo, uma forma de proteger-se da gélida areia noturna.

Os egípcios dormiram nos carros, enrolados nos seus grossos cobertores trançados com crina de camelo.

Acordei com um nascer do sol maravilhoso. O céu despertou com um azul bem fraquinho e foi aos poucos ficando lilás, depois laranja e finalmente amarelo. Senussi e Abdullah levantaram-se em seguida, providenciando logo um gostoso chá para o nosso desjejum. Enquanto as mulheres se arrumavam, aproveitamos para caminhar em volta do acampamento, filmar o despertar de um novo dia naquela vastidão de areia e pedras esquecida até por Alá.

A picape de Abdullah tinha um compressor, utilizado para encher os pneus da nossa Toyota, levando-me a crer que seguiríamos pela trilha cascalhenta em vez de mergulhar novamente nos bancos de areia. O que eu

não imaginava era que os dois motoristas, dispostos a se exhibir para as meninas, tivessem decidido apostar corrida deserto afora, o que fizeram durante boa parte da manhã, gargalhando e acenando quando um jipe ultrapassava o outro.

— Parece que estamos no rali Paris-Dacar — comentou Dora.

— Sim — respondi —, só que sem equipes de apoio.

Paramos ao meio-dia para tomar chá e comer pão, protegidos pela sombra dos carros. Esperamos o calor amainar e partimos novamente. Aos poucos moldávamo-nos à situação, e os aborrecimentos da tarde anterior pareciam ter acontecido há muito tempo. Estávamos tranqüilos, e nossas almas já começavam a adquirir certa confiança de que tudo acabaria bem, logo chegaríamos ao nosso destino.

Pouco depois da saída, um pneu furou, e ficamos apenas com mais um estepe. Abdullah seguiu em frente, mas, dando por nossa falta, voltou ainda a tempo de nos ajudar. Eles diminuíram a velocidade, e pela primeira vez tínhamos a nítida impressão de que realmente viajávamos juntos, uma pequena e solidária caravana.

À medida que nos afastávamos de Siuah, íamos nos distanciando também do Grande Mar de Areia. Passamos a rodar numa descomunal planície de cascalho e pequenas formações rochosas, vez por outra uma colina baixa para quebrar a monotonia da paisagem. A trilha ficou mais visível e no fim da tarde chegamos a Bawiti, o maior dos povoados do oásis, com cerca de trinta mil habitantes. Estávamos cobertos de pó, todos os ossos fora do lugar, mas imensamente satisfeitos. Satisfeitos e orgulhosos; havíamos vencido um desafio e tanto! Mais do que as traiçoeiras areias do deserto do Saara, foram os nossos medos que ficaram para trás.

— Gostei da experiência — Dora se limitou a dizer.

— Obrigado — respondi, contente com o reconhecimento dela.

Localizamos uma pequena pousada. Banho tomado, saímos para jantar, traçar os planos para os próximos dias. Dora estava em dúvida se nos acompanhava ao oásis seguinte, mais ao sul, ou se voltava para o Cairo.

Bahariya está situado numa depressão com dois mil quilômetros quadrados, cerca de 335 quilômetros a sudoeste do Cairo e pouco mais de duzentos quilômetros a oeste do Nilo. Importante centro agrícola durante o Médio Império, sua prosperidade se estendeu até o século IV d.C., quando ataques de tribos inimigas e a decadência do Império Romano fizeram a região perder importância, e grande parte dela foi tomada pelo avanço do deserto.

Foi em Bahariya que recentemente um guarda descobriu uma grande tumba com várias múmias quando seu burrico enfiou a pata num buraco, enquanto patrulhava o oásis.

O famoso arqueólogo egípcio Zahi Hawass encontrou nas escavações quatro tipos diferentes de múmias. Algumas estavam simplesmente envoltas em tiras de linho, outras jaziam dentro de caixões de terracota enfeitados com desenhos de faces humanas. Muitas estavam cobertas com uma espécie de cartolina, feita de linho ou papiro, e decoradas com motivos religiosos faraônicos, enquanto as mais espetaculares tinham máscaras douradas e foram chamadas pelo egiptólogo de “múmias douradas”. Com elas havia sido enterrada uma grande quantidade de utensílios, incluindo figuras de deuses egípcios de terracota, jóias e moedas da época greco-romana, uma delas estampando a bela face de Cleópatra.

A necrópole foi estimada em seis quilômetros quadrados e os arqueólogos continuam trabalhando no local, de onde já resgataram 234 corpos. Eles esperam encontrar milhares deles, acompanhados de seus pertences. O fértil solo do oásis era apropriado para a produção de bons vinhos de tâmaras, bebida apreciada pelos nobres, atraindo ricos fazendeiros e comerciantes gregos e mais tarde romanos, uma elite cujos hábitos estavam agora se revelando. O período greco-romano, o interlúdio de seiscentos anos entre a era faraônica e a chegada do cristianismo ao Egito, está sendo reconstituído, ajudando-nos a conhecer o dia-a-dia das pessoas que viviam naquela época.

Após visitar o sítio arqueológico, resolvemos caminhar pelo oásis, conhecer os poços de águas termais e fotografar um pouco os costumes locais. Atravessamos uma área coberta de palmeiras, assustamos um rebanho

de cabras e seguimos até Al-Beshmo, uma fonte extremamente quente. Mesmo assim, algumas pessoas tomavam banho tranqüilamente enquanto outras enchiam coloridos baldes de plástico e carregavam água para suas casas.

Um pouco mais abaixo, a água sulfurosa escorria amarelada por entre a vegetação, deixando as margens do córrego como se tivessem sido contaminadas por uma poderosa ferrugem. A correnteza era acompanhada por uma nuvem de vapor, filtrando a visão e deixando ainda mais ocre as palmeiras e o extenso deserto se esparramando a perder de vista em todas as direções.

Convenci Dora a seguir conosco para sudoeste. Havia uma rústica estrada asfaltada que cruzava o deserto em direção a Farafra, o oásis, a 185 quilômetros de Bahariya. Um ônibus vindo do Cairo passava por Bawiti e seguia para Qars al-Farafra, a principal vila do menor oásis do Deserto Ocidental.

— Em Qars al-Farafra podemos organizar uma caravana de camelos e atravessar o Deserto Branco — disse para Dora na hora do almoço.

— Eu gostaria muito de conhecer o Deserto Branco — ela comentou. — Disseram-me que é um dos lugares mais bonitos do Saara.

— Dividindo novamente as despesas por três — argumentei —, podemos montar nossa própria caravana sem gastar muito dinheiro.

— Uns dias andando de camelo pelo deserto vão me fazer bem — ela disse, pensativa, tamborilando na mesa e olhando para as dunas ao longe, esparramadas além da borda do oásis.

FARAFRA

Embarcamos para Faraфра num velho ônibus praticamente vazio. Com exceção de um rapaz muito alto e cabeludo estatelado num dos bancos traseiros e mais um par de passageiros locais, não havia mais ninguém no veículo. A estreita faixa asfaltada não tinha acostamento e em alguns trechos a pista estava parcialmente coberta pela areia. Não encontramos nenhum outro carro, nem vindo nem indo, e também não paramos uma única vez, pois não havia presença humana ao longo da rodovia, totalmente desprovida de referências visuais. Para qualquer lado que olhássemos, víamos apenas rochas, cascalho e areia, um quadro sem qualquer natureza viva, aqueles sinais que tanto nos agradam quando vistos da janela de um ônibus em movimento.

Sei que para os amantes dos desertos, e são muitos, dizer que não existe vida nessas paragens é uma grande heresia. Mas para um viajante originário dos trópicos verdejantes, a imensidão descolorida e estagnada e os dois

lados da estrada estavam impregnados de ausências. Como se a paisagem tivesse recebido apenas a pintura de fundo e fora abandonada às pressas, antes de ser concluída.

Três horas após a saída, paramos numa barreira de controle da polícia. Os policiais entraram, perguntaram nossos países de origem e nos mandaram embora. Pouco depois o ônibus estacionou num posto de gasolina, isolado entre meia dúzia de casas, para abastecer. Perguntei ao motorista se estávamos longe de Qars al-Farafra e ele fez um sinal que era ali mesmo, deveríamos descer.

— Qars al-Farafra — repeti, quase soletrando a palavra para ele entender bem.

Ele repetiu o seu gesto impaciente, uma ordem para cairmos fora do ônibus. Um pouco desconfiado — o local nem de longe lembrava uma vila —, fiz sinal para os outros e descemos, meio a contragosto. Quando o ônibus se afastou, ficamos na estrada, acompanhados apenas por nossas mochilas. O cabeludo que viajara conosco também havia descido e caminhava resolutamente na direção de onde tínhamos vindo.

— Vamos atrás dele — eu falei. — Pela rapidez dos passos, deve saber algo que não estamos sabendo.

Logo avistamos a placa do El Badawiya Safari & Hotel, um bonito prédio de tijolos aparentes, isolado na beira da rodovia. Na recepção encontramos o grandalhão cabeludo, com quem Dora acabou dividindo um dos dois únicos quartos disponíveis. Não era barato, mas o quarto era bom, o banheiro era confortável e o prédio, impecavelmente limpo, o melhor hotel até então encontrado no Egito.

Mais tarde descobri o motivo da limpeza: era feita por mulheres! Na manhã seguinte, tão logo saímos para o café, um grupo de arrumadeiras, jovens vestindo uniformes de camareira, invadiu as dependências do hotel. Nas minhas viagens pelos países não-cristãos, onde as mulheres normalmente são mantidas afastadas do contato com os homens, especialmente se forem estrangeiros, os hotéis são conservados por funcionários masculinos. Esses indivíduos não levam o menor jeito, são

incapazes de executar determinadas tarefas profissionais, ao contrário das mulheres, que desempenham com qualidade qualquer tipo de trabalho.

Dora veio nos apresentar seu colega de quarto, o tal cabeludo, um mexicano da capital. Sebastián García Anderman tinha dezenove anos e trabalhava num kibutz em Israel. Tirou uma semana de férias e resolveu dar uma volta pelo Egito. Pegara o ônibus no Cairo e descera em Farafra; também desejava conhecer o Deserto Branco. Tinha 2,02 metros de altura e pesava 104 quilos. Tanto nós quanto ele ficamos surpresos por encontrar um vizinho naquelas paragens.

— Faz quase um ano que estou viajando — ele comentou — e ainda não tinha visto nenhum latino-americano.

A vila deve seu nome ao forte onde as pessoas se refugiavam quando atacadas por tribos inimigas. As escaramuças eram tão corriqueiras que as famílias já tinham seus quartos previamente definidos e abastecidos com víveres suficientes para um longo cerco. Atualmente vivem no local 2.900 moradores, a maioria beduínos mantendo sua cultura tradicional num dos lugares mais isolados do Egito. Os portais das casas eram decorados com versos do Alcorão e muitas residências tinham nas paredes desenhos de barcos ou aviões, sinal de que seu feliz morador era um *haji*, alguém que havia feito o *haj*, a peregrinação a Meca.

As mulheres são famosas em todo o país por fabricarem belos vestidos e os agricultores cultivam oliveiras, palmeiras, figueiras, pessegueiros, goiabeiras, laranjeiras, macieiras, girassóis, trigo e arroz irrigados por mais de cem fontes, a maioria aberta pelo governo na década de 1960, durante um programa de reassentamento de agricultores na região. Tentando desafogar o Vale do Nilo, onde vivem noventa por cento da população egípcia, o governo federal criou um projeto chamado Novo Vale, ligando os oásis do Deserto Ocidental. Apesar da grande quantidade de dinheiro investido, os resultados foram desanimadores e atualmente se sustentam mais na propaganda oficial do que em dados reais.

Ao caminharmos pela vila, fomos abordados por um senhor dirigindo uma picape.

— *Al-salamu aleykom* — ele nos disse, sem descer da viatura.

— A paz esteja com o senhor também — respondi.

— Sou o prefeito — explicou.

Perguntou quais eram os nossos países e se prontificou a nos ajudar caso necessitássemos de algo. Agradecemos a gentileza e continuamos nosso passeio. Ainda não sabíamos, mas a partir de Qars al-Farafra nossos passos seriam minuciosamente acompanhados pela polícia egípcia. Afinal, a cada dia estávamos nos afastando mais dos roteiros turísticos tradicionais, além de viajarmos por conta própria, desgarrados dos grandes grupos organizados. A abordagem do prefeito, única autoridade local, foi apenas um prenúncio das agruras que viveríamos nos dias seguintes, à medida que fôssemos nos embrenhando na imensidão árida do interior do país.

Jantamos no hotel, embora fosse mais caro do que os restaurantes de rua. Outros viajantes encontrados pelo caminho haviam nos contado que os legumes eram orgânicos, cultivados na própria horta do El Badawiya, e a comida era de primeira qualidade. Saad Ali, um dos proprietários, também tinha uma fazenda onde criava camelos.

— Dromedários — ele me corrigiu. — No Egito não existem camelos, somente dromedários. Até tentei importar alguns da Índia, mas não se desenvolveram.

Ele alugava os animais, juntamente com seus tratadores, para quem desejasse organizar uma caravana para cruzar o Deserto Branco. O esperto beduíno também arranjava os guias e providenciava cobertas, alimentos e água.

Depois de demorada reunião, decidimos contratar os serviços do árabe. Ele nos prometeu que em três dias percorreríamos a parte mais bonita do deserto sem precisarmos nos preocupar com nada; ele e seus empregados se encarregariam de tudo que era necessário para a nossa caravana.

— Por um preço bem razoável — ele prometeu.

— Posso imaginar! — eu disse.

Os camelos sobrevivem sem água durante três semanas, tempo utilizado para percorrer cerca de quinhentos quilômetros. Nossa travessia seria bem mais rápida e muito mais curta, o que nos livrava, já de saída, do problema de ficarmos sem transporte. Teríamos alimentos e água suficiente para a nossa jornada, tudo seria previamente calculado. Afinal, queríamos apenas conhecer o Deserto Branco, experimentar um pouco a sensação de viver nesse ambiente tão vasto e isolado, nos aproximar da peculiar cultura beduína. Éramos viajantes curiosos, não desmiolados querendo morrer de sede.

Saad Ali, no entanto, tinha outra preocupação: nós! Como reagiríamos? Como nos comportaríamos? Eu já havia participado de uma rápida caravana de camelos na fronteira da Índia com o Paquistão dois anos antes, mas os outros nunca haviam subido no lombo de um animal tão alto. Por isso, ele nos fez assinar um documento em que nos responsabilizávamos por qualquer acidente que porventura viesse a ocorrer conosco.

“Outdoor trips, by their nature, involve some degree of danger and risk. I am aware that participating in El Badawiya Safari & Hotel’s outings may expose me to certain risks and dangers. I realize that all participants are responsible for their own visit and that El Badawiya Safari & Hotel management or employees will NOT accept any responsibility or liability.”

— Seja o que Alá quiser — falei para Dora enquanto assinava o papel do precavido comerciante.

Na madrugada seguinte, Saad Ali nos levou no furgão do hotel até sua fazenda, cinco quilômetros ao norte da vila, onde encontramos os camelos-árabes à nossa espera. Os dois cameleiros, Tamer, 29, e Abdulh, 28 anos, moradores do oásis, estavam a postos e todos os mantimentos haviam sido comprados, principalmente água, pão e latas de *full* semicozido.

Minha única preocupação era nos perdermos, algo difícil de acontecer devido ao conhecimento dos guias, mas não impossível. Mesmo os nativos do Saara às vezes se confundem quando o solo fica varrido por alguma grande tempestade de areia. Por isso, quando vi que nossas montarias eram

fêmeas com crias novas e que os camelinhos nos acompanhariam na travessia, fiquei mais tranqüilo: em caso de desespero, poderíamos nos alimentar com a carne dos pequenos animais e com o leite das camelas. Eu conhecia histórias de pessoas que haviam sobrevivido no deserto graças a essas reservas de proteína ambulantes.

Aos equipamentos carregados nas enormes bolsas que pendiam dos lombos dos animais foram acrescentadas as mochilas. Fomos apresentados às nossas montarias, seguramos as rédeas e seguimos os dois simpáticos rapazes. Caminharíamos um pouco antes de montar, uma maneira de nos integrarmos ao ambiente. Os camelos estavam presos por um pequeno buçal e a rédea tinha apenas uma perna, um instrumento quase fictício, pois eles se limitavam a seguir o animal da frente, que determinava a direção e a velocidade da marcha. Esse, por sua vez, era puxado por Tamer. Os camelinhos seguiam atrás, zurrando e fazendo suas mães zurrarem ainda mais alto, antecipação de que o isolamento buscado no deserto seria mais visual do que sonoro.

Os passos dos animais eram bem rápidos, obrigando-nos a caminhar num ritmo além do normal, quase puxados por eles. Usávamos roupas com mangas e grandes turbantes para nos proteger do sol, e logo ficamos superaquecidos. Os cameleiros vestiam *gallabeya*, mas a longa camisola em nada dificultava as suas ágeis passadas. Após uma longa caminhada resolvemos montar, uma cena e tanto. Por já conhecer as dificuldades, adiantei-me aos demais, que ficaram observando.

Tamer fez um sinal e o animal foi se ajoelhando, até ficar com a barriga apoiada no chão. Eu pulei para o seu dorso e me acomodei nos grossos cobertores estendidos sobre o lombo, as pernas abertas ao máximo, os pés sem o menor apoio, e me agarrei com todas as forças na arcada dianteira do arção. Bem firme, fiquei esperando pelo baque. A uma nova ordem do beduíno, o camelo levantou-se rapidamente, aos trancos, por etapas, jogando-me ora para trás, ora para a frente, quase me deslocando a coluna. Por muito pouco não fui jogado de cabeça nas pedras pontiagudas ao redor.

Sebastián, com seu peso descomunal, obrigou o camelo a um grande esforço na hora de se levantar. Acostumado com os franzinos homens do deserto, o coitado não esperava transportar um mexicano tão bem nutrido. Dora, leve como convém a uma moça parisiense, nem teve seu peso notado pelo animal. No início desajeitada, logo estava firme sobre os cobertores coloridos. Finalmente, estávamos todos montados, exceto Beto. Ele preferiu continuar a pé. Armado com seu equipamento, corria por todos os lados para melhor fotografar a pequena caravana.

Seguimos nos desviando das grandes rochas brancas desgastadas pela erosão. O vento esculpira curiosas figuras e as lascas de pedra que haviam se desprendido durante os séculos forravam o chão com um espinhento tapete de cascalho pontiagudo, traiçoeiras armadilhas para os cascos carcomidos dos animais. Os camelos também tropeçavam nas dobras de areia ou afundavam as patas nos montículos fofos distribuídos aleatoriamente pelo chão coberto de seixos. Esses pequenos acidentes não alteravam o seu trote, mas as sacudidelas me faziam balançar sobre seu lombo, às vezes quase perdendo o equilíbrio e por pouco não desabando no chão.

Aqui e ali a areia nua era salpicada de solitários arbustos, ressecados sob o olho entorpecente do sol, mas um apetitoso banquete para nossos dromedários. Quando avistavam essas fontes de alimento, enveredavam na direção delas e nada os fazia voltar ao curso normal da viagem. Precisávamos esperar que arrancassem algum galho e só então partíamos novamente. Satisfeitos, apuravam o trote e se distraíam mastigando os gravetos retorcidos em suas bocas rudes.

Esses tufo de vida vegetal eram tão ressequidos que os guias os juntavam em pequenos feixes de lenha, depois utilizados nas fogueiras ao meio-dia e ao entardecer, fonte de calor para nós e necessários para cozinhar os alimentos.

Aos poucos o calor ia se acentuando, mas não era tão desagradável quanto eu havia imaginado. O clima era extremamente seco e uma pequena aragem dava constantemente o bendito ar da sua graça. Além do mais, meu

turbante vinha se mostrando de uma utilidade bem maior que o esperado para um simples retalho de pano. Como as roupas especiais que nos protegem do frio, essa peça da indumentária árabe fazia milagres. Esvoaçante ao vento, ela provocava sombra sem deixar de ventilar. Quando era evitado o contato direto com o sol, o calor perdia muito da sua intensidade. Psicologicamente, a vastidão do deserto ao redor nos dava a sensação de arejamento, ao contrário do que sentimos quando estamos sufocados num grande centro urbano.

Perto do meio-dia, a coluna diminuiu o ritmo e logo saiu de formação. Tamer parou, imediatamente imitado pelo animal da frente. Em seguida, os demais foram se colocando ao lado dele, obedecendo a uma ordem gravada em seus genes ancestrais.

— Gebel el-Khona — disse Abdulh, indicando a floresta de rochas ao nosso redor.

Estávamos em meio a um campo repleto de altíssimos esqueletos de rochas brancas pontiagudas há milênios corroídas pelo vento, formando as mais surrealistas imagens. Imaginei que esse lugar, visto à noite por alguém que não soubesse estar em meio ao deserto, passaria a impressão de uma selva fantasmagórica, formada por gigantescos seres disformes apontando para o céu.

O chão arenoso, principalmente em torno dos monólitos, estava coberto por uma fina camada de quartzo desprendido das rochas e de milhares de minúsculos fósseis brancos reluzindo ao sol. Aos poucos nossas almas iam mergulhando nessa solidão inóspita, fazendo suas próprias viagens. O horizonte sem fim e a desolação do lugar, que num primeiro momento nos passava a sensação de liberdade física, iam se apertando sobre nossas mentes, uma mescla heterogênea de pessoas subitamente reunidas nos grotões do Saara, sobre um solo sem árvores e sob um céu sem nuvens. Como único ponto em comum tínhamos a curiosidade inerente aos seres humanos.

As compridas sombras formadas pelas costeletas de areia desapareceram ao receberem os raios perpendiculares do sol escaldante.

Embora a paisagem fosse a mesma do início da manhã, os contornos das pequenas fissuras e fendas rochosas haviam adquirido novas profundidades e as diversas tonalidades das dunas tinham se dissolvido com a claridade excessiva, o sol a pino mergulhando-nos num mundo desprovido de cor e de todos os demais sinais perceptíveis pelos nossos apurados sentidos.

Era o deserto em movimento, utilizando sua linguagem particular para se comunicar conosco. Para mim esses sinais nada diziam, mas para Tamer e Abdulh eram lugares-comuns, as informações que os orientavam, indicando os caminhos mais seguros e alertando para os possíveis perigos. Embora nada víssemos — apenas deserto e mais deserto cravejado de monólitos retorcidos —, o solo estava riscado por incontáveis pistas. Invisíveis sob o amorfo cascalho, essas trilhas estavam profundamente gravadas na memória desses povos que há milênios vagueiam por essas partes do mundo, capazes de decifrar as mais monótonas paisagens.

Não fosse essa sabedoria quase divina, não teríamos a menor chance de cruzar o Deserto Branco, muito menos de voltar para casa. Até as nossas pegadas, deixadas em volta do acampamento, desapareciam pouco depois de feitas, cobertas por um fino manto de areia continuamente em movimento sobre a superfície mais perene do Saara.

Os camelos foram desencilhados e agrupados perto do acampamento, os adultos com as patas maneadas para não se afastarem muito. Alguns animais se agacharam, outros permaneceram em pé. O equipamento de cozinha foi retirado da bolsa lateral de um dos camelos, os alimentos recolhidos de outra e alguns cobertores, antes usados como pelegos, foram estendidos sobre a areia, um tapete para nos sentarmos com as pernas cruzadas.

Protegidos por nossos turbantes, fizemos um demorado lanche, pão com *full* e algumas frutas, principalmente laranjas e maçãs colhidas na fazenda de Saad Ali. O café da manhã havia sido farto, ainda não estávamos com fome. Aproveitamos para beber bastante água; o céu translúcido nos prometia uma tarde escaldante.

Após o descanso, montamos novamente e seguimos em frente. Dessa vez Sebastián continuou a pé, acompanhando Beto. Os dois beduínos me

pareciam tão seguros, sem ao menos olhar para os lados à procura de algum sinal mais evidente, que não ousei duvidar da direção tomada. A determinação deles não deixava dúvida de que estavam nos conduzindo para fora do deserto, como esperávamos, embora cada vez nos embrenhássemos mais nesse mundo feito de areia, cascalho e rochas esquisitas.

Imersos em nossos pensamentos, admirados com o inusitado da viagem, permanecíamos calados, cada um ruminando suas próprias memórias, algumas passagens das nossas vidas subitamente despertadas pela nova realidade na qual estávamos mergulhando. A cada passo que os camelos davam, mais nos isolávamos, nossas fantasias mentais absorvendo todos os nossos sentidos, jogando-nos numa outra dimensão. A passagem do tempo só se fazia sentir nas dores em nossas bundas, que sofriam com a posição desconfortável. Vez por outra eu encolhia uma perna e sentava-me sobre ela, aliviando um pouco o traseiro do atrito com os cobertores grosseiros sobre os quais nos sentávamos. Fora isso, tudo o mais permanecia imóvel, horas, horas e mais horas da mais pura monotonia.

Colhemos alguns arbustos ressequidos durante a tarde e no fim do dia chegamos a um local muito bonito. Pequenas dunas pontilhadas de altíssimas pedras brancas erodidas. Imaginei que iríamos acampar sob a proteção de um desses blocos de rocha, mas os beduínos montaram nosso acampamento um pouco afastado, bem no alto de uma montanha de areia.

— Para as lascas de pedra que se soltam não nos atingirem durante a noite — explicou Abdulh.

Fazia sentido, pensei, seria como acampar embaixo de uma árvore durante uma tormenta. Mesmo assim, soava estranho escolhermos o lugar mais descampado para enfrentar a noite. Além do mais, nosso acampamento consistia apenas em cobertores e tapetes, nada por teto.

Orientados por Abdulh, forramos o chão com dois enormes tapetes, um azul e outro vermelho, colocamos tudo que foi retirado dos camelos sobre suas beiradas, fazendo uma pequena parede para evitar a invasão da areia, e estendemos os cobertores por cima. Quando fôssemos dormir, bastava nos enfiarmos embaixo deles.

— Vai ser uma noite protegida pelas estrelas — Dora comentou.

Camelos alimentados, Tamer e Abdulh providenciaram a janta. Fizeram fogo com os arbustos, colocaram uma grande panela sobre os braseiros e cozinharam arroz com moranga. Após o farto e delicioso jantar tomamos chá e tão logo escureceu Tamer improvisou uma lamparina cortando uma garrafa de plástico um pouco acima do meio, enchendo-a até a metade com areia e enterrando uma vela dentro, completamente protegida do vento. A luz amarelada nos uniu em volta do seu pequeno círculo bruxuleante, isolando-nos completamente do mundo exterior ao deserto.

Satisfeitos, fomos para debaixo das cobertas. Sebastián e eu tínhamos grossos sacos de dormir, Dora tinha um saco leve e Beto não tinha nada. Por isso, demos a ele um cobertor extra, e mesmo assim Beto reclamou do frio a noite toda. Tamer e Abdulh tinham seus próprios forros.

Deitados lado a lado e tendo por teto um lindo céu estrelado, ficamos conversando enquanto a lua não saía; não estávamos acostumados a dormir tão cedo. Uma estrela cadente deixou um rastro luminoso no céu, atraindo nossa atenção. O mexicano, conhecedor do firmamento, explicou-nos o ocorrido e passou a citar o nome de cada astro.

— Os fragmentos de asteróides, cometas e outros corpos celestes em órbita do Sol, quando cruzam a órbita terrestre e colidem com nossa atmosfera, provocam um atrito tão grande com as moléculas de ar que o calor produzido lhes derrete a superfície, incandescendo o ar à sua volta, produzindo os meteoros, como esse que vimos há pouco rasgar o céu.

— Não caem na Terra? — perguntou Dora.

— A maioria, não. Apenas alguns objetos maiores, mais resistentes, conseguem chegar ao solo, os meteoritos. O maior que se conhece caiu na Namíbia, onde está até hoje. Chama-se Hoba e pesa 66 toneladas.

— E as estrelas? — indagou Beto.

— Aquela mais brilhante se chama Sírio — respondeu Sebastián, apontando para a constelação do Cão Maior. — É uma das maiores estrelas do céu.

— Às nossas costas — eu disse, entrando no assunto — está o planeta Vênus, conhecido no Brasil como Estrela-d'alva, a primeira estrela a aparecer no horizonte, a oeste.

— Será que existe gente nas estrelas? — perguntou Dora.

— Claro — Beto respondeu.

— Então devem estar nos olhando neste momento — completou Sebastián.

— Vocês já pensaram — eu disse, bancando o arqueólogo do futuro — se uma tempestade de areia nos cobre durante a noite e nossos corpos só venham a ser descobertos daqui a mil anos?

— O que vão falar a nosso respeito? — perguntou Beto.

— Vão olhar nossos relógios e dizer: 'olha, naquela época eles já conheciam relógio' — brincou Sebastián.

— E como o saco de dormir do Ortiz é em forma de sarcófago, vão dizer que ele era o chefe da tribo — comentou Dora.

— E eu que estou sem saco de dormir? — perguntou Beto. — O que vão dizer de mim?

— Ora — respondeu Dora —, vão dizer que você, Tamer e Abdulh eram nossos escravos.

— Será que é assim que os arqueólogos de hoje interpretam as escavações? — perguntou Sebastián.

— Espero que não — respondi.

A lua apareceu e as estrelas perderam um pouco do brilho. A claridade, até então exclusiva do céu, estendeu-se pela areia e o deserto fundiu-se com a abóbada celeste; uma luz difusa parecia brotar de todos os lados. Éramos pequenos demais para intervir nessa realidade, então decidimos dormir.

Despertei com a claridade brilhando nos meus olhos, uma faixa laranja colorindo o horizonte, dourando os grossos grãos de areia à minha frente. As estranhas formações rochosas refletiam várias tonalidades de rosa, seus contornos fantasmagóricos recortando o azul-claro do céu, um jogo de cores

maravilhoso. Foi o amanhecer mais rápido que já presenciei, pois em poucos segundos o dia havia se tornado tão claro que não dava para notar sinais da longa noite.

Quando acordei por completo, vi Tamer começando a preparar nosso desjejum. Sem pressa, ele reacendeu a fogueira da noite anterior, colocando mais galhos secos sobre as brasas adormecidas. Encheu uma velha chaleira de água com folhas de chá de hortelã e a colocou sobre o braseiro, acrescentando blocos de açúcar cristalizado quando o líquido já fervia. Chamei meus amigos e eles foram despertando um a um, a magra Dora reclamando de dores nas costas.

— Que noite fria! — suspirou Beto.

Saímos dos nossos ninhos e nos acoramos em volta da fogueira, esperando pela bebida quente. Tamer alinhou as pequenas canecas de alumínio numa bandeja de latão e despejou o chá em cada uma delas de uma altura de quase meio metro, formando um arco líquido efervescente no ar. Quando cheias, as canecas ficaram cobertas com um colarinho espumante, acrescentando beleza à saborosa bebida.

Admirei-me com a precisão dos gestos delicados do homem rude à minha frente. Para mim, o desjejum não passava de uma refeição improvisada no meio do deserto, mas para ele, ao contrário, fazia parte da rotina da sua vida desde que nascera, como se eu estivesse preparando um café na cozinha da minha casa.

A areia em volta do local onde dormíamos tinha marcas de pequenas pegadas, algum animal noturno nos visitara, atraído pelo cheiro dos nossos alimentos.

— Os rastros são de raposas — explicou Tamer.

Desmontamos o acampamento, arrumamos a carga nos camelos e reiniciamos nossa jornada, cortando o belo e misterioso Deserto Branco em direção a um ponto imaginário determinado por Tamer. Eu achava que deveríamos seguir para a esquerda, mas Tamer nos levou para o lado direito. Logo estávamos novamente perdidos em nossos devaneios, nossas mentes

percorrendo seu próprio território, viagens fictícias paralelas à linha seguida pelos camelos.

Perto do meio-dia paramos para recolher gravetos para o fogo do almoço. Tamer explicou que logo descansaríamos, e eu resolvi seguir a pé, caminhando ao lado do camelo para descansar a bunda da incômoda posição. Paramos ao lado de uns grandes tufos de palmeiras, um abrigo natural surrealisticamente nascido em meio à desolação do Deserto Branco.

Tamer cozinhou demoradamente uma generosa porção de *full* e depois esmagou cada um dos grãos do feijão. Acrescentou cebola, moranga e tomate e fez uma paçoca para comermos com pão. Bebemos chá e nos esticamos um pouco. Não tínhamos pressa, não íamos a lugar algum. Nosso objetivo era perambular pelo deserto, fazendo do caminho nosso destino.

— Somos mesmo do Clube dos Viajantes Sem Destino — comentou Sebastián, completamente integrado ao grupo.

Na hora de levantar acampamento, estourou um vento muito forte, e resolvemos esperar ele amainar para seguirmos adiante. Nossa próxima etapa cruzaria uma área totalmente desprovida de abrigos, e com uma ventania tão intensa não teríamos condições de acampar ao anoitecer. Os camelos foram amarrados a alguns metros de distância e logo ficaram camuflados em meio à areia. Agachados para melhor se protegerem, quase não os víamos.

O vendaval soprava com muita força, levantando a areia como se o chão estivesse em movimento. Uma espécie de manto dourado, com a altura de um metro, cobriu o solo, varrendo tudo que encontrava pela frente e açoitando os arbustos. Puxamos nossos tapetes para junto do capão de palmeiras e nos abrigamos da tormenta, protegidos pelo pequeno triângulo formado pelas árvores no lado oposto ao vento.

A tempestade não cedeu e permanecemos confinados em nosso bivaque até o anoitecer. Estirados sobre os tapetes, protegidos nos sacos de dormir sob os cobertores, passamos a tarde inteira bocejando e falando bobagens. O único problema era na hora de ir ao banheiro. Para não constranger nossa amiga francesa — e ela para não nos constranger — precisávamos contornar

as palmeiras e enfrentar o vento, colocando a bunda na tempestade de areia, uma lixa natural a açoitar nossos traseiros.

Improvisamos um macarrão no jantar e dormimos até a manhã seguinte. Embora a tempestade continuasse tão forte quanto no início, tomamos rapidamente um chá e resolvemos seguir adiante. Mesmo não enxergando um palmo à frente do nariz, decidimos apostar no sentido de orientação dos nossos guias. Eles garantiram que, se conseguíssemos suportar o desconforto do vendaval arenoso e topássemos seguir direto, não teríamos problemas em chegar ao nosso objetivo antes do anoitecer.

Enfiei-me em meu anoraque de náilon com capuz, coloquei os óculos de sol e enrolei o turbante em torno da cabeça, não deixando nenhuma parte do corpo exposta ao açoite da areia. Cada um se protegeu como pôde e seguimos em frente. Na altura em que estávamos a tempestade não era tão densa quanto perto do chão, atingindo em cheio os beduínos. Mesmo assim eles seguiam, passos largos, indiferentes ao vento, rumo a algo existente apenas em suas imaginações.

Até onde meus cansados olhos podiam alcançar, era só areia e mais areia em movimento, um tapete movediço lapidando o cascalho e esculpindo imagens retorcidas nas pontas das grandes pedras. Eu não conseguia imaginar o que era mais desprovido de vida, se o deserto ressequido ou o céu sem nuvens. A linha do horizonte se tornara imperceptível, minha visão não conseguia alcançá-la, esmaecida ora pela areia, ora pelo azul desbotado do infinito.

Trotamos toda a manhã e toda a tarde nessas condições. O ambiente externo desfez-se por completo e nos voltamos para nossos devaneios interiores, nossos pensamentos vagando por lugares ainda mais estranhos, cada um de nós procurando despertar no fundo da nossa mente pensamentos que nos mantivessem entretidos neste limbo onde o espaço e o tempo nada significavam. Imersos em nós mesmos, nem as dores na bunda eram capazes de nos trazer de volta ao mundo real.

Subitamente, como obedecendo a uma ordem inaudível, meu camelo parou e se ajoelhou, um movimento brusco que quase me derrubou, absorto

que estava em viagens anteriores. Todos os animais pararam. Descemos e continuamos a pé, puxando os teimosos dromedários. Eles se recusavam a seguir em frente, obrigando os camaleiros a gritar ordens estranhas e a açoitar os animais com varas colhidas junto a alguns arbustos.

Seguimos lentamente, e menos de um quilômetro depois encontramos a estrada, onde logo apareceu o veículo que nos levaria ao oásis.

DAKHLA

Fomos apresentados ao Nasser, proprietário de um velho Peugeot, que por uma quantia razoável prontificou-se a nos levar até Mut, a principal vila do oásis Dakhla, nossa próxima parada na direção do Vale do Nilo, trezentos quilômetros a sudeste de onde estávamos.

Dora regressou ao Cairo e de lá seguiu para a França. Sebastián, que deveria voltar para Israel, gostou da nossa companhia e me perguntou se poderia nos acompanhar mais um pouco pelo Egito.

— Claro — concordei. — Nos próximos dias vamos mesmo precisar de um segurança.

Sacolejamos no ruidoso automóvel até chegarmos a Gharb el-Mawhoub, um pequeno oásis situado a setenta quilômetros de Mut, onde Nasser morava. O simpático motorista nos convidou para entrar no vilarejo e conhecer sua residência. O costume local rezava que as visitas fossem recebidas com algo para comer e beber, por isso fomos recepcionados com

chá-da-índia e sementes de girassol. Sua filha pequena apareceu na sala, e foi só, não vimos nenhuma das mulheres da casa.

O oásis Dakhla se estende por uma depressão estreita e bastante longa, com dunas de ambos os lados. Abriga cerca de setenta mil pessoas, sendo treze mil em Mut, sua principal vila, abastecidas por seiscentas fontes de água natural que brotam do chão para irrigar as lavouras de arroz, mangas, laranjas, tâmaras, azeitonas e pêssegos. Esses frutos, ressequidos, são vendidos no Cairo na época do Ramadã.

Habitada desde a pré-história, durante o período Neolítico, a região esteve coberta por um grande lago. Pinturas rupestres recentemente encontradas mostravam elefantes, búfalos, girafas, gazelas e avestruzes vivendo em suas margens. À medida que as águas foram baixando e as terras se tornando improdutivas, o povo foi migrando para leste, em direção ao rio, formando os primeiros assentamentos humanos no Vale do Nilo.

Mut nada tinha de interessante além das ruínas da parte antiga da cidade, um labirinto formado por estreitas ruelas ladeadas por casas de tijolo cru, a maioria desabando. Pretendíamos apenas dormir um pouco, descansar da fatigante jornada pelo Deserto Branco, forrar o estômago com as iguarias da culinária local e seguir viagem em direção ao Vale do Nilo.

Ao sairmos da pousada na manhã seguinte, Nasser estava nos esperando com seu velho Peugeot.

— Aonde desejam ir? — perguntou-nos. — Posso levá-los por um bom preço.

— O que há de importante para conhecermos neste deserto? — perguntei, pois sabia que não iríamos nos livrar dele tão cedo.

Por certo dormira no próprio carro, em frente ao pequeno hotel, esperando ganhar mais alguns trocados com os curiosos estrangeiros, coisa rara nestas bibocas. Ele tinha 42 anos, três filhos para criar e sabe-se lá quantas mulheres para sustentar. E, pelo que me pareceu, ganhava a vida levando gente para cima e para baixo na sua velha sucata. Agora, com nossa

presença, em vez das famigeradas libras egípcias, esperava encher os bolsos com reluzentes dólares americanos.

— Fontes termais... — começou.

— Não temos interesse — atalhei.

— Caminhadas pelas dunas...

— Nem pensar! — respondeu Beto.

— Camelos...

— Estamos fartos de camelos — cortou Sebastián.

— Posso levá-los às ruínas dos povoados medievais de Balat, Bashendi e As-Qasr, para vocês verem como eram as aldeias do oásis antes da chegada dos árabes ao Egito.

— Está melhorando — respondi. — Mas ainda não é o suficiente para nos manter aqui por mais alguns dias.

Vendo que não seria fácil botar as mãos em nosso dinheiro, ele lançou sua última cartada:

— Conheço uma montanha, perto da minha aldeia, onde existem várias cavernas escavadas na rocha com tumbas de mais de dois mil anos de idade — falou, esperando a nossa reação. Vendo o meu interesse, acrescentou: — Conheço uma pessoa que sabe como arredar umas pedras e entrar numa caverna onde se podem ver algumas múmias ainda intactas.

Avançamos para o norte, uns trinta quilômetros por uma estradinha secundária, ainda dentro do oásis. Vimos para oeste e pouco depois dobramos à esquerda, em direção ao sul, entrando no deserto. Rodamos alguns quilômetros por uma trilha pedregosa e chegamos ao pé de uma montanha rochosa com uma das faces toda esburacada, pequenas cavernas, antigos sepulcros saqueados durante os últimos séculos.

Subimos a encosta íngreme resvalando nas pedras ovaladas, lapidadas pelo áspero vento carregado de grãos de areia desde tempos imemoriais. Até mesmo minhas botas, com grandes agarradeiras no solado, derrapavam com

freqüência. Mas nossa curiosidade era tanta que logo estávamos no topo da montanha.

O tal amigo de Nasser, um sujeito com cara de coveiro e que morava pelos arredores, levou-nos para uma pequena plataforma, arredou algumas pedras e nos mandou olhar. Ficamos petrificados com a visão. O túmulo não passava de uma caverna primitiva, escavada diretamente na rocha, onde podíamos ver várias múmias lado a lado, cobrindo todo o chão. A maioria jazia em perfeita ordem, outras não passavam de esqueletos cobertos com panos esfarrapados e algumas ossadas estavam completamente expostas, pouco mais do que uma série de tétricas caveiras.

Embora fosse algo corriqueiro para essa gente do fundão do deserto, “descobrir” uma tumba cheia de múmias com vinte séculos de idade foi realmente extraordinário para nós. Fiquei agachado na entrada da caverna, um pouco chocado com a situação. Era uma experiência terrivelmente estranha. Acostumado a chamar de históricos os cemitérios com duzentos anos, onde apenas as lápides continuam presentes, esta viagem pelo Egito estava corrompendo toda a minha noção de tempo. Ver assim, atirados no chão, os corpos, mesmo ressequidos, de seres humanos que tenham vivido há tanto tempo mais confundia do que explicava, subvertendo toda a noção que temos do sentido da nossa existência na Terra. Era como olhar uma sucata retorcida, um motor antigo jogado no ferro-velho para ser corroído pelo tempo.

Uma coisa é vermos uma múmia num museu, algo preservado para as gerações futuras saberem como viviam as pessoas no passado, nada mais do que uma curiosidade cultural. Outra coisa bem diferente é encontrar uma série de múmias em seu habitat natural, da forma como foram enterradas. Por assim dizer, ao vivo!

Será que isso é tudo que resta de um ser humano após alguns séculos? Será que a vida acaba assim, mesmo que embalsamada? Ou será que ainda existe alguma energia num corpo humano mesmo após o que chamamos de morte? Será que os espíritos dessas múmias reencarnaram em outros corpos e continuam suas jornadas? Ou será que já estão no céu? Quem sabe no

inferno? No purgatório, talvez. Ou apenas abandonados no deserto, o mais provável.

O mexicano balançava a cabeça, incrédulo, enquanto Beto tirava mil e uma fotos, todos aturridos com a surpresa.

— Que triste destino para um ser humano — disse Beto, quando finalmente alguém conseguiu falar.

Quando contornamos a montanha para descer pelo outro lado, passamos em frente a outra caverna, essa completamente fechada. Perguntei ao coveiro se podíamos afastar as pedras para observar o interior. Ele não queria, mas comecei a removê-las e logo abrimos um pequeno buraco que nos permitiu ver que também estava repleta de múmias. Com os *flashes* das câmeras fotográficas podíamos observá-las melhor.

— Espero que não sejamos amaldiçoados por termos violado os seus túmulos — comentou Sebastián.

Eu ia falar-lhes sobre a maldição da múmia, mas fiquei quieto, já estávamos tensos demais com a inusitada visita.

Ficamos tão satisfeitos que sucumbimos aos encantos de Nasser: alugamos seu carro e durante alguns dias visitamos todos os lugares sugeridos por ele, um sem-número de ruínas faraônicas, greco-romanas e árabes; tumbas, mausoléus, mesquitas e minúsculas aldeias onde seu povo vivia da mesma forma que seus ancestrais viveram nos últimos milênios.

Alguns povoados pareciam moradias de marimbondos: feitas de barro e tijolo cru, eram casas justapostas, construídas umas sobre as outras, aléias estreitas e cobertas para proteger os moradores do calor, dos saqueadores do deserto e das tempestades de areia. Pareceu-me que, quando mortos e mumificados, eles teriam mais espaço para morar do que quando vivos.

AL-KHARGA

Nasser nos colocou numa van e nos despachou para Al-Kharga, a principal vila do oásis Kharga, 189 quilômetros mais a leste, de onde pretendíamos seguir para Luxor, no Vale do Nilo.

Passamos pela vila Balat, onde durante o Antigo Império as caravanas vindas da Núbia encontravam-se com os mercadores que faziam a rota Mut/Al-Kharga, um importante mercado na época dos faraós. Andamos um pouco mais, e ao passarmos por Teneida, uma pequena aldeia, ouvi do motorista uma história horripilante.

— Quando os italianos conquistaram o oásis Kufra, na Líbia, em 1930, alguns nômades da região preferiram arriscar suas vidas no deserto a viverem sob controle estrangeiro em sua própria terra. Cerca de quinhentas pessoas, homens, mulheres e crianças, saíram apressadamente e atravessaram mais de trezentos quilômetros pelo Grande Mar de Areia até

chegarem a Uwaynat, na fronteira com o Egito. Apenas para descobrirem que lá não chovia fazia anos.

— Morreram? — perguntei, esperando pelo pior.

— Sem comida para eles e seus camelos, alguns ficaram por lá, esperando a morte. Outros, mesmo sem conhecer a região, decidiram continuar a pé até Dakhla. Por sorte, uma patrulha britânica encontrou o grupo que ficou em Uwaynat, conseguindo salvar muita gente.

— E os que vieram para Dakhla?

— Após 21 dias caminhando pelo deserto, três deles chegaram a Teneida. Uma operação de resgate foi montada para ajudar os que haviam ficado pelo caminho. Os nômades eram tão resistentes que cerca de trezentos deles sobreviveram.

— Qual foi a distância percorrida a pé de Uwaynat até Teneida? — perguntei.

— Quase setecentos quilômetros. Sem água.

Um pneu furou e precisamos trocá-lo no olho do sol. Fiquei imaginando como seria perambular por esta imensidão dias a fio, sem água e sem comida, fugindo de uma guerra entre europeus, gente do outro lado do mundo, bárbaros espalhando medo e terror pelas pacíficas comunidades do deserto africano.

Chegamos a Al-Kharga tarde da noite e fomos direto para um hotel, a mais barata das hospedarias citadas em meu guia de viagem, e a pior encontrada no Egito. A única vantagem era cada um ter o seu próprio quarto. Estávamos em 16 de fevereiro, Dia do Repórter, e imaginei que ficar sozinho seria um prêmio em homenagem à minha obstinada profissão, escolhida ainda na adolescência, influenciado pela possibilidade de viajar e pelos grandes relatos radiofônicos transmitidos pelas emissoras de Porto Alegre.

Entrei no quarto e acendi o pequeno e sujo bico de luz que pendia do teto, na ponta de um fio desencapado, envolto em tantas teias de aranha que a luminosidade quase não conseguia filtrar-se por elas. A súbita claridade, mesmo que tênue, e o ranger dos meus passos no piso encardido

amedrontaram os habitantes permanentes do quarto, fazendo-os saltar em todas as direções, dando vida ao ambiente até então inerte.

Subitamente despertados, arrancados da letargia em que viviam no seu adorado mundo imundo, moscas com cabeças enormes, mosquitos com longas pernas, percevejos, pequenos camundongos, lagartixas branqueas, aranhas pretas, lacraias, escaravelhos e baratas de tamanho descomunal dispararam em direção aos seus esconderijos nas frestas das portas, no armário, embaixo da cama e dentro do colchão esfarrapado.

Ficou claro já nesse primeiro contato, tão logo minha enorme sombra se projetou sobre eles, que os danados tinham aversão ao ser humano. E com bons motivos, pois do ponto de vista puramente biológico — essa é a visão deles — representamos uma praga com um potencial de destruição bem maior do que o mais violento deles.

Visão, aliás, com a qual concordo plenamente.

Ao vê-los reagir com tamanho nojo e repugnância, debandando atabalhoadamente diante da minha presença, pude sentir que me consideravam amedrontador, desagradável e repulsivo. Melhor assim, pensei, enquanto estendia meu lençol de náilon sobre a cama para que meu saco de dormir não precisasse entrar em contato com os lençóis sebosos.

Bastou apagar a luz para a harmonia voltar a reinar nesse pequeno mundo, cada um no seu devido lugar: insetos para um lado, jornalista para o outro.

A estrada para Luxor, no leste, estava bloqueada para não-egípcios. Não havia transporte coletivo e os taxistas não quiseram nos levar até lá: temiam os perigos dessa região do Saara. Não ficou bem claro; nem eu nem Beto ou Sebastián conseguimos entender se eles tinham medo de nós, dos terroristas islâmicos, da polícia ou do Exército Egípcio.

Conferir as informações com várias pessoas para não sermos passados para trás por algum espertalhão nem seguirmos orientações erradas às vezes mais atrapalhava do que ajudava. Cidadãos sem interesse comercial em nos

prestar este ou aquele serviço acabavam nos dando sugestões conflitantes, aumentando a confusão. Sem contar os problemas com a língua, como o risco das perguntas afirmativas, tipo “esse ônibus vai para tal lugar?”. Mesmo não tendo compreendido a pergunta, mas para não parecerem grosseiros, acabavam dizendo que sim, uma maneira polida de se livrarem de perguntas que lhes fugiam ao entendimento.

Para azar de quem embarcasse no dito ônibus!

Além desses contratempos corriqueiros em viagens como a que vínhamos fazendo, notei uma certa inquietude das pessoas sempre que nos aproximávamos com perguntas sobre transporte para Luxor, o principal centro turístico do Egito.

— Algo não está me cheirando bem — foi o comentário de Sebastián.

O mexicano tinha lá os seus medos. Era judeu e estava vindo de Israel, cruzara a fronteira egípcia no Sinai. Beto Scliar também era judeu, e eu desconfiava que havia algum tempo nossos passos estavam sendo monitorados pelas autoridades do país, intuição despertada pelo nosso encontro nada casual com o prefeito de Qars al-Farafra.

Pela primeira vez problemas étnicos e religiosos me pegavam na estrada. Acostumado a acompanhar o conflito entre árabes e judeus pela mídia brasileira, grande parte alimentada pelas agências de notícias norte-americanas, dominadas pelos judeus, só agora me deparava com a questão na vida real.

Tinha a polícia medo de que dois judeus perambulando livremente pelo interior pudessem despertar a ira de algum grupo muçulmano radical baseado nos arredores de Asyut? Ou, pelo contrário, estavam com medo dos rapazes — o mais velho com dois passaportes, um deles supostamente falso — se aproximando sorrateiramente de Luxor, onde pouco tempo antes turistas foram massacrados por terroristas quando visitavam o templo da faraó Hatshepsut, uma tragédia que abalou a economia do Egito por falta de visitantes nos anos seguintes?

Beto fotografava e filmava até a sombra dos egípcios. Suas câmeras, lentes e tripés chamavam a atenção de meio mundo por onde passávamos.

Sebastián tinha uma minúscula câmera digital utilizada para fotografar e filmar, algo que fazia de modo extremamente discreto. Apesar do seu tamanho, era um sujeito meio tímido. Mas o que poderia ser chamado de discreto por uma pessoa comum poderia muito bem ser classificado como camuflado por qualquer agente de inteligência política de um país apavorado com o terrorismo. E como eu entrava nessa história, um cara fazendo perguntas a torto e a direito e continuamente tomando notas em todos os lugares por onde passava?

— Só há uma maneira de descobrirmos se há algo errado conosco — eu disse para Sebastián.

— E qual é? — perguntou Beto, também preocupado com nossa situação.

— Seguir em frente e ver no que vai dar — respondi.

Quinta Parte



O Vale do Nilo

ASYUT

Após muita indagação, acabamos descobrindo que a solução — pelo menos foi o que a maioria nos disse — era seguirmos para Asyut, também no Vale do Nilo, 240 quilômetros ao norte, onde poderíamos embarcar num trem para Luxor. Era um desvio e tanto, mas não tínhamos alternativa.

— Já que vamos até Asyut — comentei com Sebastián —, podemos visitar Tell al-Amarna, um pouco mais ao norte.

— Tell al-Amarna? — ele perguntou.

— É um dos lugares mais intrigantes de todo o Egito, com uma história de encantamentos e maldições que chegam até os dias atuais — respondi.

Um táxi que saía para Asyut com quatro passageiros egípcios resolveu nos levar junto; pagávamos em dólares americanos, uma isca dificilmente recusada em qualquer canto miserável do mundo. Iniciamos a conturbada viagem logo após o almoço, e ao atravessarmos a periferia de Al-Kharga fomos parados num posto policial. Perguntaram nossas nacionalidades, para

onde estávamos indo, e nos mandaram seguir viagem. Achei que ficaram aliviados quando expliquei que seguiríamos até Asyut, onde pretendíamos embarcar para Assuã, demorando-nos o mínimo possível na cidade. Pareceu-me que não citar Luxor ou Tell al-Amarna os deixou mais calmos.

A saída do oásis foi muito bonita. A subida íngreme encaracolada nas escarpas da depressão nos levou novamente ao planalto desértico do Saara. Passamos por Al-Munira, um dos mais infames presídios egípcios, e logo fomos parados numa outra barreira de controle policial. Era bem maior que a anterior, administrada pelo exército. Já sabiam da nossa presença no veículo, por certo avisados pelos policiais na saída da cidade. Mandaram-nos descer, perguntaram aonde íamos e recolheram nossos passaportes, liberados alguns minutos depois.

— Agora vamos precisar mesmo ir até Assuã — Beto comentou comigo.

— Quando chegarmos em Asyut resolveremos o que vamos fazer, se ficamos na cidade, seguimos para Luxor ou visitamos Tell al-Amarna — respondi-lhe, nem de longe imaginando o que nos aguardava.

Fomos fiscalizados em mais dois postos policiais, documentos conferidos e liberados, e sempre nos perguntavam pelo nosso próximo destino. Quando chegamos em frente à entrada do aeroporto, a trinta quilômetros de Asyut, fomos novamente parados, não em um posto de controle, mas numa barreira montada na rodovia. Dessa vez o policial que chefiava a operação falou demoradamente pelo rádio com alguém, com certeza um superior, antes de nos liberar. O motorista e os outros passageiros acompanhavam tudo, mas não falavam entre si nem conosco, numa atitude claramente defensiva.

Cinco quilômetros adiante fomos mais uma vez parados, agora por um comboio militar. Após uma longa conversa entre o oficial e o nosso motorista, seguimos custodiados pelos veículos militares. O carro do comandante na frente, com cinco soldados armados com metralhadoras, fuzis e pistolas automáticas; nosso táxi e uma outra picape atrás, repleta de soldados portando armas pesadas.

O comboio parou um pouco mais adiante. O oficial nos mandou descer e colocar nossas mochilas na picape, e nos convidou para viajar na sua viatura, liberando o táxi, que seguiu apenas com os egípcios — aliviados!

— Agora entendi por que o taxista exigiu nosso pagamento adiantado — comentou Sebastián.

— Será que ele sabia do que estava por vir? — perguntei.

— É possível — respondeu o mexicano. — Ele não abriria mão do nosso dinheiro.

Passamos por um conjunto de prédios que me pareceu um complexo militar, cruzamos uma região infestada de grandes indústrias e logo foram surgindo muitos casebres, um sinal claro de que estávamos entrando na periferia da cidade.

Eu queria saber se estávamos diante de uma operação de rotina ou se a presença do comboio nos aguardava havia sido determinada por nossa entrada na região. Mas o clima estava carregado, ninguém dentro da viatura parecia sentir-se à vontade. Os militares estavam tensos; nós permanecíamos de olhos arregalados. O excesso de armas à nossa volta, mais do que os soldados uniformizados para a guerra, criava a desagradável sensação de violência, algo que poderia irromper a qualquer momento, dependendo apenas de um movimento em falso de alguém.

Eu continuava com medo de perguntar o que se passava, se estávamos presos ou que tipo de operação era aquela. Na verdade, eu queria protelar o máximo possível qualquer tipo de decisão, tanto da parte deles quanto da minha. Enquanto nossa situação estivesse sendo administrada com essa ambigüidade, tudo era possível, inclusive alguma negociação extra-oficial. Os soldados pareciam ainda mais cautelosos em entabular uma conversação, mas aos poucos foi ficando evidente que alguém deveria fazer algo, pelo menos tentar esclarecer qualquer mal-entendido que pudesse estar havendo. Por fim me apresentei, na esperança de que o oficial fizesse o mesmo.

— Meu nome é Mohamed Mahmud — ele se limitou a responder.

Não era muito, mas já era algo. Imaginei que o futebol, como sempre, seria um bom assunto para desanuviar o ambiente.

— Você gosta de futebol? — perguntei.

— Sim — ele respondeu secamente.

Um a zero, pensei.

— O Egito se candidatou a sediar a Copa do Mundo de 2010... — arrisquei.

— É verdade.

— Caso seja o escolhido, vocês vão receber muitos torcedores brasileiros — eu disse.

Isso foi o que eu disse, mas o que estava tentando dar a entender era que “muitos outros iguais a nós aparecerão por aqui... e aí, o que vocês vão fazer, prender todo mundo?”.

— Seria muito bom para nós. Nosso país precisa de turistas.

Dois a zero!

— Nós somos jornalistas e uma das nossas funções nesta viagem é escrever sobre as possibilidades de o Egito sediar a Copa... — menti, esperando aliviar a nossa barra.

— Espero que vocês gostem do Egito — ele respondeu. E acrescentou, em outro tom de voz, bem mais amável: — Nós gostamos de tratar bem os visitantes. É uma pena que já esteja terminando o horário do meu expediente, preciso voltar logo ao quartel. Não fosse isso, eu convidaria vocês para tomarmos um cafezinho.

Três a zero!

— Fica para quando voltarmos para a Copa do Mundo — eu disse.

— Combinado — ele falou de um modo bem mais relaxado.

Goleada!

— Vocês sabiam que estávamos vindo por esta estrada? — ataquei antes que ele se refizesse da súbita boa vontade com os jornalistas brasileiros, cujas opiniões certamente seriam levadas em consideração pela FIFA na hora de escolher o país-sede do Mundial.

— Sim — ele disse, pela primeira vez virando-se para trás para falar comigo. — Quando vocês pararam no primeiro posto de controle e

mostraram os passaportes, nossos colegas de lá nos passaram um rádio. Por isso viemos ao encontro de vocês.

Então não era uma operação de rotina, mas mobilizada por nossa causa. Estaríamos presos? Afinal, havíamos cruzado um território não permitido aos estrangeiros. Estaríamos sob custódia militar? Ou era apenas uma proteção contra os terroristas que infestavam a região? Eu não queria perguntar, poderia precipitar as coisas. No momento estávamos sendo transportados com segurança, e isso era tudo. Se ele desejasse que soubéssemos mais sobre o assunto, já teria nos revelado.

Entramos na cidade e fomos levados diretamente para a estação ferroviária. Mohamed Mahmud nos apresentou a outro oficial que estava nos esperando na entrada do prédio juntamente com um grupo de soldados, também fortemente armados.

— Vocês estão indo para Assuã, certo? — disse o novo oficial, muito mais uma ordem do que uma pergunta.

— Sim... — balbuciei.

Assuã fica ao sul de Luxor, por onde o trem passaria de madrugada. Não era bem o que havíamos planejado, mas, dadas as circunstâncias, se conseguíssemos nos safar dessa enrascada iríamos para qualquer lugar do Egito. Visitaríamos Luxor mais tarde.

— Então venham.

Ele nos levou até o guichê de passagens, falou com o funcionário e me informou que havia um trem saindo às 18h30, dentro de meia hora, portanto.

— Queremos três passagens na primeira classe — solicitei.

— Este trem não tem primeira classe — o bilheteiro respondeu. — Só segunda classe.

— Então não vamos embarcar — respondi ao oficial. — Não vamos viajar a noite toda numa segunda classe.

— Vocês precisam pegar esse trem — ele insistiu.

Minha péssima experiência na Índia havia me afastado definitivamente da segunda classe dos trens orientais. Além do mais, eu achava que já estava

na hora de testar a hospitalidade egípcia. Estávamos presos ou eles queriam apenas nos proteger? Essa era a oportunidade para descobrir a resposta.

— Há um trem às 23h30 com primeira classe — explicou o funcionário da ferrovia, notando o impasse entre nós e os militares.

— Então esperamos esse trem — respondi.

Eu não estava satisfeito com a situação, mas também não queria provocar maiores conflitos. Pretendia espichar os nossos direitos o máximo possível, mas não tanto que pudesse romper a frágil confiança arduamente conquistada junto às forças de segurança. Beto e Sebastián estavam cuidando das mochilas num dos cantos do saguão da estação, e de lá acompanhavam o desenrolar da história. Também estavam descontentes, mas tinham menos intenção ainda de causar confusão.

— Vocês vão esperar até 23h30? — perguntou o oficial.

— Sim.

— É muito tempo.

— Vamos dar uma caminhada pela cidade — respondi.

— Não podem — falou o oficial, extremamente contrariado com a situação.

— Por que não podemos? — perguntei.

— É muito perigoso.

— Nós sabemos nos cuidar, somos viajantes experientes — afirmei.

Diante da minha determinação, ele resolveu postergar o problema. Conduziu-nos para a cantina, dentro da área de embarque, onde ingressamos passando por um detector de metais, como faziam todos os outros passageiros. Na cantina, mandou que deixássemos as mochilas num canto e disse que poderíamos comer algo, tomar um chá, enquanto esperávamos o trem.

— Nós vamos sair para jantar — eu disse, depois de acomodar nossas coisas.

— Jantem aqui dentro — ele insistiu.

— Queremos jantar na cidade — falei, sem deixar dúvida sobre as minhas intenções. — Queremos um bom restaurante.

— Vocês conhecem a cidade? — ele perguntou.

— Não.

— Então por que vocês querem sair para jantar na cidade?

— Exatamente para conhecê-la — eu disse.

Vendo que não havia saída, eu estava mesmo decidido, ele chamou quatro soldados, armados com fuzis e metralhadoras, e mandou que nos acompanhassem a um restaurante do outro lado da rua. Comemos galinha com arroz e tomamos chá, dividindo a mesa com nossa enigmática escolta.

Foi tudo o que conseguimos.

Eu gostaria de ter aproveitado as horas de espera caminhando a esmo por Asyut, observando as pessoas, o visual das vitrinas, o tráfego apressado do fim de tarde. Espreguiçar-me numa praça e ficar xeretando a vida alheia sem a preocupação de ser perturbado por alguém. Enfim, não estar na cidade apenas de corpo.

A polícia deveria controlar os terroristas, não os turistas. A sensação que tive foi de alguém que perdeu a liberdade. Ao atravessar a rua com um bando de policiais em meus calcanhares, e com todos os transeuntes me olhando com espanto, senti-me constrangido, como se tivesse cometido alguma irregularidade. Faltava-me apenas um par de algemas nos punhos, pensei.

Na volta, ficaram nos rodeando até a chegada do trem. O oficial era o único a falar inglês, não havia como conversar com os outros militares. Mas eles permaneciam quase grudados em nós, fazendo um bolinho ao nosso redor, como a nos proteger de algum inimigo invisível prestes a lançar suas balas em nossa direção, provocando uma situação bem desagradável. Quando Beto saiu sorrateiramente em direção ao banheiro, três soldados partiram no seu encalço perguntando, aos gritos, aonde ele pensava que ia. Beto explicou e eles o acompanharam. Constrangido, o pobre rapaz voltou sem resolver seu problema.

Fomos levados para a plataforma de embarque e quando o trem chegou, o grupo nos acompanhou até o vagão. O oficial mandou o chefe do trem guardar nossa bagagem num compartimento chaveado, no vestíbulo da

composição. Caso precisássemos de algo em nossas mochilas durante a noite, não teríamos acesso. Ele indicou nossas poltronas e só desembarcou ao ouvir o apito da locomotiva anunciando a partida.

Ante os olhares curiosos dos demais passageiros e meu cansaço físico, minha irritação mental e meu desconforto emocional, fechei os olhos, cobri o rosto com meu boné e só acordei às sete horas da manhã, quando nosso expresso entrou apitando na gare de Assuã.

ASSUÃ

Situada logo abaixo da primeira catarata (existem outras cinco no Nilo, todas no Sudão), durante milênios Assuã foi a porta sul do Egito, importante entroncamento de caravanas de elefantes (a região era habitada por elefantes até pelo menos 2600 a.C.) e camelos que transportavam escravos, ouro, marfim, especiarias e roupas. Chamava-se Swenet (comércio), nome mais tarde adaptado para o árabe As-Suan (mercado).

Seu templo principal, dedicado a Khnum, o deus-carneiro, criador da humanidade e protetor das cataratas, a sua esposa Satis e a sua filha Anukis, ficava na ilha Yebu (elefante), depois renomeada pelos gregos de Elefantine. Fortaleza natural protegida pelas turbulências do rio, a cidade se tornou capital do primeiro Nome (Estado) do Alto Egito, além de potente base militar, utilizada pelos faraós para atacar a Núbia, o Sudão e a Etiópia.

Atualmente o lugar é bem mais modesto. O templo dedicado ao grande deus está em ruínas e na parte norte da ilha vivem duas pequenas

comunidades de refugiados núbios. A moderna Assuã fica na margem oriental do Nilo, em frente à ilha Elefantine, e tem poucos atrativos: uma pedreira de granito onde se pode ver um obelisco inacabado com 42 metros de comprimento e pesando 1.168 toneladas, abandonado no próprio local onde estava sendo talhado devido a uma inesperada rachadura num dos lados; um museu que procura preservar a cultura núbia, cujo país, após ser anexado pelo Egito, desapareceu sob as águas do lago Nasser, represadas pela famosa barragem de Assuã; a própria barragem e o hotel Old Catarata, sem dúvida um dos lugares mais charmosos do mundo, construído no início do século XX para hospedar a nobreza européia que vinha passar férias.

Aproveitamos os dias na cidade para descansar da extenuante travessia do deserto e preparar nossa descida pelo Nilo até Luxor. Obviamente, eu não havia desistido de visitá-la de forma independente, sem precisar me integrar a um grupo turístico oficial, e imaginava que, descendo o rio numa faluca, os tradicionais veleiros que sobem e descem essas águas desde os tempos dos faraós, conseguiria passar despercebido pela Polícia Turística. Ficaríamos à mercê de possíveis grupos rebeldes ao longo do caminho, mas se nos mantivéssemos afastados da costa, não despertando a atenção dos moradores do vale, a camuflagem funcionaria.

Pelo menos era o que eu esperava.

Havia muitas dessas pequenas falucas em Assuã, utilizadas para rápidos passeios turísticos em volta dos grandes hotéis. Se encontrasse algum marujo mais sensível a um punhado de dólares, tinha esperanças de que ele topasse descer o rio conosco, mesmo que isso significasse afastar-se de casa por vários dias. Os núbios até hoje não se integraram totalmente à sociedade egípcia. Conservam sua língua, seus costumes e uma certa rebeldia em relação ao governo. Eu contava com esse espírito aventureiro, embora soubesse que velejar até Luxor fosse uma empreitada extremamente árdua. O Nilo corre para o norte, mas os ventos sopram sempre do Mediterrâneo para o continente, tornando as longas travessias lentas e desconfortáveis. Precisaríamos levar remadores para vencer as calmarias, o que demandaria mais gente no barco.

— Se conseguirmos pelo menos sair de Assuã e navegar durante uns quatro ou cinco dias, poderemos despistar a polícia e pegar um ônibus local até Luxor — sugeri aos meus parceiros.

— Estou dentro — respondeu Beto, com a imediata concordância de Sebastián.

Acomodados num hotel dentro do nosso orçamento, cuja sacada tinha uma pequena vista para o Nilo, nos dividimos. Meus jovens companheiros tinham interesses comuns, passavam os dias conversando sobre música, apreciando o movimento das belas européias passeando pelo bulevar ao longo do rio, ou nos quiosques com Internet, teclando com seus amigos ao redor do mundo. Eu preferia ficar sentado à toa nos bancos da praça central ou gastar minhas tardes vagando sem motivo pelo congestionado mercado público, o verdadeiro coração da cidade — que pouco havia mudado nos últimos séculos! —, e terminar meu dia apreciando o pôr-do-sol tomando um bule de chá na varanda do Old Catarata, em frente ao Nilo.

Palacete com ares vitorianos, o mais famoso hotel do país, com seus terraços de arcadas mouriscas com vista para o rio, teve sua parte externa utilizada como cenário do filme *Morte no Nilo*, baseado no livro homônimo de Agatha Christie, escrito no próprio hotel durante uma das costumeiras visitas da escritora ao Egito.

O interior árabe é decorado com as lendárias litografias do escocês David Roberts, feitas em 1838, e ele está localizado em meio a um frondoso jardim, na ribanceira do Nilo, que corre lá embaixo, espremido entre pedras gigantescas. Distorcidas, suas águas serpenteiam furiosas com grande rapidez, espumando e quebrando a árida monotonia do deserto que as aprisiona.

No meio do rio está a ponta sul da ilha Elefantine, com o templo dedicado ao deus Khnum sendo restaurado. Mais ao longe, por sobre a barranca do lado oposto, podemos ver alguns mausoléus e o deserto sem fim, coberto por um entardecer milagroso.

Segundo os viajantes mais experimentados do mundo, ninguém deveria morrer sem se hospedar, pelo menos uma vez, no histórico hotel para tomar

chá ao pôr-do-sol. Meu orçamento não permitia tal proeza — instalar-me numa suíte com sacada para o Nilo, cuja diária custava US\$ 1.217 —, mas para um furtivo chá..., desde que resolvesse um pequeno problema. Atração da cidade pela sua tradição e esplêndida vista, ele passou a ser visitado por bandos de turistas, que perturbavam o sossego dos seus freqüentadores endinheirados a ponto de a gerência proibir a entrada de não-hóspedes em seu recinto.

Mas nada que uma pequena lamúria não resolvesse...

Meu primeiro pôr-do-sol visto de um dos alpendres do hotel, pouco depois da hora do chá, foi um dos momentos mais marcantes da viagem. Após percorrer seus jardins, dar um discreto mergulho na piscina e ter uma breve conversa com os seguranças no ancoradouro junto ao rio lá embaixo, subi por uma escada perfumada por flores silvestres e me dirigi a uma pequena plataforma projetada sobre a barranca do rio, pouco mais de uma dezena de metros acima das suas águas turbulentas. Protegido do penhasco por uma mureta de pedras, o terraço estava cheio de mesinhas atendidas por um pequeno bar no centro. Sentei-me em frente a um cantor núbio tocando canções folclóricas numa viola, pedi um bule de chá e me preparei para o espetáculo.

Uma faixa laranja se esparramou diante dos meus olhos, pintando de sépia a encosta oriental das montanhas rochosas cobertas de areia. Aos poucos, as silhuetas das tumbas no horizonte foram recortando a cena em pequenos pedaços negros, enquanto lá embaixo, no leito do rio, os marinheiros núbios recolhiam as velas brancas das falucas e deslizavam suavemente pelas águas escuras em direção às suas casas na ilha, único pedaço de terra que lhes sobrara da sua outrora poderosa pátria.

Logo uma pequena nesga da lua nova começou a surgir no horizonte, pouco acima do local onde o sol desaparecera, fazendo o dia trocar de lugar com a noite. Um pouco mais acima, surgiu a primeira estrela. A lua ficou poucos minutos no céu e também desapareceu engolida pelo Saara, deixando a estrela solitária ainda mais brilhante. Um manto negro cobriu o deserto, e tanto o rio como o céu foram tomados por incontáveis estrelas.

Era a noite chegando para mudar o comportamento das pessoas, dar-lhes de uma nova tarefa.

No início dos tempos, havia apenas uma sopa primordial, um mar líquido e inerte envolvendo a Terra. Ao acordar, Aton, o deus-sol, pôs fim ao caos e à escuridão, tirando da sua própria substância os deuses que o auxiliariam: Shu, o ar, e Tefnut, a umidade. Esse engendrou Nut, a deusa do céu, e Geb, o deus da terra, dos quais nasceram Ísis, Osíris, Seth e Néftis.

Um belo dia, Aton se cansou de tão árdua tarefa e subiu ao céu, entregando a Terra aos faraós e incumbindo-os de manterem-na a salvo das constantes ameaças da escuridão. Por isso, no Egito nada está assegurado, tudo recomeça a cada dia, cíclico como as enchentes do Nilo. Assim, a partir de agora, com o deus-sol ausente, cabia a nós, humanos, preservar a sua obra até o raiar do novo dia, uma obra ameaçada pelas forças do caos, liberadas assim que o criador-guardião mergulhou no horizonte.

Bastava fechar os olhos, deixar-me impregnar pelo som da viola do músico núbio à minha frente, para sentir todas as divindades do Antigo Egito baixarem sobre o Old Catarata e me envolverem com seu manto confeccionado com pedaços de infinitos mistérios.

Uma rápida corrida de táxi até Shellal, no lado sul da velha barragem de Assuã, a pouco mais de dez quilômetros da cidade, e alguns minutos numa lancha impulsionada por um motor de popa e chegamos ao famoso templo dedicado à deusa Ísis, a grande *popstar* da Antiguidade, construído em meio aos rochedos da primeira catarata.

A partir de 1902, com a construção da velha barragem de Assuã, a ilha Filae, onde ficava o complexo, passava submersa seis meses por ano, período em que as águas eram represadas. Quando todos imaginavam que esse tesouro da humanidade ficaria completamente perdido, ironicamente ele foi salvo por outra obra, a nova e gigantesca barragem de Assuã, capaz de inundar uma área muito maior. Graças ao patrocínio da Unesco, entre 1972 e 1980 as construções em Filae foram desmontadas, pedra por pedra, e

reconstruídas em Agilkia, uma ilha próxima, vinte metros mais alta, a salvo do lago Nasser, na mesma posição em que estivera a construção original.

Surgido no delta do Nilo como uma crença local e reverenciado em Filae a partir do século VII a.C., o culto a Ísis expandiu-se por todo o país. Ela e seu irmão-esposo Osíris, deuses reinantes sobre a Terra, povoaram o Vale do Nilo e ensinaram aos camponeses as técnicas da agricultura e as regras da civilidade, trazendo paz e prosperidade para o povo, fato responsável pela idolatria dos antigos egípcios pela dupla.

A vida deles não foi fácil, apesar de todo o seu poder. Casal belo, feliz e poderoso, logo atraiu a inveja dos outros deuses. Seth, irmão de Osíris, acabou se apaixonando por Ísis, e, enciumado, atraiu Osíris para uma armadilha, tentando livrar-se do rival. Ao recebê-lo para um grande banquete, Seth o trancou num caixão e o jogou no Nilo para que morresse. Ísis, com seu enorme poder mágico, conseguiu encontrar o marido e escondê-lo provisoriamente num pântano, deixando-o a salvo do perverso irmão-cunhado.

O vingativo Seth, ao descobrir o esconderijo durante uma caçada de javali, retalhou o corpo de Osíris e espalhou os pedaços pelo rio. Ao saber da nova tragédia, Ísis, inconformada, saiu uma vez mais à procura do esposo, auxiliada pela irmã Néftis. Após longa e sofrida busca, ela finalmente encontrou os pedaços de Osíris, com exceção do falo, comido por um peixe, e os embalsamou com a ajuda de Anúbis, o deus-chacal da mumificação. A deusa não perdeu tempo: transformou-se numa ave e, ao bater as asas, fez Osíris ressuscitar, restituindo-lhe o membro perdido. Em seguida, planando suavemente sobre o corpo do bem-amado, incitou sua virilidade para unir-se a ele, gerando Hórus, criando uma nova vida a partir de um defunto. Cumprida a profecia, Osíris pôde finalmente seguir para o além, tornando-se o protetor dos mortos, cujo reino passou a governar.

As lágrimas de Ísis, que volta e meia chorava a morte do esposo, eram responsáveis pelas cheias periódicas do Nilo. Mesmo assim, e apesar de todo o sofrimento que lhe atormentava o coração, ela criou o menino,

protegendo-o de Seth, pois sabia que algum dia ambos iriam disputar o trono do Egito.

Seth tentou trapacear, alegando que Hórus não era filho de Osíris. Isso os levou a um impasse, e durante oitenta anos os deuses discutiram quem deveria ser o herdeiro. Segundo o *Livro dos mortos*, certo dia Rá disse a Hórus: “Deixe-me ver o que se passa em teus olhos.” Para examiná-los melhor, mandou Hórus olhar “para aquele porco negro”, e aí o olho do deus-falcão imediatamente se feriu. Segundo o texto, isso aconteceu porque o porco, na verdade, era Seth disfarçado para atacar Hórus. Como castigo, Rá ordenou que daquele momento em diante o porco fosse considerado uma criatura abominável, o que explica o fato de os egípcios não comerem sua carne nem beberem seu leite, costume mais tarde adotado pelos judeus e pelos muçulmanos.

Ajudada pela maioria dos deuses, Ísis utilizou toda a sua magia para combater o assassino do esposo e, depois de longas peripécias, Hórus acabou ocupando o trono.

Daí em diante, todo faraó passou a ser um Hórus e, após sua morte, um Osíris, o Senhor do Mundo Inferior. Enquanto isso, Ísis acumulou as funções de mãe exemplar, protetora das crianças e das mulheres grávidas, além de assegurar a fecundidade e a fertilidade da Terra. Por ter ressuscitado o esposo, permitindo a todo homem alcançar a vida eterna, é ela quem intercede a favor dos defuntos.

No período greco-romano, o templo de Filae foi consagrado a Ísis, e uma inscrição num dos pilonos dava uma idéia do seu poder: “Grande e poderosa soberana dos deuses, cujo nome as deusas exaltam, dona da magia benéfica que expulsa o demônio pelas palavras de seus lábios. Sem o seu consentimento ninguém ousaria pisar o chão do palácio: só a sua vontade pode coroar reis. É chamada fonte de vida, pois dá vida à Terra, e cada um vive o que ela ordena. Tudo leva a sua marca, e nada se realiza sem ela, no céu, na Terra ou no além.”

A partir da conquista romana, esse poder se espalhou e ela se tornou a mais adorada das divindades egípcias, idolatrada em quase todas as partes

do mundo, da África às ilhas britânicas.

Os sacerdotes de Filae foram os últimos a resistir à cristianização do Império Romano. Mesmo depois que Roma adotou o cristianismo, o culto a Ísis continuou mais popular do que a nova religião por muito tempo. Ironicamente, muitas vezes confundida pelos fiéis com a própria Virgem Maria (as duas mães divinas deram à luz sem um genitor e tanto uma como a outra foram representadas amamentando a criança-rei), ela foi venerada em Filae até 550 d.C., dois séculos depois de o paganismo ter sido proibido por Roma. E assim mesmo porque o imperador Justiniano mandou fechar os templos da ilha.

Nos séculos seguintes, foram construídas igrejas cristãs junto ao complexo, a sala hipostila foi transformada numa capela e os baixos-relevos em suas paredes foram rasurados, considerados símbolos pagãos. Quando os muçulmanos tomaram o Egito, pelos mesmos motivos danificaram as inscrições e transformaram o lugar num sítio islâmico. Em 1799, Napoleão Bonaparte, para conquistar a ilha, usou artilharia pesada, danificando ainda mais as construções, apenas recentemente restauradas.

O magnífico complexo, rodeado por palmeiras e com seus monumentos espalhados por toda a ilha, tinha seu coração no santuário dedicado a Ísis. Como todos os templos egípcios, esse também era formado por um conjunto de salas enfileiradas de modo que a seguinte sempre fosse menor e por isso, menos iluminada que a anterior. Assim, à medida que os sacerdotes avançavam, iam se distanciando da luz e penetrando numa penumbra que favorece o mistério e a veneração.

Após atravessar o longo pátio externo do templo, ladeado por duas fileiras de grandes colunas, cruzei o primeiro pilono, formado por duas torres oblongas com dezoito metros de altura, decoradas com relevos gigantescos mostrando Ptolomeu XII, o pai de Cleópatra, golpeando seus inimigos. Entre as largas torres, um suntuoso portal dava acesso ao pátio interno, com um pequeno templo dedicado ao deus Hórus, onde os faraós eram sagrados descendentes mortais do deus, legitimando assim o seu enorme poder na terra.

Ao cruzar o segundo pilono, bem menor que o primeiro, saí na sala hipostila, cujo teto — quando existia — era sustentado por dez enormes colunas de pedra. Passando por essa sala, cheguei finalmente à cela de Ísis, onde a estátua de ouro da deusa ficava dentro de um pequeno oratório esculpido num bloco de granito vermelho. Embora o oratório esteja atualmente no Museu Britânico, pude ver a base de pedra onde ficava o barco utilizado para as peregrinações da imagem sagrada pelo Nilo durante as cerimônias em que o ídolo saía do templo, única oportunidade para os fiéis venerá-lo diretamente, sem a intervenção dos sacerdotes.

Certa noite, perambulando pelas ruas de Assuã, deparamos com um casamento. Ou melhor, os preparativos da noiva para a cerimônia. Havia uma pequena aglomeração em frente a um salão de beleza, animada por uma banda de música formada por cinco jovens tocando instrumentos de percussão típicos do Egito. Logo apareceu a noiva, trajada à maneira ocidental, um belo vestido branco rendado. A grinalda havia sido colocada sobre o véu, também branco, deixando-a apenas com os olhos de fora. Ela saiu do cabeleireiro de braço dado com o pai, que vestia terno e colete azul-marinho e usava uma gravata preta com bolinhas brancas. Foram cercados pelo grupo, que, dançando e jogando arroz, os acompanhou até o carro, onde entraram e seguiram para a festa.

Imaginando o farto banquete que os aguardava, demos a volta e fomos ao mercado público comer *kofta* com chá de menta.

Sebastián andava impressionado com o assédio dos trambiqueiros de rua, que lhe ofereciam maconha e heroína. Ele usava cabelos longos, às vezes soltos, então presos num rabo-de-cavalo, o estereótipo do usuário de drogas criado pela mídia ocidental e fartamente divulgado no Oriente.

— Não sei por que acham que consumo drogas — ele, ingenuamente, exclamava, com frequência.

— Isto é um truque muito comum por estas bandas — resolvi explicarlhe. — O importante é não vacilar.

Viajando pelo Oriente, somos constantemente abordados por rapazes oferecendo drogas. São países com um rígido controle policial e as penas impostas aos traficantes e usuários beiram a desumanidade, especialmente quando aplicadas aos estrangeiros. Em fevereiro de 2005, o paranaense Rodrigo Gularte, 32 anos, foi condenado à morte na Indonésia, a maior nação muçulmana do mundo. Ele foi preso no aeroporto de Jacarta com seis quilos de cocaína escondidos em suas pranchas de surfe. Alguns meses antes, outro brasileiro, o instrutor de vôo livre Marco Archer Cardoso Moreira, 42 anos, já havia sido condenado à morte por fuzilamento por um crime semelhante: ele tentara entrar no país com 13,4 quilos de cocaína escondidos em sua asa-delta.

De modo geral, a droga oferecida nas ruas não existe; os garotos locais não têm dinheiro nem coragem para traficar num país muçulmano. É apenas uma armadilha para extorquir dinheiro dos visitantes. Se o incauto viajante se rende ao preço baixo e à propalada alta qualidade do produto, acaba marcando um encontro num local mais discreto, onde será realizada a transação. Nessa hora, um policial aparece e prende todo mundo. Temendo os rigores das leis locais, normalmente o turista oferece uma propina para o policial, uma maneira de se livrar de cadeias onde muitos entram e poucos saem.

Acabam combinando um preço extremamente alto, tanto o policial como o traficante sabem quanto dinheiro o infeliz está portando. Feito o pagamento, o falso traficante e o não menos falso policial, previamente mancomunados, dividem os dólares, e o ingênuo viajante volta para casa mais cedo.

E o que é mais ridículo: imaginando ter passado a perna num policial corrupto!

Mesmo advertido, nosso amigo mexicano passou a andar acompanhado por um desses rapazes. Uma noite, Beto e eu ficamos preocupados no hotel, pois Sebastián saíra com o tal sujeito e até altas horas não havia regressado.

Saímos em seu encalço, perguntando aqui e ali pelos dois. Todos os tinham visto juntos, mas ninguém sabia aonde haviam ido.

Enveredamos por algumas ruelas e nada de encontrar o mexicano. Aos poucos nossa ansiedade foi aumentando; não fazia sentido ele desaparecer assim, sem mais nem menos, exatamente em companhia do cara que lhe oferecera maconha no dia anterior.

Estávamos nos dirigindo para a polícia quando o vimos voltando para o hotel. Disse que fizera um longo passeio, fora até a casa do egípcio, nos arrabaldes de Assuã, e tudo havia corrido bem. Ficamos aliviados, mas não deixei de lhe passar uma descompostura:

— Neste tipo de viagem, acabamos nos expondo a muitos riscos — disse. — Por isso, devemos seguir algumas regras básicas, como sempre sabermos por onde cada um anda.

Eu não estava acostumado a me preocupar com meus acompanhantes nas viagens anteriores, e cuidar dos rapazes estava sendo uma novidade. Apesar dos alertas, eu voltaria a enfrentar problemas semelhantes mais adiante, e a sensação não foi boa.

ABU SIMBEL

Não estava em meus planos iniciais visitar Abu Simbel. As autoridades militares não permitiam a presença de viajantes independentes nos 280 quilômetros da rodovia que levava ao vilarejo, no extremo sul do país, a tão-somente quarenta quilômetros de distância do Sudão, território antigamente pertencente à Núbia. A única maneira de conhecer o magnífico templo construído por Ramsés II para que ainda em vida fosse cultuado como um deus, era fazer parte de um grupo turístico e seguir em comboio, protegido pela Polícia Turística. Mesmo assim, só eram permitidos ônibus e a estrada ficava aberta apenas no início da madrugada, para a ida do comboio, e no fim da manhã, para a volta.

Tentei, tentei, conversei daqui, perguntei dali, mas não tive êxito. Para me dirigir à fronteira com o Sudão precisaria mesmo juntar-me a outros turistas e seguir em grupo. Fiz uma pequena reunião com Beto e Sebastián e eles votaram pelo passeio convencional, o lugar valia a pena. Acabei

concordando, embora um pouco contrariado, especialmente porque precisaria me submeter a um rígido controle militar, o que tira a graça de qualquer viagem. Menos mal que o nosso próprio hotel alugou uma van, reuniu um pequeno grupo e lá fomos nós passear custodiados pela polícia!

Ugh!

Acordamos às 3h20, ranzinhas. Juntamo-nos ao comboio na saída da cidade e ficamos esperando a hora da partida, às 4h30. Ronronamos até o alvorecer, às seis da manhã, quando uma faixa alaranjada no horizonte desértico nos despertou. Melhor: eu despertei; os outros continuaram dormindo, esparramados nos bancos, com os pescoços molengas caindo para os lados e importunando os passageiros vizinhos.

Entre um posto de controle policial e outro, seguimos pelo planalto arenoso, pontilhado por morros baixos e pedregosos, do lado ocidental do lago Nasser, cujas águas haviam coberto totalmente o Vale do Nilo, onde antigamente os moradores da Baixa Núbia plantavam as lavouras que abasteciam a população do seu país.

Durante milênios a primeira catarata, em Assuã, marcou a fronteira sul do Egito. Entre ela e a sexta catarata, pouco abaixo de Cartum, capital do Sudão, ficava a Núbia, um país rico em ouro, famoso em toda a Antiguidade pela valentia dos seus guerreiros e caminho natural entre o Egito e a África Negra, motivo pelo qual as duas nações nunca viveram em paz. Quando o país dos faraós atingia o seu apogeu, invadia a Núbia com fortalezas e templos; quando os faraós entravam em decadência, o Egito era invadido pelos núbios.

Existem indícios de assentamentos humanos na Núbia com dez mil anos de idade. Perto de Abu Simbel, arqueólogos encontraram recentemente vestígios de casas, esculturas em monólitos e o mais antigo calendário do mundo, feito de pedra, datando de oito mil anos atrás. Até cerca de 5.500 anos atrás, Núbia e Egito estavam no mesmo nível de desenvolvimento humano. Suas populações tinham animais domésticos, plantavam lavouras e começavam a formar pequenas aldeias.

Embora os dois povos tivessem ancestrais comuns, estavam se diferenciando etnicamente. Os núbios eram negros, altos e longilíneos. Suas características físicas estavam bem mais próximas dos africanos do sul do que dos egípcios. Falavam uma língua nilo-saariana; os antigos egípcios falavam uma língua afro-asiática. Com a unificação do Egito, o reino do norte se desenvolveu rapidamente, enquanto os núbios permaneceram isolados, especialmente devido à infertilidade do solo, cultivável apenas numa estreita faixa de terra no Vale do Nilo.

Eles eram cristãos desde o século V e quando o Egito se tornou muçulmano, no século VII, seus governantes chegaram a fazer um acordo de paz. No século XIV, no entanto, sultões egípcios atacaram a Núbia, depuseram o último rei cristão e o fio da espada do Profeta converteu o povo ao islamismo, anexando o país. Em 1899, os britânicos dividiram a região entre o Egito e o Sudão, e os núbios perderam seu território. Quando a grande barragem de Assuã foi concluída, em 1971, criando o maior lago artificial do mundo, a única parte fértil do solo núbio, o Vale do Nilo, ficou inundada e a população foi reassentada em outras regiões do Egito.

Os núbios, a exemplo de várias outras nações na Terra, ficaram sem uma pátria. Pobres e sem representação política, continuam até hoje esquecidos pelo mundo moderno. Nem o lago que cobriu sua terra leva o seu nome: preferiram chamá-lo de Nasser.

Chegamos a Abu Simbel às 7h15.

— Você precisam estar de volta às 9h, para regressarmos a Assuã — informou nosso motorista.

Corremos para a bilheteria, junto com outros mil turistas despejados por vários ônibus vindos de Assuã. Alguns chegavam diretamente do Cairo, um vôo penoso e caro, apenas para ficar pouco mais de uma hora no impressionante lugar. Isso era uma afronta à minha liberdade, ao prazer de viajar. Para quem, como eu, gosta de curtir o passeio, fazer pequenas descobertas ao longo do caminho, parando aqui e ali para saborear o gosto das terras longínquas e suas belas histórias, o *tour* organizado pelos egípcios estava me deixando com os nervos à flor da pele. Indignação era

pouco para exprimir o meu sentimento naquela fria manhã, tristemente abatido num momento que deveria ser de puro encantamento.

O mundo, por intermédio da Unesco, gastou uma fortuna incalculável para desmontar os templos de Abu Simbel, mais de mil blocos de pedra, e transferi-los para uma colina mais alta, impedindo assim que ficassem submersos no fundo do lago Nasser, logo que a barragem fosse concluída. Agora, as autoridades egípcias faziam de tudo para afastar os visitantes, sempre em nome de um estado policial que, a pretexto de combater terroristas, mantinha no poder políticos corruptos e antidemocráticos. Desde a independência, nos anos 50, o Egito teve apenas três presidentes. E isso porque os dois primeiros foram assassinados, do contrário estariam aboletados no governo até hoje.

Chegamos ao pátio em frente ao templo às 8 horas, depois de quilar numa fila para comprar ingresso e noutra para entrar, passando por várias revistas e um sem-número de detectores de metais. Tínhamos uma hora para apreciar tudo, um verdadeiro absurdo.

Resolvemos nos separar; cada um tinha seu próprio ritmo. Beto estava interessado em fotografar, Sebastián em ver rapidamente os templos. Eu escolhi o templo maior, dedicado a Ramsés II, o mais importante, e decidi deixar o templo menor, dedicado a Nefertari, sua esposa preferida, para o final, se desse tempo. Preferia conhecer um a meu modo a ver dois superficialmente. Eu tinha comprado um guia específico sobre o sítio arqueológico e desejava conferir cada detalhe.

Escavado diretamente numa montanha rochosa no lado ocidental do Nilo, no século XIII a. C., o templo foi dedicado ao seu próprio construtor, Ramsés II. O grande faraó desejava, assim, ser admirado como um deus antes mesmo de morrer. Deve ter conseguido esse mérito em sua época, mas não por muito tempo. Com o passar dos séculos, perdido em meio ao nada, ele foi aos poucos sendo soterrado pelas areias do Saara, a ponto de acabar completamente esquecido pela memória humana.

O colosso só foi redescoberto em 1813, e por acaso, pelo explorador suíço Johann-Ludwig Burckhardt. Conhecido por Ibrahim Ibn Abdallah, ele

estava bisbilhotando a região disfarçado de comerciante árabe quando avistou uma das cabeças de pedra emergindo da areia. Imediatamente a notícia de que Ibsambul não era apenas uma lenda correu o mundo, atraindo os grandes aventureiros da época.

Demorou apenas quatro anos para Giovanni Belzoni, sempre ele, conseguir desobstruir parcialmente a porta de entrada e ingressar no santuário. Em 1829, quando três quartos do templo ainda estavam encobertos pela areia, Jean-François Champollion escreveu, completamente deslumbrado, que Abu Simbel justificava plenamente a perigosa viagem pela Núbia. O lendário arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, tão logo o conheceu, definiu-o como “a mais poderosa obra de arte do mundo”. Somente no começo do século XX o monumento foi totalmente desassoreado.

Agora estava eu, com um olho no relógio e outro no guia, estupefato diante dos quatro desmedidos ídolos de pedra. As soberbas esculturas pareciam surgir da montanha por algum fenômeno inexplicável. Se o faraó construiu o monumento para ser admirado por toda a eternidade, conseguiu plenamente, pois mesmo agora, 34 séculos depois, pessoas do mundo todo acorrem diariamente a Abu Simbel para se encantarem com a magnitude da obra, apesar da má vontade das forças de segurança do país.

A fachada do templo, com 35 metros de largura por 31 de altura, talhada em arenito, é formada por quatro colossais estátuas do faraó sentado no trono, olhando majestosamente para o horizonte desértico, suavemente acariciadas pelo sol. Elas têm vinte metros de altura e a cabeça de cada imagem mais de quatro metros entre uma orelha e outra. A linha dos lábios tem mais de um metro de largura, esboçando um sorriso tranqüilo, de alguém plenamente satisfeito com sua condição divina, capaz de desdenhar da finitude da vida carnal. Perfeitas em sua monumentalidade, reproduzem com exatidão a fisionomia do soberano. Além delas, há uma série de imagens menores, não menos magníficas, representando deuses e alguns membros da família real, entre eles sua mimada esposa, a rainha Nefertari. Algumas peças estavam danificadas, mas nem por isso perderam sua exuberância.

Fiquei imaginando o espanto das pessoas simples daquela época. Descendo o Nilo em suas pequeníssimas falucas vindas do interior da África, de repente, numa curva do rio, deparavam com as imagens gigantescas saindo da montanha, sentinelas ameaçadoras emanando a fria autoridade de um grande monarca. Capazes de ver além do horizonte em sua eterna contemplação, podiam ser interpretadas como uma saudação de boas-vindas, mas também um aviso de alerta, deixando bem claras as proporções do poder entre os visitantes e o reino no qual estavam entrando. Caso afrontassem o soberano causando-lhe algum dissabor, enfrentariam uma ira com a mesma dimensão.

Entrei no templo por uma alta porta, guarnecida pelas quatro estátuas gigantes e sob a imagem de Ra-Harakhti. Saí no pronau, uma sala retangular com 18 metros de comprimento por quase 17 de largura, sustentada por oito imagens com dez metros de altura, dispostas em duas fileiras, representando Osíris com as feições de Ramsés II. O teto da nave central é decorado com afrescos da deusa Nekhbet, protetora do Alto Egito, enquanto os tetos das duas naves laterais são estrelados.

A decoração das paredes celebra ostensivamente as glórias militares do faraó, várias pinturas mostram-no espancando os seus inimigos, sua fúria caindo sobre os líbios, os núbios e outros escravos negros e asiáticos. Filho do faraó Séti I, um grande general, Ramsés II, também general destacado, assumiu o trono com 25 anos e conduziu o reino a um dos seus momentos de maior glória, tornando-se o maior faraó de todos os tempos, único a ter o nome numa avenida do Cairo.

Na parede norte é possível ler sobre as várias fases da campanha militar contra os hititas e seus aliados, empreendida na Síria do Norte, no quinto ano do seu reinado. Num determinado momento da batalha, vendo-se numa situação difícil, protegido apenas por sua guarda pessoal e com milhares de soldados inimigos à sua frente, o faraó invocou Amon, lembrando-lhe sua natureza divina:

Amon, meu pai, o que se passa?
Um pai porventura esquece um filho?

O grande Amon ouviu as súplicas do filho predileto e, graças a sua intervenção, o faraó conseguiu safar-se na última hora, socorrido pela chegada do seu exército. Hábil político, Ramsés transformou a derrota parcial numa grande vitória, comemorada interminavelmente em todo o reino. A paz só foi conseguida anos depois, quando ele se casou com a filha do soberano hitita e o Egito entrou numa fase de grande desenvolvimento. A partir dessa época, o faraó-sol não se apresentou mais como filho de um deus, mas o próprio deus encarnado, aproveitando o longo reinado de 67 anos, o mais longo da Antiguidade, para semear grandes obras por todo o Egito.

Passando o pronau entrei na sala hipostila, bem menor, sustentada por quatro pilares quadrados pintados com as imagens do faraó diante de vários deuses. As paredes são decoradas com cenas litúrgicas, entre as quais o transporte da barca sagrada que o levaria para o mundo dos mortos. Tudo lembra a glorificação do grande rei. Alguns baixos-relevos mostram o faraó que, uma vez divinizado, se adorava e fazia oferendas a si próprio.

Da sala hipostila passei a um pequeno vestíbulo destinado às oferendas, mas como não havia levado nada para ofertar-lhe — a não ser a minha curiosidade —, ingressei diretamente no santuário, a 65 metros da porta de entrada, esculpido no coração da montanha. O lugar mais íntimo e secreto do templo é formado por uma pequena câmara de quatro metros por sete, onde fica a imagem de Ramsés II divinizado, sentado junto à tríade Ptah, Amon-Rá e Harmakis.

Embora dentro da montanha, o templo foi construído de forma tão precisa que duas vezes por ano, durante o solstício de verão e o de inverno, logo que amanhecia um raio de sol deslizava sobre as águas do Nilo e entrava pelo portal. Cruzava o pronau, a sala hipostila e o vestíbulo em toda a extensão e iluminava as imagens de Amon-Rá, Ramsés II e Harmakis no fundo do

santuário. Curiosamente, a estátua de Ptah, o deus criador que, portanto, viveu na época das trevas, no lado esquerdo, nunca era alcançada pelos raios do sol, permanecendo sempre na escuridão. Após cerca de vinte minutos, a luz desaparecia e o interior do templo voltava à sua penumbra misteriosa e de grande sugestão mística.

Outras oito câmaras menores e menos ornadas envolvem lateralmente a nave central, onde eram armazenados os tributos trazidos pelos núbios e demais súditos ao grande faraó. Essas salas não haviam sido totalmente restauradas, escapando à curiosidade dos visitantes. Vazias e escuras, em seu interior se podia sentir um pouco a passagem do tempo pela história da humanidade, um bom lugar para refletirmos sobre a condição humana, não fosse a pressa com que a polícia queria nos tirar de Abu Simbel.

Atualmente, para os turistas apreciarem as belezas do templo em sua plenitude, ele está internamente iluminado por uma luz artificial apropriada, capaz de permitir visitação sem deteriorar as pinturas milenares extraordinariamente preservadas, algo realmente feito para durar por toda a eternidade.

Eternidade, sim, é a palavra mais apropriada para definir Ramsés II, até hoje presente entre os grandes soberanos da história universal.

Ainda na Antiguidade, seu túmulo foi saqueado e sua múmia roubada. Recuperada, foi transferida para a tumba do pai, S ti I. Quando essa sepultura também foi profanada, a múmia de Ramsés II foi escondida novamente, voltando a ser descoberta somente em 1881, num esconderijo perto de Luxor. Levada para o Cairo e exposta à visita o pública, sofreu mais um ataque, dessa vez de um fungo desconhecido. Agredido por todos os lados, o velho faraó precisou enfrentar um inimigo ainda mais impiedoso: a burocracia egípcia.

Somente em 1976, quase um século após ter sido enviado para a capital, o governo consentiu que ele fosse removido para ser tratado na França. O grande faraó sobrevoou as pirâmides e aterrissou em Paris, recebido como chefe de Estado pela Guarda Republicana. Os cientistas descobriram que o velho magro, cabelos ruivos, nariz longo e aquilino, quando morreu, estava

entrevado por reumatismo, claudicava um pouco e havia tido abscessos dentários.

Submetido a irradiação para ser curado e protegido definitivamente dos fungos que o atacavam, ele voltou para o Egito, onde pude conhecê-lo pessoalmente no Museu Egípcio do Cairo.

Em Abu Simbel, junto ao Grande Templo havia um menor e mais delicado, dedicado à deusa Hathor, mandado construir por Ramsés II para glorificar Nefertari. Seguia o padrão do templo principal, exceto pelo fato de que, contrariando os costumes egípcios da época, as estátuas da rainha eram do mesmo tamanho das estátuas do faraó, uma prova do seu grande amor pela esposa.

Não foi possível visitá-lo, não deu tempo, precisei voltar correndo para a condução, onde o motorista me esperava impaciente. Mesmo assim, a beleza enigmática do local foi mais forte do que a má vontade das autoridades egípcias, propiciando-me um belo sonho na volta para Assuã.

Sexta Parte



Descendo o Nilo

FALUCA

Depois de muito perambular pela avenida costeira em Assuã, conversa daqui, conversa dali, encontrei um capitão que topou nos levar rio abaixo. Ele atendeu prontamente a todas as minhas exigências, pelas quais pediu um preço que achei barato demais.

— Esse cara não vai cumprir o prometido — expliquei para o Beto. — Ele não quer perder o cliente, por isso estipulou um valor tão baixo. Quando estivermos no barco, não teremos alternativa senão aceitar o que ele nos impuser, como usar a água do rio para lavar as panelas em vez de água mineral, como solicitei.

Fiquei de dar uma resposta mais tarde e continuei meus contatos. Tínhamos o tempo necessário e a permanência na cidade estava bem agradável. Nosso hotel era bom e barato, embora o banheiro ficasse inundado sempre que tomávamos banho. A comida nos pequenos restaurantes, em casas flutuantes na beira do rio, era de boa qualidade e o

movimento dos turistas sempre nos mantinha entretidos. Além do mais, tomar chá na varanda do Old Catarata ao entardecer estava se tornando uma das rotinas mais agradáveis em meus dias egípcios.

A notícia de que três estrangeiros estavam procurando um veleiro para descer o Nilo logo se espalhou pelo cais. Acabamos descobrindo Ibrahim Rifai Ibrahim, um capitão núbio com trinta anos e muita simpatia. Ele nos fez uma proposta confiável:

— Não posso levá-los até Luxor. Precisaríamos cruzar uma barragem em Esna e isso alertaria as forças de segurança.

Sugeriu conduzir-nos até Edfu, quatro dias rio abaixo, de onde poderíamos contratar um carro particular para nos levar a Luxor. Além do mais, para cumprir todos os pedidos da minha longa lista, precisaria nos cobrar um valor bem mais caro do que o solicitado pelo capitão anterior, cujo preço eu lhe havia mostrado como forma de barganha.

Era a primeira vez no Egito que alguém não cedia imediatamente às minhas exigências, uma demonstração de que ele não venderia algo que não pudesse nos entregar. Regateei um pouco, como manda a etiqueta local, e ele nos fez um pequeno desconto. Achei o preço adequado e combinamos partir na manhã seguinte. O capitão Ibrahim teria toda a tarde para comprar mantimentos, combustível, água e preparar o barco para a longa viagem, providenciando salva-vidas e cobertores, pois dormiríamos no convés, expostos às intempéries, já que o veleiro não possuía área coberta.

Bem, chamar o *Flamingo* de veleiro era mesmo excesso de boa vontade. Exceto pelo fato de ele ser movido por uma grande vela triangular, em tudo o mais ele se parecia com uma canoa. Tinha sete metros de comprimento por três de largura. Construído em madeira, seu fundo era coberto por um assoalho sobre o qual foram colocados vários tapetes, sua borda interna não ultrapassando cinco centímetros. Como não havia lugar para sentar, viajaríamos deitados ou escorados nos cotovelos. Seu mastro chegava a dezesseis metros de altura e a vela branca estava bastante puída. Dois enormes remos nas laterais nos antecipavam que durante as calmarias ele seria movido a músculos humanos.

Ibrahim cumpriu todos os itens do nosso negócio, exceto dois: algumas vezes velejamos à noite, quando ele havia prometido que navegaríamos somente durante o dia, atracando no barranco do rio na hora de dormir. Mesmo assim, quando isso aconteceu não reclamei, pois logo me dei conta: quem decidia a hora de velejar era o vento, não o nosso capitão, muito menos os passageiros. O Nilo corre para o Mediterrâneo, contrariando os ventos, fazendo da nossa viagem uma constante negociação com a natureza e seus humores imprevisíveis.

Levamos um terceiro tripulante, clandestino, para ajudar com os remos, quando o combinado era apenas um ajudante. Além de ocupar espaço no exíguo convés, era mais uma pessoa para dividirmos a comida. Se eu soubesse dele antecipadamente, teria solicitado mantimentos adicionais, o que não aconteceu. Mesmo assim, Abu Back, 24 anos, também núbio, não atrapalhou, devido à sua grande simpatia e sua utilidade nos remos, embora não falasse inglês, obrigando-nos a esperar que Ibrahim lhe traduzisse nossas piadas, contadas para passar o tempo quando ficávamos presos na calmaria do rio.

Embarcamos no meio da manhã.

— Está ventando muito, precisamos esperar um pouco mais para zarpar — explicou o capitão, consertando um fogareiro cujos pavios eram feitos de mechas de algodão, algo que eu achava que não existia mais desde a Antiguidade.

As mechas ficavam com a parte inferior embebidas no querosene, no recipiente de combustível, permitindo-lhes ter sempre a outra ponta em brasa. Achei nosso fogareiro muito arcaico, mas não precisou muito para eu descobrir que só ele funcionaria no convés do *Flamingo* durante as tormentas, quando o fogareiro de pressão apagava devido ao forte vento.

Levantamos âncora perto do meio-dia, completamente desestabilizados por uma terrível tempestade, à mercê da endiabrada dança das ondas. Todas as outras falucas estavam no porto e imaginei que o esperto núbio tratara de sair antes que desistíssemos da viagem e ele perdesse os assustados clientes. A bagagem estava protegida num pequeno compartimento fechado na proa,

mas os objetos que carregávamos, como as câmeras fotográficas, precisavam ficar amarrados em nossos corpos para não escorregarem para a água toda vez que o veleiro adernava, sua baixíssima borda quase mergulhando no Nilo. Exímio nadador, Beto era o menos agitado, embora a possibilidade de cair nas águas poluídas não o atraísse muito. Eu, bom sagitariano, estava ainda mais arredio a um banho inesperado.

Meia hora depois paramos num posto de controle da polícia, ainda na cidade, e lá foi o esperto Ibrahim falar não sei o que para os guardas, provavelmente uma mentira, dizer que voltaríamos logo para Assuã, éramos turistas esquisitos querendo dormir na margem do rio. O policial responsável estava almoçando e precisamos aguardar sua volta. Foi uma longa e descabida espera, mas tinha um propósito: engrandecer o momento e a autoridade do chefe da repartição perante os seus subordinados, mesmo que isso desgostasse imensamente os visitantes — num país que sobrevive graças ao turismo internacional. Mas era assim que as coisas funcionavam no Egito e compreender esses detalhes da sua cultura fazia parte do aprendizado da minha viagem.

O chefe demorou tanto que almoçamos na faluca. Reiniciamos a viagem no meio da tarde, enfrentando um terrível vento frontal, movidos por uma grande esperança e alguns temores. O dia já ia findo e ainda víamos os prédios mais altos de Assuã em nossa retaguarda, uma pequena idéia do ritmo da nossa jornada nos dias seguintes: demorado e desagradável. Todo esse sacrifício para driblar a polícia e chegar em Luxor por conta própria.

Quando a faluca se chocava com as ondas provocadas pela ventania, borrifos de água amarelada se espalhavam pelo convés, umedecendo aos poucos nossas cobertas. Certas marolas balançavam o veleiro com tanta intensidade que suas bordas quase tocavam a linha d'água, dando-nos a impressão de que iríamos emborcar e afundar nas águas agitadas. Todas as coisas soltas sobre os colchonetes escorregavam para os lados, impedidas de cair na água apenas pelos cobertores enrolados e postos nas laterais do barco, e que eram utilizados como almofadas para nos encostarmos quando estivéssemos cansados de ficar deitados no convés.

Para aproveitar o vento, seguíamos em ziguezague, o barco adernando para um lado e outro ao mudar de rumo. A ventania era tanta que ao virarmos em direção à outra margem o *Flamingo* quase parava, e a retomada ficava cada vez mais lenta.

Apenas uma hora após a saída, ao movermos o leme para reposicionar o barco, ele parou no meio do rio. A força do vento e a correnteza do Nilo se anulavam, e nós ficamos imóveis, presos nas águas barrentas. Nem bem havíamos iniciado nossa velejada e os remos foram colocados na água. Abu Back saiu do seu esconderijo junto às mochilas e foi auxiliado por Abas Mohamed Dahab, 26 anos, o outro núbio da tripulação.

Com muito esforço dos remadores e com grande alívio para nós, conseguimos atracar numa das margens. O capitão amarrou o cabo do veleiro numa grande pedra, posicionando-o com segurança junto à barranca do rio. Descemos, e como não tínhamos outra coisa para fazer, Abas Mohamed resolveu providenciar a janta. As luzes de Assuã ainda apareciam no horizonte, deixando nosso moral lá embaixo. Todas as tensões do dia se refletiam na nossa mudez, uma sensação tão desagradável que nos tirou a curiosidade sobre o que o cozinheiro estava preparando para aliviar nossa fome. Aliás, nem fome tínhamos. Depois de tanta areia, eram as águas que nos angustiavam.

De repente, como se recebesse uma ordem, o vento acalmou e pulamos para dentro da faluca com panelas e tudo. Jantamos um pouco atabalhoadamente, com nossas tigelas de alumínio chacoalhando, mas dando graças a Hórus por seguirmos em frente. Lá pelas dez da noite paramos para dormir. Atracamos numa enseada estrelada, nossos tripulantes estenderam uma lona sobre o veleiro, uma rala proteção contra o vento e o sereno da madrugada, e dormimos até o amanhecer, firmes como se estivéssemos em terra, mas sem relaxar um único músculo. De tão tensas, nossas mentes não tiveram espaço nem para vagar pelos sonhos nebulosos que normalmente acompanham as noites.

Saímos pela manhã em meio a uma grande calmaria. Tomamos café enquanto o barco descia lentamente pelas águas sonolentas; nem parecia o

mesmo rio da noite anterior. Agora, nosso problema era justamente a falta de vento.

— Com muito vento, velejar fica perigoso — explicou o capitão. — Mas com pouco vento, fica impossível. Precisamos de um meio-termo — concluiu.

É, eu já tinha notado!

Pelo menos podíamos apreciar a paisagem ao nosso redor, algo impossível até então. E ela era de inspiração divina, um verdadeiro e desmedido mar de areia e pedras amareladas cortado por uma estreita e longa faixa verdejante de campos e plantações, localizada às margens das águas plácidas do rio. Os limites entre o ocre profundo do Saara, o verde-esmeralda das lavouras e as águas barrentas do Nilo pareciam ter sido milimetricamente traçados com uma régua, pois não havia faixas intermediárias ou gradações de cor entre um ambiente e outro. Não existiam praias, e logo que desapareciam os últimos pés das plantações, começavam os primeiros torrões do deserto, onde nada crescia. Raras vezes em minhas andanças eu vira tão delineado o choque entre esses três elementos conflitantes da natureza: água, vegetação e areia.

Velejando lentamente, remando às vezes, fomos descendo. Passamos ao largo do grande mercado de camelos de Daraw e lá pelo meio-dia atracamos no vilarejo de Kom Ombo, quarenta quilômetros ao sul de Assuã, onde descemos com as pernas bambas. Fomos logo conhecer o famoso templo, uma construção gêmea cujo lado esquerdo fora dedicado ao deus Haroeris, uma das formas de Hórus, e o direito a Sobek, o deus-crocodilo, a divindade local. Foi reconfortante caminhar um pouco, espichar as pernas, embora andássemos sempre com a sensação de que logo seríamos abordados por algum policial e enviados de volta para Assuã num carro militar. Isso se não fôssemos expulsos definitivamente do país.

“Vocês de novo!” — era a expressão que não queria calar em meus tormentos.

De volta ao barco, almoçamos e seguimos rio abaixo, passando a maior parte da tarde deitados no raso convés, estirados preguiçosamente ao sol.

Sebastián lia e Beto remexia no equipamento fotográfico enquanto os dois ajudantes fumavam, sentados na borda da faluca com os pés dentro do rio, e eu logo os imitei. Era agradável sentir a brisa quente do Saara me tocando o rosto e as águas espumantes do Nilo me banhando os pés, posição que deve ter sido repetida milhões de vezes pelos antigos egípcios nas suas infundáveis viagens transportando pedras para construir pirâmides, obeliscos e templos suntuosos para agradar aos seus exigentes deuses.

O ambiente era realmente emblemático, impossível não ser contaminado pelos milênios de história que pairavam sobre a região, impregnada até hoje de grande força mística, embora no meu caso não fossem Amon, Osíris, Hórus e Ptah que me envolviam a alma, mas um sentimento bem terreno: o espírito juvenil comandado pela alegria de quem faz uma gostosa travessura confiante de que sairá impunemente da situação. Feito criança, imaginei-me singrando as águas do mitológico Nilo com uma faluca abarrotada de tesouros descobertos nas tumbas do deserto, sorrateiramente surrupiados das múmias milenares e transformados em glórias e riquezas para todo o sempre.

Nosso capitão núbio, sentado na popa, se limitava a controlar a vela e o leme, trocando de lado sempre que chegávamos perto da margem, dando continuidade ao eterno zigzague a que nosso barco estava submetido, mudando continuamente de direção para se adaptar ao vento adverso. Ibrahim passava horas com o ar distraído e uma fisionomia melancólica, olhar perdido na imensidão do deserto que se estendia acima da linha d'água, pouco além da estreita várzea esverdeada do vale.

Será que pensava na pátria que seu povo não tinha mais?

Fora o arrastar-se do nosso barco, tudo ao redor parecia estar parado. Continuamos assim até o vento desaparecer por completo. A calmaria nos levou para a margem e logo estávamos perto demais de um alto paredão de rocha e areia no lado esquerdo do Nilo. Nesse ponto, próximo às ruínas de Silsila, de cujas pedreiras os faraós tiravam o material utilizado para construir os templos da região, o rio se estreitava e suas águas corriam mais rapidamente entre dois altos barrancos, provocando redemoinhos e ameaçando nosso pequeno veleiro.

Abu e Abas rapidamente pegaram os remos e começaram a remar com força. Ibrahim passou-me o leme com a orientação de mantê-lo sempre na mesma posição, apoiou uma comprida vara na encosta ameaçadora e ajudou a afastar a faluca do rochedo. Regressamos para o meio do rio empurrados apenas pelos músculos dos dois fortes rapazes.

Resolvido o problema, voltamos à posição habitual, esparramados no convés, aquela lassidão domingueira de dar dó, descendo o rio mais lentos que as águas, horas, horas e mais horas. Minha única atividade era arrastar-me para um lado e outro, buscando proteção contra o impiedoso sol africano na sombra da grande vela, e contar algumas piadas.

— Ibrahim...

— Sim...

— Você conhece aquela da velha senhora inglesa, toda enrugada, apaixonada pelas múmias egípcias?

— Não.

— Pois um dia ela estava tomando chá com suas amigas no alpendre do Old Catarata quando uma delas perguntou por que ela gostava tanto de estudar as múmias do Egito. Conhece essa, Beto?

— Não.

— Sebastián?

— Também não.

— Bem... então ela respondeu: porque isso faz sentir jovem!

Todos rimos muito, exceto Abu. Esperamos Ibrahim traduzir a piada para o núbio, e só então nosso amigo clandestino riu. Riu tanto, tanto que todos caímos na gargalhada: Abu rindo da piada, nós rindo do Abu. Era tudo o que tínhamos para fazer no barco, rir uns dos outros.

Entre um riso e outro, podíamos ouvir pedaços esfarrapados de conversas, que vinham das margens, os agricultores aproveitando o entardecer para cultivar um palmo a mais da preciosa e escassa terra. Não davam a mínima para o *Flamingo*, jamais imaginando a presença de americanos endinheirados numa embarcação tão primitiva e desconfortável, exatamente como eu previra. Logo a noite caiu, e com o nosso balançar nas

ondas as silhuetas dos felás, apesar das suas túnicas brancas, surgiam e sumiam tal qual uma aparição.

Desde a nossa saída, não havíamos cruzado com nenhuma outra faluca, clara demonstração do isolamento da região. Nas duas margens, um pouco acima do vale, podíamos notar as escarpas do deserto mudando de consistência, o arenito sendo aos poucos substituído pela pedra calcária, comumente encontrada nos templos do Baixo Egito.

De repente veio, sem sabermos de onde, um ótimo vento. Foi um alvoroço total. Os rapazes guardaram os remos, o capitão içou a vela e lá fomos nós, deslizando velozmente em direção ao Mediterrâneo. Passamos ao largo das ruínas do templo dedicado ao faraó Horemheb e seguimos num ritmo frenético até quase meia-noite, quando o cansaço pegou a todos de jeito. Atracamos numa bonita ilha e fomos tratar do jantar. Adaptados à nova realidade e com o desconforto provocado pelo medo da inusitada situação sob controle, estávamos famintos, prova de que o nosso mundo voltava a girar em torno do seu verdadeiro eixo.

Como havia acontecido no Deserto Branco, Ibrahim improvisou uma ótima lamparina com meia garrafa de plástico, areia e uma vela. Protegido do vento, o pavio de luz despejava sua claridade trêmula, cobrindo de nuances esmaecidas pela penumbra o acampamento, até há bem pouco tempo sob o ofuscante sol do deserto. Satisfeito com o efeito provocado pelo seu engenhoso arranjo, o capitão montou mais duas lamparinas, colocando uma sobre a faluca, sua chama trêmula funcionando como um pequeno farol, refletindo pingos de luz nas águas escuras do rio.

Na manhã seguinte velejamos impulsioneados por um ótimo vento, ganhando velocidade. Perto do meio-dia paramos numa pequena aldeia núbia, onde compramos alguns peixes para o almoço. Os moradores, especialmente as crianças, correram encantados em direção ao barco logo que perceberam os desajeitados intrusos. Os dois metros de altura do mexicano, as câmeras fotográficas do Beto e as minhas bermudas aguçavam por demais a curiosidade do pessoal; nunca tinham visto gente tão esquisita

por aquelas bandas. O vento estava bom, precisávamos aproveitá-lo, o que, infelizmente, nos impedia de estreitar o contato com tão simpáticas pessoas.

Distraí-me durante boa parte da tarde apreciando a paisagem. Sentado na borda do veleiro, um pé no convés e outro dentro d'água, gostava de ficar imaginando quantas vezes um gesto tão simples como esse havia se repetido ao longo deste rio tão antigo, testemunha dos primeiros humanos nascidos neste planeta há mais de sete milhões de anos. Volta e meia, para aliviar um pouco o calor extremo, abaixava a cabeça e molhava o rosto com as águas do Nilo me escapulindo por entre os dedos.

— Por que você ainda não se casou? — perguntei a Abas.

— Sai muito caro casar — ele respondeu.

— Quanto? — indaguei.

— No mínimo cinqüenta mil libras.

Fiz as contas e cheguei a cerca de oito mil dólares, uma quantia realmente exorbitante para trabalhadores como ele. Aliás como todos eles: nenhum dos três era casado. Os núbios ainda conservavam muitas das suas antigas tradições e, pelo que Abas me contou, o casamento era uma das mais importantes.

Antigamente as festividades duravam duas semanas, atualmente eles se contentam em comemorar as bodas em apenas seis dias. Na primeira noite, os noivos festejam separadamente, cada um com seus amigos e parentes. Na segunda noite a noiva, acompanhada por seus convidados, vai até a casa do noivo, onde todos dançam e cantam as tradicionais músicas núbias até o amanhecer, quando ela volta para a casa dos pais.

No terceiro dia, os noivos têm as mãos e os pés pintados com belas tatuagens de hena. Então é a vez do noivo e de seus convidados irem em procissão, cantando e dançando pelas ruas do povoado, até a casa da noiva, onde chegam à noitinha. Ele permanece três dias na residência dela antes de voltar para a casa da sua família. Só então o casal vai viver junto na sua nova moradia.

No fim da tarde atracamos numa ilha bonita e arborizada. Limpamos o barco, reorganizamos nossas mochilas e nos preparamos para mais uma noite

tranqüila sob as estrelas. Seria nossa última noite no Nilo e queríamos curtir cada momento da melancólica paisagem ao nosso redor, absorver a mística sabedoria que nos vinha acompanhando desde que pisamos no nordeste da África.

Mas, para nosso espanto, nossas esperanças se frustraram rapidamente. Pouco antes do pôr-do-sol surgiu na curva do rio um barco a motor puxando uma fila de falucas. Amarradas umas às outras, com as velas arriadas, vinham entupidas de gente. Atracaram ao nosso lado e logo desceu um batalhão de guias e serviçais. Esquadrinharam a área, limpando o terreno e erguendo barracas. Em pouco tempo montaram um grande acampamento com uma enorme fogueira no centro e tendas especiais servindo como latrinas. Os turistas desceram e se puseram ao redor da fogueira, onde músicos tocavam instrumentos de percussão e faziam malabarismos como se estivessem num circo.

Para nossos vizinhos, deve ter sido muito divertido. Dançaram, cantaram, comeram, beberam e gritaram até altas horas da noite. Estavam tão entretidos que sequer notaram, na faluca ao lado, além dos três nativos, outros três estrangeiros.

— Será que estamos tão sujos que não conseguem nos diferenciar dos núbios? — perguntou-me Sebastián.

— Melhor assim — respondi.

Encolhidos em nosso canto e procurando despertar o mínimo possível a curiosidade deles, restou-nos como consolo para tamanha indiferença a constatação de que estávamos muito perto de Edfu, nosso destino final.

Ironicamente, era terça-feira de carnaval no Brasil, uma das minhas festas preferidas. Estávamos tão fora da nossa realidade durante a descida do Nilo que somente dei-me conta disso na hora de preencher meu diário, já dentro do saco de dormir. Confesso que estar longe das nossas folias me deixou um pouco melancólico. Sou muito apegado a alguns rituais brasileiros, como carnaval, futebol, nossas festas populares. No ano anterior eu havia desfilado como destaque na ala Paz, na escola de samba Imperatriz Dona Leopoldina, em Porto Alegre, e agora isso me parecia parte de um

outro mundo. Antes de virar para o lado e tentar dormir, prometi a mim mesmo não sair mais do país nesta época do ano.

EDFU

Zarpamos de madrugada, antes da nossa barulhenta vizinhança acordar. Não havia vento e fomos a remo até Edfu, onde chegamos no meio da manhã. Ancoramos um pouco afastados, para não chamar a atenção dos policiais, nos despedimos dos nossos queridos amigos e fomos caminhando até a pequena cidade, as mochilas pesando cada vez mais.

— Parece uma cidade fantasma — comentei com Sebastián. — As ruas estão completamente desertas.

Não demorei muito para descobrir o motivo: todos os moradores estavam no bazar, um sem-número de tendas nas proximidades do templo dedicado a Hórus. E não era por acaso: milhares de pessoas, vindas em ônibus e grandes navios de cruzeiro, chegavam todas as manhãs, procedentes de Luxor, para visitar o mais bem preservado dos santuários egípcios, descoberto recentemente, sob uma montanha de areia nos arredores da cidade, onde permaneceu protegido das intempéries e dos humanos. Era

impossível caminhar um metro sem esbarrar nas pessoas — verdadeira multidão em desalinho, uma aglomeração sem igual —, todas freneticamente ávidas por sorver aquela atmosfera impregnada de história.

As escavações, iniciadas na metade do século XIX, acabaram trazendo à tona uma jóia rara: embora concluído há *apenas* 2.100 anos, ele reproduzia com perfeição o padrão clássico dos templos dos antigos faraós. Era uma fortaleza com 137 metros de comprimento por 79 de largura, protegida por grossas muralhas e altíssimos pilonos, algo para realmente mexer com a imaginação dos fiéis, as pessoas comuns que naquela época só podiam apreciá-lo pelo lado externo, visto que ingressar em seu interior era privilégio dos sacerdotes.

Enquanto Beto e Sebastián visitavam o templo, fiquei cuidando das mochilas, estirado na entrada do complexo. Havia muita gente nos arredores, não podíamos dar moleza para os gatunos que por certo estavam entre os turistas, esperando a menor chance para se darem bem na vida sem precisar fazer muito esforço. Quando os dois voltaram, foi a minha vez, e pude conferir demoradamente cada detalhe da magnífica obra.

Os locais de contato do faraó com os deuses eram os templos. Muitos deuses e deusas estavam associados a localidades específicas, reminiscência de um período remoto em que o seu patronato se limitava a uma certa comunidade. Os sacerdotes ligados a um culto local tendiam a apresentar sua interpretação particular do sistema divino centrando-o no seu próprio santuário. Esse processo era apoiado pelo fato de que, em épocas anteriores, muitas divindades tinham sido reduzidas a uma situação de igualdade por serem apresentadas em forma humana. Mesmo que o deus tivesse surgido como um animal sagrado, a cabeça desse animal era colocada sobre um corpo humano, caso de Hórus, o deus-falcão de Edfu.

Os deuses podiam ser facilmente agrupados segundo padrões que refletiam a antiga sociedade, sendo mais comum uma tríade formada por marido, mulher e filho. Assim, um templo servia não só ao deus originário da localidade, mas também a outros considerados hóspedes, como podíamos ver nas capelas de Hathor, Ra e Osíris em volta da capela principal,

dedicada ao próprio Hórus. Por isso, não havia hostilidade entre centros teológicos. A diversidade geográfica era apenas mais um elemento do mistério divino.

Inicialmente, o templo era o lar das imagens habitadas pelos deuses. A arquitetura refletia a das mansões das classes mais elevadas, com pilonos, sombrios pátios de colunatas e átrios hipostilos, isolando os aposentos particulares na parte de trás. Porém, ao contrário das casas dos mortais, erguidas com tijolo cru, os templos foram construídos em pedra para durarem por toda a eternidade. Suas plantas eram desenhadas sobre um eixo perpendicular ao caminho processional que levava ao Nilo, pois algumas festividades incluíam o transporte das imagens para outros templos, único momento em que os fiéis podiam entrar em contato com os deuses. Atrás da capela de Hórus, pude ver uma réplica do barco de madeira utilizado para transportar sua imagem coberta de ouro nessas ocasiões, quando ela saía para navegar pelo lago sagrado e visitar outros santuários.

As paredes internas eram utilizadas para registrar resumos pictóricos dos principais elementos do ritual religioso, enquanto no exterior apareciam cenas do faraó triunfando sobre seus inimigos. Em Edfu, o primeiro pilono, com 36 metros de altura, guarnecido por dois colossais falcões de granito, mostrava cenas em baixo-relevo do faraó Ptolomeu XII (pai de Cleópatra), em cujo reinado o templo fora concluído, agarrando os inimigos pelos cabelos.

O traçado do templo tornou-se, inevitavelmente, alvo de uma associação simbólica. Seu pilono era a representação de um horizonte montanhoso, com uma passagem central onde o sol nascente deveria surgir primeiro para iluminar seu interior. Todo o edifício estava carregado de energia divina, latente na própria estrutura das paredes.

Os templos ofereciam aos deuses uma morada condizente com sua natureza sobre-humana, mas, uma vez presentes, eles ainda necessitavam de atenção constante para assegurar a sua benevolência, obtida por meio de três rituais diários, uma dramatização da vida cotidiana dos homens. Ao amanhecer, as portas do santuário eram abertas, para cantarem um hino de

adoração. O sacerdote entrava, ornamentava a imagem e a purificava, apresentando-lhe depois uma série de oferendas, como frutas, flores, vinho, leite e outras comidas e bebidas recolhidas dos fiéis no grande pátio das oferendas, na entrada do templo. Ao meio-dia e à noite cumpria-se um ritual semelhante, em sentido inverso. Preces, purificações e ofertas de alimentos eram as características principais dessas cerimônias, podendo juntar-se a música das sacerdotisas e a queima de incensos, fabricados na sala hipostila interna. Em troca, esperava-se que o deus tivesse um comportamento razoavelmente misericordioso.

Em teoria, o faraó era a única pessoa capaz de se comunicar com os deuses, mas, na prática, essa função precisava ser delegada aos sacerdotes, funcionários altamente qualificados. Seu grande mérito era a pureza ritual do corpo enquanto estava presente no santuário, conseguida basicamente por meio de dois banhos diários com água purificada, num local específico na sala hipostila externa, do lado esquerdo de quem entrava no templo. Fazia parte do ritual de purificação raspar todos os pêlos do corpo, inclusive as sobrancelhas. A tarefa principal de um sacerdote era servir ao deus, mas havia outros deveres de caráter erudito ou administrativo, como estudar os documentos da biblioteca, do lado direito da sala hipostila, e instruir os noviços. Os templos funcionavam também como escolas, onde eles ensinavam a escrever e a desenhar, artes estreitamente interligadas.

Cada santuário era o centro de uma unidade econômica. No caso dos grandes templos estatais, sua riqueza era medida por seus campos, exploração agrícola, gado e prisioneiros de guerra, bem como pelas ofertas de objetos e apetrechos suntuosos feitas pelo faraó. Os templos eram cercados por grandes muralhas e em seu interior havia armazéns, celeiros e gabinetes de administradores, além das suas casas. Em épocas posteriores, chegaram a ter uma importância significativa no comércio, além de manter as oficinas e fábricas sob seu controle. Toda essa riqueza pertencia ao deus, e as oferendas que lhe eram apresentadas não passavam de símbolos da produção total da sua propriedade, de onde provinha o pagamento dos

sacerdotes e dos demais encargos, como a construção de um túmulo real. Os templos estavam, portanto, no cerne da vida econômica do Egito.

Concluída a visita ao templo, nada mais tínhamos para fazer na cidade. Após muita discussão, bate-boca, empurra-empurra, safanões e pescoções com os condutores de caleche, contratamos um para nos levar até a estação rodoviária, na outra margem do Nilo. Eu preferia ir caminhando, mas o calor era cada vez mais insuportável e as mochilas estavam muito pesadas. O Beto conseguiu negociar um preço bem barato pela corrida e nos aboletamos os três na desengonçada carruagem.

Na metade da ponte o cocheiro parou para acertar o pagamento, pois cada um de nós daria uma parte do dinheiro. Sebastián deu uma nota de cinco libras e o condutor disse que a nota era de cinqüenta centavos ou algo parecido, um truque tão manjado que até os taxistas de São Paulo já tentaram me aplicar. O mexicano tinha certeza de que dera cinco libras; o egípcio tinha certeza de que recebera cinqüenta centavos. Iniciou-se mais um bate-boca, com os envolvidos se ameaçando mutuamente com a polícia. Por sorte, ficamos nas ameaças, pois nem nós nem o vivaldino tínhamos interesse em levar a ameaça a cabo. Finalmente o trapaceiro desistiu e voltou para a cidade, enquanto atravessamos a pé o resto da longa ponte, praguejando contra os descendentes do larápio árabe até a sua quinta geração.

Chegamos do outro lado apenas para descobrir que ninguém aceitava nos transportar até Luxor, repetindo-se o problema enfrentado em Al-Kharga. Os taxistas tinham medo dos terroristas, não queriam andar sozinhos pela rodovia. Os motoristas das lotações tinham medo da polícia e os ônibus não transportavam estrangeiros, não tinham licença para isso.

Pelo menos foi o que entendi após muita enrolação de todos os lados. Como sempre, as informações eram conflitantes e desencontradas, além da dificuldade da língua. Não sei o que era pior: eles falando inglês ou eu falando árabe! De qualquer modo, ninguém entendeu ninguém.

Estávamos quase desanimando quando ouvi o apito de um trem. Corremos para a estação ferroviária, ali perto, e entramos num trem rural, ligando Edfu a Luxor. Eram apenas 107 quilômetros, mas paramos em 25

povoados ao longo da ferrovia. Abarrotado de gente miúda, em seu interior reinava uma desordem total, o maior rebuliço sempre que o trem parava e uma pequena multidão trocava de lugar. Como não apareceu ninguém para nos cobrar a passagem, chegamos em Luxor sem sobressaltos.

Ufa!

Apesar de tudo, foi uma viagem muito interessante. Os trilhos acompanhavam o limite oriental do vale. À nossa esquerda corria o Nilo. Entre o rio e o trem, um vale com pouco menos de um quilômetro de largura, totalmente cultivado com as plantações mais verdes que já vi em minhas andanças. Do lado direito do trem começava o deserto, uma paisagem estéril, inóspita e cruel, apenas escarpas, rochas e areia se estendendo até o Mar Vermelho. Era possível viajar do céu ao inferno com um simples virar de olhos.

Após tantas peripécias para chegar a Luxor sem fazer parte de um grupo de turistas, pessoas que normalmente a vêem só como um grande museu a céu aberto, considereei a tranqüilidade da nossa viagem final um pequeno milagre. Uma dádiva de Ísis, a quem havíamos adorado em Filae; um presente do meu querido Ramsés II, por quem passei a ter grande admiração desde que o conhecera no Museu Egípcio do Cairo.

Sétima Parte

—

Tebas

LUXOR

Existem evidências arqueológicas de que no local já havia um assentamento humano há seis mil anos, um milênio antes da unificação do Egito. Transformada em capital pelo faraó Montuhotep II há mais de quatro mil anos, e posteriormente tornando-se o centro religioso da nação, Tebas só perdeu importância com o fim dos faraós. Os gregos privilegiaram Alexandria, os romanos governaram de Roma, e quando os árabes conquistaram o país, fundando a cidade do Cairo, Tebas já estava praticamente sob as areias do deserto. Somente no século XIX, com a redescoberta do Egito pelos europeus, a região foi recuperada, seus templos desassoreados e o interesse público retomado. A nova cidade que surgiu passou a ser conhecida como Luxor, nome do seu principal templo.

Instalados na cidade, optamos por atividades diferentes. Queríamos visitar os sítios arqueológicos, sim, mas antes pretendíamos conhecer a verdadeira Luxor, entrar no clima dos seus moradores, perambular por seus

recantos menos agitados. Tínhamos tempo, estávamos num ótimo hotel, barato e bem localizado. O Egito é um país pequeno, e por mais que nos demorássemos em cada lugar, estávamos sempre adiantados em nossa programação. O roteiro, planejado para ser percorrido em três meses, levaria menos tempo, já dava para notar. Ainda não havíamos terminado o segundo mês e já estávamos chegando ao final da expedição. Eu sentia isso muito menos pelo calendário do que pela sensação de saudade em que às vezes me surpreendia metido.

— Estou começando a ficar com saudades do Egito — falei certo dia para os rapazes. — Isto significa que estamos nos aproximando do fim da viagem.

Beto e Sebastián dedicavam seus dias navegando na Internet e passeando pela belíssima avenida do cais, apreciando o movimento das agitadas européias que chegavam e saíam dos incontáveis barcos de cruzeiro. Para deleite do meu amigo fotógrafo, havia na cidade um McDonald's. Sebastián preferia uma boa pizzaria, e ambos se deliciavam com caldo de cana-de-açúcar, o suco mais doce que já provei no Oriente, mais saboroso que a manga indiana.

Minha abstinência alcoólica estava chegando ao limite e decidi atacar o problema de frente. Adoro descobrir os sabores das cozinhas estrangeiras, especialmente os quitutes que as pessoas experimentam nos mercados públicos, a alma de cada cidade. A culinária é uma forma bem prática de interagirmos com uma cultura diferente, um dos principais motivos das minhas viagens. Agir como os moradores locais, mesmo que somente por algumas semanas, abre um pouco mais os nossos horizontes, amplia nossa percepção do que seja viver.

Mas tudo tem um limite. Embora admirador dos hábitos & costumes alheios, não posso desprezar os nossos. Privar um brasileiro típico de uma cervejinha gelada no alto verão é um atentado ao nosso patrimônio cultural. Passar dias, dias e mais dias comendo apenas o pão que Maomé amassou, não há cristão que agüente. Para alguém como eu, cujo maior sonho de consumo é sentir o cheiro da graxa de uma costela gorda pingando na brasa e

a textura de uma garrafa de cerveja saindo da geladeira, comer favas maceradas e beber chá de hibisco dia-sim-dia-também já estava me deixando com o estômago revoltado. E o que era pior: com a garganta viciada em bebidas quentes adocicadas!

Se ainda fosse um mate amargo.

— Vim aqui para conhecer o Egito, não para me tornar um egípcio — comentei com os guris, surpresos com minha repentina revolta contra a lei seca imposta pelo Profeta.

Pareceu-me ouvir o Beto murmurar que eu estava tendo uma recaída, aproximava-se a hora de voltar para casa, mas, inquirido, ele não confirmou. Será que a prolongada abstinência estava me levando a ter alucinações? Pelo sim, pelo não, havia chegado a hora de evitar o agravamento do problema, impedir que a crise entrasse em estado agudo.

Poderia tomar uma cerveja no restaurante do Old Winter Palace, a versão tebana do Old Catarata, mas tal luxo dilapidaria o meu orçamento. A bebida precisaria vir acompanhada do jantar, caríssimo. Estava louco por uma cerveja, mas não a ponto de rasgar dinheiro. Assim mesmo, não sabia se eles atendiam a não-hóspedes. Provavelmente não, pelo que pude notar do movimento em frente ao hotel. Havia outros hotéis cinco estrelas em Luxor, onde ficavam os turistas endinheirados, mas não tinha a menor graça beber uma cerveja americana rodeado de velhos cavalheiros europeus — no Egito!

Esse tempo já havia se extinguido.

Os restaurantes baratos não vendiam bebidas, então apelei para a boa vontade dos comerciantes; sabia que eram ávidos por minhas reluzentes moedas estrangeiras. Esperava também que a possibilidade de eles me cobrarem um pouco mais do que o valor estipulado no cardápio fosse um motivo extra para me atenderem. Valia a pena submeter-me ao superfaturamento dos espertalhões, tudo era muito barato fora do circuito turístico de Luxor.

Escolhi um local mais discreto, onde a comida me pareceu razoável, pelo menos tinha um bom aspecto, e me sentei. Para alegria do garçom, escolhi o prato mais caro do cardápio.

— Também quero uma cerveja — eu disse, ar distraído, quase assobiando...

— Não vendemos cerveja — o garçom respondeu de pronto.

— Como?! — perguntei, fingindo grande surpresa.

— Não vendemos cerveja. Bebidas alcoólicas são proibidas no Egito.

— Não tem como você resolver o meu problema? Olha, sou cristão, posso beber uma cerveja, para mim não é pecado...

— Não — ele respondeu, taxativo.

— Posso pagar um extra se você me conseguir uma cerveja. Umazinha já está bom.

— É proibido.

— Olha, estou esperando mais dois amigos para jantar, mas se você não vende cerveja, vou procurar outro restaurante — falei, jogando minha última cartada, enquanto fazia um movimento como se fosse me levantar.

— Um momento — respondeu o garçom, e pela entonação da voz senti que estava prestes a tomar uma cerveja.

Apareceu o gerente.

— Não podemos vender cerveja. Se o senhor deseja mesmo tomar uma cerveja, existem alguns hotéis de luxo que podem lhe vender, eles têm licença para isso.

Quantos burocratas precisariam ser subornados para um restaurante ter licença para vender bebidas alcoólicas?, pensei, mas não cheguei a falar.

— Eu sei que os hotéis de luxo vendem cerveja — respondi. — Mas lá a comida não é tão boa quanto a servida aqui no seu restaurante — completei, apelando para a auto-estima do sujeito.

— Nesse caso — ele disse, dando a sua cartada —, posso mandar buscar uma cerveja no hotel aqui perto e lhe servir escondida.

— Duas, por favor — falei-lhe, esfregando as mãos.

A comida, na verdade, nem era lá grande coisa, mas a cerveja, servida num bule com tampa floreada e bebida numa caneca de alumínio, estava geladíssima e era da melhor qualidade.

Fiquei freguês.

Visitamos os museus Luxor, com um belo acervo, e da Mumificação, onde lemos um pouco sobre as técnicas egípcias de embalsamar os mortos. Os lugares eram pequenos e havia tantos visitantes que perdemos o entusiasmo pelas múmias. Além do mais, para quem já as havia encontrado abandonadas em pleno deserto, nos seus túmulos originais, revê-las ordenadamente dispostas em balcões cobertos com vidro não chegava a emocionar. O mesmo acontecia com as peças do museu, nada de especial em comparação com as imagens encontradas nas ruínas dos templos, nas posições em que foram construídas originalmente.

Os museus se prestavam mais aos turistas apressados, gente com pouco tempo disponível para visitar o Egito. Podiam encontrar num único lugar, devidamente catalogada, uma síntese da grande civilização.

No museu Luxor, abri apenas uma exceção: o Mural de Aquenáton, formado por uma série de pequenos blocos de arenito finamente decorados mostrando o faraó, sua esposa Nefertiti e cenas litúrgicas do templo. Fazia parte da capela mandada construir que Amenófis IV mandara construir para o templo em Karnak, ainda antes de ele ter mudado seu nome para Aquenáton, transferido a capital para Tell al-Amarna e substituído Amon e sua turma pelo deus único Aton. Obviamente, após sua morte a capela foi demolida e os blocos de pedra reutilizados no miolo do nono pylon. Descobertos recentemente, foram restaurados, o painel remontado para enfeitar o segundo andar do museu.

O Egito tem uma história tão longa e tão cheia de mistérios que a gente acaba se perdendo neste labirinto de faraós. Mas alguns chamam a nossa atenção, entre eles Aquenáton, o príncipe rebelde.

Filho do magnífico faraó Amenófis III, Amenófis IV governou o Egito a partir de Tebas durante quatro anos. Nessa época, os poderes do sumo sacerdote chegavam a superar os do faraó; muitas decisões eram tomadas a partir das previsões dos oráculos em Karnak. O novo senhor do Egito se rebelou contra essa situação, rompeu com o politeísmo tradicional que vinha sendo praticado desde o início dos tempos e, em seu lugar, para espanto de todos, adotou uma forma de monoteísmo centralizada na figura do deus Aton,

simbolizado pelo disco solar. Acessível a todos os povos da Terra, esse deus único tinha uma dimensão universal, não sendo preciso dotá-lo de forma humana ou animal, tampouco carregar sua imagem em procissão.

Compreensivelmente, os egípcios sempre tiveram uma ligação especial com o sol, não só nas questões religiosas, mas também no dia-a-dia da população, principalmente para determinar as estações de plantio e colheita. Eles foram os primeiros a utilizá-lo como referência para um sistema de divisão e contagem do tempo, até então restrito ao calendário lunar. O ano começava quando a estrela Sírio aparecia no mesmo lugar onde o sol nascia. O calendário solar egípcio foi aproveitado na elaboração do novo calendário romano, instituído por Júlio César em 45 a.C. Com pequenas alterações, em 1582 o papa Gregório XIII o transformou no nosso calendário atual.

Embora o calendário egípcio também tivesse 360 dias divididos em doze meses, mais cinco dias extras dedicados aos deuses, os anos eram zerados sempre que um novo faraó assumia. É por isso que nas publicações sobre o Egito há tantas disparidades nas datações dos acontecimentos históricos. Neste livro, sempre que possível, baseei-me nas datas publicadas no site do dr. Zahi A. Hawass, secretário-geral do Supremo Conselho de Antigüidades do Egito. Nascido no país em 1947 e Ph.D. em egiptologia pela Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, ele é o egiptologista mais confiável da atualidade.

Amenófis IV mudou seu nome para Aquenáton, “espírito do glorioso Aton”, e mandou construir uma nova capital, Aquetáton, “o horizonte de Aton”, na margem oriental do Nilo, uma área inexplorada, 370 quilômetros ao norte de Tebas, uma região mais tarde conhecida como Tell al-Amarna, onde pôde inovar à vontade, longe dos olhos enfurecidos dos sacerdotes de Amon. Proibiu o culto a qualquer outro deus ou deusa, destituiu os sacerdotes dos seus influentes postos e destinou todas as verbas imperiais ao novo templo dedicado a Aton, em Aquetáton. Baniu as outras formas de idolatria e mandou apagar os nomes dos antigos deuses dos monumentos.

A revolução de Aquenáton, no entanto, não foi apenas religiosa. A maneira como ele se fez retratar, junto com sua família, assinalou uma profunda mudança na estética egípcia. Pela primeira vez, pinturas murais mostravam o rei e sua esposa envolvidos em prazeres mundanos, posições puramente artísticas. Em uma das cenas, Aquenáton aparece beijando Nefertiti num passeio de charrete; noutra, a bela esposa está sentada em seu colo enquanto suas filhas aparecem brincando entre eles, um instantâneo familiar moderno. As tradicionais cenas de batalhas e vitórias, em que o faraó normalmente era apresentado aos seus súditos, desapareceram da arte egípcia.

Sir William Matthew Flinders Petrie, egiptólogo especializado no período Amarna, escreveu em seu livro *Tell al-Amarna*, publicado em Londres em 1894: “Aquenáton destaca-se como o pensador mais original que já viveu no Egito, e um dos maiores idealistas que o mundo já teve.”

Os sonhos do faraó radical duraram pouco mais de doze anos. Subitamente, os principais membros da família real foram morrendo e ele próprio veio a falecer. Após um breve reinado do seu sucessor, Tutancáten assumiu o poder, mudou seu nome para Tutancâmon, em homenagem a Amon, e transferiu sua corte imperial para Mênfis. Em Tebas, os poderosos sacerdotes cassaram o mandato do deus Aton e recolocaram no topo da pirâmide divina o velho e tradicional Amon, cercado pelos outros deuses, e seu templo em Karnak voltou ao antigo esplendor; um novo palácio foi construído nas vizinhanças para Tutancâmon participar das cerimônias religiosas.

Em Luxor, o templo fica bem no centro da cidade, passagem obrigatória em nossas caminhadas diárias pra lá e pra cá, batendo pernas a esmo ou procurando um bom lugar para tomar um suco de cana-de-açúcar. Está separado da avenida costeira, abarrotada de turistas e automóveis, por uma mureta, e podíamos vê-lo de todos os ângulos. À noite, quando fica iluminado, suas sombras, mais do que suas luzes, mexiam com a nossa

imaginação; mesmo assim não chegamos a visitá-lo por dentro, tudo podia ser visto da calçada.

Construído pelo pai de Aquenáton no século XIV a.C., sobre as ruínas de um santuário ainda mais antigo, sua estrutura original foi ampliada várias vezes ao longo dos séculos por Tutancâmon, Ramsés II, Alexandre e os romanos. Roma construiu uma fortaleza militar em torno do templo, mais tarde chamada pelos árabes de Al-Uqsur (Os Palácios), dando à antiga cidade de Tebas seu nome moderno de Luxor.

Em matéria de templos, guardamos nossas energias e nossa curiosidade para visitar Karnak, onde chegamos após uma curta caminhada a partir do centro de Luxor. Enfrentando um calor inumano e um sol diabólico, passamos um dia inteiro sob o encantamento de tão divino local, na época chamado de Ipet-Isut, “o mais perfeito dos lugares”.

Mais do que um templo, trata-se de um espetacular complexo com mais de cem hectares de extensão formado por lagos sagrados, pátios externos com magníficas colunatas, pátios internos finamente decorados com relevos teológicos, santuários, quiosques, capelas, altares, pilonos gigantescos, salas hipostilas e altíssimos obeliscos, todos dedicados aos famosos deuses tebanos e à glória dos orgulhosos faraós. Iniciado por Sesóstris I há quarenta séculos, quando foi consagrado a Amon, ele passou por ampliações ao longo de 1.500 anos, feitas por todos os faraós que se sucederam no trono. Seu tamanho atual equivale a dez grandes catedrais, fazendo dele o mais importante centro religioso egípcio de todos os tempos.

Desenhado no mesmo estilo dos demais santuários daquela época, Karnak se destaca não só por seu tamanho descomunal, resultado dos seus vários acréscimos — cada rei querendo deixar nele sua própria marca —, mas por sua extraordinária sala hipostila, uma espetacular floresta formada por 134 gigantescas colunas de pedra imitando o papiro, sem dúvida a maior demonstração de poder vista em todo o Egito. As grossas colunas estavam tão próximas umas das outras que não se podia ter noção do tamanho da sala, pois nossa visão ficava obstruída pelos gigantescos blocos de arenito.

Construída por Sétí I e ampliada por seu filho Ramsés II, a sala hipostila tem 103 metros de comprimento por 52 de largura, área equivalente à soma das catedrais de São Pedro, em Roma, e de São Paulo, em Londres. Originalmente coberta e toda decorada com belíssimos afrescos, sua suntuosidade é tamanha que me fazia sentir enclausurado em seu interior, mesmo tendo a abóbada celeste por cobertura. Antes de ruir, o teto, pintado de azul com estrelas de ouro e grandes abutres de asas abertas, tinha dois níveis: as partes laterais, mais baixas, eram sustentadas por 122 colunas em forma de papiro em botão, a quinze metros do chão; a nave central, mais alta, repousava sobre doze papiros desabrochados, com mais de vinte metros de altura.

Ao descobrir Karnak em 1828, Champollion exclamou: “Uma só coluna de Karnak isoladamente é mais monumento que as quatro fachadas do pátio do Louvre.”

À noite tive mais uma dor de cabeça com meus companheiros de viagem. Beto e Sebastián foram conferir seus *e-mails* num *cybercafé* enquanto fui caminhar pelos labirintos de ruas caóticas e empoeiradas da área residencial da cidade, visitar alguns lugares ainda desconhecidos. Combinamos que nos encontraríamos no restaurante do hotel Luxor Wena, às dez horas, para jantar. Apressei meu passeio e, para não me atrasar, acabei deixando de ver algumas coisas bem interessantes pelo caminho. No restaurante, esperei duas horas e eles não apareciam. Preocupado, fui ao *cybercafé* e me disseram que ambos haviam saído muito tempo antes. Procurei-os em várias ruas, sem êxito. Cansado, desanimado e preocupado com os dois rapazes, especialmente o Beto, que sabia como eu achava importante nos mantermos informados sobre o paradeiro de cada um, voltei para o hotel.

Para meu alívio, mas também minha indignação, encontrei os dois estirados nas camas, comendo laranjas. Mudaram de idéia sobre o jantar, resolveram voltar para o hotel e não se dignaram me informar sobre as alterações no plano. Eles se deram conta da descortesia, pois sabiam da

minha grande preocupação com a segurança deles, e me pediram desculpas. Mesmo assim, fiquei bastante chateado, pois a tranquilidade das nossas caminhadas solitárias pelos becos e ruelas mal iluminadas das cidades egípcias dependia unicamente de sabermos sempre por onde cada um andava. Aceitei as desculpas e pedi que não ficassem por ali, dando sorte ao azar.

Funcionou.

VALE DOS REIS

Conversando com outra hóspede no café da manhã, descobrimos que os proprietários do Anglo, o bom hotel onde estávamos hospedados, eram cristãos. O fato era raro no Egito, especialmente nos últimos tempos, quando os coptas estavam sendo perseguidos pelos fundamentalistas islâmicos.

— Isso não significa nada para mim — comentou Beto, para decepção da nossa colega de hotel, uma senhora francesa que costumava passar longos períodos em Luxor. — Não sou religioso.

— Para mim também não quer dizer nada — completou Sebastián.

— Para mim significa, e muito — eu disse, entrando no assunto.

Mais do que entrar na conversa, acabei substituindo a francesa no acalorado bate-papo matinal. Pareceu-me que ela ficou um pouco desconcertada por encontrar gente com tão pouca fé, e foi tomar café em outra mesa.

— Significa o quê? — quis saber Sebastián, retomando o assunto.

— Significa que eles devem ter um bar no hotel onde se possa tomar uma cerveja — respondi.

— Isso é o que chamo de pragmatismo — brincou o mexicano.

Não deu outra.

Após abrir indiscretamente algumas portas, descobri que no porão, durante as primeiras horas da noite, funcionava um pequeno bar, onde alguns homens se reuniam para fumar *chicha* e beber cerveja. E, para meu total espanto, era atendido por duas garçonetes. Mulheres mais desengonçadas seria impossível, mas os freqüentadores as tinham em grande estima. Pedir uma cerveja e ser servido por uma mulher, independentemente dos seus atributos físicos, era realmente algo sensacional no interior do Egito.

Alguns dias após nossa visita a Karnak e já bem descansados, resolvemos enfrentar outra pernada desafiadora: percorrer os vales desérticos do outro lado do Nilo, especialmente o Vale dos Reis, o Vale das Rainhas e o templo da faraó Hatshepsut. A notícia de que pretendíamos cruzar o rio para conhecer a grande necrópole tebana, onde ao longo dos séculos foram sepultados seus mais importantes moradores, ricos comerciantes, militares, nobres, príncipes, princesas e faraós, logo causou um rebuliço entre os guias que faziam plantão em frente ao nosso hotel.

Um deles, fazendo gracinha para ganhar nossa confiança, chamava o templo de Hatshepsut de *hot chicken soup* (sopa de galinha quente), pela semelhança da sua pronúncia em inglês. Não funcionou, pois achei a brincadeira de mau gosto: fora lá que os turistas tinham sido massacrados por terroristas enquanto visitavam o santuário, desencadeando essa grande paranóia policial em que se transformara o Egito. Além do mais, não queríamos fazer parte de uma excursão com hora para sair e hora para chegar. Pretendíamos percorrer o local por conta própria, embora precisássemos alugar um carro e gastar bem mais do que se nos juntássemos a um grupo grande.

Pegamos uma barca bem cedinho no embarcadouro em frente ao templo Luxor, ficamos sentados ao lado dos simpáticos moradores de Gurna, a vila dentro do cemitério, às vezes sobre as próprias catacumbas — o que fazia

deles guardiões e saqueadores ao mesmo tempo —, e cruzamos o rio lentamente. Quando desembarcamos do outro lado, fomos imediatamente cercados por uma multidão de guias que nos ofereciam condução para visitar o grande sítio arqueológico. Podíamos alugar bicicletas, mulas ou camelos.

— Com esse sol... acho que não é uma boa idéia — comentou Sebastián, quando me viu examinando a dentadura de uma mula velha.

— Você tem razão — concordei.

Depois de demorada negociação alugamos uma van com motorista para ficar à nossa disposição durante o dia. Era a opção mais cara, mas, dividindo por três e levando em conta o fato de que a alugáramos fora do circuito turístico, dava para pagar. Os preços em Luxor, quando longe da área freqüentada pelos estrangeiros, eram extremamente baratos, permitindo-nos algumas mordomias impensáveis mesmo em lugares como o Brasil e o México. Escrevi num pedaço de papel os nomes dos lugares que desejávamos visitar e o entreguei ao motorista. Não sei se ele entendeu, mas deu o tradicional sorriso e seguimos em frente, radiantes com a perspectiva da aventura.

Ainda na várzea, paramos o carro para conhecer o primeiro grande monumento no lado ocidental de Luxor: o Colosso de Mêmnon, um par de estátuas com dezoito metros de altura mostrando duas gigantescas figuras sentadas. Embora estivesse no local onde fora construído o complexo funerário do faraó Amenófis III, ele tinha uma história ainda mais curiosa, um pedaço da cultura helênica no nordeste da África. O sítio já era popular havia mais de dois mil anos, quando os gregos vinham de Atenas para visitá-lo por acreditarem que as imagens eram do lendário Mêmnon, rei da Etiópia, filho da deusa Aurora, morto por Aquiles na Guerra de Tróia.

Aurora se apaixonara por Titono, filho do rei de Tróia, de cujo amor nasceu Mêmnon, mais tarde rei da Etiópia, no litoral do oceano. Aliado de Tróia, ele foi com seus guerreiros ajudar os parentes do seu velho pai quando a cidade foi cercada pelos gregos. O rei Príamo o recebeu com grandes honrarias e ouviu, encantado, sua narrativa sobre as maravilhas da costa onde ficava seu glorioso reino.

Impaciente por uma boa luta, o valente Mêmnon levou seus soldados para o campo de batalha já no dia seguinte à sua chegada, matando muitos príncipes gregos e pondo-os em desastrada fuga, pelo menos até Aquiles aparecer e restabelecer a ordem em suas fileiras. Em seguida, travou-se uma feroz e prolongada luta entre os dois heróis, com a vitória final de Aquiles.

Quando Aurora viu Mêmnon cair no campo de batalha, imediatamente ordenou que seus irmãos, os Ventos, transportassem o corpo dele para as margens do rio Esepo. Ao anoitecer, a mãe desolada, em companhia das Horas e das Plêiades, foi chorar o filho. A deusa Noite, compadecendo-se dela, cobriu o céu de nuvens; toda a natureza chorou. Júpiter permitiu que as fagulhas e cinzas da pira funerária se transformassem em aves, que sobrevoaram a fogueira até caírem nas chamas.

Para preservar a memória do seu grande rei, os etíopes ergueram seu túmulo à margem do rio, no bosque das Ninfas, marcando o local com duas enormes estátuas. Aurora até hoje continua chorando a morte do filho, lágrimas que podem ser vistas ao alvorecer, sob a forma de orvalho, espalhadas na vegetação em todo o Vale do Nilo.

Em seu livro *Mitologia*, Thomas Bulfinch conta: “Ao contrário da maior parte das maravilhas da mitologia, ainda existem monumentos comemorativos desses fatos. Nas margens do Nilo, no Egito, há duas estátuas colossais, uma das quais, segundo se diz, é de Mêmnon. Escritores antigos afirmavam que, quando o primeiro raio de sol nascente caía sobre a estátua, ouvia-se, partindo dela, um som comparável ao acorde das cordas de uma harpa.”

Os gregos acreditavam tratar-se dos lamentos de Mêmnon, chorando junto com sua mãe. Infelizmente, no século III um imperador romano, com a melhor das intenções, mandou restaurar as estátuas, abaladas por um terremoto em 27 a.C. Nunca mais se ouviram as lamúrias de Mêmnon.

A profanação das imagens por pedreiros romanos teria deixado o grande rei etíope tão indignado a ponto de abandonar de vez a África e ir juntar-se à deusa Aurora no Olimpo? Ou quem sabe a reforma teria posto fim a um som

provocado simplesmente pelo calor do sol da manhã que incidia sobre as pedras congeladas durante a noite?

Sem o tempo necessário para resolver tamanho enigma, voltamos ao carro e fomos conhecer o Vale das Rainhas.

O sol parecia amolecer nossas cabeças e as pernas se negavam a cumprir as determinações do cérebro. Tentando aliviar um pouco o desconforto do deserto escaldante, munimo-nos de litros e mais litros de água e nos lançamos em busca dos mausoléus dos mais poderosos reis da Antiguidade, uma espécie de caça ao tesouro tardia. Os larápios que viveram ou passaram por estas bandas nos últimos milênios trataram de profanar, roubar e dilapidar o grande cemitério, deixando pouco para vermos. Mesmo assim, munidos da nossa fértil imaginação e buscando muito mais conhecimento do que ouro ou qualquer tipo de glória, marchamos em frente.

O Vale das Rainhas ficava um pouco mais adiante, no lugar onde 75 rainhas, princesas e príncipes foram enterrados. Infelizmente, apenas uma tumba estava aberta à visita. A mais importante, onde fora sepultada Nefertari — uma das muitas mulheres de Ramsés II — restaurada recentemente ao custo de seis milhões de dólares, pagos por uma fundação norte-americana, estava fechada aos visitantes.

Até a descoberta da tumba de Nefertari, em 1904, a mais bela sepultura do vale era a destinada ao príncipe Amunherkhepshep, um dos filhos do faraó Ramsés III, morto aos nove anos de idade. Ainda veríamos muitas outras tumbas, mas entrar pela primeira vez num mausoléu da necrópole de Tebas mexeu fundo com minha serenidade. Como todo mundo, estava acostumado a sonhar com uma visita dessas, cruzar o portal, descer as escadas e entrar na sala funerária de alguém enterrado há mais de três mil anos...

As paredes do mausoléu do filho de Ramsés III são decoradas com uma série de pinturas incrivelmente conservadas, que mostram o faraó apresentando seu filho aos deuses, para que ele fosse bem recebido na vida após a morte. Ali estavam eles em fila, entre os quais Anúbis, a quem caberia a incumbência de levar a alma do pequeno herdeiro ao outro mundo.

A morte prematura do príncipe chocou a todos na corte, especialmente sua mãe. No quinto mês de gravidez, a rainha ficou tão deprimida que abortou. O feto, mumificado, foi enterrado junto com o irmão, podendo ser visto no fundo do túmulo, algo realmente capaz de emocionar de qualquer visitante, por mais viajado que seja.

Nossa van havia ficado bem longe das tumbas, na entrada do vale, lá embaixo. O sol estava impiedoso, obrigando-nos a extenuantes caminhadas morro acima, morro abaixo. Por sorte, o fato de estarmos com um carro próprio nos possibilitava um ritmo bem mais lento, e podíamos descansar um pouco entre a visita a um monumento e outro, ao contrário dos grupos formados por pessoas em desabalada correria atrás de nervosos guias uniformizados.

Próxima parada: Deir al-Bahri, o templo de Hatshepsut, escavado na encosta oriental do monte Tebas, um local tão bonito que me pareceu que a natureza havia se programado para hospedá-lo. Metade recortado na própria pedra calcária da montanha, metade construído na planície à sua frente, ele me deu a impressão de que estava saindo do rochedo e se projetando em direção à várzea do Nilo. Atrás dele, as escarpas rochosas vindas do deserto; à sua frente, um vale verdejante.

Seu estilo arquitetônico, que mais parecia um palácio construído em vários degraus do que os tradicionais templos com pilonos, pirâmides e tumbas subterrâneas, deu-me a impressão de haver saído subitamente do Egito. Esse formato singular, além de fazer dele um dos mais belos monumentos do país, transformou-o num dos prédios mais conhecidos no exterior, perdendo em popularidade somente para as pirâmides de Gizé.

Construído pela única mulher faraó do Egito, na sua época devia ter sido ainda mais extraordinário, antes de Akenatón retirar todas as referências a Amon e, mais de mil anos depois, os primeiros cristãos o transformarem num mosteiro, o que explica o nome Deir al-Bahri, Mosteiro do Norte.

Filha de Tutmés I, Hatshepsut assumiu como regente e, com a ajuda dos sacerdotes de Amon, governou durante vinte anos, levando o reino a um período de paz e desenvolvimento.

Infelizmente, sua capela mais bonita, ao fundo, já dentro da rocha, estava fechada para os visitantes. Mesmo assim pude ver, através de uma porta gradeada, o local onde quase cem turistas foram covardemente assassinados por um grupo de fanáticos terroristas islâmicos em 1997, uma carnificina sem igual na história republicana do Egito.

Rodamos mais alguns quilômetros até a entrada do Vale dos Reis, do outro lado das montanhas, um cânion formado por dois braços de rios secos onde, de 1500 a.C. a 1000 a.C., foram sepultados os nobres egípcios. Suas encostas arenosas, onde nada nascia, a não ser a esperança de imortalidade dos seus defuntos, acabava abruptamente na parede norte do monte Gurna, um pico rochoso em formato piramidal. Naquela época, bastava uma guarita na entrada do vale para manter a salvo dos ladrões a riqueza sepultada junto com seus senhores. Mais tarde, no entanto, ninguém foi capaz de proteger os tesouros faraônicos enterrados no gigantesco cemitério.

O local, sob um sol abrasador num céu sem nuvens e desprovido de qualquer tipo de vegetação, encravado em meio às montanhas desérticas, por si só já transmitia uma sensação de intemporalidade.

Passamos ao largo do jazigo de Ramsés II — já tínhamos visto sua múmia no Cairo — e fomos conhecer o mausoléu dos seus filhos, o maior do Vale dos Reis. A entrada, localizada a apenas trinta metros da sepultura do pai, fora descoberta por James Burton em 1825 e revisitada por Howard Carter em 1904. Burton achou que se tratava de um simples depósito de material fúnebre; Carter, mais curioso, não continuou as escavações por falta de dinheiro. E nós não entramos porque a porta estava fechada; continuavam sendo feitas escavações em seu interior. Foi uma pena, sua história era comovente.

Em 1987, algumas máquinas que estavam sendo usadas no trabalho de ampliação do estacionamento na entrada do Vale chamaram a atenção do arqueólogo norte-americano Kent Weeks, desconfiado de que a verdadeira porta para a tumba, então batizada de KV 5 (Kings Valley nº 5), estivesse nas proximidades. Após convencer as autoridades egípcias de que tinha razão, começou a escavar em 1989. Durante seis anos ele removeu entulhos até

encontrar, em 1995, um portal dando acesso à maior descoberta do gênero desde que Carter localizou Tutancâmon.

Por trás do monte de lixo e pedras havia um pequeno corredor dando passagem para o interior da gigantesca sepultura. Ao remover os detritos acumulados ao longo dos séculos, Kent Weeks, sua mulher e um grupo de trabalhadores locais depararam com um amplo salão com dezesseis colunas, algo ainda não visto no Vale dos Reis. Dali saía uma galeria onde havia uma espetacular imagem de Osíris, e vários corredores conduzindo às dezenas de câmaras mortuárias onde foram enterrados os mais de cinquenta filhos do prolífico faraó. As salas estavam dispostas em diferentes níveis interligados por escadas e corredores, o mais longo deles com 443 metros de comprimento. Cobrindo uma área de 1.264 metros quadrados, essa verdadeira cidade subterrânea tem 130 corredores e câmaras e, segundo Weeks, mais de duzentas ainda deverão ser descobertas.

Dentro do sepulcro foram encontrados cacos de vasos com inscrições em que aparecem os nomes de seis dos filhos de Ramsés II, além de fragmentos de estátuas, jóias e pedaços de sarcófagos e múmias. A presença das inscrições e dos objetos preciosos sugeria que o lugar era usado para cerimônias fúnebres da família real. A grandiosidade do monumento era um sinal da importância política dos príncipes durante o reinado de Ramsés II, pois as sepulturas dos filhos de outros faraós eram bem mais modestas. Até agora só era conhecido o túmulo de um dos filhos de Ramsés II, Meneptah, seu sucessor.

Caminhando vale acima, conseguimos entrar na tumba de Ramsés VI, cuja entrada confundia-se com a de Tutancâmon, um dos motivos pelo qual ela continuou desconhecida por milênios, mantendo-se a salvo dos ladrões. O sepulcrário havia sido escavado para Ramsés V, faraó durante apenas quatro anos. Ramsés VI deu continuidade à construção do mausoléu, utilizado também para o seu sepultamento. Violado apenas vinte anos após seu funeral, as duas múmias foram transferidas para o jazigo de Amenófis II, encontradas em 1898 e levadas para o Cairo.

Como nas outras tumbas, entrava-se por um longo corredor decorado dos dois lados com cenas da vida do faraó, principalmente seu futuro encontro com os deuses. Passamos por algumas galerias e chegamos à câmara mortuária, onde pudemos ver o sarcófago de pedra profanado. Fora aberto com violência pelos ladrões, e sua tampa ficou quebrada.

Mas a importância da tumba está no teto da câmara funerária, uma magnífica imagem dupla de Nut delicadamente pintada e espantosamente bem conservada. Ela é representada na forma de uma mulher nua com estrelas enfeitando-lhe o ventre, curvando-se sobre a Terra. Numa extremidade, o sol, sustentado por um escaravelho com asas, nascia do seu útero.

Quatro chacais, que protegem o horizonte oriental, estão postados em adoração para que o sol aparecesse e abrisse as suas portas, permitindo à alma do faraó sair do mundo inferior e renascer à luz do amanhecer, entre as estrelas que cercam a estrela Polar, centro do universo celestial.

Em seguida o sol, agora um homem com cabeça de falcão, navega num barco pelo rio celeste, por baixo do corpo de Nut. Finalmente, à noite, é engolido pela deusa enquanto o rei contempla em adoração, deste modo permitindo que a barca se retire em paz.

Visitamos ainda vários outros túmulos, inclusive o de Ramsés III, o último faraó guerreiro. Sua construção havia sido ordenada pelo faraó Sethnakht, mas foi abandonada quando os pedreiros acabaram invadindo outro sepulcro, pertencente ao faraó Amenmesse.

— Era tanta sepultura que às vezes algumas se confundiam embaixo da terra — comentei com Beto.

Ramsés III mudou a direção do antigo corredor e, 125 metros depois, construiu seu próprio mausoléu. Fora a história curiosa, pouco sobrou do lugar sagrado: o sarcófago está no Museu do Louvre, em Paris; sua tampa, ricamente ilustrada, em Cambridge, e a múmia, no Cairo. Restou-nos admirar as pinturas nas paredes, protegidas do toque dos turistas por um vidro grosso.

As tumbas eram iluminadas com luzes artificiais especiais para não prejudicarem os afrescos milenares. Era proibido fotografar em seu interior, e algumas vezes fomos obrigados a deixar o equipamento fotográfico na entrada, com o guardião, a quem precisávamos dar polpudos *baquiches*. Volta e meia Beto conseguia contrabandear sua câmera e, sem usar *flash*, tirava algumas fotos. Não sei como se alimentavam, mas em algumas catacumbas podíamos ver pequenos camundongos correndo pelo chão. Havia muitos turistas, e quando conseguíamos ficar sozinhos nossa alegria era imensa, dava para sentir o peso da eternidade buscada pelos faraós nas pinturas que decoram as paredes ao nosso redor.

TUTANCÂMON

Para todos, uma enorme desgraça. Tutancâmon, o jovem faraó, estava morto, e seus súditos entraram num período de grande tristeza, o luto caindo pesadamente sobre o poderoso império, especialmente em Mênfis e Luxor, as duas grandes metrópoles da Antiguidade. O povo estava arrasado, a nobreza, consternada. Os militares, por sua vez, estavam morbidamente agitados, excitados com a sucessão, já que a rainha não deixara herdeiros.

(Três milênios depois, hordas de turistas boquiabertos diante da sua máscara mortuária, no Museu Egípcio do Cairo, o chamariam carinhosamente de Tut, uma popularidade que nem Osíris poderia ter previsto.)

Naquela época, tão logo o rei foi dado como morto, foi iniciado o processo de mumificação, mais de dois meses de árduo trabalho realizado pelos embalsamadores no templo em Karnak, ritual repetido sempre que movia alguém suficientemente poderoso ou rico para pagá-lo.

Eles fizeram um corte do lado esquerdo do abdome, por onde retiraram as vísceras, drenando a carcaça. Estômago, rins, fígado e intestinos foram colocados em quatro vasos de alabastro e guardados num baú canópico. Apenas o cérebro, extraído do crânio por meio de um gancho de metal inserido por uma das narinas, foi jogado fora, talvez um prenúncio de que os acontecimentos que se seguiram não seriam fruto da racionalidade humana, mas da fé espiritual do faraó e de seu povo, crentes de que a partir daquele momento a vida prosseguiria por inspiração divina. No lugar do coração colocaram uma peça em formato de escaravelho, envolvida em um texto sagrado, para o espírito poder ler o *Livro dos mortos*, onde constava o ritual necessário para bem renascer na outra vida.

O corpo permaneceu 35 dias envolto em natrão, medida necessária para os fluidos remanescentes serem expelidos e ele ficar completamente ressequido. Só então foi lavado com óleos e ervas aromáticas, purificado e embalsamado por um grupo de sacerdotes usando máscaras de Anúbis. Entre as faixas de pano utilizadas para enrolá-lo foram colocados amuletos e talismãs, protetores vivificados pelas palavras mágicas do sumo sacerdote.

A múmia recebeu uma tiara de ouro decorada com imagens dos deuses do Alto e do Baixo Egito. Colocada no caixão, ela recebeu a máscara mortuária, feita de ouro maciço e reproduzindo suas feições em vida. Sobre seu peito, os sacerdotes puseram um par de mãos cruzadas segurando os símbolos do poder real.

Finalmente, no septuagésimo dia depois da morte, o cortejo fúnebre saiu do templo de Amon, atravessou o Nilo em centenas de falucas e desembarcou na planície desértica ocidental, seguindo para o Lugar da Verdade, onde os mandatários egípcios eram enterrados havia séculos. Fazia muito calor, um dossel colorido fornecia sombra para o corpo mumificado, transportado num palanquim de madeira carregado por doze homens, entre eles os ministros do Alto e do Baixo Egito. Além dos trajes oficiais, eles usavam faixas de linho branco em volta da cabeça, uma manifestação de pesar.

Seguindo o féretro, as mulheres choravam, gritavam lamentos e puxavam desesperadamente os cabelos, expressando à sua maneira a imensa dor do povo do reino. Atrás delas, a viúva, sacerdotes, amigos, cortesãos, funcionários e Aye, que participou do funeral como sumo sacerdote, capaz de realizar rituais mágicos em favor do espírito do falecido, e como encarnação de Hórus, pois ele seria o novo faraó. Nesse cargo, caberia a ele conduzir os rituais capazes de introduzir a alma de Tutancâmon no outro mundo, onde se fundiria com Osíris.

Um pouco mais atrás vinha um grande cortejo formado por milhares de homens de torsos nus transportando caixas e mais caixas com os objetos que o rei precisaria no outro mundo: tronos, sofás, carros de guerra, armas, imagens de deuses, vestimentas de linho, comida preparada, louças, jóias, obras de arte, finíssimos vasos de alabastro, centenas de estatuetas mumificadas, os servos do faraó na outra vida.

A multidão finalmente parou diante da escadaria em frente ao túmulo. O portal dava acesso ao corredor, no fundo do qual havia quatro câmaras escavadas na encosta de calcário do cânion: antecâmara, anexo, câmara mortuária e sala do tesouro. O local não era suficientemente majestoso para um faraó, devia ter sido preparado para algum príncipe do segundo escalão. Devido à morte súbita do rei, foi-lhe dedicado de modo improvisado.

As pessoas estavam tristes não só pelo falecimento prematuro do soberano, mas também porque ser enterrado às pressas, num lugar não tão nobre, era sinal de mau agouro. Outros acontecimentos desagradáveis se seguiriam, deixando seus súditos temerosos de que a vida futura do rei não lhe seria favorável.

Mas toda a superstição foi quebrada, pois Tut acabou se tornando, pelo menos no mundo dos vivos, um *popstar* do século XX. Talvez não fosse bem esse o seu desejo, mas foi o que acabou acontecendo. É possível também que ele tenha ressuscitado no mundo dos mortos, e de lá, transformado em Osíris, se divirta com sua notoriedade mundana.

Milhares de oferendas e utensílios foram depositados no mausoléu pelos fiéis funcionários, entre os quais seu trono, onde aparecia com a rainha sob a

proteção do disco solar, cestas de frutas, leques de penas e 36 ânforas de vinho, algumas com a inscrição da região, safra, nome do comerciante e a frase “muito boa qualidade”, sem contar o seu maravilhoso tesouro, tudo para o conforto do rei no além-túmulo.

Enquanto isso, realizava-se a Abertura da Boca, cerimônia destinada a auxiliar a alma de Tutancâmon a transcender sua forma terrena e se transformar no espírito glorioso, o que deveria ocorrer após uma traiçoeira jornada pelo mundo inferior, onde ele enfrentaria monstros cruéis, serpentes aterradoras e vários julgamentos. Caso superasse todos esses obstáculos, sua alma poderia renascer junto aos deuses imortais, transformando-se ele próprio em Osíris.

Conduzidos por Aye, os doze sacerdotes que o estavam ajudando no ritual entraram na catacumba, colocaram quatro incensários nos pontos cardeais e os borrifaram com água, demarcando o espaço sagrado em torno do grande sarcófago de pedra trabalhada onde seria colocado o caixão real. Em seguida, invocaram os deuses e sacrificaram vários animais em comemoração ao triunfo de Hórus sobre Seth, entre eles dois touros, patos e inúmeras gazelas. Uma perna e o coração de um dos touros foram imediatamente oferecidos à múmia, enquanto o resto das oferendas foi reservado para o banquete futuro do faraó, logo renascesse.

Aye, o sucessor, diante de todos os presentes ao funeral, pegou um instrumento ritual feito de madeira e com sua ponta curva tocou o nariz, os olhos, as orelhas, a boca, as mãos, os órgãos genitais e os pés do faraó, concedendo-lhe poder mágico. Pronunciando os encantamentos do *Livro da Abertura da Boca*, citando Anúbis e Hórus, ele concluiu a cerimônia religiosa com as palavras “Viva outra vez, para sempre”.

A múmia foi então retirada do palanquim e conduzida pelos carregadores pelos dezesseis degraus da escadaria subterrânea. Ela media quatro metros de comprimento por 1,6 metro de largura e levava à porta externa da tumba. Ultrapassada, seguiram por um corredor descendente, com nove metros de comprimento e cerca de dois metros de altura, em cujo final havia mais uma porta, por onde entraram diretamente na antecâmara. Orientada no sentido

norte-sul, ela não era grande, pelo menos para os padrões faraônicos. Media 8,08 metros por 1,68 metro. O cortejo depositou diversos utensílios no anexo, a pequena sala medindo 4,35 metros de comprimento por 2,6 metros de largura, com um pé-direito de 2,55 metros, também construída no sentido norte-sul e ligada à antecâmara por uma pequena porta na sua parede oeste.

Os carregadores deixaram a múmia na antecâmara, para os rituais finais, foram até sua extremidade norte, cruzaram pela câmara mortuária e, à direita dessa, entraram na sala do tesouro. Ela media 4,75 metros por 3,8 metros e tinha 2,33 metros de altura. Na parede leste, dentro de um enorme tabernáculo folheado a ouro, havia um cofre de calcita, onde os sacerdotes guardaram os quatro vasos canópicos contendo as vísceras mumificadas do rei, os seus órgãos sagrados.

Em torno deles foram colocadas gigantescas imagens de ouro de Neith, Selkit, Ísis e Néftis, as quatro divindades que presidem a morte. Duas delas, as que ficaram no lado direito e esquerdo da entrada, tinham as cabeças viradas sobre um dos ombros, encarando de modo desafiador quem ousasse penetrar naquele espaço sagrado.

Entre o tabernáculo e a entrada da sala do tesouro foram colocados dois outros protetores ainda mais apavorantes: a cabeça de uma vaca, de madeira folheada a ouro, representando a deusa Hathor, com um olhar arregalado, grandes chifres negros e o pescoço envolto num pano de linho, e uma estátua de madeira em tamanho natural de Anúbis, sob a forma de um chacal sentado.

Entre as centenas de peças de ouro, prata, marfim e outros materiais valiosíssimos ricamente trabalhados, foram colocados dois esquifes com os dois fetos mumificados — tentativas fracassadas de Tutancâmon e da rainha Ankhesenamum de perpetuar a linhagem de Amarna.

A câmara mortuária, com 6,37 metros de comprimento por quatro metros de largura, construída no sentido leste-oeste, tinha 3,6 metros de altura. Suas paredes, em torno do enorme sarcófago de quartzito rosado, foram previamente pintadas com cenas destinadas a auxiliar a alma do rei no além-

túmulo, minucioso trabalho feito durante as semanas em que o corpo estava sendo mumificado.

Na parede leste, o faraó já havia sido pintado vestido como Osíris, mostrando a confiança do seu povo em sua bem-sucedida vida futura. O corpo também fora pintado mumificado, dentro de um sacrário ornado com coroas de flores, sobre a barca funerária, puxada por dez altos funcionários do palácio e os principais ministros do Alto e do Baixo Egito.

Na parede norte foram pintadas duas cenas. Uma mostra Tutancâmon/Osíris diante do seu sucessor, Aye, caracterizado como Hórus, usando a coroa azul de rei e a pele de leopardo de um sacerdote. Ele estava realizando a cerimônia da Abertura da Boca, para garantir o sepultamento correto do seu patrono Osíris, de quem herdaria o trono, e para incitar a alma do defunto. A outra cena mostra Tutancâmon como rei vivo sendo recebido por Nut. À esquerda, ele podia ser visto tocando Osíris, ao mesmo tempo em que sua alma tocava o seu próprio corpo vivo.

Na parede sul, em torno da porta de entrada, o rei foi pintado sendo saudado por Hathor na vida após a morte. Ela lhe oferecia a vida, representada pela cruz erguida diante de sua boca. Atrás deles foram pintados Anúbis e Ísis. Finalmente, na parede oeste, os pintores haviam retratado diversas cenas retiradas do *Livro dos mortos*: o rei morto, sob a forma de escaravelho, diante da barca solar, ao lado de cinco divindades menores do mundo além-túmulo. Abaixo delas viam-se doze babuínos representando as doze horas da noite através das quais o morto deveria navegar antes de poder renascer no outro mundo.

Seria nessa viagem traiçoeira e imprevista que o faraó utilizaria os onze remos cuidadosamente depositados pelos sacerdotes no chão entre o sacrário e a parede norte da tumba.

Enquanto alguns sacerdotes entoavam cantorias, outros colocavam guirlandas de flores nas imagens do faraó e aspergiam o local com óleos aromáticos. Três belíssimos caixões, em formato de múmias e com as tampas pintadas a ouro com o rosto do morto representado como Osíris, foram cuidadosamente depositados no sarcófago, um encaixado no outro. A múmia

foi então colocada no caixão menor, fechado com pregos de ouro e prata. A seguir, tamparam os outros dois ataúdes.

O último, com mais de dois metros de comprimento, estava magnificamente decorado com faiança, vidro colorido e pedras semipreciosas. Em cada uma das suas extremidades foram pintadas Ísis e Neith, bem como as mãos do faraó cruzadas sobre o peito, segurando o báculo e o mangual, seus símbolos de divindade. Inseridos em sua testa estavam representações de Nekhbet e Wadjet, protetores do Alto e do Baixo Egito.

Num derradeiro e comovente gesto, a rainha, profundamente emocionada, colocou uma pequena coroa de flores sobre o caixão, imediatamente coberto pelos sacerdotes com uma finíssima mortalha de linho.

O sarcófago, com os três caixões superpostos, estava pronto para ser lacrado, fechando para sempre a última morada do rei-menino, quando aconteceu o inesperado, uma fatalidade brutal: na hora de manobrar a enorme tampa de granito vermelho pesando mais de doze toneladas, ela rachou ao meio. Pior presságio, impossível. Como essa terrível desgraça não podia ser amenizada por nenhum dos presentes, nem mesmo a viúva ou Aye, as duas peças foram encaixadas e a rachadura foi preenchida com gesso.

Imediatamente, para não dar outra chance ao azar, que, como vimos, estava rondando os calcanhares de Tutancâmon, hábeis carpinteiros envolveram o sarcófago com um gigantesco sacrário, quatro caixas de madeira adornadas com folhas de ouro e faiança envernizada de azul, uma dentro da outra. O sacrário ocupava quase toda a câmara mortuária, deixando apenas 46 centímetros entre ele e as paredes da tumba, onde foram depositados amuletos mágicos, destinados a ajudar o faraó em sua longa jornada pelo mundo inferior.

Os artesãos haviam decorado as paredes externas de cada uma das quatro caixas com inscrições hieroglíficas e aterrorizantes símbolos de proteção, utilizados para afastar os espíritos maus da alma do faraó e assustar os profanadores de cemitério. As portas, com dobradiças, foram

construídas no lado leste, cada caixa com uma porta dupla com puxadores, trancadas com um ferrolho.

Elas foram fechadas uma a uma, e seus puxadores envoltos por cordéis de cânhamo e marcados com o selo da necrópole real: Anúbis sentado sobre os Nove Arcos, os inimigos tradicionais do Egito, representados por nove escravos agrilhoados. A montagem do sacrário, feita às pressas, acabou acarretando mais alguns transtornos aos carpinteiros: algumas peças, previamente construídas, foram colocadas nos lugares errados, dificultando o seu encaixe. Em determinados pontos, as madeiras das paredes foram colocadas na posição correta na base da martelada, danificando um pouco a maravilhosa obra.

A entrada da câmara mortuária foi então fechada pelos pedreiros com pedras e argamassa. Para guarnece-la e proteger o descanso eterno do rei, dois guardiões, enormes imagens pintadas em preto e dourado, sentinelas em tamanho natural, foram colocadas uma de frente para a outra. Vestidas com um saiote triangular dourado e tendo numa das mãos uma clava e na outra um bastão, representavam o espírito de Tutancâmon.

Os presentes foram aos poucos se retirando, deixando no mausoléu apenas a viúva, os sacerdotes e alguns presentes, oito pessoas no total, participantes do banquete funerário, composto de cinco patos, duas tarambolas, um pernil de carneiro, vinho e cerveja. Eles estavam usando coroas de flores e folhas e faixas de linho ao redor da testa, numa das quais se lia “Ano 8 do Reinado de Tutancâmon”.

Após comerem parte das oferendas sacrificiais da cerimônia de Abertura da Boca, os pratos foram quebrados, como parte do ritual. O chão foi minuciosamente varrido, o material utilizado na mumificação, as faixas de luto, todas as sobras do ritual, inclusive as vassouras, foram colocados em doze potes. Suas bocas foram lacradas e eles ficaram guardados no corredor de acesso ao sepulcro, longe da câmara mortuária.

Terminando o enterro, as entradas das câmaras foram fechadas de dentro para fora com pedras e vedadas com argamassa de gesso, onde foram impressos os selos de Tutancâmon e da necrópole real. A multidão voltou

para o outro lado do Nilo, e o que restou do corpo do garoto, assim como seus ancestrais, ficou protegido pelos guardiões na entrada do Vale dos Reis.

Em duas oportunidades ladrões tentaram roubar a tumba nos anos seguintes, mas não tiveram sucesso. Entraram no corredor, na antecâmara e no anexo, retiraram alguns itens e os esconderam do lado de fora, possivelmente para buscá-los mais tarde. Foram descobertos, presos e a maioria dos objetos foi recolocada no mausoléu, embora às pressas e de modo desorganizado. Para melhorar a segurança do jazigo, os doze potes contendo as sobras da cerimônia fúnebre foram retirados e enterrados num local próximo, permitindo que o corredor de acesso fosse inteiramente bloqueado com pedras. A câmara mortuária, no entanto, não chegou a ser violada.

Tutancâmon morreu muito jovem, seu reinado teve pouca importância, não chegou a entrar para a história do Antigo Egito. Calcula-se que tivesse apenas dez anos quando assumiu o trono, em 1336 a.C. Casou-se com uma menina de doze anos e morreu aos dezenove. Seu sucessor, Aye, ficou apenas quatro anos no poder, encerrando o breve ciclo dos monarcas de Amarna. O general Horemheb tornou-se faraó e fez questão de minimizar a passagem deles pelo poder.

Quando o faraó Ramsés VI faleceu, duzentos anos depois da morte de Tutancâmon, ninguém mais se lembrava dele nem da sua insignificante campa. Os operários construíram suas tendas exatamente em cima da entrada já soterrada da pequena tumba e escavaram um enorme mausoléu para Ramsés VI na rocha diretamente acima do túmulo de Tutancâmon, sem querer despistando para sempre os profanadores de cemitérios da Antiguidade, os caçadores de tesouros, os cristãos perseguidores de heresias do Império Romano, os seguidores de Maomé e, por último, os arqueólogos europeus. Com o passar dos séculos, praticamente todos os sepulcros foram violados e saqueados por bandidos ou simplesmente abertos pelos arqueólogos, menos o de Tutancâmon.

Isso até um certo jovem desenhista chamado Howard Carter começar a fazer escavações no Vale dos Reis.

HOWARD CARTER

Howard Carter nasceu em Londres em 9 de maio de 1874, portanto 3.220 anos depois de Tutancâmon. Não era filho de rei, mas de um ilustrador de jornal, Samuel John Carter, de quem herdou o dom da pintura, valendo-lhe um emprego no Museu Britânico. Aos dezessete anos foi convidado para trabalhar no Egito, ajudar a reproduzir em aquarelas os exóticos afrescos encontrados nos jazigos e templos do país. Não sei se havia alguma profecia, mas, se havia, ela se cumpriu, pois as vidas desses dois homens, mesmo em épocas tão diferentes, nunca mais puderam ser contadas separadamente.

Carter havia descoberto sua vocação, embora nem de longe imaginasse que também havia traçado seu destino, unindo-o a um faraó e à sua tragédia. Inicialmente colaborando com renomados arqueólogos, mais tarde funcionário público indisciplinado e por fim trabalhando por conta própria, durante quatro décadas ele bisbilhotou cada metro de areia nas duas margens do Nilo, tornando-se um dos mais famosos egiptólogos de todos os tempos.

Talvez por força desse destino, ele era praticamente a única pessoa em todo o Egito que acreditava na possibilidade de o túmulo de Tutancâmon ser encontrado entre as catacumbas do Vale dos Reis. Mais do que isso, ele estava convencido de que a sepultura continha os tesouros enterrados com o jovem faraó. O fato de alguns objetos terem sido encontrados escondidos no sítio arqueológico significava que os ladrões haviam sido detidos antes de consumir o saque. O novo depósito, contendo os doze potes com as sobras da cerimônia fúnebre de Tutancâmon, descoberto em 1907 pelos arqueólogos britânicos Edward Ayrton e Theodore Davis, dava-lhe a certeza de que a sepultura ficava nos arredores.

Sem ajuda oficial e munido apenas de alguns fragmentos de provas, entre as quais alguns selos do rei, o metódico Carter fez um levantamento completo, catalogando minuciosamente os objetos encontrados nos últimos duzentos anos. Além disso, fez um detalhado mapa, anotando tanto os locais onde tumbas foram descobertas como as escavações frustradas dos arqueólogos profissionais ou amadores que passaram pelo Vale dos Reis.

Pagando todas as despesas do próprio bolso, dinheiro ganho fazendo desenhos para turistas ou trabalhando como guia no local, ele estava prestes a desistir quando foi apresentado a lord Carnarvon.

George Edward Stanhope Molyneux Herbert, o quinto conde de Carnarvon, nasceu em 1866 no castelo de Highclere, no condado britânico de Hampshire. Apaixonado por cavalos de raça e automóveis, já os dirigia em outros países da Europa antes mesmo que essas máquinas extraordinárias fossem permitidas na Grã-Bretanha. Frequentemente ia parar nos tribunais por excesso de velocidade e, segundo uma revista da época, “ultrapassava ciclistas à espantosa velocidade de 32 quilômetros por hora”.

Como era previsível em 1901, ele sofreu um grave acidente na Alemanha. Recuperou-se, mas ficou com seqüelas nos pulmões, com dificuldade para respirar, principalmente no inverno. Aconselhado pelo médico, viajou para o Cairo em 1903, destino da nobreza durante o terrível inverno no Hemisfério Norte. Cansado da vida fútil de seus pares, saiu em

busca de uma distração mais de acordo com sua personalidade aventureira: procurar múmias nas areias do Saara.

Todas as manhãs, o obstinado aristocrata, alto, esguio, simpático, de rosto comprido, bigode e paixão por blusões esportivos, saía da sua suíte no Hotel Old Winter Palace, em Luxor, e ia acompanhar as escavações da sua equipe, não sem antes se proteger da poeira e dos mosquitos com uma gaiola de tela metálica construída especialmente para esse fim.

Após seis semanas de trabalho árduo, ele finalmente conseguiu encontrar uma múmia — de gato!

O francês Gaston Maspero, diretor-geral do Serviço de Antigüidades Egípcias, aconselhou-o a contratar um arqueólogo de campo para executar seus projetos, já que ele estava disposto a investir dinheiro no ramo das múmias. Convencido, foi apresentado ao desempregado Howard Carter.

Os dois homens se completavam. Um tinha dinheiro e gosto pela aventura, o outro tinha conhecimento e paixão pelo desafio. Em pouco tempo descobriram vários túmulos, alguns importantes, outros de menor significado. À medida que as escavações progrediam, Carter ia eliminando do seu mapa as seções escavadas, um trabalho minucioso necessário devido ao estado em que o Vale se encontrava.

Os arqueólogos anteriores cavavam por intuição, transformando o local num queijo suíço, buracos e montanhas de areia por todos os lugares, dificultando o trabalho de Carter. Mesmo assim, ele continuou escavando intermináveis trincheiras, retirando toneladas e mais toneladas de destroços e garimpando montões de entulhos durante anos, sua personalidade inquebrantável posta à prova, submetida ao seu grande desafio. Afinal, profecias não podem se realizar ao acaso, precisam seguir uma linha previamente determinada pelos deuses.

A I Guerra Mundial veio e se foi, e nada de Tutancâmon. Lorde Carnarvon já havia desistido e voltado para Highclere, onde Carter foi procurá-lo. Após muitas delongas, convenceu seu patrocinador a bancar uma última temporada. Exultante, o teimoso arqueólogo voltou ao Vale dos Reis para cavar numa área ainda não explorada, coberta pelas moradias dos seus

próprios trabalhadores, poucos metros abaixo do já descoberto jazigo de Ramsés VI.

No dia 4 de novembro de 1922, pouco mais de uma semana após voltar da Inglaterra, Howard Carter saiu de casa, no pequeno platô próximo à entrada do Vale dos Reis, para mais um dia de trabalho na sua infrutífera rotina de caçador de múmias. Já havia consumido uma enorme quantia do dinheiro de lorde Carnarvon, além da melhor fase da sua vida. Será que aquilo estava valendo a pena? Não teria se deixado levar longe demais por sua obstinação em querer encontrar mais uma tumba no Vale dos Reis, onde cada metro de areia já tinha sido revirado nos últimos séculos? Arqueólogos mais experientes há muito haviam declarado que nada mais tinha para ser desenterrado por ali e ele já sabia que os egiptólogos andavam caçoando dos buracos que ele vinha espalhando ao longo dos anos.

Ao chegar no local das escavações preocupado com essas coisas, encontrou os operários parados, sinal inequívoco de que algo muito sério havia acontecido.

— Encontramos a face de um degrau cortado no leito da rocha — disse-lhe o capataz.

— Co-como? — balbuciou um atônito Carter.

Achou que era uma notícia boa demais para ser verdade, mesmo assim imediatamente se pôs a cavar, descobrindo o primeiro degrau de uma pequena escadaria, quatro metros abaixo da entrada da tumba de Ramsés VI. Perplexo, percebeu que já havia cavado, em duas oportunidades anteriores, a menos de dois metros do local. Removeram o cascalho até o anoitecer, e no dia seguinte descobriram uma porta dando acesso ao túmulo, onde aparecia o selo da real necrópole tebana.

“Podia encontrar qualquer coisa, literalmente qualquer coisa além daquela porta, e precisei de todo o meu autocontrole para não arrombá-la e investigar tudo ali naquele mesmo momento”, ele escreveu no primeiro volume do seu livro *The tomb of Tutankhamen*, publicado em 1923.

Imediatamente telegrafou para Carnarvon:

“Maravilhosa descoberta no Vale. Tumba soberba, com selos intactos. Espero sua chegada para abrir. Felicitações.”

Carter recolocou os entulhos no lugar e passou a providenciar ajudantes especializados e a comprar equipamentos para a empreitada, que só seria retomada com a chegada do seu patrocinador.

A MALDIÇÃO DA MÚMIA

Nas semanas seguintes à primeira descoberta de Carter, coisas estranhas começaram a acontecer no Vale dos Reis.

Charles Breasted nos conta em seu livro *Pioneer to the past: the history of James Henry Breasted Archaeologist*, publicado em 1940, citando seu pai: “Um dia, pouco depois da descoberta, Carter enviou um assistente para buscar alguma coisa em sua casa (...). Quando o homem se aproximou da casa, ouviu um débil grito quase humano. Depois, tudo ficou em silêncio outra vez — até mesmo o pássaro parara de cantar. Ao entrar, ele olhou quase instintivamente para a gaiola, e viu lá dentro uma naja toda enrodilhada com o canário morto na boca. A notícia desse fato espalhou-se rapidamente, e todos os nativos agora diziam: Ai de nós, é a naja real vingando-se do canário por haver traído o lugar da tumba — e agora alguma coisa terrível vai acontecer.”

Por essa época, o conde irlandês Louis le Warner Hamon, adivinho e quiromante, tornou-se mundialmente famoso por fazer horóscopos e previsões certeiras para os ricos e famosos da Europa. Ele tinha entre seus clientes Mark Twain, Sarah Bernhardt, Oscar Wilde e a dançarina espiã holandesa Mata Hari. O conde previu as mortes de Ernest Shackleton, Humberto I, rei da Itália, Eduardo II, da Inglaterra, além do czar Nicolau II e de Rasputin, entre muitos outros. Todos eles ouviram as previsões de suas mortes diretamente do mago, em seu escritório de estilo indiano na Bond Street, em Londres, ou em seus palácios.

Louis Hamon conta em seu livro de memórias, *Real life stories*, publicado em 1934, que logo soubera da descoberta no Egito, escrevera ao seu cliente, lorde Carnarvon, alertando-o para não retirar qualquer relíquia da tumba, nem levá-las para outro lugar. O fim da mensagem dizia que “se ele desobedecesse a essa advertência, seria ferido enquanto estivesse na tumba — desenvolvendo uma doença da qual jamais se recuperaria, e que a morte o levaria ainda no Egito”. O médium explicou ter recebido a mensagem do espírito de Meketaten, uma das filhas de Aquenátôn.

Carnarvon organizava sessões espíritas em Highclere, além de ser um homem muito supersticioso. Embora a maldição tivesse sido confirmada por seu vidente, ele estava tão excitado com a descoberta no Egito que não só prosseguiu com as escavações como mais tarde transferiu, ilegalmente, algumas relíquias para a Inglaterra.

No dia 26 de novembro, Carter, seu assistente, o engenheiro Arthur Callender, lorde Carnarvon e sua filha Evelyn Herbert, o corredor de acesso ser novamente desobstruído, entraram na antecâmara e no anexo, encontrando-os cheios de objetos estranhos, maravilhosos e impressionantes, o que os deixou mudos de assombro. Carter descreveu esse dia como “o maior dos dias, o mais maravilhoso que jamais vivi e que jamais viverei igual”.

A licença de escavação de Carnarvon dizia que qualquer descoberta desse porte deveria ser imediatamente informada às autoridades, que precisariam estar presentes no momento em que alguém fosse entrar na

tumba. Por isso, Carter afirma em seus relatórios que não ingressaram na antecâmara, apenas a espiaram pelo buraco deixado na porta pelos antigos ladrões e por eles provisoriamente.

Mas parece que não foi bem assim.

Em seu livro *Tutancâmon, a conspiração do Êxodo*, publicado em 2002, os historiadores Andrew Collins e Chris Ogilvie-Herald afirmam: “Além disso, há prova mais do que suficiente de que os mesmos quatro indivíduos voltaram à tumba nos dias que se seguiram e ilegalmente abriram a porta lacrada entre as sentinelas, ficando frente a frente com a última morada do faraó morto.”

É compreensível. Depois de décadas e mais décadas furungando atrás de uma grande descoberta, ter que esperar para abri-la e, possivelmente, dividir o momento glorioso com burocratas governamentais não combinava com as personalidades de Carter e Carnarvon.

Oficialmente, a tumba foi aberta no dia 16 de fevereiro de 1923, na presença de autoridades, convidados, jornalistas de todo o mundo, turistas e populares presentes no Vale dos Reis. À medida que os tesouros iam sendo revelados ao público, o mundo ficava cada vez mais fascinado pela descoberta de Carter.

O maior tesouro, no entanto, foi o próprio Tutancâmon; os arqueólogos nunca haviam encontrado uma múmia de faraó em seu estado original. Ela continuava no interior das quatro caixas de madeira pintadas de dourado, uma dentro da outra. Na quarta caixa estava o sarcófago de pedra esculpida com os três ataúdes superpostos. O último caixão, contendo a múmia, media 1,5 metro. Feito de ouro incrustado com lápis-lazúli, turquesas e outras preciosidades, pesava quase uma tonelada, uma jóia de extraordinário valor, tanto histórico quanto arquitetônico. Tudo exatamente como fora enterrado mais de 3.300 anos antes.

Carter havia entrado na galeria dos imortais.

Costuma-se dizer que na vida tudo tem um preço, e os deuses egípcios não deixariam impunes as pessoas que desenterraram Tutancâmon. Lá no

mundo inferior, Osíris não deve ter gostado da profanação do túmulo do seu protegido, e sua ira caiu sobre os vivos.

Apenas seis semanas após a descoberta da múmia, George Edward Stanhope Molyneux Herbert, o quinto conde de Carnarvon, morreu no Cairo, aos 57 anos de idade. Vítima de uma infecção generalizada provocada pela picada de um mosquito no Vale dos Reis durante as escavações, ele foi o primeiro a se juntar ao canário de Howard Carter no além. Curiosamente, no momento da morte de Carnarvon faltou luz no Cairo, problema que nenhuma autoridade conseguiu explicar ao *Daily Express*, fazendo o jornal presumir que os dois eventos tinham alguma ligação, um sinal de mau agouro, provavelmente relacionado à profanação do túmulo de Tutancâmon. Além disso, na mesma noite morreu em Highclere o cachorro de estimação do lorde, segundo a governanta, “como que fulminado por um raio”.

Especulou-se muito sobre os últimos dias do aristocrata britânico. Pessoas mais próximas comentaram que ele morreu delirando, reclamando que “um pássaro está me arranhando o rosto com as garras”. Ali Hassan, ex-chefe do Supremo Conselho de Antigüidades do Egito, lembrou na época que tal frase já havia aparecido num texto de maldição do século XXII a.C., no qual se lia que Nekhebet, o abutre, “arranhará com as garras o rosto de quem violar um túmulo”.

A maldição não se restringiu ao rico lorde, atingindo também outras pessoas do seu círculo mais próximo. Aubrey Herbert, seu meio-irmão, morreu inesperadamente após a extração de um dente, em setembro de 1923. O comendador Mervyn Herbert, outro meio-irmão de Carnarvon, presente à abertura oficial da câmara mortuária, em 1923, morreu em Roma, sete anos depois. Richard Bethell, secretário particular de Carnarvon, morreu em circunstâncias misteriosas em 1929. Seu pai, o terceiro lorde Westbury, desgostoso com o fato de que algumas relíquias de Tut tivessem sido contrabandeadas para sua mansão em Londres, suicidou-se. No caminho para o enterro, uma criança de oito anos caiu acidentalmente sob as rodas do carro fúnebre puxado por cavalos e também morreu.

Muitas outras pessoas ligadas à descoberta do túmulo real foram vítimas de mortes estranhas nos anos seguintes, o que gerou farto noticiário na imprensa mundial sobre a maldição de Tutancâmon.

Jay Gould, magnata das ferrovias, morreu de pneumonia depois de pegar um resfriado, após uma visita à tumba de Tut. O egiptólogo francês Georges Bénédite morreu de uma queda pouco depois de ter entrado no sepulcro real. Arthur Mace, colega de trabalho de Carter no Vale dos Reis, passou a sofrer de um mal-estar contínuo após a descoberta da tumba e acabou morrendo em 1928. O egípcio Ali Kemel Fahmy Bey levou um tiro da esposa no Hotel Savoy, em Londres, pouco depois de inspecionar os tesouros de Tutancâmon.

Howard Carter morreu em 1939 em circunstâncias misteriosas, antes mesmo de conseguir catalogar todas as peças encontradas com Tutancâmon.

Todas essas mortes, e muitas outras que se seguiram, foram atribuídas à mesma maldição. O pavor popular aumentou tanto que os museus começaram a receber pelo correio relíquias surrupiadas dos túmulos egípcios, enviadas por anônimos com medo de serem atingidos pela maldição libertada por Carter no Vale dos Reis.

A própria morte de Tutancâmon, aos dezenove anos, em consequência de um ferimento na cabeça, nunca foi esclarecida. A história oficial a atribui a um acidente, provavelmente ao cair de mau jeito do seu carro durante uma expedição de caça e bater com a cabeça em alguma pedra. Também há suspeita de que ele tenha sido assassinado.

O paleopatologista Bob Brier, em seu livro *O assassinato de Tutancâmon*, publicado em 1998, 34 séculos após a morte do rei, acusou o vizir Aye (provavelmente pai de Nefertiti) pelo crime. Ele chegou a essa conclusão após examinar os estudos patológicos dos restos mortais do jovem faraó realizados por Ronald G. Harrison, professor da Universidade de Liverpool, feitos em 1968, quando as autoridades egípcias permitiram que os restos mumificados fossem radiografados dentro da tumba e as chapas reveladas numa suíte do hotel Old Winter Palace, em Luxor, especialmente preparada para a pesquisa.

Assessorado por radiologistas, médicos, dentistas e egiptólogos experientes, Ronald Harrison descobriu um esqueleto cheio de lesões, inclusive hematomas sob o couro cabeludo, algo que não havia sido relatado por Douglas E. Derry, professor de anatomia da Universidade Egípcia do Cairo, que examinara a múmia em 1925, juntamente com Howard Carter.

Embora Ronald Harrison não tivesse chegado a uma opinião definitiva, Bob Brier, após consultar outros especialistas, afirmou que, apesar de as provas apresentadas pelas radiografias não serem uma indicação incontestável de que houvera um crime, eram o que a polícia poderia chamar de “indicação de circunstâncias criminosas”. E a suspeita recaiu sobre o vizir porque foi ele quem assumiu como faraó no lugar de Tutancâmon, e, portanto, era o maior beneficiário da sua morte.

Bob Brier analisa um fato ocorrido há mais de 3.300 anos sob a perspectiva atual: a morte não explicada de um jovem poderoso, um cadáver com marcas de ferimentos e uma pessoa do círculo da vítima que foi extremamente beneficiada por essa morte. Qualquer policial de delegacia de subúrbio diria tratar-se de um assassinato.

Em 2005, a múmia foi mais uma vez retirada da sua tumba, desta vez para ser submetida a uma tomografia computadorizada. Depois de fazerem 1.700 imagens tridimensionais da sua ossada, os cientistas não conseguiram determinar a causa da morte.

No entanto, creio que havia outros motivos mais importantes do que a ambição pessoal por trás da morte de Tutancâmon. Ele teria realmente se convertido ao politeísmo, sua dinastia deixando de afrontar o poder celestial dos religiosos de Tebas? Ou o garoto fizera apenas uma concessão, para voltar a revelar-se monoteísta quando se julgasse suficientemente experiente para assumir todo o poder de um faraó?

Fico com a última hipótese, e a pista está no trono dourado, encontrado na antecâmara da sua tumba e atualmente exposto no Museu Egípcio do Cairo. A cena gravada em seu espaldar mostra a rainha de pé, em frente ao faraó sentado, ambos sob os raios do disco solar. A imagem não só foi esculpida em ouro no trono de Tut como o próprio trono fora transportado

para o seu mausoléu, certamente para o rei voltar a utilizá-lo na outra vida, uma espécie de carta de recomendação para Aton.

Outra evidência de que Tutancâmon não havia rompido com a heresia de Aquenáton: quatro anos após sua morte, quando o general Horemhebe assumiu como faraó, mandou destruir Aquetáton até o seu último alicerce, reutilizando suas pedras em obras da região. As referências a Aton foram expurgadas das inscrições em todo o reino e as estátuas de Aquenáton foram destruídas. Além disso, ele mandou retirar os nomes dos quatro reis do período Amarna — Aquenáton, Smenkhkare, Tutancâmon e Aye — dos registros oficiais. A lembrança desse período foi eliminada do Egito e Aquenáton jamais voltaria a ser chamado por seu nome. Os documentos oficiais dessa época referem-se a ele como “o criminoso de Aquetáton”.

A vingança de Amon contra os hereges de Tell al-Amarna não parou por aí; continuou através dos séculos. A maldição vingativa, libertada por Carter, acabou atingindo também todos que estiveram em contato com Tut.

Howard Carter, logo que chegou ao Egito, em 1891, foi incumbido de desenhar um mapa de Aquetáton. Baseado em pesquisas arqueológicas e em meticuloso levantamento topográfico, conseguiu montar um documento preciso, capaz de esclarecer com exatidão muitas das dúvidas dos egiptólogos sobre a época revolucionária de Amarna. O trabalho foi considerado tão valioso que o próprio Carter o levou ao correio, em Minya, uma cidade próxima ao sítio arqueológico, e o enviou ao Serviço de Antigüidades, no Cairo, sob administração francesa.

O mapa nunca chegou ao seu destino, e continua desaparecido.

Ainda hoje o marido de Nefertiti provoca polêmica entre seus compatriotas. O escritor egípcio Robert Solé escreveu recentemente em seu livro *Egito*: “Não sei bem o que pensar desse herege. Embora tenha o charme do rebelde e a aurora do inventor, Aquenáton destrói a imagem estável e tranquilizadora de uma civilização de quarenta séculos. Com ele, o tempo se interrompe, o Egito deixa de ser eterno.”

Minya, um pouco ao norte de Tell al-Amarna, tornou-se o centro da oposição fundamentalista islâmica ao governo egípcio na década de 1990. A

repressão foi violenta, e até hoje a cidade parece mais uma guarnição militar do que qualquer outra coisa, tamanha a quantidade de policias fortemente armados em suas ruas. Em Asyut, um pouco ao sul de Tell al-Amarna, pudemos sentir na pele o controle das forças de segurança. De modo que, mesmo no século XXI, a região de Tell al-Amarna parece continuar sob o efeito de algum encantamento maléfico lançado pelos deuses afrontados por Aquenáton há mais de 3.300 anos.

Uma história e tanto, pensei, parado diante do sarcófago de Tutancâmon, no interior da sua pequena tumba. A múmia continuava ali dentro, por isso a câmara mortuária estava protegida por uma parede de vidro e era mantida artificialmente fria.

— É uma pena não podermos vê-la mais de perto — comentei com Sebastián.

— Por outro lado — ele respondeu —, estamos protegidos pelo vidro. Já pensou se a múmia resolve se levantar e vir tirar satisfações conosco?

— Ela já tirou satisfações com Carter e sua turma, aniquilando, um por um, todos os que interferiram no seu sono milenar — respondi. — A maldição da múmia atinge apenas os profanadores dos seus túmulos, os primeiros a perturbar sua eternidade.

— Como nós fizemos com aquelas múmias no deserto? — perguntou Beto.

— Talvez.

— Então, se fomos realmente os primeiros a entrar naquela tumba, como o guardião nos disse, talvez sejamos atingidos por alguma maldição — concluiu Sebastián.

— Se seremos ou não vítimas de alguma maldição por termos violado aquele túmulo no deserto, só vamos descobrir com o passar do tempo — respondi.

BIBLIOGRAFIA

ABDENNOUR, Samia. *Egyptian Cooking*. Cairo, The American University in Cairo Press, 2003

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis, Vozes, 1983.

BREASTED, Charles. *Pioneer to the past: the history of James Henry Breasted Archaeologist*. Nova York, Charles Scribner's Sons, 1943.

BRIER, Bob. *The murder of Tutankhamen: a 3000-year-old murder of mystery*. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1998.

BULFINCH, Thomas. *Mitologia*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. *Nos passos da Sagrada Família*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

CARTER, Howard, e Alan H. Gardiner. *The tomb of Tutankhamen, I*. Nova York, Cooper Square Publishers, 1923.

COLLINS, Andrew e Chris Ogilvie-Herald. *Tutancâmon*. São Paulo, Landscape, 2004.

DIVERSOS. *Abu Simbel*. Florência, Casa Editrice, 2003.

HAMON, conde Louis. *Real life stories: a collection of sensational personal experiences*. Londres, Herbert Jenkins, 1934.

HUMPHREYS, Andrew e Siona Jenkins. *Egypt*. Melbourne, Lonely Planet Publications, 2002.

MALIM, Fathi. *Oasis Siwa: from the inside tradition, customs & magic*. Cairo, Al Katan, 2001.

PETRIE, Sir William Matthew Flinders. *Tell al-Amarna*. Londres, J. Spurrel, Methuen, 1894.

READ, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

SOLÉ, Robert. *Egito*. São Paulo, Ediouro, 2003.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

[Capa](#)

[Outros títulos da coleção Viagens Radicais](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Sumário](#)

[PRIMEIRA PARTE: Cairo](#)

[Dança do ventre](#)

[Chegada](#)

[Os árabes](#)

[Saladino](#)

[Cidadela](#)

[Cidade medieval](#)

[O mercado de camelos](#)

[Coptas](#)

[Museu Egípcio do Cairo](#)

[SEGUNDA PARTE: O mundo dos faraós](#)

[Mênfis](#)

[A última maravilha do mundo](#)

[TERCEIRA PARTE: Alexandria](#)

[Na cidade de Cleópatra](#)

[Encarte](#)

[QUARTA PARTE: A travessia do Saara](#)

[Siuah](#)

[O Grande Mar de Areia do Egito](#)

[Bahariya](#)

[Farafra](#)

[Dakhla](#)

[Al-Kharga](#)

[QUINTA PARTE: O Vale do Nilo](#)

[Asyut](#)

[Assuã](#)

[Abu Simbel](#)

SEXTA PARTE: Descendo o Nilo

Faluca

Edfu

SÉTIMA PARTE: Tebas

Luxor

Vale dos Reis

Tutancâmon

Howard Carter

A maldição da múmia

Bibliografia

Colofão